



CLÁUDIA DE OLIVEIRA DAIBELLO

**RUTH ROCHA:
PRODUÇÃO, PROJETOS GRÁFICOS E MERCADO
EDITORIAL**

Campinas
2013



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

CLÁUDIA DE OLIVEIRA DAIBELLO

**RUTH ROCHA:
PRODUÇÃO, PROJETOS GRÁFICOS E
MERCADO EDITORIAL**

Orientadora: Profa. Dra. Norma Sandra de Almeida Ferreira

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Mestra em Educação, na área de concentração de Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte.

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA DISSERTAÇÃO DEFENDIDA PELA ALUNA CLÁUDIA DE OLIVEIRA DAIBELLO E ORIENTADA PELA PROFA. DRA. NORMA SANDRA DE ALMEIDA FERREIRA.

Assinatura da Orientadora

CAMPINAS
2013

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Educação
Rosemary Passos - CRB 8/5751

D14r Daibello, Cláudia de Oliveira, 1981-
Ruth Rocha : produção, projetos gráficos e mercado editorial / Cláudia de
Oliveira Daibello. – Campinas, SP : [s.n.], 2013.

Orientador: Norma Sandra de Almeida Ferreira.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de
Educação.

1. Rocha, Ruth, 1931-. 2. Literatura infantojuvenil. 3. Livro infantil. 4. Mercado
editorial. I. Ferreira, Norma Sandra de Almeida, 1950-. II. Universidade Estadual de
Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Ruth Rocha : production, graphic designs and editorial market

Palavras-chave em inglês:

Rocha, Ruth, 1931-

Literature infantojuvenil

Children's book

Editorial market

Área de concentração: Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte

Titulação: Mestra em Educação

Banca examinadora:

Norma Sandra de Almeida Ferreira [Orientador]

Renata Junqueira de Souza

Lilian Lopes Martin da Silva

Data de defesa: 14-10-2013

Programa de Pós-Graduação: Educação

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**RUTH ROCHA:
PRODUÇÃO, PROJETOS GRÁFICOS E
MERCADO EDITORIAL**

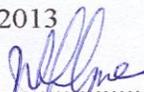
Autora: Cláudia de Oliveira Daibello

Orientadora: Profa. Dra. Norma Sandra de Almeida Ferreira

Este exemplar corresponde à redação final da
Dissertação defendida por Cláudia de Oliveira Daibello e
aprovada pela Comissão Julgadora.

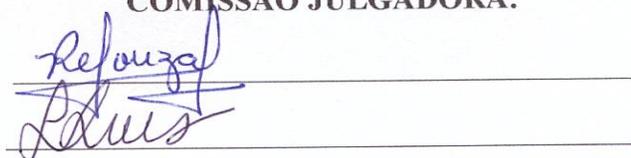
Data: 14/12 /2013

Assinatura:.....



Orientadora

COMISSÃO JULGADORA:



Two horizontal lines are drawn below the signatures, one above the other.

2013

Aos meus pais.

AGRADECIMENTOS

A todos aqueles que direta e indiretamente possibilitaram que eu chegasse a esse momento... através das experiências de aprendizagem que me proporcionaram durante toda minha formação, através dos incentivos que vieram às vezes de forma inesperada, através da compreensão e apoio em tantos momentos...

Meu agradecimento e reconhecimento aos bons professores que tive durante minha escolaridade: na escola estadual José Gabriel de Oliveira, onde trilhei os primeiros passos de confiança em minha capacidade de aprender, aos professores do magistério na escola estadual Comendador Emílio Romi, que me despertaram para o interesse pela literatura e pela escola, aos professores da graduação do curso de Pedagogia da Unicamp, que inauguraram para mim um universo novo e até então desconhecido de multiplicidade de ideias, pontos de vista e conhecimentos. Em especial, à professora Lilian Lopes Martin da Silva que, sem me conhecer, de antemão aceitou ser orientadora do meu trabalho de conclusão de curso e através da qual cogitei pela primeira vez dedicar-me aos caminhos da pesquisa. E à professora Norma, minha orientadora, que me proporcionou momentos tão importantes de troca de ideias, reflexão e conhecimento.

Meu agradecimento aos amigos que com tanta generosidade sempre se fizeram presentes em minha jornada: companheiros da escola fundamental, os quais tornaram tão prazerosa minha vida escolar e contribuíram para que eu desenvolvesse a paixão por estudar, às amigas do magistério, minhas queridas até hoje, que sempre acreditaram em meu potencial. Às amigas construídas em minha vida profissional e que me proporcionaram tanto crescimento intelectual e pessoal. Em especial à Célia, pelo enorme incentivo para que eu tivesse a iniciativa de me inscrever para o processo seletivo do mestrado. E aos amigos do Alle, principalmente à Andréa, Maria das Dores, Íris e Mariana, com quem dividi tantas expectativas, ansiedades e momentos agradáveis.

E meu muito obrigada à minha família: aos meus pais, pelo apoio e dedicação incondicionais, à Sarinha, minha irmã querida, sempre disposta a me apoiar e incentivar, ao Elói, meu esposo, pela parceria de sempre. Não teria chegado até aqui sem vocês...

*“A porta da verdade estava aberta
mas só deixava passar
meia pessoa de cada vez.*

*Assim não era possível atingir toda a verdade,
porque a meia pessoa que entrava
só conseguia o perfil de meia verdade.
E sua segunda metade
voltava igualmente com meio perfil.
E os meios perfis não coincidiam.*

*Arrebentaram a porta. Derrubaram a porta.
Chegaram ao lugar luminoso
onde a verdade esplendia os seus fogos.
Era dividida em duas metades
diferentes uma da outra.*

*Chegou-se a discutir qual a metade mais bela.
Nenhuma das duas era perfeitamente bela.
E era preciso optar. Cada um optou
conforme seu capricho, sua ilusão, sua miopia.”*

(Carlos Drummond de Andrade) ¹

¹ ANDRADE, Carlos Drummond de. **A verdade Dividida**, In: Contos Plausíveis, José Olympio, 1985.

RESUMO:

Esta pesquisa tem como objetivo analisar a obra de literatura infantil da escritora brasileira Ruth Rocha. Seu *corpus* é formado por cento e oitenta e quatro obras publicadas pela autora no período de 1969 a 2013. O trabalho desenvolve-se em duas direções: uma primeira, que se propõe a inventariar sua produção através do levantamento de dados como data de lançamento das obras, edições disponíveis, aspectos tipográficos e textuais, entre outros, buscando conhecer as características gerais desta produção. E uma segunda que, após selecionar as características e modificações mais representativas constatadas nas obras, pretende compreender como estes aspectos evidenciam concepções de literatura infantil por parte da autora e dos produtores dos livros e de que maneira revelam um público leitor pressuposto para a obra, a quem se quer conquistar. A pesquisa fundamenta-se nos referenciais teóricos da História Cultural, principalmente nos estudos realizados por Chartier (1990, 2001a e b) em relação aos protocolos inseridos na obra na tentativa de controlar a leitura e nas representações de mundo sugeridas pelos mesmos. Também foram importante contribuição os estudos de Bakhtin (2003) no que diz respeito ao aspecto responsivo de todo discurso e na influência do destinatário e das condições de produção sobre o enunciado, bem como os estudos do campo da literatura como os realizados por Arroyo (1968), Lajolo (2005) e Zilberman (2005, 2006), que permitiram estabelecer relações entre os dados obtidos e o contexto histórico social em que as obras foram produzidas. Considerando o professor como leitor privilegiado de livros para crianças e como sujeito que seleciona grande parte das obras lidas por elas, a referida pesquisa pretende problematizar essa produção de modo a colaborar no debate sobre leitura-literatura-escola.

Palavras-Chave: Ruth Rocha. Livro infantil e projetos gráficos. Literatura infantil e mercado editorial.

ABSTRACT:

This research aims to analyze the work of children's literature from the Brazilian writer Ruth Rocha. Its corpus is made one hundred eighty-four works published by the author in the period from 1969 to 2013. This search is developed in two directions: first, it is proposed to inventory the author's production through the data collection as the release date of the works, available editions, topographical features and textual, seeking to know the general characteristics of this production. And a second that after selecting the most representative features and changes found in the works, aims to understand how these aspects reveal conceptions of children's literature by the author and producer of books and how readers reveal a prerequisite for a work, who wants to win. The research is based on the theoretical framework of cultural history, especially in studies conducted by Chartier (1990, 2001) regarding the protocols included in the text in an attempt to control the reading and representations of the world suggested the same. Also important was the contribution of studies Bakhtin (2003) regarding to responsive aspect of all discourse and influence the receiver and production conditions about the statement, as well as studies in the field of literature as those by Arroyo (1968), Lajolo (2005) and Zilberman (2005, 2006), which helped establish relationships between the data obtained social and historical context in which the works were produced. Considering the teacher as privileged reader of books for children and as a subject that selects most of the works read by them, that this research intends to discuss this production to contribute to the debate about literature-reading-school.

Keywords: Ruth Rocha. Children's book and graphic designs. Children's literature and publishing.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES:

Figura 1: Catálogo Comemorativo dos 25 anos de carreira de Ruth Rocha	67
Figura 2: Selos comemorativos Ruth Rocha.....	68
Figura 3: Selos Biblioteca Ruth Rocha.....	69
Figura 4: Capas dos discos da coleção Taba com histórias de Ruth Rocha.....	72
Figura 5: Capa, DVD e encarte da obra Na Casa da Ruth.....	73
Figura 6: Segunda e terceira capas da obra O Velho, o Menino e o Burro.....	85
Figura 7: Capa das obras Quem tem Medo de Monstro? e Quem tem Medo de Cachorro?.....	87
Figura 8: Capa e páginas 14 e 15 da obra Ruth Rocha conta a Odisséia.....	88
Figura 9: Edições da obra Armandinho, o Juiz.....	92
Figura 10: Capa da obra Super Atividades da Ruth Rocha.....	97
Figura 11: Caixa e conteúdo da Coleção Comecinho Volume 1.....	99
Figura 12: Capas das obras Mil Pássaros pelos Céus e Faz muito Tempo	102
Figura 13: Quarta capa da obra O Coelho que não era de Páscoa.....	103
Figura 14: Páginas iniciais da obra Faz Muito Tempo, nas edições de 1977 (Coleção Histórias de Recreio) e 1995 (Coleção Sambalelê).....	105
Figura 15: Capas da obra Pra que Serve? Em suas múltiplas edições.....	111
Figura 16: Capas da obra Marcelo, Marmelo, Martelo em suas repetidas edições.....	113
Figura 17: Páginas 8 e 9 da obra Marcelo, Marmelo, Martelo em sua 1ª e 2ª edição.....	115
Figura 18: Capa da obra Marcelo, Marmelo, Martelo, edição 2011.....	116
Figura 19: Páginas 8 e 9 da obra Marcelo, Marmelo, Martelo, edição 2011, em comparação com a 2ª edição.....	117

LISTA DE GRÁFICOS:

Gráfico 1: Obras publicadas por editora.....	59
Gráfico 2: Obras inéditas e disponíveis por período.....	66
Gráfico 3: Temas das obras por período.....	121

LISTA DE TABELAS:

Tabela 1: Autores com maior número de obras no acervo da biblioteca escolar	23
Tabela 2: Gêneros mais lidos pelos leitores.....	50
Tabela 3: Títulos e exemplares produzidos em literatura infantil em 2007 e 2008.....	51
Tabela 4: Vendas das editoras para o governo em 2008 e 2009.....	53
Tabela 5: Escritores brasileiros mais admirados pelos leitores.....	81
Tabela 6: Obras de Ruth Rocha publicadas em edição única.....	109

ÍNDICE:

Introdução.....	21
Apresentando o contexto.....	21
Os caminhos trilhados.....	25
Capítulo 1 – Algumas Faces deste Espelho.....	29
1.1. Os fragmentos essenciais.....	29
1.2. Dialogando com outros estudos (ou fragmentos).....	34
1.3. O que é, afinal, literatura infantil?.....	40
1.4. A literatura infantil no Brasil.....	44
1.5. A literatura infantil no Brasil hoje.....	49
Capítulo 2 – Conhecendo a Obra de Ruth Rocha: alguns achados e descobertas.....	55
2.1. Ruth Rocha – editora, tradutora, autora.....	55
2.2. A autora e o mercado editorial.....	56
2.3. A autora e suas parcerias.....	71
2.4. A autora e as instâncias de legitimação.....	76
Capítulo 3 – Projetos Gráficos e Coleções: Estratégias editoriais planejadas para conquistar.....	83
3.1. Os formatos e suas implicações.....	84
3.2. Papéis e cores para atrair a atenção.....	90
3.3. Livros para brincar.....	94
3.4. São tantas! As coleções.....	100
3.5. Edições únicas ou múltiplas: o que nos dizem?.....	108
Capítulo 4 – Palavras, muitas palavras: As representações reveladas nos aspectos textuais das obras.....	119
4.1. As temáticas encontradas.....	119
4.2. Uma autora que não adapta mas reconta.....	131
4.3. Aproximações de uma cultura popular.....	133
4.4. O diálogo com o leitor	137
4.5. O recurso da intertextualidade	140
Considerações Finais	145

Bibliografia.....	151
--------------------------	------------

Anexos.....	163
--------------------	------------

Anexo 1: Obras publicadas em ordem cronológica	164
Anexo 2: Aspectos gráficos e editoriais das obras	169
Anexo 3: Obras analisadas, ano, edição e localização	174
Anexo 4: Obras literárias publicadas no Brasil e número de edições	177
Anexo 5: Aspectos discursivos das obras	181
Anexo 6: Obras por editora	186
Anexo 7: Ilustradores das obras	187
Anexo 8: Ilustradores das obras a partir de 1997	188
Anexo 9: Obras premiadas	189
Anexo 10: Obras de Ruth Rocha selecionadas pelo PNBE	190
Anexo 11: Coleções encontradas	191
Anexo 12: Modificações operadas na edição da Coleção Sambalelê	192
Anexo 13: Obras com quatro ou mais projetos gráficos	193
Anexo 14: Obras com múltiplas reedições	194

INTRODUÇÃO

Apresentando o contexto

Diante da extensa variedade de autores, títulos, gêneros, estilos de linguagem e projetos editoriais voltados hoje ao público infantil, é incontestável o espaço que adquiriu no cenário editorial e de consumo essa vertente da literatura brasileira.

O aumento da demanda por livros, que tem oportunizado seu crescimento constante, tem sido fomentado tanto pela ampliação do mercado consumidor como pela preocupação do governo com os baixos resultados em proficiência de leitura obtidos pelos estudantes em avaliações institucionais. Este último fator originou diversos programas de incentivo à leitura e acesso a livros nas escolas através de programas patrocinados pelo FNDE².

A valorização do setor também foi favorecida pelo surgimento e expansão de propostas de ensino que defendem a leitura de textos variados e a utilização dos suportes de origem dos textos (como livros e revistas) como prática fundamental no ensino da leitura e escrita.

Na escola pública, o aumento significativo de obras disponíveis em sala de aula se fez sentir juntamente com o avanço destas propostas, divulgadas especialmente na última década por programas de formação em serviço como o “PROFA”³ e, mais recentemente, por programas como o “Ler e Escrever”, um programa do governo do Estado de São Paulo, adotado por grande parte dos municípios paulistas⁴, e que se baseia essencialmente no uso de textos na sala de aula e no trabalho com obras literárias.

² “O Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), autarquia federal criada pela Lei nº 5.537, de 21 de novembro de 1968, e alterada pelo Decreto-Lei nº 872, de 15 de setembro de 1969, é responsável pela execução de políticas educacionais do Ministério da Educação (MEC).” Fonte: <http://www.fnde.gov.br/fnde/institucional/quem-somos>, acesso em 16 de Março de 2013.

³ Segundo o portal do MEC, o Programa de Formação de Professores Alfabetizadores (PROFA) é um curso de aprofundamento destinado a professores e formadores que se orienta pelo objetivo de desenvolver competências profissionais necessárias aos professores que ensinam a ler e escrever. O programa abrange materiais escritos e videográficos especialmente preparados para um curso destinado a alfabetizadores e profissionais formadores de professores. (disponível em: portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Profa/apres.pdf, acesso em 16 de Março de 2013).

⁴ Para conferir municípios que aderiram ao programa até 2010, ver: <http://lereescrever.fde.sp.gov.br/SysPublic/InternaPrograma.aspx?alkfjlkjkaslkA=263&manudjsns=0&tpMat=0&Fil troDeNoticias=3> (acesso em 16 de Março de 2013).

Foi nesse contexto que, atuando como professora e em seguida como coordenadora pedagógica em escolas públicas⁵, as questões relacionadas à escolha de autores e títulos adquiriram espaço importante em minhas reflexões e prática pedagógica. Desta preocupação originou-se meu interesse pela literatura infantil brasileira e, especialmente, por Ruth Rocha.

Esse interesse se ampliou através da constatação de que, em todas as escolas da rede municipal, as obras desta autora se sobressaiam demasiadamente em quantidade de títulos e de exemplares disponíveis em relação a autores que eu considerava tão relevantes quanto esta no cenário da produção literária brasileira.

Tal observação, a princípio assistemática, confirmou-se a partir de um levantamento realizado em 2011 na escola em que eu atuava como coordenadora pedagógica, o qual apontou o número de obras e de autores disponíveis na biblioteca dos alunos. Entre obras adquiridas pela Secretaria Municipal de Educação e fornecidas pelo PNBE⁶, num total de 1793 exemplares, os nomes mais representativos foram:

⁵ Refiro-me às escolas da rede municipal de Santa Bárbara d'Oeste na qual atuo desde Fevereiro de 2002.

⁶ “O Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), criado em 1997, tem como objetivo prover as escolas de ensino público das redes federal, estadual, municipal e do Distrito Federal, no âmbito da educação infantil (creches e pré-escolas), do ensino fundamental, do ensino médio e educação de jovens e adultos (EJA), com o fornecimento de obras e demais materiais de apoio à prática da educação básica. São distribuídos às escolas por meio do PNBE; PNBE do Professor; PNBE Periódicos e PNBE Temático acervos compostos por obras de literatura, de referência, de pesquisa e de outros materiais relativos ao currículo nas áreas de conhecimento da educação básica, com vista à democratização do acesso às fontes de informação, ao fomento à leitura e à formação de alunos e professores leitores e ao apoio à atualização e ao desenvolvimento profissional do professor. Todas as escolas públicas cadastradas no censo escolar realizado anualmente pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) são atendidas pelo programa sem necessidade de adesão. O PNBE é composto pelos seguintes gêneros literários: obras clássicas da literatura universal; poema; conto, crônica, novela, teatro, texto da tradição popular; romance; memória, diário, biografia, relatos de experiências; livros de imagens e histórias em quadrinhos. A distribuição dos acervos de literatura ocorre da seguinte forma: Nos anos pares são distribuídos livros para as escolas de educação Infantil (creche e pré-escola), anos iniciais do ensino fundamental e educação de jovens e adultos. Já nos anos ímpares a distribuição ocorre para as escolas dos anos finais do ensino fundamental e ensino médio.” (Fonte: <http://www.fnde.gov.br/programas/biblioteca-da-escola/biblioteca-da-escola-apresentacao>, acessado em 19 de Janeiro de 2013).

AUTOR	Nº DE TÍTULOS	Nº DE EXEMPLARES
RUTH ROCHA	109	120
ANA MARIA MACHADO	23	32
ZIRALDO	18	67
EVA FURNARI	13	13
SYLVIA ORTHOF	11	11
TATIANA BELINKY	10	14
RICARDO AZEVEDO	05	06

Tabela 1: Autores com maior número de obras no acervo da biblioteca escolar.⁷

A presença expressiva desta escritora em comparação a outros autores nas escolas municipais e a receptividade tão positiva que encontrava entre professores e alunos aguçaram minha curiosidade por conhecer melhor sua obra. Este interesse, por sua vez, mobilizou muitos questionamentos em torno do tema, entre eles: Quais são as características da produção desta autora que, dentre tantos escritores brasileiros, alcançou tão grande reconhecimento do público? Quais são os temas abordados nas obras e como eles se apresentam nessa produção? De que formas essa produção se materializa em projetos editoriais e gráficos? Esses temas e projetos editoriais mantiveram-se invariáveis ou ganharam novos sentidos, novas abordagens, novas formas de apresentação no decorrer desses 40 anos?

A fim de tentar compreender questões como estas, a presente pesquisa propõe-se a examinar as obras como *objeto* de investigação propriamente, buscando compreender como esta produção se constitui e se movimenta no tempo, como se apresenta ao seu leitor, que formas de leitura e de usos propõe e que relações estabelece com a escola, os adultos e a criança.

Utilizando os dados coletados, a pesquisa busca também compreender como as condições de produção e as concepções – de literatura infantil, de criança, de leitor - envolvidas no trabalho da autora e dos produtores dos livros – editores, ilustradores – determinam a apresentação das obras ao público.

Tal abordagem se aproxima de reflexões desenvolvidas por outros pesquisadores do livro infantil no Brasil, tais como Batista e Galvão (2009)⁸. Assim como na perspectiva utilizada por

⁷ Pode-se considerar este levantamento representativo do acervo das demais escolas da rede municipal de Santa Bárbara d'Oeste, uma vez que as compras do governo e da Secretaria Municipal de Educação são padronizadas para as unidades escolares de acordo com faixa etária e número de alunos.

⁸ Em sua pesquisa sobre livros de leitura escolares, os autores apontam para o fato das investigações sobre o tema tenderem a abordar os livros para crianças mais como *fonte* (utilizando-os para compreender questões tais como

estes pesquisadores, pretendemos explorar os livros em suas mais variadas dimensões, analisando o contexto histórico-cultural em que foram produzidos, bem como os procedimentos retórico-discursivos e gráficos que buscam impor uma leitura e usos apropriados, reveladores de uma concepção do que seja a literatura para crianças e representações da própria criança e desse imaginado leitor.

Sobre como realizar tal empreitada, é Mortatti (2000) que nos apresenta caminhos possíveis. A autora ressalta a importância de uma abordagem *interdisciplinar*, que supere o impasse - falso e improdutivo, em suas palavras – gerado pela limitação do objeto a uma ou outra área de pesquisa. Propõe ainda que as pesquisas em torno da literatura infantil analisem o conjunto dos aspectos constitutivos da obra, como: opções temático-conteudísticas, estruturais-formais, considerando também aspectos histórico-sociais como lugar social, momento histórico, autor, propósitos, destinatário, bem como as formas de circulação e utilização do texto.

Para Mortatti, esse posicionamento permite uma investigação que pode contribuir tanto para a construção da “identidade específica do gênero” e do campo de conhecimento, como também para o trabalho dos professores, “oferecendo-lhes possibilidades de conhecer outros modos mais fecundos de ler e abordar textos de literatura infantil na escola”. (MORTATTI, 2000, pag. 16).

Partindo desta perspectiva, buscamos em estudos de diferentes áreas os subsídios teóricos que pudessem fundamentar e orientar nossas análises. Foram-nos relevantes os estudos da História Cultural, como os de Roger Chartier (1990, 2001 a e b) e Michel de Certeau (1994), as reflexões do campo da linguagem como as desenvolvidas por Mikhail Bakhtin (2003) e as pesquisas voltadas especificamente à literatura infantil como as de Leonardo Arroyo (1968), Marisa Lajolo (2006) e Regina Zilberman (2005, 2006).

Os estudos de Chartier contribuíram para a compreensão das marcas deixadas no texto por autor e produtores dos livros, reveladores de seu projeto discursivo e do leitor idealizado para a obra. Os estudos de Certeau, por outro lado, nos chamaram a atenção para as múltiplas possibilidades de apropriação – nem sempre previstas ou autorizadas – por parte dos leitores.

políticas educacionais, história das disciplinas escolares e práticas pedagógicas) do que como *objeto* propriamente. Esta perspectiva levaria a uma abordagem que considera os conteúdos e ilustrações “em sua transparência”, “desvinculados, em geral, dos condicionantes técnicos, econômicos, pedagógicos e sociais desse objeto”. (BATISTA e GALVÃO, 2009, p. 15).

Bakhtin foi importante contribuição no campo da linguagem ao nos evidenciar a característica essencialmente responsiva de todo discurso: os enunciados constituem-se sempre em relação com outros enunciados, discordando, concordando, problematizando, respondendo e sendo respondidos por eles.

E, por fim, os estudos da área de Letras e Literatura, como os desenvolvidos por Arroyo, Lajolo e Zilberman, nos auxiliaram a compreender o contexto histórico social de formação do gênero no Brasil, além das relações desde sempre estabelecidas entre a literatura infantil e a escola. Todos estes autores – e muitos outros – contribuíram para delinear e tornar compreensível nosso objeto de pesquisa.

Os caminhos trilhados...

Nossa pesquisa toma como corpus de análise a produção literária da escritora brasileira Ruth Rocha, desde o seu primeiro livro, lançado em 1976 – “Palavras, Muitas Palavras” - até o mais recente, publicado em 2013 – “Canções, Parlendas, Quadrinhas, para Crianças Novinhas”, num total de cento e oitenta e quatro títulos⁹.

Trabalhar com um número tão grande de obras desde o início se nos mostrou um desafio, ampliado pelo nosso desejo de realizar, além de um levantamento abrangente de suas edições – ainda não empreendido por outras pesquisas – um aprofundamento nas características das publicações.

A fim de delimitar um pouco nosso objeto, excluímos a princípio as obras de tradução (cerca de cinquenta) e as que explicitamente se denominavam de paradidáticos, didáticos ou de informação (cerca de trinta)¹⁰. Mesmo assim, o conjunto permaneceu imenso, além de termos encontrado uma infinidade de edições diferentes disponíveis.

Para realizar um primeiro levantamento de dados sobre as obras, iniciamos uma busca pelas primeiras edições dos livros, a fim de estabelecer um primeiro contato com a materialidade desta produção. A opção pela busca da primeira edição foi feita considerando-se a importância de

⁹ Dados atualizados em Agosto de 2013.

¹⁰ O levantamento das obras encontradas e o ano de publicação encontra-se no anexo 1, p. 148.

conhecemos as transformações pelas quais as obras passaram nestes quarenta anos de carreira da autora.

Com este objetivo, percorremos sebos (físicos e virtuais), bibliotecas escolares, institucionais e públicas, lojas virtuais e livrarias e adquirimos grande parte das obras.

Com os livros em mãos, empreendemos inicialmente uma tentativa de classificação das obras quanto aos seus aspectos editoriais, registrando número de páginas, dimensões, tipo de letras utilizados, ilustradores, direitos autorais, ano de edição, entre outras características¹¹.

Este trabalho demandou bastante tempo e inúmeros deslocamentos a diferentes bibliotecas, pois, apesar de termos em mãos grande parte das obras, muitas delas – principalmente as mais antigas – encontramos em diferentes bibliotecas, como a Biblioteca Municipal e a Biblioteca da Secretaria Municipal de Educação de Santa Bárbara d'Oeste, as Bibliotecas do IEL (Instituto de Estudos da Linguagem) e da Faculdade de Educação da Unicamp, e a Biblioteca Monteiro Lobato, na cidade de São Paulo¹². E cada nova informação encontrada em uma obra e que nos parecia relevante, levava-nos novamente à consulta das demais obras, a fim de verificar se elas também continham a mesma informação, em que se diferenciavam ou não entre elas.

Determinar o ano de lançamento dos títulos também foi um desafio que vencemos após inúmeras consultas e verificações. Muitos deles não continham a edição, o ano de publicação ou ainda apresentavam informações divergentes em comparação com edições publicadas por outra editora. Isso geralmente ocorre porque, ao reeditar um livro lançado anteriormente por outra editora, a empresa costuma registrar a edição novamente como primeira, o que dificulta o rastreamento do ano da primeira publicação da obra. Ainda assim, conseguimos construir uma tabela com as obras organizadas em ordem cronológica por ano de publicação (conforme já mencionamos, tal levantamento consta no anexo 1).

Isso feito, consideramos ser importante também registrar o número de edições das obras, o que permitiria compreender quais delas se mantiveram por mais tempo disponíveis no mercado, quais apresentaram mudanças gráficas em sua apresentação e quais permaneceram idênticas à edição de lançamento e, ainda, quais deixaram de ser publicadas no decorrer do tempo.

¹¹A tabela contendo o levantamento dos aspectos editoriais e gráficos das obras encontra-se disponível no anexo 2, p. 153.

¹²A tabela do Anexo 3 (p. 158) apresenta as obras encontradas com as respectivas edições analisadas e localização do acervo.

Esse levantamento tornou-se possível através de informações extraídas principalmente da segunda capa dos livros, realizado também por meio de consultas a bibliotecas e sebos virtuais.

Para determinar o período de disponibilidade de uma obra, optamos por adotar como critério temporal a mesma periodicidade utilizada pelas editoras para datar a produção da autora, ou seja, consideramos como início de sua produção o ano de 1969 – ano em que foram publicados seus primeiros textos na revista *Recreio* – e a partir daí estabelecemos períodos de cinco anos – os mesmos consolidados pelos selos comemorativos da obra da autora, lançados a partir de 1994 e que representavam na época os vinte e cinco anos de sua carreira. Desse modo, uma obra que tivesse uma nova edição lançada em 1995, por exemplo, era considerada disponível no período de 1994-1999¹³. O resultado deste levantamento encontra-se disponível no anexo 4 (p. 161).

Em um segundo momento, passamos à análise dos aspectos discursivos das obras, procurando compreender os conteúdos temáticos, as formas de abordagem destes conteúdos e a linguagem com que eles se apresentam.

Se, por um lado, o primeiro conjunto de dados exigiu o deslocamento a diferentes bibliotecas e consultas diversas a obras e edições, a construção deste segundo conjunto exigiu a dedicação de tempo à leitura integral dos livros, além da comparação entre os textos de algumas edições que, no decorrer do manuseio e estudo destas, percebemos conter alterações interessantes que poderiam ser úteis à pesquisa.

Esse esforço investigativo focou-se na identificação das marcas de produção específicas do texto, utilizadas pela autora para controlar as formas de leitura e de usos de suas obras, e gerou outro conjunto de dados, organizados mais uma vez em uma tabela, que pode ser consultada no anexo 5 (p. 166), e cuja apresentação aprofundaremos no decorrer desta pesquisa.

Como se pode perceber, em virtude do volume de dados produzidos, a elaboração de tabelas e gráficos mostrou-se não apenas útil, mas imprescindível para dar visibilidade ao conjunto da produção da autora.

Assim sendo, no capítulo 1, apresentamos ao leitor os fundamentos e perspectivas que subsidiaram nossa seleção e análise de dados e a própria construção do nosso texto. Dialogamos

¹³ Embora tenhamos realizado um exaustivo levantamento das obras e edições disponíveis em todos os meios possíveis, não desconsideramos a possibilidade de haver edições que não foram encontradas e catalogadas por nós. Acreditamos, porém que, caso isso tenha ocorrido com uma ou outra edição, esse número não interfira significativamente no resultado geral do levantamento realizado.

também com outros estudos que abordam a produção de Ruth Rocha e delineamos um panorama da literatura infantil no Brasil, contextualizando essa produção até os dias atuais.

No capítulo 2 apresentamos a produção da autora, no qual também exploramos questões como: sua relação com as editoras de seus livros, as parcerias estabelecidas com escritores e outros profissionais, além dos prêmios e das instâncias de reconhecimento de seu trabalho.

No capítulo 3, selecionamos alguns aspectos relacionados à materialidade das obras, analisando como os projetos editoriais, as ilustrações, as ações pensadas no âmbito da transformação do texto em livro contribuíram para manter atualizadas e vendáveis obras produzidas em contextos históricos e culturais específicos – como é o caso das histórias publicadas inicialmente na revista *Recreio* no final da década de 60. Analisamos ainda quais obras deixaram de ser publicadas pelas editoras e quais se mantiveram no mercado com a produção de novas edições em todos os períodos.

No capítulo seguinte, nos dedicamos aos aspectos discursivos desta produção, procurando compreender as temáticas das obras bem como suas formas de abordagem e estilos de linguagem, analisando também as alterações realizadas nos próprios textos a fim de atualizá-los e adequá-los a determinadas concepções de literatura infantil nos diferentes períodos.

Nas considerações finais, retomamos alguns aspectos explorados na análise das obras a fim de demonstrar como os múltiplos projetos editoriais e modificações gráficas e textuais que deram forma à produção da autora nestes quarenta anos revelam uma produção diversificada, que pretende conquistar diferentes leitores (a criança, a professora, os pais), pressupõe práticas de leitura diversas - ora mais voltadas para a apreciação da linguagem literária, ora mais voltadas para o divertimento, ora voltadas para a escola – e, acima de tudo, revelam uma autora que opta por escrever – de todas as formas possíveis – para a criança. Uma autora cuja produção desmistifica a imagem de autor idealizada – que produz poucos e memoráveis livros – para firmar-se como uma escritora reconhecida pelo público infantil, com livros que são lidos e conhecidos pelos seus destinatários – as crianças.

CAPÍTULO 1

ALGUMAS FACES DESTE ESPELHO

Intercâmbios, leituras e confrontos que formam as suas condições de possibilidade, cada estudo particular é um espelho de cem faces (neste espaço os outros estão sempre aparecendo), mas um espelho partido e anamórfico (os outros aí se fragmentam e se alteram).

Michel de Certeau¹⁴

Neste primeiro capítulo apresentamos ao leitor os fragmentos, momentaneamente agrupados por nós, desse “espelho de cem faces”, conforme denomina Certeau (op. cit.). Um espelho formado por contribuições de múltiplos estudos e conceitos, e que nos permitiram sob determinada perspectiva construir significados, testar hipóteses e relacionar os dados obtidos ao contexto histórico e cultural em que as obras foram produzidas.

1.1. Os fragmentos essenciais

Os estudos da História Cultural, principalmente os realizados por Chartier (1990, 2001 a e b), apresentam importantes contribuições para as pesquisas em torno de livros, estratégias de produção e práticas de leitura. Em nossa pesquisa, esses estudos contribuíram principalmente para a compreensão dos chamados *protocolos de leitura*, conceito trabalhado por Chartier que permite entrever o leitor previsto pelo autor/editor do livro e a leitura que se espera da obra.

Para Chartier (2001a), há em toda produção escrita dois conjuntos de dispositivos que pretendem assegurar determinada leitura, “definir o que deve ser uma correta relação com o texto e impor seu sentido” (p. 96). O primeiro deles refere-se ao *texto* propriamente: a escolha da linguagem, as repetições e explicações, as advertências e orientações ao leitor inseridas pelo *autor* no momento de escrita do texto:

¹⁴ CERTEAU. Michel de. **A Invenção do Cotidiano**: Artes de Fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994, p. 110.

... podemos definir como relevante à produção de textos, as senhas, explícitas ou implícitas, que um autor inscreve em sua obra a fim de produzir uma leitura correta dela, ou seja, aquela que estará de acordo com sua intenção. (...) Elas repousam em uma dupla estratégia de escrita: inscrever no texto as convenções, sociais ou literárias, que permitirão a sua sinalização, classificação e compreensão, e empregar toda uma panóplia de técnicas, narrativas ou poéticas, que, como uma maquinaria, deverão produzir efeitos obrigatórios, garantindo uma boa leitura. (idem, p. 96-97).

Essas estratégias revelam as tentativas do autor de assegurar uma compreensão correta de seu texto, de seu projeto comunicativo, pois, de acordo com Mortatti (2000):

O texto é a materialização de um projeto (discursivo), concebido, executado e avaliado por um sujeito que, a partir de certas necessidades, movido por certos objetivos, sobressaltado pelas contingências e mediado pela linguagem, em determinadas condições históricas e sociais, escolhe – dentre as possíveis e conhecidas – as opções de dizer/escrever o que precisa escrever para outro(s). (p. 14-15).

Um segundo conjunto de procedimentos, não necessariamente coerente com o primeiro, representa as escolhas feitas pelos *editores* no processo de transformação do texto em livro ou impresso, ou seja, na fabricação do *suporte* através do qual o texto chegará aos leitores. Tais procedimentos incluem: divisões impostas ao texto, disposição do texto nas páginas, ilustrações, tipografia e projeto gráfico. Para o autor, tais intervenções também sugerem uma leitura pretendida para a obra e influenciam sua recepção (CHARTIER, 2001a, p. 97).

Ambos os conjuntos de dispositivos, ou *protocolos de leitura*, revelam ainda um *leitor pressuposto* por autor/editor, de forma consciente ou não. “Orientado ou colocado numa armadilha, o leitor encontra-se, sempre, inscrito no texto...” (CHARTIER, 1990, p.123).

Para Chartier, portanto, é possível olhar através do polo de produção e encontrar indícios desse leitor imaginado pelos produtores da obra. Esse leitor idealizado, por sua vez, interfere na própria maneira de se produzir e de organizar uma obra.

Esta perspectiva nos permite uma aproximação com os estudos do campo da linguagem, principalmente do conceito desenvolvido por Bakhtin (2003) sobre o *destinatário* do discurso. Para este autor, a maneira como o produtor do discurso *pressupõe o seu ouvinte* – ou leitor – interfere essencialmente na maneira de se falar - ou escrever - uma vez que todo discurso é orientado por “um traço essencial (constitutivo)” que é o seu *direcionamento* a alguém, seu “*endereçamento*”:

A quem se destina o enunciado, como o falante (ou o que escreve) percebe e representa para si os seus destinatários, qual é a força e a influência deles no enunciado – disto dependem tanto a composição quanto, particularmente, o estilo do enunciado. Cada gênero do discurso em cada campo da comunicação discursiva tem sua concepção típica de destinatário que o determina como gênero. (p. 301).

Ou seja, toda obra produzida - no caso do nosso estudo, os livros de literatura infantil de uma determinada autora em um determinado período de tempo - constitui-se a partir destas concepções sobre quem seja seu leitor. Estas concepções impõem a forma, os temas e a linguagem através dos quais a obra será pensada, planejada e executada.

Estas concepções e as formas de discurso mais ou menos típicas que delas se originam, por sua vez, não são espontâneas, mas pertencem a um tempo social e cultural, são diretamente influenciadas por outros discursos e modelos mais ou menos estáveis de determinado “campo de comunicação”:

Cada época, cada movimento literário, cada estilo artístico-literário, cada gênero literário, nos limites de uma época e de um movimento, se caracteriza por sua concepção particular do destinatário da obra literária, por uma percepção e uma compreensão particulares do leitor, do ouvinte, do público, da audiência popular. (idem, p. 305).

Nesse sentido, as opções feitas pelo autor ou pelos editores na construção do texto e dos paratextos que acompanham a obra recebem influência do contexto no qual se inserem: de outras obras do gênero publicadas, dos fatos sociais e históricos da época, e definem a escolha por determinadas palavras, por certo estilo de escrita, pela escolha do gênero e dos temas sobre os quais se escreve.

Estas escolhas, embora não conscientes, não são aleatórias mas fazem parte de um projeto discursivo que se relaciona ao ouvido, ao lido, ao vivido. Cada discurso – ou texto escrito – relaciona-se com os demais discursos existentes sobre aquele tema ou para determinado destinatário. Cada enunciado interage com outros que vieram antes dele, ou seja, é pleno de “ecos e ressonâncias” de outros discursos, aos quais ele responde, contradiz ou reafirma:

... todo falante é por si mesmo um respondente em maior ou menor grau: porque ele não é o primeiro falante, o primeiro a ter violado o eterno silêncio do universo, e pressupõe não só a existência do sistema da língua que usa mas também de alguns enunciados

anteriores – dos seus e alheios – com os quais o seu enunciado entra nessas ou naquelas relações (baseia-se neles, polemiza com eles, simplesmente os pressupõe já conhecidos do ouvinte). Cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados. (BAKHTIN, 2003, p. 272).

Disso decorre que todo “enunciado singular, a despeito de toda sua individualidade” e de seu caráter criativo, “de forma alguma pode ser considerado uma combinação absolutamente livre de formas da língua” (idem, p. 285), uma vez que pertence sempre a determinado contexto histórico e cultural, que o influencia e o molda.

Essa compreensão, por sua vez, nos aproxima de outro conceito desenvolvido por Chartier (1990) muito importante para nosso estudo, que é o conceito de *representação*. Para este autor, a apreensão do mundo social organiza-se através de classificações, divisões e delimitações produzidas e compartilhadas por diferentes grupos sociais, que “criam figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado” (p. 17). Estas representações, embora aspirem à universalidade, são sempre determinadas, entre disputas e tensões, por interesses dos grupos que as forjam e, por isso, próprias de um tempo e espaço específicos.

Este conceito permite olharmos para as produções culturais – no caso os livros de Ruth Rocha – e identificarmos os modos como nestes objetos uma realidade social “é construída, pensada, dada a ler” (p. 17). Ao mesmo tempo, permite discutir estas representações enquanto criações de um discurso culturalmente impregnado e que, portanto, não podem ser consideradas absolutas ou neutras:

... nada neste processo de representação/apreensão do real é meramente lúdico, inútil ou estéril, uma vez que essas percepções do social produzem estratégias e práticas que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, a legitimar um projeto reformador ou a justificar suas escolhas e condutas. (BOLFER, 2003, p. 13).

Ou seja, tais representações expressam um modo específico de conceber o mundo social, valores e condutas, de acordo com a posição e perspectiva de quem os produz.

Por outro lado, não podemos nos esquecer, toda prática de leitura é também uma prática criadora de significados. As *apropriações* do texto pelo leitor nem sempre são aquelas previstas e

imaginadas pelo autor e pelos produtores dos livros. Conforme nos alerta Certeau (1994), a leitura “é uma construção do leitor”. Este

... inventa nos textos outra coisa que não aquilo que era a “intenção” deles [autor e editor]. Destaca-os de sua origem (perdida ou acessória). Combina os seus fragmentos e cria algo não-sabido no espaço organizado por sua capacidade de permitir uma pluralidade infinita de significações. (p. 264-265).

Ou seja, a partir de suas vivências, de suas referências individuais e sociais, cada leitor se apropria de maneira mais ou menos particular, mais ou menos próxima da leitura idealizada para ele. Ainda nas palavras de Chartier (1990):

Pensar deste modo as apropriações culturais permite também que não se considerem totalmente eficazes e radicalmente aculturantes os textos ou as palavras que pretendem moldar os pensamentos e as condutas. As práticas que dele se apoderam são sempre criadoras de usos ou de representações que não são de forma alguma redutíveis à vontade dos produtores de discursos e normas. O acto de leitura não pode ser de maneira nenhuma anulado no próprio texto... (p. 136).

Essas apropriações são sempre constituídas em um contexto histórico cultural e através de uma experiência particular na qual se insere o indivíduo. Em outras palavras, toda produção de sentido é uma articulação entre o texto lido, os textos anteriormente lidos e uma história cultural e pessoal. (GOULEMOT, 2001).

Nesta perspectiva, concorrem para a atribuição de significado do texto: o projeto discursivo do autor, o projeto editorial a que é submetido, o contexto cultural do leitor e as práticas de leitura nas quais está inserido:

Por um lado, a leitura é prática criadora, atividade produtora de sentidos singulares, de significações de modo nenhum redutíveis às intenções dos autores de textos ou dos fazedores dos livros: ela é uma “caça furtiva”, no dizer de Michel de Certeau. Por outro lado, o leitor é, sempre, pensado pelo autor, pelo comentador e pelo editor como devendo ficar sujeito a um sentido único, a uma compreensão correcta, a uma leitura autorizada. Abordar a leitura é, portanto, considerar, conjuntamente, a irredutível liberdade dos leitores e os condicionamentos que pretendem refreá-la. (CHARTIER, 1990, p. 123).

Compreender o sentido de uma obra exige, portanto, “considerar as relações estabelecidas entre três polos: o texto, o objeto que lhe serve de suporte e a prática que dele se apodera” (idem, p. 127).

1.2. Dialogando com outros estudos (ou fragmentos)

Ao iniciarmos nossa pesquisa, empreendemos uma investigação para conhecer outros estudos do campo acadêmico que já haviam se debruçado sobre o tema. Através das bibliotecas digitais de universidades públicas, encontramos diversas pesquisas que, sob perspectivas variadas, já se propuseram a analisar a obra de Ruth Rocha, também motivados pela representatividade de sua produção no cenário editorial brasileiro. A fim de apresentar um panorama das pesquisas recentemente desenvolvidas sobre a escritora, realizamos a seguir uma breve exposição sobre algumas delas - aquelas que dialogam com nosso objeto de investigação de maneira mais significativa - apontando em que momentos se aproximam ou divergem do enfoque que adotamos.

Uma das dissertações de mestrado desenvolvidas em torno do tema aborda as concepções de infância reveladas nos textos de Ruth Rocha. Intitulada “*As Concepções de Infância em Obras de Ruth Rocha*”, a pesquisa de Meller (2009) investiga nas obras que considera as mais reconhecidas da autora (um total de vinte e três) as concepções de criança reveladas nos textos. A pesquisadora toma como referencial teórico a Sociologia da Infância e adota a compreensão de criança como “sujeito da história e da cultura e produtora de conhecimento” (p. 15), ou seja, como indivíduo capaz de produzir conhecimentos e sentidos sobre a realidade que o cerca. A partir desta definição, a pesquisadora percorre as obras selecionadas buscando indícios da maneira como as personagens infantis são representadas, e investiga se estas representações convergem com a concepção por ela adotada.

Após uma análise cuidadosa de cada texto, Meller afirma que, em geral,

Ruth Rocha traz representações da criança nas quais ela é contemplada em diversas perspectivas, contribuindo para um entendimento da infância enquanto uma categoria social específica historicamente construída e apresentando a criança como ser de pouca idade, sim, porém capaz de construir modos de significação próprios e distintos do adulto, que se configuram nas culturas da infância. (p. 63).

Por outro lado, a pesquisadora observa que algumas das obras - entre elas as da coleção Marcelo, Marmelo, Martelo - apresentam uma perspectiva contraditória a esta, na qual os textos cedem ao “utilitarismo”, sobrepondo-se este à “estética e poética do texto”¹⁵. Nestas obras, evidencia-se o caráter didático pela linearidade do texto, a ausência de conflitos e a ênfase nos comportamentos exemplares vivenciados pelos personagens. Desse modo, conclui a pesquisadora, a criança na obra da escritora ora está representada de maneira plural, autônoma, como ser atuante, ora recai sobre uma imagem de criança modelar, feliz e comportada.

Outro estudo que intenta compreender as concepções veiculadas pela obra da autora é a tese de doutorado de Carvalho (2005), intitulada “*O Ideário Moral-Pedagógico na Literatura Infantil de Ruth Rocha*”. Este estudo toma como *corpus* de análise quinze obras da autora e elege como objeto de pesquisa os valores e virtudes morais veiculados nesta produção.

Utilizando como referencial teórico os estudos da Antropologia e da Psicologia, Carvalho distingue duas fases na produção da escritora: a primeira, denominada de “moral do dever-ser”, caracteriza-se por escritos que “veiculam valores tradicionais, intencionalmente pedagógicos e que visam contribuir com a escola na formação da criança” (CARVALHO, 2005, p. 153). A segunda fase, mais recente, orienta-se pelo que a pesquisadora denomina por “ética da solidariedade”, caracterizada por obras que assumem uma cumplicidade com a criança, tornando-se porta-voz de seus direitos e de sua maneira própria de ver o mundo. Para Carvalho, as características dos textos da primeira fase incorporavam as experiências da escritora como Orientadora Educacional e, com seu distanciamento da esfera escolar, “gradativamente os discursos da escritora foram evoluindo no sentido de distanciar-se da literatura pedagógica para ganhar personalidade própria” (p. 154)¹⁶.

Ainda entre os estudos que empreendem identificar as concepções veiculadas pela obra da autora, temos a dissertação de mestrado de Cavalcanti (2001), cujo título é “*O Leitor Inscrito nos Textos Infantis*”. A partir da seleção de dois textos de Ruth Rocha “consagrados pela crítica e público” e adotando como procedimento metodológico o Paradigma Indiciário, de Carlo

¹⁵ Vale ressaltar que a referida coleção, composta por quatro livros lançados em 2001 pela Salamandra, não corresponde à obra Marcelo, Marmelo, Martelo, publicada em 1976 e sim a textos inéditos que trazem Marcelo também como personagem principal.

¹⁶ Em nossa análise, no entanto, não foi possível encontrar indícios desta linearidade. Em nosso estudo constatamos que a obra da autora se apresenta permeada por abordagens múltiplas, às vezes contraditórias, que não caracterizam, a nosso ver, uma evolução gradativa de um discurso mais conservador para um discurso mais libertário.

Ginsburg, Cavalcanti se propõe a analisar os detalhes, os pormenores do texto, e sobre eles levantar “hipóteses mais gerais de como o texto infantil (pre)vê o seu leitor” (p. 61).

Partindo do pressuposto de que todo texto traz marcas de sua produção, com base nos estudos de Possenti (1988)¹⁷, a pesquisadora pretende chegar até o leitor-criança “observando as marcas deixadas no texto escrito para ele, marcas que indiciam sua presença.” (CAVALCANTI, 2001, p. 50).

Em sua análise, a pesquisadora constata que os textos mostram um descompasso entre o querer dizer e o próprio dizer: apresentam por um lado, uma aparente simetria locutor-leitor, na qual o primeiro discursa a favor de um leitor crítico, inteligente, autônomo e por outro, um texto repleto de justificativas, explicações e orientações que garantem uma leitura adequada a um leitor supostamente carente, pouco cooperativo, que precisa ser insistentemente guiado.

Em comum, estas pesquisas têm como objetivo a compreensão das concepções de infância e de leitor infantil na obra de Ruth Rocha, ou seja, propõem-se a analisar a obra da autora para compreender a visão de criança patrocinada por elas. Aproximam-se do nosso estudo no sentido de focarem as obras como objeto de investigação revelador de concepções dos seus produtores e muitos dos autores utilizados por elas também balizam nosso estudo.

Já outros estudos, apresentados a seguir, focam a produção da autora a partir do contexto histórico social, investigando os textos como instrumento de denúncia, de crítica da realidade.

O estudo realizado por Menna (2003), por exemplo, nomeado “*A Denúncia da Exploração Humana através da Carnavalização*”, traz comparações entre a obra “O Reizinho Mandão” de Ruth Rocha, e outras duas obras em língua portuguesa, uma de Portugal e outra de Angola. Pautada na Análise Literária, a pesquisadora tem como objetivo “demonstrar o quanto a literatura pode vir a ser um instrumento de denúncia e de desejo de mudança política e social, sem deixar de ser arte, pois a linguagem continua rica, expressiva e encantadora.” (p. 143).

Utilizando como referencial a teoria de Mikhail Bakhtin sobre a Literatura Carnavalizada (que se caracteriza pela comicidade, ironia, ridicularização do poder e paródia dos gêneros discursivos tradicionais, como o conto popular) e também os critérios de análise literária propostos por Nelly Novaes Coelho, a pesquisadora demonstra como as obras analisadas utilizam-se da palavra para denunciar as arbitrariedades sociais e as explorações sofridas pelo homem.

¹⁷ POSSENTI, Sírio. **Discurso, Estilo e Subjetividade**. São Paulo, Martins Fontes, 1988.

Ainda dentre as pesquisas que se dedicam à análise de “O reizinho mandão” temos o estudo de Oliveira (2003), denominado “*O contrato de comunicação da Literatura Infantil e Juvenil*”. Baseado em sua tese de doutorado, o livro de Oliveira recorre aos conceitos da Semiologia do Discurso, principalmente ao chamado “contrato de comunicação”¹⁸.

A autora demonstra através de sua investigação de que forma Ruth Rocha consegue transgredir o contrato da literatura infantil para estabelecer seu próprio projeto de comunicação, transitando entre o universo mágico (típico da literatura infantil) e a crítica à realidade social que pretendia fazer:

Se o demolisse completamente [o discurso mágico], desagradaria o público infantil. Se penetrasse sem reservas no universo mágico e arquetípico dos contos de fada, reduplicando modelos pré-existentes, comprometeria o valor literário da obra, dentro do gosto de sua época. (...) São as estratégias utilizadas por Ruth Rocha para conduzir o texto nessa fronteira lábil que fazem da sua aventura comunicativa um projeto bem-sucedido. (OLIVEIRA, 2003, p. 86-87).

A pesquisa de mestrado de Cipolini (2007), por sua vez, empreende uma interlocução entre a produção de Ruth Rocha e o contexto histórico no qual se insere. Sob o título “*Tramas tramadas de um tapete: fios históricos nas produções literárias de Ruth Rocha*”, o estudo aborda as obras sob a ótica da História Nova, utilizando principalmente a concepção do historiador inglês Edward Thompson sobre o caráter de documento histórico das produções culturais, no caso a literatura infantil.

A pesquisadora afirma que as produções da autora “expressam” as “mudanças culturais não só individuais, mas sociais” (p. 64) e observa que, se na década de 70, durante a vigência da Ditadura Militar no Brasil, os textos propõem personagens-criança questionadoras, capazes de mudar a ordem estabelecida, “na contemporaneidade, as crianças aparecem mais passivas, menos questionadoras e envolvidas com a sociedade, embora continuem como personagens centrais de suas obras.” (p. 130).

Todas estas pesquisas focam a produção da autora como representativa de uma realidade histórica e social, buscando elementos que demonstrem as relações entre a proposta das obras e o contexto no qual se inserem. Aproximam-se de nossa pesquisa no sentido de debruçarem-se sobre

¹⁸ Este conceito pode ser sumariamente explicado como os acordos estabelecidos tanto a partir das regras linguísticas como social e culturalmente, cuja existência impõe restrições e liberdades a toda comunicação realizada, inclusive através dos livros.

as obras buscando compreender concepções da autora nelas veiculadas. Por outro lado, distanciam-se de nossa perspectiva a medida que não consideram aspectos da materialidade dessas obras – como os projetos gráficos, as ilustrações, a diagramação e, desse modo, também não pressupõem as influências e interferências do processo de transformação do texto em livro e os pressupostos revelados no trabalho de outros profissionais nele envolvidos.

Já a dissertação de mestrado produzida por Miguel (2006), que tem como título “*Ruth Rocha, Página a Página: Biografia de e sobre a Autora*”, apresenta como objetivo central o “levantamento sistemático” dos títulos publicados por Ruth Rocha, bem como da produção crítica sobre sua obra. Coerente com esta proposta, a pesquisadora apresenta uma ampla resenha de artigos e livros que discutem a obra da escritora, além de inventariar toda sua bibliografia, descrevendo título, data de publicação, editora e ilustrador de cada obra.

Podemos dizer que esta pesquisa toma a produção de Ruth Rocha como objeto de investigação em si, não pretendendo relacionar a obra com questões de ordem social ou cultural mas apresentar a própria produção como objeto de estudo. Esta proposta se aproxima, em parte, da abordagem a que nos propomos, uma vez que em nossa investigação, como já mencionamos, também procuramos focar a produção da autora como objeto, buscando compreender as características de sua produção.

Todas as pesquisas até aqui apresentadas tomam a obra de Ruth Rocha com foco nos *textos* produzidos por ela, pretendendo compreender as representações, concepções, o contexto histórico ou as estratégias textuais utilizadas e apresentam importantes contribuições para a compreensão de sua produção nesse sentido. Acreditamos, entretanto, que os livros tem seu sentido dado também pelos suportes materiais através dos quais eles chegam a seus leitores, pela forma com que são pensados e produzidos por profissionais que não são apenas o autor ou ilustrador. Estes suportes, revelados ao leitor através de projetos gráficos, organização em coleções, escolhas de materiais e acessórios expressam uma outra dimensão do livro infantil, não necessariamente convergente com aquela imaginada pelo autor. Nossa pesquisa pretende avançar no sentido de compreender como as estratégias editoriais e as operações realizadas no polo de produção do livro podem revelar o leitor imaginado e as práticas de leitura previstas, indicando também uma concepção de livro infantil.

Entre as pesquisas realizadas pelo grupo no qual este trabalho está inserido, o grupo ALLE – Alfabetização, Leitura e Escrita, há outros estudos que adotam esta perspectiva,

contribuindo tanto com abordagens sobre a obra da autora como analisando outros autores ou obras, e desse modo, colaborando para a compreensão do objeto livro, sendo por isso importantes fontes de consulta para nosso próprio trabalho.

Como representativo do primeiro caso, temos a dissertação de Maziero (2006a). Sob o título “*Mitos Gregos na Literatura Infantil: que Olimpo é esse?*”, o trabalho compara duas adaptações do texto de Odisseia para o público infantil, sendo uma delas o reconto produzido por Ruth Rocha e publicado pela Companhia das Letrinhas em 2000. Entre os aspectos destacados pela pesquisadora, o que mais se evidencia é a postura de autoria por parte da escritora assumida na edição desta obra. “Mesmo sendo os fatos narrados apenas o reconto livre de um enredo vivido por personagens que já são conhecidos há muito dentro do universo literário, isto não é mencionado de forma clara, sendo quem reconta apontado como autor da obra” (MAZIERO, 2006a, p. 76).

Para a pesquisadora, este tratamento se deve provavelmente à consagração da autora brasileira no segmento da literatura infantil, o que inclusive deve ter levado à opção pelo título da obra, “Ruth Rocha conta a Odisseia”, enfatizando mais uma vez a importância do nome da autora.

Entre os demais trabalhos do grupo, destacamos ainda as dissertações de Dalcin (2013) e de Oliveira (2013). A primeira, “*Um Escritor e Ilustrador (Odilon Moraes), uma Editora (Cosac Naify): criação e fabricação de livros de literatura infantil*” propõe-se a analisar o processo de criação e produção de livros sob a visão do autor e ilustrador Odilon Moraes com foco nas representações de criança, literatura e arte. A segunda, sob o título “*Um Estudo sobre a Presença de Obras de Literatura Infantojuvenil Portuguesa no Mercado Livreiro Brasileiro em 2010 e 2011*”, tem como objetivo inventariar as obras portuguesas existentes no mercado brasileiro atual, buscando contribuir para a “compreensão da relação entre a literatura infantojuvenil e o mercado na qual está inserida” (p. 6). Ambas fundamentam-se na perspectiva da História Cultural, sendo também importante referência para nosso trabalho.

Todas estas pesquisas – e muitas outras que se tem realizado sob o foco da literatura infantil e particularmente sobre a autora Ruth Rocha - atestam o crescente interesse pelo tema e demonstram a projeção surpreendente da autora no mercado editorial brasileiro. Examinar sua obra representa conhecer parte significativa da produção literária para crianças no Brasil.

1.3. O que é, afinal, literatura infantil?

Uma vez que nos propomos a compreender a concepção de literatura infantil que orienta a produção da autora Ruth Rocha, a partir das características de sua obra, torna-se pertinente apresentar algumas reflexões sobre o debate em torno do que seria esta vertente da literatura, questão já muito discutida por diversos autores mas sempre interessante e atual para aqueles que se propõem a trabalhar com o tema.

Não pretendemos aqui esgotar a questão pois isto fugiria ao propósito de nosso trabalho, e sim reunir alguns dos principais posicionamentos diante do tema, exaustivamente discutido por estudiosos como por exemplo, ARROYO (1968) e ZILBERMAN (2005, 2006) que, aliás, são importante referência na abordagem que faremos a seguir.

Sabemos que, por ser uma produção cultural e, portanto, sujeita às possibilidades e limitações do contexto histórico, social e econômico no qual é produzida, toda obra literária submete-se a critérios de análise e julgamento, de acordo com perspectivas distintas e interesses que não são de modo algum absolutos ou universais.

Desse modo, a avaliação sobre o que é ou não literatura varia conforme o período histórico, o contexto cultural e os interesses de instâncias de legitimação autorizadas socialmente a definir quais são as obras de valor literário em cada época.

Essa característica faz com que haja diferentes opiniões e posicionamentos quanto ao que é ou não é literatura, conforme alerta Abreu (2006):

O conceito de *Literatura* foi naturalizado – ou seja, tomado como natural e não como histórico e cultural – e por isso se tornou tão eficiente. Por esse motivo, em geral, as definições são vagas e pouco aplicáveis. Apresenta-se a *Literatura* como algo universal, como se sempre e em todo lugar tivesse havido literatura, como se ela fosse própria ao ser humano. (...) Nós temos que discutir o que é literatura, pois ela é um fenômeno cultural e histórico e, portanto, passível de receber diferentes definições em diferentes épocas e por diferentes grupos sociais. (p. 41, grifos da autora).

Se a *Literatura* – sem adjetivos - embora já consolidada em nossa realidade histórico-cultural, apresenta dificuldades de definição devido à instabilidade que advém de ser um fenômeno cultural, tanto mais a literatura infantil, mais recente e menos prestigiada, impossibilita uma abordagem definitiva ou universal. Vários estudiosos que vem se dedicando ao tema tem

apontado as dificuldades de definição deste campo, que em seu próprio nome traz a duplicidade de um substantivo: *literatura*, e de um adjetivo: *infantil*.

Mortatti (2000) chama a atenção para a oscilação que pode ser observada nas abordagens sobre literatura infantil, nas quais se tende a considerar unicamente o aspecto *literário* dos textos, considerando seu caráter estético e preterindo o qualificativo *infantil* (geralmente nos estudos pertencentes à área de Letras) ou a abordagens que enfatizam as possibilidades de aplicação das obras no contexto pedagógico e escolar (características dos estudos na área de Educação), priorizando-se o qualificativo *infantil* em detrimento da discussão sobre a literaridade e estética dos textos.

Essas dificuldades de delimitação e caracterização desta produção advêm tanto da especificidade do público a que se destina, quanto da associação histórica com as instituições de ensino, que desde o princípio garantiram sua circulação e receptividade.

Quanto ao primeiro aspecto, Cadermatori (2010) nos lembra que a primeira particularidade que se pode atribuir à literatura infantil é justamente esse adjetivo que a nomeia. Enquanto a literatura, em si, não tem um público alvo, específico, a literatura infantil predetermina seu destinatário, o que resulta numa produção cujos temas, linguagem e formas de abordagem se definem de acordo com o que o escritor – adulto – acredita que é interessante ou necessário ao interlocutor - criança.

Esta particularidade, por sua vez, originou a segunda: a vinculação da literatura infantil aos projetos pedagógicos e formadores que interessam à sociedade e que encontraram na instituição escolar seu mais significativo veículo de divulgação (LAJOLO e ZILBERMAN, 2006).

Segundo as autoras, esta vinculação à escola, que comprometeu esta vertente à pedagogia e aos objetivos didáticos, conseqüentemente afastou-a do caráter estético e artístico, tornando-a desprestigiada diante da teoria e da crítica literária.

Estudiosos como Leonardo Arroyo e Cecília Meireles dedicaram muitas laudas ao tema já nas décadas de 60 e 70, quando se intensificou o debate em torno da definição da literatura infantil brasileira.¹⁹ Estes estudiosos apontavam as dificuldades de conceituação deste campo, que denominavam como “problema” da literatura infantil.

¹⁹ Segundo Mortatti (2000) a ampliação do debate nesse período deve-se a fatores como a inserção da literatura infantil em currículos de cursos de Pedagogia e Letras, a organização de entidades e projetos voltados para a área, e a

Arroyo (1968), por exemplo, afirmou que a “divergência de opiniões e de exames” sobre o tema na época mais concorriam para a dificuldade de conceituação do campo do que para “aclarar o problema e consagrar diretrizes pacíficas sobre o mesmo”. Por isso, em seus estudos, o autor adota como critério para definir literatura infantil aquilo que, segundo ele, “geralmente os estudiosos procuram ignorar em sua autosuficiência de adultos”:

O critério válido a que nos referimos é a capacidade crítica da criança em contacto com o livro. O que ela aprovar deve ser naturalmente a legítima literatura infantil. O melhor argumento desta tese é a própria história da literatura infantil ao longo dos anos, desde o aparecimento das Aventuras de Telêmaco, de Fénelon, especialmente escrito para uma criança. Milhões de livros infantis apareceram desde então, mas os clássicos, os verdadeiramente consagrados pela infância, podem ser apontados facilmente. (ARROYO, 1968, p. 41).

Meireles (1979) também aborda a questão em seu livro “Problemas da Literatura Infantil”. A autora, que também produziu reconhecidíssimos textos para a infância, adota critério semelhante ao de Arroyo:

Costuma-se classificar como Literatura Infantil o que para elas (crianças) se escreve. Seria mais acertado, talvez, assim classificar o que elas lêem com utilidade e prazer. Não haveria, pois, uma Literatura Infantil “a priori”, mas “a posteriori”. (p. 19) [...] em lugar de se classificar e julgar o livro infantil como habitualmente se faz, pelo critério comum da opinião dos adultos, mais acertado parece submetê-lo ao uso – não estou dizendo a crítica – da criança, que, afinal, sendo a pessoa diretamente interessada por essa leitura, manifestará pela sua preferência, se ela satisfaz ou não. Pode até acontecer que a criança, entre um livro escrito especialmente para ela e outro que o não foi, venha a preferir o segundo. (p.27).

Zilberman (2005) também adota critério semelhante ao dizer que:

... poder-se-iam definir os livros para crianças por essa característica: são os que ouvimos ou lemos antes de chegar à idade adulta. Não significa que, depois, não voltemos a eles; importa, porém, que o regresso se deva ao fato de terem marcado nossa formação de leitor, imprimirem-se na memória e tornarem-se referência permanente quando aludimos à literatura. (p. 11).

Embora esta perspectiva nos pareça das mais coerentes, devemos admitir as dificuldades que dela provêm, uma vez que é difícil definir o que as crianças leem e quando o fazem espontaneamente, por uma preferência própria e não por influência dos adultos. Não podemos desconsiderar também que a própria ‘leitura livre’ não é tão livre assim: ela se insere em um mercado editorial que oferece determinados produtos e não outros, faz parte de uma comunidade de leitores que prestigia certos livros em detrimento de outros, etc.

Por isso, apresentaremos a seguir algumas considerações sobre aspectos que podem caracterizar esta produção denominada literatura infantil, na tentativa de delimitar o uso que faremos do termo em nosso trabalho.

Lajolo e Zilberman (2006) destacam primeiramente o fator da especificidade dos meios de *circulação* que caracterizam essa produção:

A literatura infantil, orientada de antemão a um consumo muito específico e que se dá sob a chancela de instituições sociais como a escola, cria problemas sérios para o teórico e o historiador que dela se aproximam munidos dos instrumentos consagrados pela teoria e pela história literárias. (...) vale notar que ela talvez se defina pela natureza peculiar de sua circulação e não por determinados procedimentos internos e estruturais alojados nas obras ditas para crianças. (p. 13).

Neste aspecto, esta vertente pode ser considerada uma produção direcionada para um consumo que se realiza principalmente através da escola – e por isso tem dela forte influência – e através dos adultos que compram livros para serem lidos para ou pelas crianças. Temos uma circulação então que em geral é fortemente marcada pelas intenções de educadores adultos e não por uma escolha feita livremente pelo seu destinatário – a criança.

Se, no que diz respeito à circulação, a literatura infantil se caracteriza pela sua vinculação com a escola, por outro lado, “à medida que os livros para crianças foram se multiplicando, eles passaram a ostentar certas feições que, pela frequência com que se fazem presentes, parecem desenhar uma segunda natureza da obra infantil.” (LAJOLO e ZILBERMAN, 2006, p. 13).

As pesquisadoras citam como exemplo a presença da ilustração, à qual podemos somar outras características também inevitavelmente presentes e que marcam aquilo que “se reconhece como livro para crianças”.

Ferreira (2006b), por exemplo, ao analisar livros infantis contemporâneos menciona características como a presença de “textos curtos”, a diluição do texto em letras grandes e

espaçadas, o reduzido número de páginas e “a capa visualmente chamativa pelas cores e pelo papel brilhante”. Tais características, entre outras, compõem o *aspecto gráfico* do livro de literatura infantil (p. 144).

Por fim, temos ainda a questão dos temas e da linguagem, que compõem o *aspecto textual* da obra. Historicamente, as temáticas e abordagens presentes na literatura para crianças apresentaram vínculos mais ou menos próximos às propostas de formação de cada época. Desse modo, os temas em geral oscilaram entre apresentação de modelos de comportamento/punição, e a linguagem utilizada permaneceu circunscrita à utilização do modelo padrão culto.

Embora esse aspecto seja especialmente variável e múltiplo – e sobre ele discutiremos com mais atenção em seguida – podemos destacar ao menos dois elementos que permearam com constância essa produção no Brasil e que lhe conferiram certa identidade ao longo do tempo, quais sejam: a abordagem do cotidiano infantil (com a utilização de crianças como personagens centrais) e a presença do fantástico (seja através da humanização de animais e seres inanimados ou da modernização de elementos e enredos dos contos de fadas). (SERRA, 1998).

1.4. A literatura infantil no Brasil

O surgimento de uma literatura infantil propriamente brasileira remonta ao século XIX e, como não poderia deixar de ser, guarda íntima relação com o desenvolvimento das instituições de ensino no país.

Embora já houvesse no período colonial uma extensa tradição de contação de histórias para as crianças, principalmente pelas negras escravas – amas dos filhos dos senhores de terra, e que formaram um acervo respeitável de histórias de uma literatura infantil oral, conforme aponta Arroyo (1968), é apenas após a chegada de D. João VI ao Brasil com sua comitiva portuguesa que começam a vigorar as primeiras condições para o surgimento de uma literatura escrita para crianças brasileiras.

Segundo o autor, o desenvolvimento de cidades, o direito ao ensino leigo – que autorizava qualquer cidadão a inaugurar escolas -, o surgimento de novas profissões, antes vetadas ou inacessíveis aos colonos, fez surgir o interesse pela instrução, pelo conhecimento e, conseqüentemente, pelos livros.

O aumento expressivo do número de escolas e de alunos matriculados originou a necessidade de material de leitura específico para uso nas salas de aula, o que a princípio foi suprido por traduções de contos clássicos europeus produzidos em Portugal ou pela utilização de livros portugueses. E foi essa mesma demanda que incentivou as primeiras iniciativas de produção de textos especificamente para as crianças brasileiras, visando aproximar à nossa realidade tanto os temas quanto a linguagem das obras²⁰.

Entre as mais importantes destas iniciativas, encontramos a produção de Alberto Figueiredo Pimentel “de toda uma biblioteca de livros especialmente endereçados aos meninos brasileiros” (ARROYO, 1968, p. 110) produzida sob a encomenda da editora Quaresma. Embora ainda não se tratasse de uma produção com histórias originais e sim de adaptações de clássicos europeus como Grimm, Andersen e Perrault, a obra de Pimentel inovava pelo seu caráter popular: as edições de Contos da Carochinha (1894), Contos da Avozinha e Contos da Baratinha (1896), além de expressarem a preocupação em abrasilizar os textos não visavam exclusivamente o público escolar e sim a população em geral, tendo alcançado grande sucesso de vendas.

Poucos anos depois, em 1915, a editora Melhoramentos também inaugura sua própria Biblioteca Infantil, sob a direção do educador Arnaldo de Oliveira Barreto. A coleção, que se inicia com O Patinho Feio, de Andersen, alcança em poucos anos cem títulos e apresenta como principal inovação o aspecto gráfico, como nos informa Arroyo (idem):

“Os livros da série inovavam a leitura para a infância pelo seu aspecto gráfico. Fisicamente já representavam um divórcio dos moldes escolares. Não eram volumes pesados, com aquela seriedade doutoral dos lançamentos do século XIX. Pelo contrário, desde seu aspecto externo eram uma grande festa para os olhos dos meninos pelo seu rosto colorido e a figura simpática da vozinha cercada de netos. Eram volumes de poucas páginas entremeadas de gravuras também coloridas, estórias compostas em tipo grande, com um equilíbrio de texto em cada página que se constituía em verdadeira atração para a leitura.” (p. 187).

Como podemos observar, a citada coleção já apresentava os indícios de uma literatura especificamente infantil, com traços que podem inclusive ser observados na produção contemporânea.

²⁰ARROYO (1968) faz um interessantíssimo levantamento sobre diversas iniciativas de produção de obras de literatura para crianças no Brasil no período de 1818 a 1880.

Em continuidade a este processo de rupturas com a literatura escolar, em 1921 temos o lançamento de *Narizinho Arrebitado*, de Monteiro Lobato. Além de caracterizar sua obra em um cenário tipicamente brasileiro - o Sítio do Pica-Pau Amarelo - Lobato cria personagens nacionais e que apresentam um rompimento com os padrões formadores da época, uma vez que as protagonistas crianças têm absoluta autonomia e liberdade de pensamento e ação em suas histórias.

Embora essa primeira edição – que em 1931 foi renomeada por *Reinações de Narizinho* – trouxesse como subtítulo a indicação “Segundo livro de leitura para uso das Escolas Primárias”, o que evidencia a importância da legitimação institucional para a aceitação da produção infantil, a obra de Lobato apresenta, segundo os estudiosos da área, características genuinamente literárias e infantis: o distanciamento do caráter pedagógico e didático, a harmonia entre a realidade e o fantástico, a linguagem fluida e o tom coloquial.

O sucesso alcançado por Monteiro Lobato patrocinou um novo prestígio por parte das editoras aos escritores de livros infantis, motivando o aumento de obras na década de 20 e de 30, também favorecido por fatores como a consolidação da classe média, “o aumento da escolarização dos grupos urbanos e a nova posição da literatura e da arte após a revolução modernista.” (LAJOLO e ZILBERMAN, 2006, p. 47).

O êxito, contudo, não garantiu a autonomia da literatura infantil, que continuava sem legitimação artística: a publicação de obras para crianças não afetava a imagem de seus escritores. O estímulo parece ter sido outro: o mercado escolar, aparentemente, recompensava o esforço de escrever para jovens. Porém, como, para circular nas salas de aula, era preciso, além de espontaneidade e imaginação, adequar-se aos cursos vigentes e aos programas curriculares, a fantasia e a criatividade foram indiretamente disciplinadas... (ZILBERMAN e LAJOLO, 1988, p. 62).

Nos anos seguintes, até meados da década de 40, esta vertente continua crescendo até formar um acervo consistente de obras e integrar-se definitivamente à cultura brasileira. Na década de 50, porém, a necessidade de competir com outras formas de expressão, tanto da cultura erudita – cinema, teatro e artes plásticas – que ampliava rapidamente sua circulação entre a população urbanizada, como da cultura de massas, cuja veiculação se expandia através da inauguração da TV, fez com que a literatura infantil aderisse à ideologia em voga, de exaltação

da vida urbana e, ao mesmo tempo, idealização da vida rural como uma vida de proximidade e integração à natureza.

Precisando atender às necessidades do mercado editorial, a literatura para crianças nesse período caracteriza-se pela repetição das fórmulas bem-sucedidas de textos dos anos anteriores, o que impede o surgimento de propostas inovadoras. Além disso, restringe-se a uma postura doutrinária de transmissão de normas morais e atitudes socialmente desejadas, como obediência e submissão aos mais velhos, atendendo a exigências que “não eram necessariamente as do consumidor final – o pequeno leitor -, e sim das instâncias que se colocavam como mediadoras entre o livro e a leitura: a família, a escola, o Estado, enfim, o mundo adulto...” (LAJOLO e ZILBERMAN, 2006, p. 119).

Neste período,

... se é marcante a quantidade de textos novos, possibilitando a profissionalização do escritor, fica claro também o tipo de profissionalização facultada: a que adere à produção de obras repetitivas, explorando filões conhecidos e evitando a pesquisa renovadora. O resultado levou ao menor reconhecimento artístico e à maior marginalização da literatura infantil, se comparada aos demais gêneros existentes. (...) Por isso, não atraiu, ao contrário do ocorrido nos anos 30, artistas de renome ou intelectuais comprometidos com os projetos literários em voga. (idem, p. 87).

Este panorama começa a mudar a partir da década de 60, com o crescente aumento da demanda por livros, fomentado pela ampliação do mercado consumidor e pela preocupação do governo com o baixo índice de leitura da população em idade escolar - que originou diversos programas de incentivo à leitura e de acesso a livros nas escolas. Nesse período, a literatura infantil brasileira já pode contar com um comércio especializado no segmento, através de livrarias dedicadas ao público infantil e com um grande número de escritores profissionais exclusivos desta vertente.

Esse aumento de prestígio é concomitante a um período crítico da história brasileira: o da ditadura militar, cuja repressão culminou no ano de 1968 com a assinatura do Ato Institucional n. 5, extinguindo resquícios da liberdade individual e de expressão. A despeito disso, a literatura para crianças vive nesse período sua fase de mais aguçada crítica da realidade, tematizada principalmente através do estilo realista que expunha a desigualdade social do Brasil. Talvez

porque para o governo não representasse uma possibilidade de ameaça, ficou à margem da repressão e pode manifestar ideias libertárias e conquistar seu espaço entre os leitores.

Sobre este período, Zilberman (2005) ressalta:

Durante os anos 70, foi como se a literatura infantil brasileira começasse a recontar a história, rejeitando o que a antecedeu e recusando mecanismos simplórios de inserção e aceitação social. Graças a essa empreitada arriscada, ela ganhou, sem barganhar, espaço na escola e junto ao público. A recompensa foi seu crescimento qualitativo, que a coloca num patamar invejável, mesmo se comparada ao que de melhor se faz para criança em todo o planeta. (p. 52).

É nesta década que as obras que abordam questões sociais e políticas vão ganhando espaço e a fantasia das histórias começa a ser utilizada para expor a realidade brasileira. Nesse contexto inserem-se obras como “A Fada que Tinha Ideias” (1971), de Fernanda Lopes de Almeida, “História meio ao Contrário” (1979), de Ana Maria Machado, e “O Reizinho Mandão” (1978), de Ruth Rocha. Tais obras se valem dos enredos com reis, princesas e fadas para denunciar o autoritarismo e insensibilidade do governo às necessidades do povo, de forma ousada e inovadora.

E é justamente nesse período que Ruth Rocha encontra o caminho do reconhecimento – de crítica e de público – que vai acompanhá-la até os dias de hoje. Após o lançamento deste primeiro título caracterizado pela crítica à realidade política e social, Ruth Rocha lança outros três títulos semelhantes, que alcançam igual sucesso: “O Rei que não sabia de Nada” (1980), “O que os Olhos não Vêem” (1981) e “Sapo-Vira-Rei-Vira-Sapo” (1982), sendo que este último, ainda na sua segunda edição, registrava a marca de “mais de um milhão de exemplares vendidos”, segundo informações da capa²¹.

Na esteira desse sucesso, a autora passa a integrar o grupo de escritores do chamado *boom* da literatura infantil na década de 70 (MIGUEL, 2006), caracterizado pelo expressivo aumento de títulos disponíveis no mercado e do número de profissionais que alcançam reconhecimento de seu

²¹ Estas três obras, originalmente não agrupadas em coleções, formaram mais tarde o que ficou conhecido como “trilogia dos reizinhos”, tendo sido reeditadas múltiplas vezes em conjunto nos últimos trinta anos. Em algumas edições, o primeiro título (O Reizinho Mandão) foi excluído do grupo, provavelmente por ter seus direitos autorais sob a responsabilidade da editora Quinteto, enquanto os demais foram publicados pela Salamandra. Pesquisadores agrupam estas obras de diferentes modos. Silva (2005), por exemplo, as considera como “quarteto dos reizinhos” e Zilberman (2005) exclui a obra “O que os Olhos não Veem” do grupo, denominando-as por sua vez de “trilogia dos reis”.

trabalho através desse segmento. Além disso, esse período é marcado por inovações que Ruth Rocha soube utilizar com muito êxito em suas obras: a linguagem coloquial e elementos da cultura popular, a presença de personagens infantis autônomos e questionadores, entre outros.

A partir dos anos 80, já consolidada na cultura brasileira, a literatura para crianças alcança uma tradição sólida, formada por grande número de autores e que utilizam padrões já explorados e incorporados para abordar temas diversos e trabalhar das mais variadas formas: com o realismo, a fantasia, a visão intimista, a exploração do folclore e dos fatos históricos.

Mais recentemente, na década de 90 e principalmente na última década, se por um lado encontramos uma literatura infantil com características bem marcadas, que lhe conferem uma identidade própria, por outro lado observam-se modificações interessantes relacionadas principalmente ao *suporte* dos livros infantis. O mercado brasileiro, atento ao apelo tecnológico da sociedade atual, passa a incorporar na produção para as crianças todo tipo de recurso e mesmo de adereços para atrair a atenção do pequeno leitor. Surgem os

Livros interativos, arte gráfica moderna e exuberante, formatos não-convencionais; materialidade do objeto livro constituída por papéis nobres ou reciclados; figuras tridimensionais, livros com espelhos ou que emitem sons; livros em CD-Rom, *e-books*. A diversidade se faz presente na materialidade do objeto livro e a transformação se constitui na mais alta tecnologia para atrair e seduzir o público que consome esta mercadoria: o livro de literatura. (DALCIN, 2013, p. 45).

Todos estes fatores, que constituíram historicamente o gênero no Brasil, transformaram o livro infantil em um produto cultural de grande circulação entre a população brasileira, como veremos a seguir.

1.5. A literatura infantil no Brasil hoje

Dados recentemente publicados em diferentes instâncias demonstram que a literatura infantil vem expandindo seus horizontes e tem se tornado parte tanto do cotidiano da infância como dos leitores adultos, que apreciam o gênero.

Segundo a pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, por exemplo, realizada em 2008 pelo instituto Pró-Livro, 31% dos brasileiros considerados leitores apontam-na, entre outros, como o

gênero mais lido por eles, ficando este segmento em 4º lugar na preferência dos leitores. Os dados são ainda mais surpreendentes quando observamos que, entre os primeiros colocados, um não se refere na realidade a um gênero discursivo mas a uma obra específica (a Bíblia) e outro não é o que podemos considerar propriamente um gênero *literário* - os livros didáticos, como se pode verificar no quadro a seguir:



Tabela 2: Gêneros mais lidos pelos leitores²².

A mesma pesquisa revela que, entre os *onze* títulos mais apontados como aquele que os leitores consideram que foi o mais importante em sua vida, *sete* são títulos de literatura infantil. E, entre os dez mais citados como o último livro lido, *seis* referem-se a títulos de obras infantis.

Outro levantamento, a *Pesquisa de Produção e Vendas do Setor Editorial Brasileiro*, realizado pela FIPE (Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas) mostra que entre 2007 e 2008, os livros infantis estiveram, respectivamente, na 5ª e 4ª posição dos títulos mais produzidos pelas

²² Fonte: AMORIN, Galeno. Retratos da Leitura no Brasil, 2008, p. 176.

editoras, disponibilizando ao mercado um total de mais de *trinta milhões* de exemplares no período, como mostra a tabela a seguir:

Distribuição dos Títulos Editados e Exemplares Produzidos por Temas 2007/2008						
Classificação Temática	Títulos			Exemplares		
	2007	2008	Var %	2007	2008	Var %
Educação Básica	13.927	17.967	29,01	213.023.830	207.651.126	-2,52
Religiosos	4.467	3.898	-12,75	25.370.009	26.615.810	4,91
Literatura Adulta	5.574	4.455	-20,08	21.967.730	16.062.626	-26,88
Literatura Infantil	3.491	3.981	14,02	14.753.213	15.483.309	4,95
Generalidades	1.184	1.301	9,88	14.246.171	15.261.450	7,13
Ciências Sociais	4.831	6.362	31,71	11.577.105	12.230.697	5,65
Geografia e História	1.836	1.235	-32,72	16.256.579	11.864.971	-27,01
Literatura Juvenil	1.711	2.428	41,88	8.522.107	9.311.227	9,26
Filosofia e Psicologia	2.750	3.233	17,59	9.054.838	8.683.659	-4,10
Tecnologia e Ciências Aplicadas	2.249	2.730	21,42	4.528.358	5.093.488	12,48
Línguas	745	884	18,62	3.797.041	3.752.124	-1,18
Artes, Lazer e Desportos	691	912	32,00	394.836	443.092	12,22
Ciências Puras	306	246	-19,38	416.419	363.772	-12,64
Outros	1.332	1.497	12,39	7.488.052	7.456.843	-0,42
Total	45.092	51.129	13,39	351.396.288	340.274.195	-3,17

= 30.236.522

Tabela 3: Títulos e exemplares produzidos em literatura infantil em 2007 e 2008²³.

O *Levantamento Anual do Segmento de Livrarias*, realizado pela Associação Nacional de Livrarias (ANL) reforça essa indicação de crescimento do setor. A pesquisa aponta o segmento de literatura infantil como o setor que mais cresceu em vendas em 2010. Revela ainda que, em termos de produção, entre 2008 e 2009, o número de livros infantis lançados no Brasil ultrapassou a marca de 26 milhões de unidades²⁴.

Esse fenômeno pode ser atribuído tanto ao aumento de um mercado consumidor como também ao resultado de um esforço de instituições de fomento à leitura, que incentivam e divulgam a literatura infantil no país. A partir da década de 80, por exemplo, podem-se observar

²³ Fonte: Pesquisa Produção e Vendas do Setor Editorial Brasileiro, 2008. Disponível em: <http://www.abdl.com.br/UserFiles/FIPE2008.pdf>, acesso em 16 de Janeiro de 2013.

²⁴ Fonte: http://www.brasilquele.com.br/noticia_show.php?noticia=6646, acesso em 14 de Janeiro de 2012.

iniciativas como a criação da ALB²⁵, com o objetivo de democratizar e melhorar as possibilidades de acesso à leitura da população brasileira e a expansão da atuação da FNLIJ²⁶ através de projetos de distribuição de livros a escolas carentes e campanhas de valorização e divulgação de autores e títulos (CADERMATORI, 2010).

Também reflete o resultado de iniciativas governamentais de estímulo à leitura e desoneração do livro:

Podemos aqui apontar que desde a década de 80 políticas para a área cultural recebem efetivas leis de incentivo. Estas passaram a se abraçar com outras, específicas para o setor editorial, que contribuíram para o fomento e apoio à produção, edição, distribuição e comercialização do livro. Mais recentemente, acompanhamos, em 2004, por exemplo, a aprovação da lei da desoneração fiscal do livro, prevendo que editores, livreiros e distribuidores não precisariam pagar qualquer tipo de taxa/imposto sobre operações com livros, gozando de imunidade tributária (...). O Plano Nacional do Livro e da Leitura, que veio a público em 2007, também foi cuidadoso ao estabelecer metas de incentivo à produção editorial, tais como: a ampliação de metas para formar leitores pela busca do aumento do índice nacional de leitura (o que significa o número de livros lidos por habitante/livro); a implementação de bibliotecas; a concessão de prêmios de reconhecimento a ações, projetos, práticas sociais de leitura; a expansão de espaços voltados à leitura ou livrarias; o aumento do número de títulos editados e exemplares impressos; o aumento da exportação de livros e autores brasileiros traduzidos no exterior, entre outras. (TOZZI, 2011, p. 108).

Paralelo a isso, pode-se relacionar o aumento da demanda pelo livro para crianças ao surgimento e expansão de propostas de ensino que incentivam a leitura de textos variados como parte essencial da aprendizagem da leitura e escrita. Na rede pública, o aumento significativo da quantidade de obras disponíveis ao professor e ao próprio aluno na sala de aula se fez sentir juntamente com o avanço destas propostas.

O Programa Ler e Escrever, por exemplo, adotado pelo estado de São Paulo em 2008 e que se estendeu a grande número de municípios paulistas, tem como uma de suas principais ações

²⁵ “A ALB nasceu no início dos anos 80, durante o terceiro COLE, por decisão de assembleia. (...) A Associação de Leitura do Brasil e o Congresso de Leitura do Brasil formaram-se no interior da luta pela redemocratização do país e foram importantes instrumentos de garantia do direito à palavra e veículo de expressão de diversos segmentos sociais. A questão da promoção e do estímulo à leitura passava, naquela época, fundamentalmente pela divulgação do próprio texto escrito num momento em que havia poucos espaços de publicação e de informação.” (Fonte: <http://alb.com.br/alb/apresentacao>, acesso em 17 de Março de 2013).

²⁶ A FNLIJ (Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil), criada em 23 de Maio de 1968, “constitui-se como uma instituição de direito privado, de utilidade pública federal e estadual, de caráter técnico-educacional e cultural, sem fins lucrativos, estabelecida na cidade do Rio de Janeiro”, cuja missão é de “promover a leitura e divulgar o livro de qualidade para crianças e jovens, defendendo o direito dessa leitura para todos, por meio de bibliotecas escolares, públicas e comunitárias.” (Fonte: http://www.fnlij.org.br/principal.asp?cod_mat=2&cod_menu=101, acesso em 19 de Março de 2013).

a “distribuição de materiais complementares tais como acervo literário e paradidático para biblioteca de sala de aula”²⁷.

Tal proposta por sua vez converge com a política adotada pelo governo federal desde a década de 80, que pretende a ampliação do acesso a obras de literatura nas escolas, e fez com que este se tornasse “o principal comprador da indústria editorial” para atender às escolas públicas, através de programas como o PNBE²⁸ (SERRA, 1998, p. 39).

Dados da FIPE demonstram que as compras do governo em 2008 e 2009 (que se referem a didáticos e literários) representavam respectivamente 26 e 25% do faturamento total das editoras no período, num total de quase *duzentos e setenta milhões* de exemplares:

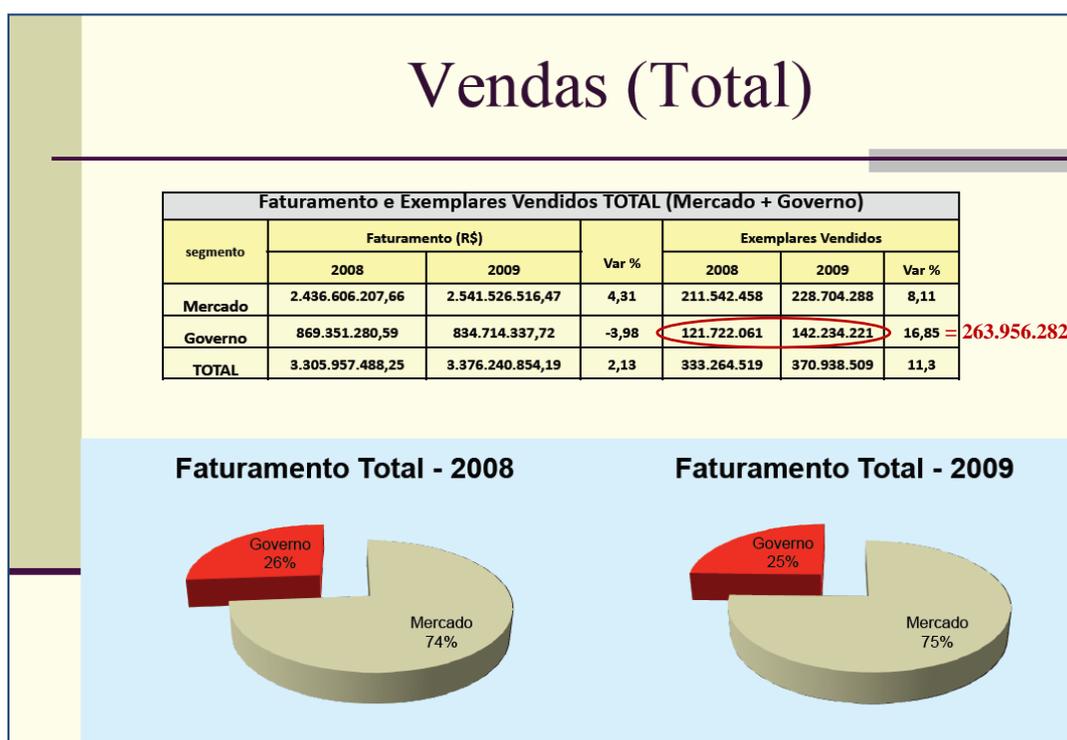


Tabela 4: Vendas das editoras para o governo em 2008 e 2009²⁹.

²⁷ Fonte: <http://lereescrever.fde.sp.gov.br>, acesso em 17 de Março de 2013.

²⁸ O PNBE “tem o objetivo de promover o acesso à cultura e o incentivo à leitura nos alunos e professores por meio da distribuição de acervos de obras de literatura, de pesquisa e de referência (Fonte: <http://portalmec.gov.br/programa-nacional-biblioteca-da-escola>, acesso em 17 de Março de 2013).

²⁹ Disponível em: http://www.publishnews.com.br/upload/download/PesquisaMercado_2009.pdf, acesso em 14 de janeiro de 2012.

Esse investimento do governo parece resultar em uma influência sobre os leitores que ultrapassa os muros da escola uma vez que, “dos 4,7 livros lidos *per capita*/ano no Brasil, o índice de livros indicados pela escola chega a 3,4. Ou seja, apenas 1,3 livro lido pelos brasileiros não tem origem na indicação que a escola faça, seja ele didático ou não” (AMORIN, 2008, p. 89).

Estes dados apontam, por um lado, o forte vínculo ainda presente entre a literatura infantil e a escola no contexto brasileiro. Por outro, enfatizam a importância do aprofundamento do debate sobre a relação leitura-literatura-escola.

CAPÍTULO 2

CONHECENDO A OBRA DE RUTH ROCHA: **ALGUNS ACHADOS E DESCOBERTAS**

... um livro, mais do que qualquer outro objeto que se conhece, vai muito além do seu significado primeiro, na medida em que contém bem mais do que as meras folhas de papel coladas ou costuradas e os sinais gráficos nelas estampados. É justamente além do limite dessa simplória definição que se dá seu significado pleno e tem início a produção de valor simbólico e social da leitura.

Galeno Amorim³⁰

Neste capítulo apresentaremos a produção de Ruth Rocha a partir dos dados coletados na análise das obras. Procuraremos expor as características mais gerais dessa produção e demonstrar como as experiências e trajetórias da escritora se entrecruzam com suas obras e como estas se relacionam ao contexto histórico-cultural em que foram produzidas, considerando que o trabalho da autora e dos editores orienta-se por concepções sobre o público a que a obra se destina e que se adequa, em maior ou menor grau, a condições de mercado objetivando, em última instância, o sucesso de venda das obras.

2.1. Ruth Rocha – editora, tradutora, autora

Ruth Machado Lousada Rocha nasceu em março de 1931 na cidade de São Paulo. Formada em Ciências Políticas e Sociais pela Escola de Sociologia e Política de São Paulo, iniciou sua carreira profissional (em 1957) na área da educação, atuando como Orientadora Educacional do Colégio Rio Branco, função que exerceu durante quinze anos. Em 1970 concluiu a Pós-Graduação em Orientação Educacional, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da PUC/SP.

³⁰ AMORIM, Galeno. (org.) **Retratos da Leitura no Brasil**. São Paulo: Imprensa Oficial: Instituto Pró-Livro, 2008, p. 18.

Os primeiros textos que publicou foram artigos educativos para a revista *Cláudia*, da Editora Abril. Um desses artigos, que versava sobre atividades de preparação para a alfabetização, chamou a atenção da jornalista Sônia Robatto, então editora de uma importante revista infantil, a *Recreio*, que a convidou para produzir as atividades complementares às histórias que a revista trazia³¹.

Incentivada pelos colegas de trabalho e pela proposta da revista de revelar autores novos, Ruth Rocha escreveu seu primeiro texto para o público infantil, “Romeu e Julieta”. A história, que conta sobre a amizade de duas borboletas pertencentes a grupos de cores diferentes e que não se misturam, foi publicada em 1969. Pouco depois, a autora escreveu “Marcelo, Marmelo, Martelo”, até hoje seu maior sucesso de vendas. Dois anos depois, já somava mais de vinte histórias publicadas na revista³².

Em 1971, em parceria com Sônia Robatto, Ruth Rocha ajudou a criar outra revista infantil, a *Bloquinho*, na qual assumiu a função de editora e na qual também publicou alguns textos inéditos.

Em 1973, de volta a Abril, tornou-se editora-chefe da seção de revistas infantis, função na qual editou coleções como a Beija-Flor e Conte um Conto, cada qual com cerca de cinquenta títulos, e também uma coleção de livros da Disney. Foi também neste ano que Ruth Rocha passou a se dedicar profissionalmente com exclusividade ao mercado editorial, deixando suas funções no colégio Rio Branco. Paralelamente, atuou como tradutora e adaptadora de diversas obras para crianças.

2.2. A autora e o mercado editorial

A publicação de seu primeiro livro, “Palavras, muitas Palavras”, veio em 1976 através da própria Editora Abril, ao qual se seguiram - no período de um ano e pela mesma editora - outros *treze* títulos, entre histórias já publicadas e inéditas.

³¹ Na época, a revista *Recreio* vendia cerca de 250 mil exemplares por semana – aproximadamente um milhão por mês – e era traduzida em vários países como Argentina, Espanha e Itália (BASTOS, 1995).

³² Conferir no anexo 4 (p. 161) o levantamento das obras, número de edições e publicações por período.

Em nosso levantamento de dados constatamos que, nesse período, várias edições foram lançadas em parceria com o MEC, através do Instituto Nacional do Livro³³, o que possibilitava o barateamento dos custos e do valor final de venda dos livros. Esta informação era veiculada nas próprias capas das obras, nas quais se lê:

Cr\$ 20,00 – Este preço só se tornou possível devido à participação do Instituto Nacional do Livro/ Ministério da Educação e Cultura que, em regime de coedição, permitiu o aumento da tiragem e conseqüente redução do custo industrial. (ROCHA, 1977, quarta capa)³⁴.

Além disso, estas edições eram formadas por coletâneas de histórias, todas publicadas anteriormente nas páginas da *Recreio*, o que favorecia a identificação do público com a obra e apresentava-se como algo vantajoso ao leitor pois permitia a aquisição de várias histórias em um único livro, por um preço considerado baixo.

Este investimento do Estado,

... apoiando e agilizando entidades envolvidas com livros e leitura, correspondeu, no plano da iniciativa privada, ao investimento de grandes capitais em literatura infantil, quer inovando sua veiculação (agora também confiada a revistas e livros vendidos em bancas ou diretamente comercializados em colégios), quer aumentando o número e o ritmo de lançamento de títulos novos. (LAJOLO E ZILBERMAN, 2006, p. 124).

Observamos também que a partir de 1978 suas obras deixam de ser publicadas exclusivamente pela Editora Abril, sendo lançadas também pela Pioneira (1978), pela editora Cultura (1980), pela Salamandra e pela Rocco (1981), pela Codecri, Global e Melhoramentos (1982), pela Nórdica e pela Nova Fronteira (1983), além de alguns títulos terem sido lançados em edições especiais pela *Círculo do Livro*³⁵.

³³ A portaria de número 35, de 11/03/1970, do Ministério da Educação, implementou o sistema de coedição de livros com as editoras nacionais, com recursos do Instituto Nacional do Livro (INL), a fim de incentivar a leitura (fonte: <http://www.fnde.gov.br/index.php/pnld-historico>, acessado em 15 de janeiro de 2013).

³⁴ ROCHA, Ruth. **Pedrinho Pintor e Outras Histórias**, São Paulo, SP: ABRIL/MEC, 1977.

³⁵ A “*Círculo do Livro* foi uma editora brasileira estabelecida em março de 1973 através de um acordo firmado entre o Grupo Abril e a editora alemã Bertelsmann. Vendia livros por um “sistema de clube”, onde a pessoa era indicada por algum sócio e, a partir disso, recebia uma revista quinzenal com dezenas de títulos a serem escolhidos. O novo sócio teria então a obrigação de comprar ao menos um livro no período. (...) foram reunidos até 1975 duzentos e cinquenta mil sócios, número que dobrou em 1978. Em 1982, as vendas alcançaram cinco milhões de exemplares, totalizando dezessete milhões nos primeiros dez anos de existência da *Círculo*. (...) O declínio nos lucros fez com

Essa variedade de editoras nos indica o crescimento do interesse pela publicação de obras da autora, que nesta época já tinha seu nome reconhecido como escritora de literatura infantil. Além disso, é nesse período que verificamos pela primeira vez o aparecimento de uma coleção com o nome da própria autora, como é o caso da série “Ruth Rocha Conta”, cujo primeiro título – “O Velho, o menino e o burro” - foi lançado pela editora Global em 1982³⁶.

Esta coleção representa ainda a primeira série com obras exclusivamente da autora, estratégia que também será repetida inúmeras vezes por outras editoras e em outros períodos, tendo seu auge no relançamento de dezessete histórias pela editora Ática, entre 1992 e 1999, na chamada “Coleção Sambalelê”, cujo número representativo de edições demonstra o sucesso alcançado pela coleção. Mais adiante, nos dedicaremos à análise do papel das coleções como estratégia editorial para a permanência da obra da autora no mercado.

A partir de 1984, Ruth Rocha passa a atuar como editora de várias coleções, para diferentes empresas. Neste ano, editou para a Cultrix a “Coleção do Peixinho”, na qual também publicou novas histórias suas e relançou outras.

Para a Melhoramentos produziu, em parceria com João Noro, a coleção “Minha Primeira Biblioteca”, com livros lançados também na China, Japão e Coréia, além das coleções “Meu Livro de Bichos”, pela editora Rio Gráfica, e “Os Sentidos”, pela FTD (BASTOS, 1995).

Também em 1984 criou, junto com outros sócios, a Quinteto Editorial (atualmente pertencente à editora FTD), na qual atuou até 1995. Através desta editora, a escritora relançou vários títulos com novos projetos gráficos e ilustrações, principalmente em parceria com o ilustrador Walter Ono, então diretor associado da empresa. Por outro lado, conforme pudemos constatar através de informações do Catálogo Comemorativo dos 25 anos de carreira da escritora, lançado em 1994, a editora parece ter adquirido os direitos de publicação de várias obras da autora que não chegaram a ser publicadas nesse período (como é o caso dos títulos: “Por Nome de Passaredo”, “Cometa Halley, Fascinante e Belo”, os livros das coleções “Os Medos que eu Tenho” e “As Coisas que eu Gosto” e a série “Quem tem Medo de Quê?”).

que a Bertelsmann vendesse sua parte no negócio, levando a Círculo a encerrar suas atividades editoriais no final da década de 1980.” (Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Círculo_do_Livro, acesso em 20 de Novembro de 2012).

³⁶ Mais adiante, trataremos sobre como, mais tarde, esta estratégia foi utilizada por outras editoras de modo bastante evidente e persuasivo.

Em 1985, pela Record, Ruth Rocha produziu, como editora, a coleção Reco-Reco, pela qual também relançou outros títulos seus, principalmente os publicados anteriormente pela Abril como “Histórias de Recreio”.

Durante muitos anos, a atuação profissional da autora como editora-chefe, diretora ou consultora de diferentes grupos editoriais se entrecruzou com sua atuação como escritora, possibilitando que seus livros fossem publicados por editoras diferentes em curto período de tempo.

No levantamento que realizamos pudemos observar que no início de sua carreira (até por volta de 1988) destaca-se a multiplicidade de editoras com lançamento de apenas um ou poucos títulos cada uma e também por curto período de tempo, lançamentos estes quase sempre relacionados às empresas nas quais a escritora tinha algum tipo de atuação.

A partir deste período verifica-se um grande aumento no número de obras concentradas em poucas editoras, que mantém os direitos de publicação por muito tempo, como se pode acompanhar no gráfico abaixo:

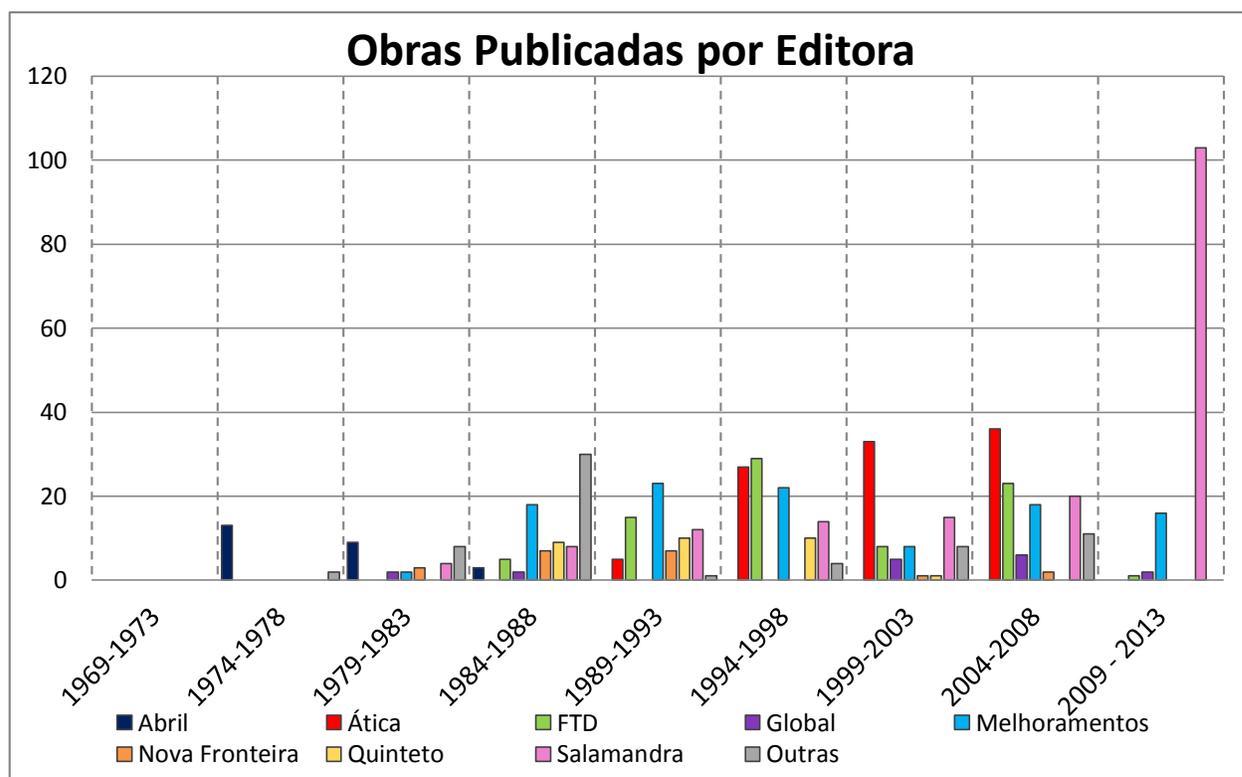


Gráfico1: Obras Publicadas por Editora³⁷.

³⁷ Fonte: elaborado pela autora.

Observa-se no gráfico o declínio da variedade de editoras ao longo do tempo, principalmente daquelas com até cinco títulos por período (as quais denominamos de “outras”)³⁸. Enquanto no período 1984-1988 a maior parte das obras (um total de *trinta*) estava publicada por editoras diversas - representadas no gráfico pela cor cinza - a partir deste período observa-se o aumento do número de obras publicadas por grandes grupos, como a Ática, a FTD, a Melhoramentos (respectivamente representadas pelas cores vermelho, verde e azul claro) e, principalmente, a Salamandra³⁹ (representada pela cor rosa).

No período mais recente, por exemplo, que abrange o ano de 2009 até o ano presente (2013), de um total de *cento e vinte e dois* títulos disponíveis no mercado em edições atuais, *cento e três* estão publicados sob o selo da Salamandra, acompanhada de longe pela Melhoramentos, com *dezesseis* obras e das editoras Global e FTD, respectivamente com *duas* e *uma* obra publicadas, sendo que nestes casos, os exemplares encontrados referem-se a reimpressões de obras lançadas anteriormente, certamente referentes a contratos anteriores ao período de aquisição dos direitos pela Salamandra, o que enfatiza ainda mais a monopolização da produção por uma única editora.

Essa monopolização dos direitos de publicação, que se constata atualmente na Editora Salamandra, é enfatizada pela própria editora, que registra em seu website essa informação:

... em uma iniciativa inédita no mercado de livros para crianças e jovens, em 2009 a Salamandra adquiriu exclusividade sobre toda obra literária de Ruth Rocha, uma das escritoras mais talentosas e queridas do Brasil. A presença de Ruth Rocha em nosso catálogo vem consolidar nosso propósito de publicar obras que respeitem a inteligência do leitor, esteja ele ensaiando seus primeiros passos ou iniciando sua jornada de autonomia pela vida⁴⁰.

³⁸ O quadro completo com o número de obras por editora e por período – incluindo aquelas com poucos exemplares – encontra-se disponível no anexo 6 (p. 171).

³⁹ A Editora Salamandra, bem como as editoras Moderna, Richmond e Objetiva são editoras que foram adquiridas pelo grupo espanhol Prisa-Santillana, tornando-se parte de uma mesma empresa na qual cada selo atua de modo especializado em um segmento do mercado de livros (didáticos, literatura infantil e não ficção). Por esse motivo, algumas obras recentemente publicadas pela Salamandra (selo do segmento infantil da empresa) apresentam o nome da Editora Moderna na ficha catalográfica. Desse modo, apesar de nos referirmos ao selo Salamandra – registrado na capa das obras – nas referências bibliográficas utilizamos o nome Editora Moderna, tal qual consta na ficha catalográfica.

⁴⁰ Disponível em: <http://www.moderna.com.br/institucional/editora-salamandra>, acesso em 16 de Janeiro de 2013.

Esse interesse por parte de grandes editoras em adquirir os direitos de publicação da obra – e até sua exclusividade - nos indica a importância que sua obra foi conquistando no mercado editorial.

Também nos indica a convergência da carreira da escritora com o que poderíamos chamar de “interesses de mercado”, uma vez que sua produção foi se mostrando ao longo do tempo altamente vendável. Sendo o livro um produto cultural de consumo e os interesses de publicação das editoras relacionados à possibilidade de vendas e de lucros, observa-se que Ruth Rocha soube utilizar esse mercado a seu favor, lançando obras com temas e linguagem de interesse das editoras⁴¹, o que possibilitou sua (re)publicação de maneira constante e através de grandes grupos, consequentemente favorecendo a circulação das obras e a divulgação do nome da própria autora.

Esta trajetória de sucesso, embora favorecida por diversos elementos referentes ao contexto histórico (como a ampliação do mercado consumidor, entre outras, conforme apresentamos anteriormente) demonstra também a dedicação intencional da autora no sentido de estabelecer-se profissionalmente como escritora de literatura infantil.

Segundo Ruth Rocha, em depoimento para o livro “Ana e Ruth – 25 anos de literatura” foi a partir da história “A menina que aprendeu a voar” (publicada em 1983) que ela percebeu que “queria ser escritora, e apenas escritora”. Este ano coincide com a data em que a autora demite-se de suas funções na Editora Abril, pouco antes de fundar sua própria editora (a Quinteto) e de passar os direitos autorais de sua obra em nome de sua empresa.

Percebemos por isso que, para além de sua vontade expressa de dedicar-se exclusivamente à escritura de livros, parece revelar-se seu desejo de assumir com maior autonomia o controle sobre a produção e publicação de sua obra e ainda, o desejo de Ruth Rocha de viver profissionalmente da escritura de livros, ou seja, de exercer esta atividade como profissão e obter com isso remuneração satisfatória – para poder ser *apenas* escritora, visão que é compartilhada e defendida também pela escritora Ana Maria Machado⁴²:

⁴¹ No capítulo 4 abordaremos com maior profundidade a questão dos temas e linguagem das obras e suas relações com aspectos contextuais.

⁴² Ana Maria Machado, também escritora brasileira com grande número de obras publicadas para o público infantil, começou a escrever no mesmo período que Ruth Rocha, também através da Revista Recreio. Ela foi casada com o irmão de Ruth Rocha, motivo pelo qual as duas são bastante próximas.

Faço muita questão de ser profissional. Amadora, sou enquanto leitora. A Ruth Rocha e eu somos assim. Eu comecei depois trouxe a Ruth comigo. Escritores amigos, muito chegados, e que respeitamos muito, tivemos de convencer, dizendo: você não pode cobrar 6%. Você não pode aceitar 5%. Você está fazendo concorrência desleal a nós. (MACHADO, 2000, p. 30, *apud* SILVESTRE, 2007, p. 78)

Talvez mobilizada por esse desejo de profissionalização é que nesse período ocorre um grande salto no número de publicações de títulos novos da autora: entre 1984 e 1988 foram *cinquenta e duas* obras inéditas lançadas, o maior número de novas publicações em um mesmo período durante toda a sua carreira⁴³.

Um número tão elevado de publicações nos indica também a habilidade da escritora em atender à demanda sempre crescente pelo livro infantil no contexto brasileiro. O aumento do consumo dos livros nesse período apontado por pesquisadores como Lajolo e Zilberman (2006) exigiu dos escritores de literatura infantil uma “periodicidade de lançamentos”, geralmente explorando “a dependência entre a literatura infantil e a escola”, a fim de “preencher a cota de livros que o mercado infantil era capaz de absorver.” (p.160).

O fato de Ruth Rocha produzir e publicar tantos livros neste período demonstra sua capacidade de se inserir neste mercado e de atender às suas demandas. Com a publicação de tantos títulos, sua produção correspondeu às necessidades editoriais da época:

O fato de os livros para crianças serem produzidos dentro de um sistema editorial mais moderno implica regularidade de lançamento no mercado e agenciamento de todos os recursos disponíveis para criação e manutenção de um público fiel. Como consequência, alguns escritores lançam vários livros por ano, perfazendo dezenas e dezenas de títulos que independentemente da qualidade garantem seu consumo graças à obrigatoriedade da leitura e à agressividade das editoras. (idem, p. 125).

Ao mesmo tempo, esse grande número de publicações fez com que ela se firmasse definitivamente como escritora de literatura infantil, trazendo-lhe um reconhecimento que a faz hoje uma das autoras com maior número de publicações no país.

⁴³ No anexo 4 (p. 166) é possível conferir os títulos publicados em cada período, bem como a quantidade correspondente de obras inéditas e relançadas.

É nesse período ainda que a autora começa a lançar mão de um recurso que será bastante presente em toda a sua obra: a publicação através de *coleções*⁴⁴. Essa estratégia, ao mesmo tempo que favorece a unidade entre as obras, promovendo coesão entre elas, amplia as possibilidades de vendas dos livros pois incentiva a aquisição de várias obras por parte do leitor.

Podemos dizer que a grande quantidade de obras novas desse período deve-se em grande parte a esta estratégia. Fazem parte desse período coleções numerosas como: “Meu primeiro Livro”, com *oito* obras que tratam sobre conceitos como “formas, números e cores”, e outras menores como a séries “Quem tem medo?”, “Os medos que eu tenho” e “As coisas que eu gosto”, a três com quatro livros cada uma, e ainda a coleção “Os livros dos sentidos”, composta por cinco livros que falam sobre o tema que dá nome ao conjunto.

Seja por iniciativa da própria escritora ou das editoras, este modo de apresentar as obras representa uma tendência comum na literatura infantil e, desde a década de 60, mostrou-se um recurso eficaz para a ampliação e manutenção de seu público leitor (LAJOLO E ZILBERMAN, 2006). Mais uma vez, portanto, podemos observar em Ruth Rocha uma escritora que não apenas produz textos mas que utiliza todos os recursos disponíveis para facilitar que sua obra atraia e cativa o interesse do leitor.

Outra característica interessante no que se refere aos processos de publicação diz respeito à passagem dos direitos autorais das obras das *editoras* para uma empresa da *própria autora* e, em seguida, para uma *agência de serviços* “artísticos, culturais e literários”.

Até 1985, verificamos que todas as obras têm os direitos autorais reservados em nome da editora que os publica ou em nome da própria autora⁴⁵. A partir de 1986, com a publicação da coleção “Os Medos que eu Tenho”, os direitos autorais passam a constar como pertencentes à empresa “Ruth Rocha Serviços Editoriais S/C - LTDA”. Isso nos aponta mais uma vez para o desejo de profissionalização da escritora, que passa a apresentar-se como empresa, pessoa jurídica e não mais como pessoa física, indicando também uma centralização do processo que compõe a cadeia de produção da obra, desde a criação do texto, até a produção do livro e o controle dos aspectos legais como os direitos autorais.

⁴⁴ No capítulo 3 abordaremos a questão das coleções como fórmula editorial de sucesso na apresentação da obra de Ruth Rocha.

⁴⁵ Conferir quadro no Anexo 2, p. 153.

A partir de 1992, outra alteração nos chama a atenção. Neste ano, os direitos da empresa da autora passam a ser representados por uma empresa de ‘serviços literários’, a “AMS – Agenciamento Artístico, Cultural e Literário LTDA”.

Após uma busca pela internet, verificamos que este é um ramo ainda bastante recente e restrito no Brasil, embora Ruth Rocha tenha aderido a ele há mais de duas décadas. De acordo com o site da revista *Época*, em reportagem sobre o assunto⁴⁶, um agente literário é um “intermediário” entre o escritor e a editora, aquele que “negocia cláusulas, discute questões contratuais, cobra respostas, resolve impasses, fecha negócios, coordena projetos”. Ou seja, ele é uma espécie de empresário do escritor, que profissionaliza a relação entre escritor e editor, tornando esta relação também mais impessoal e favorecendo o distanciamento do escritor das negociações de venda de sua própria obra.

Segundo a mesma reportagem, existem atualmente cerca de três ou quatro agências deste tipo no Brasil, que administram obras de aproximadamente trinta autores cada uma, entre consagrados e iniciantes. Ainda na mesma reportagem, descobrimos que a AMS pertence à empresária Ana Maria Santeiro, entre as pioneiras neste ramo.

Esta opção por transferir os direitos de sua produção para uma agência também explicita a postura profissional da escritora e a busca de reconhecimento pelo seu trabalho. Segundo ela mesma revela, em entrevista concedida em 2008 ao Museu da Pessoa⁴⁷, a relação autor-editores no início de sua carreira (década de 70) não se pautava no reconhecimento do trabalho do autor:

Nós, os autores, que começamos nessa época, sofremos muito com os editores porque os editores não queriam pagar. Tem uma grande editora que todo mundo conhece e que me chamou, queria histórias minhas, mas queria me pagar uma vez só e ficava pra ela. Tanto que teve editoras, como a Ediouro - a Ediouro posso falar porque a Ediouro já mudou de direção – comprou as histórias do João Carlos Marinho e ele não tinha mais direitos. Eu não me lembro como ele fez pra obter os direitos de volta. Então tinha muito isso, não pagavam, eu lembro que me ofereceram na ocasião 3% de direito autoral e eu conversei com a Sílvia Ortoff, recebia 3% de direito autoral. Uma grande editora que todo mundo conhece. (ROCHA, 2008, p. 28)

⁴⁶ Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT728373-1661,00.html>, acesso em 27 de Outubro de 2012.

⁴⁷ ROCHA, Ruth. **Entrevista de Ruth Rocha ao Projeto Memórias da Literatura Infantil e Juvenil**. Museu da Pessoa, 2008.

Ainda segundo a escritora, a opção pela parceria com uma agente revelou-se uma forma de facilitar que os direitos do autor fossem respeitados, e o seu trabalho remunerado de modo justo:

E eu e a Ana Maria Machado fincamos nossos pés e lutamos muito pela adoção de coisas mais corretas. Eu e a Ana Maria pegamos uma agente, chama Ana Maria Santeiro – até hoje ela é minha agente. Ana Maria Santeiro foi uma das pessoas que lutaram pelos direitos dos escritores. Ela conseguiu pra mim, bom, 10% foi o que eu sempre ganhei porque eu não fazia se não fosse 10%, não interessa, e aí ela também conseguiu adiantamentos pra escritores que ninguém dava. Eles davam pra estrangeiro, e dão até hoje mil dólares, dão pra estrangeiro, pra gente não dão, não. Pra gente eles são mais comedidos. (idem, p. 29)

Possivelmente, a concentração de obras em grandes editoras (que se verifica justamente a partir do período entre 1989 e 1993), também tem relação com o fato da obra da escritora passar a ser representada por esta agência literária. O aumento de seu reconhecimento e do sucesso das suas obras certamente possibilitou melhores negociações com os editores e a escolha de determinadas editoras e não outras para publicação das obras.

Além do distanciamento do autor das questões envolvendo tiragens, escolha de editoras e pagamentos, tornando estas decisões mais impessoais e dessa forma mais profissionais, a agência literária também é responsável por promover o nome do autor, com o objetivo de impulsionar a venda das obras.

Em nossa análise, observamos que a partir do período do início da atuação da AMS (1989 – 1993), embora o número de títulos novos de Ruth Rocha tenha apresentado um pequeno declínio, o número de títulos disponíveis em edições atualizadas ampliou-se significativamente em comparação com o número de títulos novos publicados.

É o que se pode conferir no gráfico a seguir:

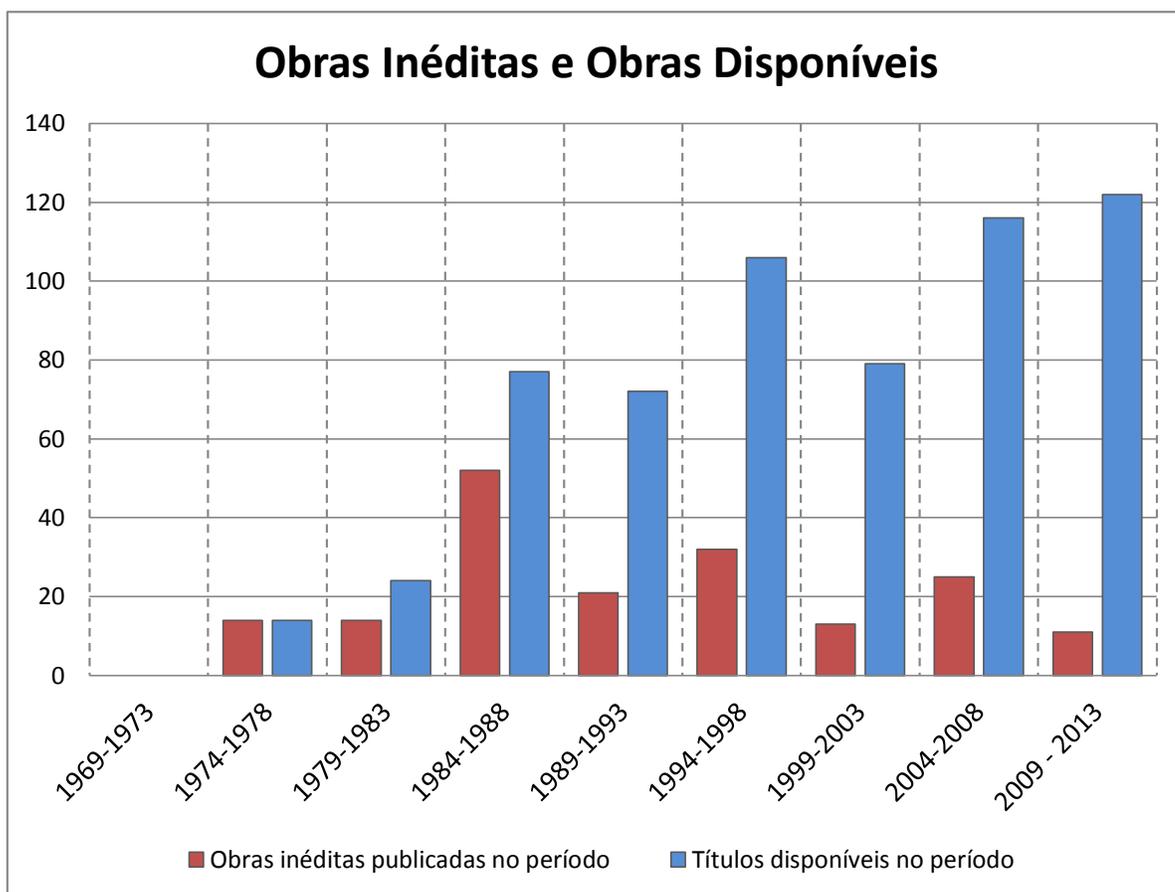


Gráfico 2: Obras inéditas e disponíveis por período⁴⁸.

Vemos neste gráfico que a partir do período 1989-1993, o número de obras inéditas publicadas – que até então era crescente - começa a apresentar um decréscimo (nesse período as obras inéditas somam um total de *vinte e um* títulos, sendo que no período anterior eram *cinquenta e duas*), porém o número total de obras disponíveis ao mercado⁴⁹ apresenta constante crescimento e é sempre bastante superior ao número de títulos novos. No período mais recente, por exemplo (de 2009 a 2013), embora o número de títulos novos restrinja-se a um total de *onze*, podemos observar que o número de títulos disponíveis em versões atualizadas é de *cento e vinte e dois*, um número bastante significativo em comparação à produção recente.

Estes dados demonstram a permanência da autora no mercado, com obras mais antigas sendo ininterruptamente relançadas. E comprovam mais uma vez o seu sucesso editorial,

⁴⁸ Fonte: elaborado pela autora.

⁴⁹ Estamos considerando “obras disponíveis” o total de obras novas somadas às obras reeditadas em cada período.

demonstrando o interesse das editoras na publicação de suas obras independentemente de serem lançamentos ou histórias publicadas anteriormente, o que atesta a permanência do interesse do mercado em suas obras.

A atuação da agência AMS parece também ter desempenhado papel importante neste aspecto. A partir do período que engloba o ano de 1994, podemos observar, no gráfico, um salto no número de publicações disponíveis, que corresponde justamente ao ano em que esta empresa promove as comemorações dos 25 anos de carreira da autora, lançando um catálogo comemorativo com cerca de cinquenta páginas, em português e inglês, com imagens e sinopses de toda sua obra publicada até aquela data, além de reportagens e críticas sobre a autora. Segundo este catálogo, a carreira de Ruth Rocha poderia ser medida até aquela data pelos seguintes números: “mais de seis milhões de exemplares vendidos, 127 livros publicados, 350 edições.” (p. 8).

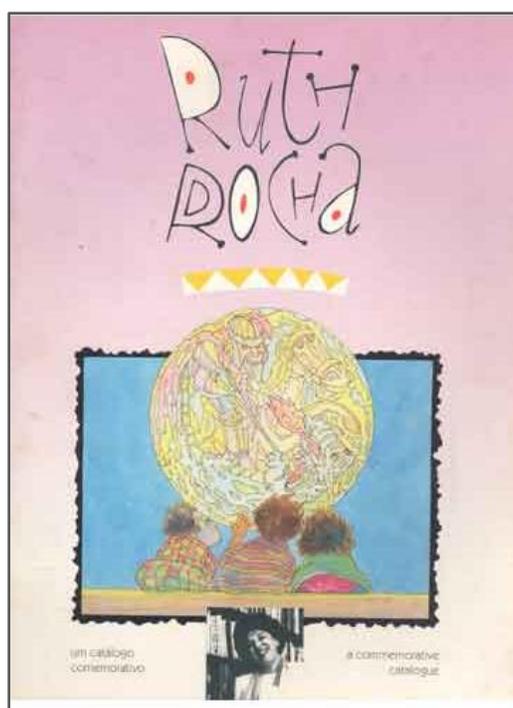


Figura 1: Capa do Catálogo Comemorativo dos 25 anos de carreira de Ruth Rocha⁵⁰.

⁵⁰ A M S. **Ruth Rocha:** Um Catálogo Comemorativo. A M S – Agenciamento Artístico, Cultural e Literário, 1994. Acervo pessoal.

É neste mesmo Catálogo Comemorativo que é divulgado o selo de seus 25 anos de carreira, criado pelo ilustrador Ivan Zigg (também ilustrador, à época, de uma coleção da autora), e que passa a acompanhar todos os livros da escritora, independente da editora que os publica.

A seguir, reproduzimos as imagens dos selos com os respectivos períodos em que foram encontrados nas obras analisadas:



Figura 2: Selos Comemorativos Ruth Rocha⁵¹.

Estes selos permaneceram nas obras sendo atualizados a cada período de cinco anos, até as publicações mais recentes, quando foram substituídos pelo selo “Biblioteca Ruth Rocha” (a partir de 2009), que também passou a estampar a quarta capa dos livros da autora, nos lançamentos feitos pela Salamandra:

⁵¹ Fonte: Respectivamente as capas das obras: *Faz muito Tempo* (Ática, 1995); *O Bairro do Marcelo* (Salamandra, 2001); *Os Músicos de Bremem* (FTD, 2004) e *Quem tem Medo do Ridículo?* (3ª ed., Global, 2011). Acervo pessoal.



Figura 3: Selos Biblioteca Ruth Rocha⁵².

A utilização destes selos representa uma estratégia para conferir valorização à obra, ressaltando a importância do nome da autora. Interessante observar que o conceito utilizado no selo muda, mostrando uma estratégia editorial diferente de um selo para outro.

No primeiro, a ênfase está na *longevidade* da carreira da autora, demarcada pelos períodos de cinco anos (“25 anos”, “30 anos”), e realça também o *volume* de sua produção (ressaltado pela expressão “*muita história para contar*”). Tanto uma característica quanto outra (longevidade e volume) são utilizadas como apelo para convencimento do leitor (e possível comprador) da qualidade desta produção, pois representam a aceitação positiva que a mesma encontra no mercado durante todo esse período de carreira de Ruth Rocha.

Outro destaque neste selo refere-se ao *ato de contar histórias* – que remete a uma característica constitutiva de maior parte das obras: o fato de se tratarem de narrativas. O desenho da lua com a pálpebra serrada e com uma touca remete à prática de se contar histórias para as crianças dormirem e reforça a ideia do slogan “*muita história para contar*”. Sugere ainda que tais livros trazem histórias agradáveis de serem ouvidas pelas crianças, o que vai ao encontro da ênfase à rima e ao ritmo dado a grande parte dos textos da autora⁵³.

Recebe destaque ainda neste selo o *nome da autora*, escrito em letras grandes (em comparação com as demais informações) na parte superior da imagem e de maneira ornamentada.

⁵² Fonte: Respectivamente, a quarta capa das obras “João e Maria” (Salamandra, 2010) e “Marcelo, Marmelo, Martelo” (Salamandra, 2011). Acervo pessoal.

⁵³ No capítulo 3 trataremos sobre o modo como na coleção Sambalelê, por exemplo (cujas obras fazem parte do período de utilização destes selos), características como o ritmo e a rima foram reforçadas nos textos.

Já no segundo selo, o destaque passa a ser o *conjunto* da obra, a *coleção*, evidenciado pela escolha do termo “biblioteca”⁵⁴, que transmite a ideia de agrupamento.

Esta estratégia é coerente com a proposta editorial da Salamandra que registra expressamente a intenção de republicar a totalidade da produção da autora, conforme informações divulgadas numa página dentro do website da editora, especialmente reservada para a divulgação dos relançamentos de Ruth Rocha:

Neste site, você vai conhecer os mais recentes lançamentos da Biblioteca Ruth Rocha – *reunião de toda a obra* ficcional desta grande autora, organizada em séries destinadas a leitores desde 2 anos até aos jovens. *Todos os livros* estão recebendo novas ilustrações e um novo projeto gráfico, que respeita a adequação às diferentes faixas etárias, ao mesmo tempo em que dá unidade ao conjunto (grifos nossos)⁵⁵.

A ênfase desta proposta está na possibilidade de aquisição de *toda a obra* de uma autora reconhecida, através de uma coleção cujo projeto gráfico dá “unidade ao conjunto”. Ou seja, o apelo está na possibilidade de *totalidade, completude* da coleção, uma vez que a obra será toda reeditada.

Este segundo selo difere do primeiro também no enfoque dado ao ato de leitura. Enquanto no primeiro destaca-se o *contar* histórias, neste é o ato de *leitura individual* que é evidenciado. A ilustração mostra uma criança com um grande livro nas mãos, transmitindo uma ideia de leitura silenciosa e autônoma. Tal opção, não gratuita, converge também com a mencionada proposta da editora de “adequação às diferentes faixas etárias”, transmitindo a ideia de textos adequados às capacidades de leitura das crianças de cada idade⁵⁶.

O nome da autora aqui é apresentado com uma letra mais moderna, em forma cursiva, porém sem o destaque do selo anterior, talvez devido à consolidação já garantida do nome da autora e do reconhecimento do público dos títulos das obras que fazem parte da sua “coleção”.

Embora diferentes nos enfoques adotados, tanto um selo quanto outro representam uma estratégia editorial que objetiva dar visibilidade ao nome da autora, reforçando uma imagem de

⁵⁴ bi.bli.o.te.ca - **1** Coleção de livros, dispostos ordenadamente. **2** Livraria. **3** Edifício público ou particular onde se instalam grandes coleções de livros destinados à leitura de frequentadores ou sócios. **4** Coleção de obras de um autor. **5** Coleção de obras sobre assuntos determinados. **6** Coleção de obras de um povo. **7** Estantes ocupadas por livros. (Fonte: <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues&palavra=biblioteca>, acesso em 17 de Janeiro de 2013).

⁵⁵ Disponível em: <http://www.bibliotecaruthrocha.com.br/biblioteca.php>, acesso em 16 de janeiro de 2013.

⁵⁶ Mais adiante também abordaremos a questão da estratégia de classificação das obras por faixa etária.

prestígio e qualidade, imagem esta adquirida, em parte, devido à sua produção e em parte, ao trabalho persistente e eficaz das editoras e da agência literária.

2.3. A autora e suas parcerias

Outra característica relevante na produção de Ruth Rocha, que ficou bastante evidente em nossa análise, refere-se à grande quantidade de parceiras estabelecidas pela autora no decorrer de sua carreira.

Desde o primeiro período de publicações (1974-1978), a autora contou com o apoio de vários amigos e colegas de profissão, que não só a incentivaram como também contribuíram na produção das obras, como por exemplo, Sônia Robatto – jornalista e editora da *Recreio* – e Walter Ono – ilustrador de muitas obras e sócio da *Quinteto* – entre muitos outros.

Dentre as primeiras parcerias, a que mais nos chamou a atenção foi a que possibilitou o lançamento de *quatro* obras da autora em formato de disco, na *Coleção Taba*. Segundo a Wikipédia:

Coleção TABA foi uma publicação brasileira lançada em 1982 pela Editora Abril Cultural e trazia a cada fascículo um livrinho ilustrado com histórias escritas especialmente por autores brasileiros, além de dramatizar o texto em disco musical nas vozes de cantores nacionais conhecidos e conceituados. Foi um projeto inovador que teve a coordenação da atriz e escritora Sônia Robatto e constituiu-se numa coleção para o público infantil que apresentava textos escritos por Joel Rufino dos Santos, Ana Maria Machado, Ruth Rocha, Ilo Krugli, Maria Clara Machado, Sylvia Orthof, Memélia de Carvalho, Magui, Myrna Prinsky, Luis Camargo, Cristina Porto. Já as melodias foram compostas ou interpretadas por nomes como Chico Buarque de Hollanda, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Tom Zé, Gal Costa, Secos e Molhados, Ney Matogrosso, João Gilberto e outros. O projeto teve, no total, 40 fascículos lançados.⁵⁷

A adaptação do texto original, feita por Sônia Robatto, transformava a história em texto para teatro, com as indicações das falas dos personagens, além de trazer ao final orientações para as crianças sobre como montar um cenário. O disco trazia a narração da história, com acréscimo de músicas conhecidas e outras criadas para o projeto:

⁵⁷ Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Coleção_Taba, acesso em 05 de Novembro de 2012.



Figura 4: Capas dos discos da Coleção Taba com histórias de Ruth Rocha⁵⁸.

No caso de “Sapo Vira Rei Vira Sapo”, por exemplo, o texto original é acrescido da música “A Banda”, de Chico Buarque, cantada por Nara Leão especialmente para a gravação do disco.

Além de apresentar cuidadoso projeto gráfico e uma proposta inovadora para a época, a coleção possibilitou a divulgação das histórias e do nome da autora.

Durante estes quarenta anos de carreira, parcerias como esta, que permitiram a adaptação dos textos para o formato de CDs de áudio, áudio livro, livro de imagem e coletâneas, foram bastante significativas.

Em 1999, por exemplo, a autora lançou o CD “Mil Pássaros – Sete Histórias de Ruth Rocha” com músicas produzidas por Sandra Peres e Paulo Tatit, do grupo Palavra Cantada, para histórias contadas pela autora⁵⁹. Mais recentemente, em parceria com o coral infantil do SESC

⁵⁸ Acervo pessoal.

⁵⁹ Segundo o site oficial do grupo, “A Palavra Cantada existe desde 1994, quando os músicos Sandra Peres e Paulo Tatit propuseram criar novas canções para as crianças brasileiras. Em todos os trabalhos que realizaram desde então, tornaram-se linhas marcantes a preocupação com a qualidade das letras, arranjos e gravações e o respeito à inteligência e à sensibilidade da criança. A Palavra Cantada vem sendo aclamada pelo público e pela crítica do país

Vila Mariana e a cantora Fortuna, Ruth Rocha lançou o CD e DVD “Na Casa da Ruth”. O projeto traz poemas da autora adaptados e musicados para um espetáculo que foi pela primeira vez apresentado em 2008.



Figura 5: Capa, DVD e encarte da obra Na Casa da Ruth⁶⁰.

Verificamos ainda a parceria da autora com outros escritores e profissionais na produção dos seus livros, que tornaram possível a ampliação de sua atuação não só no campo da literatura infantil, mas também na produção de obras relacionadas a outros nichos do mercado, como o dos didáticos e os de autoajuda para crianças.

Entre os livros que podem ser considerados como *didáticos*⁶¹, por exemplo, devido a características como a divisão em volumes, a indicação da série para utilização, a presença de atividades escolares, entre outras⁶², encontramos a coleção “Escrever e Criar... é só começar!”

como um trabalho diferenciado dentro da nossa cultura musical. Objeto de inúmeras matérias elogiosas, o Selo recebeu vários prêmios que incentivaram-no a cumprir a difícil missão de unir sucesso com qualidade.” (Fonte: <http://www.palavracantada.com.br/institutionals/index/QUEM-SOMOS>, acesso em 08 de Novembro de 2012).

⁶⁰ Acervo pessoal.

⁶¹ O anexo 1B (p. 150) traz a lista de obras que consideramos como didáticos ou paradidáticos, a partir de dados das fichas catalográficas dos próprios livros.

⁶² O escritor Ricardo Azevedo aponta em seu artigo “Sobre livros didáticos e livros de ficção e poesia” outras características relevantes dos livros didáticos, como: “1) seu utilitarismo (pretendem ensinar um assunto determinado, em geral anunciado na capa como, por exemplo, “Matemática”.); 2) seu caráter eminentemente informativo (trabalham a partir de informações convencionais ou oficiais e pretendem divulgá-las); 3) seu discurso impessoal, lógico, coerente e unívoco (não podem conter ambigüidades, incoerências e contradições, afinal, pretendem que 100% dos leitores tenham uma mesma e única interpretação); 4) necessitam de atualização periódica

(1996), endereçada para a 1ª à 8ª série do Ensino Fundamental, a coleção “Escrever e Criar... uma nova proposta” (2001), para a 1ª a 4ª série, e a coleção “Pessoinhas”, (a partir de 2002) dedicada à Educação Infantil. Para a produção destas coleções, Ruth Rocha contou com a colaboração da escritora Anna Flora, também autora de livros infantis.

Há ainda algumas obras que poderiam ser classificadas como livros de *autoajuda*⁶³ infantis, por se assemelharem aos temas e formatos explorados pela literatura de autoajuda adulta, tais como “a busca do sucesso pessoal, da felicidade, da prosperidade, a ênfase no indivíduo, o exercício do interesse e do amor próprio” (FERREIRA, 2006b, p. 143) entre outras. São livros que trazem, além de propostas de soluções de problemas, através de conselhos para as crianças, orientações aos pais e educadores, e que, em geral são classificados na ficha catalográfica com termos como “aprendizagem” e “psicologia infantil”.

Esses livros diferenciam-se do conjunto da obra da autora por priorizarem – em vez do enredo, dos personagens, como a maioria das obras – supostos problemas que podem ser enfrentados pelas crianças, expressando como objetivo sua intenção de auxiliar pais e educadores ou a própria criança a tratar de situações ou sentimentos como o medo, ansiedade ou insegurança. Esta intenção pode ser conferida na própria capa destas obras, como no caso do livro “As dúvidas que eu tenho – inteligência emocional para crianças” (2006):

Às vezes temos problemas que nos parecem intransponíveis. Quase sempre são causados pela ansiedade que geram. Essa ansiedade se traduz por um mal-estar indeterminado. (...) As crianças não possuem as mesmas vivências do adulto, por isso suas angústias lhe parecem maiores. Pensando nisso, Ruth Rocha e Dora Lorch escreveram este livro. Nele, as crianças vão encontrar situações que retratam as dificuldades típicas de seu dia-a-dia... (ROCHA, 2006, quarta capa)⁶⁴.

Este e outros livros semelhantes, como os das coleções “Os medos que eu tenho” (1986) e “As coisas que eu gosto” (1987), foram produzidos em parceria com a psicóloga Dora Lorch, parceria que se repete no lançamento do livro brinquedo “Quando eu Fico Bravo”, de 2012.

(informações e métodos tendem a tornar-se obsoletos com o passar do tempo).” Disponível em: <http://www.ricardoazevedo.com.br/wp/wp-content/uploads/Sobre-livros-didaticos-e-de-ficcao.pdf>, acesso em 15 de Agosto de 2013.

⁶³ Embora, para fins de análise, tais livros estejam sendo destacados sob esta categoria, no levantamento geral de obras, estes foram incluídos entre os livros de literatura infantil da autora.

⁶⁴ ROCHA, Ruth. **As dúvidas que eu Tenho: Inteligência Emocional para Crianças**. São Paulo, SP: Ática, 2006.

Já entre os ilustradores das obras, observamos também múltiplas parcerias da autora, sendo que algumas delas se repetem durante toda sua carreira. Entre as edições que analisamos – das quais apenas seis obras não se referem à primeira edição ou à reimpressão da edição de lançamento – contamos *cinquenta e cinco* ilustradores diferentes, entre eles, alguns reconhecidos pelo público por serem presença constante na ilustração de livros infantis (como Walter Ono, Eva Furnari, Cláudio Martins, Mariana Massarani, Ziraldo).

Alguns deles ilustraram muitos livros da autora, como é o caso de Walter Ono, com um total de *trinta* obras ilustradas em primeira edição, e de Adalberto Cornavaca, que, além de ter ilustrado *atorze* obras da autora (em primeira edição), foi também o ilustrador de “Marcelo, Marcelo, Martelo”, que já soma quarenta anos de reedições com o mesmo projeto gráfico, tendo apenas as ilustrações coloridas a partir da segunda edição.

Entre as obras mais recentes, encontramos muitas ilustradas por Mariana Massarani⁶⁵, inclusive, obras que anteriormente contavam com outros ilustradores foram relançadas com ilustrações desta artista⁶⁶.

Neste aspecto, chama a atenção o fato desta ilustradora também ter sua obra gerenciada pela empresa AMS, o que nos sugere que a empresa pode ter alguma influência na escolha dos ilustradores das obras nas edições mais recentes.

Esta hipótese é reforçada pela constatação de que, a partir de 1997, entre as *cinquenta e quatro* obras lançadas em primeira edição, encontramos *vinte e nove* delas ilustradas por profissionais representados pela AMS, segundo informações registradas na segunda capa dos livros. Sob outra ótica, entre os *vinte e dois* ilustradores das obras lançadas neste período, *nove* são representados por esta agência⁶⁷.

Tal observação nos faz constatar a existência de uma rede de contatos entre autora e ilustradores – talvez mediada pela empresa AMS – que se apoia e se fortalece através destas parcerias, beneficiando tanto os profissionais envolvidos (através da divulgação de seu trabalho e

⁶⁵ Mariana Massarani nasceu em 1963 no Rio de Janeiro, onde ainda reside. Ilustrou cerca de cento e cinquenta livros infantis de diversos autores e também é autora das obras Victor e o Jacaré (1993), Marieta Julieta Raimunda da Selva Amazônica da Silva e Sousa, Leo, o todo poderoso capitão astronauta de Leox, a cidade espacial (2002), Banho! (2006), Adamastor o Pangaré (2007), Aula de surfe (2007), Salão Jaqueline (2009), Quando Pedro Tinha Nove Anos (2009) e Os Mergulhadores (2010). Fonte: <http://marianamassarani.blogspot.com.br/> (acesso em 02 de Agosto de 2013).

⁶⁶ O nome dos ilustradores e o número de obras ilustradas por eles em primeira edição encontra-se disponível no anexo 7 (p. 172).

⁶⁷ O anexo 8 (p.173) traz uma tabela com o número de obras de cada ilustrador a partir de 1997 (quando encontramos pela primeira vez a menção da empresa AMS como representante também do ilustrador da obra).

ampliação de sua atuação, no caso dos ilustradores) como também a própria agência literária, que representa profissionais cada vez mais reconhecidos e prestigiados.

Outro aspecto interessante a ser destacado é a participação de pessoas relacionadas à autora em âmbito pessoal na produção das obras mais recentes. Na obra “Almanaque Ruth Rocha” (2004), por exemplo, encontramos o registro na segunda capa de um agradecimento da Editora Ática à filha da autora, Mariana Rocha, “pela colaboração na concepção e execução” do livro.

Na quarta página das obras da coleção Ópera, lançadas em 1994, encontramos novamente a menção à participação de Mariana Rocha, registrada como “Colaboração Especial” entre os demais profissionais envolvidos na consecução das obras.

A partir de 1999, observamos também a participação constante do esposo da autora, o industriário Eduardo Rocha, como ilustrador das obras. Tendo inicialmente ilustrado a coleção “Comecinho”, em seus dois volumes – que curiosamente traz como personagens os netos da escritora, Miguel e Pedro – Eduardo Rocha ilustrou um total de *onze* obras entre as quarenta e sete lançadas a partir desta data, aproximando-se em pouco tempo da quantidade de obras ilustradas por outros profissionais com parceria constante durante toda a carreira da autora.

Tais fatos demonstram uma aproximação entre a vida profissional e pessoal de Ruth Rocha, influenciada possivelmente pelas proporções alcançadas por sua carreira que, por um lado, incentivam o envolvimento das pessoas de seu círculo familiar nos projetos desenvolvidos por ela e, por outro, lhe garantem a autonomia para escolher pessoas de seu círculo íntimo para participar da execução das obras.

2.4. A autora e as instâncias de legitimação

Por se tratar de um produto cultural, como já apontamos, a literatura – adulta ou infantil – necessita da chancela de “*instâncias de legitimação*” que atestem sua qualidade, facilitando seu sucesso junto ao público e, conseqüentemente, de mercado (ABREU, 2006, p. 44). Para ser reconhecida como literatura e, principalmente, como literatura *de qualidade*, não basta que o autor produza uma obra com qualidade estética, esta “precisa ser reconhecida por intelectuais,

pela crítica, por júris de concursos, organizadores de programas públicos de incentivo à leitura, ou por instituições ou entidades respeitáveis” (FERREIRA, 2006b, p. 139).

O fato de participar de seleções de concursos e de receber prêmios literários também é uma importante oportunidade para o autor tornar-se reconhecido pelo seu trabalho, possibilitando inclusive a ampliação de oportunidades junto às editoras:

Um outro fator que ajuda a transpor as portas das editoras é a premiação em concursos: os inéditos premiados e seus autores adquirem status diferenciado na cotação literária, principalmente se o concurso tiver prestígio e repercussão na vida cultural, entre as camadas intelectualizadas. (PIACENTINI, 1991, p. 62, *apud* SILVESTRE, 2007, p. 83)

No caso da produção de Ruth Rocha, pode-se facilmente verificar que, durante esses quarenta anos de carreira, foram muitas as situações em que suas obras tiveram seu valor reconhecido por diferentes instâncias, consolidando o nome da autora como um dos mais representativos e prestigiados entre os escritores de literatura infantil brasileira.

Ruth Rocha já foi contemplada com os mais importantes prêmios literários do país, como o Jabuti, concedido pela Câmara Brasileira do Livro e o prêmio Monteiro Lobato, concedido pela Academia Brasileira de Letras. Entre as obras contempladas com o prêmio Jabuti estão a Coleção “O Homem e a Comunicação” (1992), composta por oito livros, as coleções didáticas “Escrever e Criar... é só começar” (1996) e “Escrever e Criar... uma nova proposta” (2001), o livro “Uma História de Rabos Presos” (1989) e ainda “O Passarinho que não Queria ser Cantor” (2009), este último na categoria “ilustração”. O prêmio Monteiro Lobato foi concedido à autora em 1993, também pelo conjunto da obra “O Homem e a Comunicação”.

Além disso, várias de suas obras já foram consideradas “Altamente Recomendáveis”⁶⁸ pela FNLIJ, instituição que, como já mencionamos, apresenta como missão “promover a leitura e divulgar o livro de qualidade para crianças e jovens”⁶⁹. Outras receberam ainda o prêmio “O Melhor para Criança”, realizado anualmente por esta mesma instituição e que, desde 1975,

⁶⁸ “Palavras Muitas Palavras”, em 1976;

“Nicolau tinha uma Idéia”, em 1977;

“O Reizinho Mandão”, em 1978;

“Quando eu Comecei a Crescer” e “Faca sem Ponta, Galinha sem Pé”, em 1983;

“Chapeuzinho Vermelho em Manhattan”, em 1996 (categoria Tradução)

“Boi, Boiada, Boiadeiro”, em 1987 e “Atrás da Porta”, em 1997;

(Informações extraídas de: BASTOS, 1995; MIGUEL, 2006 e OLIVEIRA, 2003).

⁶⁹ Disponível em: http://www.fnlij.org.br/principal.asp?&cod_menu=0, acesso em 19 de Janeiro de 2012.

seleciona os “melhores livros infantis e juvenis” produzidos em primeira edição no ano anterior, em dezoito categorias. As obras são as que seguem:

“O que os Olhos não Vêem”, em 1982, na categoria “Criança”;
“Azul e Lindo Planeta Terra nossa Casa”, em 1992 e “Coleção O Homem e a Comunicação”, em 1993, ambos na categoria “Informativo”;
“A Cortina da Tia Bá”, em 1994, na categoria “Tradução”;
“Ruth Rocha conta a Odisséia”, em 2001, na categoria “Reconto”,
“Rubens, o Semeador”, na categoria “Ilustração” e “Almanaque Ruth Rocha”, na categoria “Informativo Hors Concours”, ambos em 2005⁷⁰.

Em 1998, Ruth Rocha foi condecorada pelo então presidente Fernando Henrique Cardoso com a “Comanda da Ordem do Mérito Cultural”, do Ministério da Cultura, também pela obra “Uma História de Rabos Presos” (2004). Recebeu ainda outros prêmios e homenagens de associações e outras entidades, conforme o que constatamos em diversas fontes e em informações contidas nas segundas capas das obras⁷¹.

As obras da autora também estiveram diversas vezes entre os títulos selecionados para programas do governo de distribuição de livros em escolas públicas, como o PNBE⁷².

Dada a abrangência do programa e ao número de exemplares distribuídos podemos presumir a importância para a divulgação da obra e do próprio nome do autor em fazer parte deste programa (em 2012, por exemplo, foram comprados 55.744 exemplares de cada obra selecionada para o segmento do Ensino Fundamental e 19.094 de cada obra selecionada para o segmento de Creche, segmentos nos quais a autora conquistou respectivamente a escolha de uma e duas obras de sua autoria)⁷³.

⁷⁰ Disponível em: http://www.fnlij.org.br/principal.asp?cod_mat=57&cod_menu=2003, acesso em 04 de Fevereiro de 2012 e em 19 de Janeiro de 2013.

⁷¹ Consultar no anexo 9 (p. 174) a lista de prêmios e seleções nos quais a obra de Ruth Rocha já foi contemplada.

⁷² Conforme já mencionamos, o “O Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), tem como objetivo fornecer às escolas públicas acervos de literatura, compostos por obras selecionadas anualmente através da inscrição de editoras.

⁷³ Disponível em: <http://www.fnde.gov.br/programas/biblioteca-da-escola/biblioteca-da-escola-dados-estatisticos>, acesso em 20 de Janeiro de 2013.

... a simples possibilidade de concorrer a uma das generosas tiragens da compra federal estimulou os grupos a editarem mais e melhores livros. “*O mercado infantil ainda tem vendas baixas*”. *A maior parte com 3.000 cópias e demora anos para vender*”, diz Júlia Schwarcz, editora da Companhia das Letrinhas. “*Mas, se o governo seleciona a compra é de 20 mil, 40 mil exemplares. Com isso, os selos infantis ficaram importantes dentro das editoras*”. (GONÇALVES FILHO, 2010, S3, *apud* TOZZI, 2011, p. 30, grifos da autora).

No caso de Ruth Rocha, essa seleção de obras vem ocorrendo com bastante frequência desde a instituição do programa, tornando suas obras presença constante nas escolas públicas brasileiras. A partir de um levantamento que realizamos no site do FNDE (Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação), que financia o programa, verificamos que, nos *catorze* anos de edição do mesmo, a autora obteve um total *quinze* títulos selecionados, sendo que em mais de cinquenta por cento das edições, suas obras estiveram presentes nos acervos distribuídos⁷⁴. Estes dados são ainda mais expressivos quando verificamos que, em *cinco* das *seis* edições em que a obra da autora não foi selecionada, os acervos foram formados por material de referência para o professor ou por obras de literatura geral ou de informação, destinada a alunos dos anos finais do ensino fundamental e ensino médio, ou seja, tais acervos não foram constituídos por obras de literatura infantil, foco da atuação da escritora⁷⁵.

Ainda em referência às instâncias de legitimação, consideramos relevantes as constantes menções à obra da autora por parte de críticos de literatura, pesquisadores e acadêmicos, sempre ressaltando a qualidade de sua produção (conferir BASTOS, 1995; SILVA, 2005; DANTAS, 2006; MIGUEL, 2006; LAJOLO e ZILBERMAN, 2006). Alguns autores chegam a compará-la a Monteiro Lobato, de quem ela própria afirma ter herdado grande influência, tanto no interesse pelos problemas sociais e políticos do Brasil, como na tendência dos textos ao humor e na importância das figuras femininas em suas histórias⁷⁶, além do próprio gosto pela literatura (ROCHA, 2004).

⁷⁴ No anexo 10 (p. 175) pode-se verificar o quadro completo com as edições do PNBE, os acervos distribuídos e as obras da autora selecionadas em cada edição.

⁷⁵ Outro fato interessante a se destacar é que nas últimas três edições com seleção de obras da autora, a Editora Salamandra (sob o selo Richmond, segmento da empresa específico para atuar nas vendas públicas) foi a contratada para publicação da obra, o que sugere também a capacidade desta editora em adequar as obras aos critérios de seleção do programa, mesmo porque as obras selecionadas referem-se a títulos pertencentes anteriormente a outras editoras e não a obras inéditas.

⁷⁶ Disponível em: <http://www2.uol.com.br/ruthrocha/historiadaruth.htm>, acesso em 21 de Janeiro de 2013.

Segundo Lajolo (1995), em texto no qual aborda a obra da autora e de sua contemporânea Ana Maria Machado,

São várias as perspectivas pelas quais a trajetória de Ana e Ruth coincide com a que, mais de cinquenta anos antes, Lobato percorreu ao selar, na tradição brasileira, a modernidade do gênero infantil. Algumas destas perspectivas que merecem destaque são a modernização do texto, a coloquialização da linguagem, o arejamento das mensagens, a concepção da criança leitora como inteligente e inventiva, além de uma atitude radicalmente crítica da realidade brasileira. (p. 73).

Outros pontos em comum, apontados por Oliveira (2003), estão no modo de produção de sua obra, uma vez que Ruth Rocha participa ativamente de todas as etapas dessa produção, assim como o fazia Lobato, e também nas estratégias de divulgação. Segundo a pesquisadora, a escritora - da mesma forma que Lobato - utilizou estratégias diversificadas para difundir seus primeiros textos, como em revistas vendidas em bancas de jornal e estantes de supermercados (do mesmo modo que Lobato utilizou os famosos almanaques de remédios para divulgar seus textos) conseguindo multiplicar suas vendas.

Rodrigues (2005) e Machado (2004) reforçam a comparação, destacando o fato de que Ruth Rocha não atuou apenas como escritora – assim como Lobato – mas também como editora, jornalista e tradutora⁷⁷.

Rodrigues ressalta ainda o perfil questionador e rebelde de vários de seus personagens que, à semelhança de Emília, falam verdades “que os adultos não têm coragem de dizer” (p. 44). E Carvalho (2005) afirma que a autora “herdou do mestre a linguagem coloquial e ao mesmo tempo travessa, a consideração da inventividade e espontaneidade da criança e a temática voltada para o cotidiano da cultura brasileira” (p. 163).

Todo esse êxito parece corresponder à receptividade absolutamente positiva que a produção da autora tem encontrado diante do público durante toda a sua carreira. Não nos é possível saber em que medida estas instâncias de legitimação afetam a opinião do público leitor ou são afetadas pela receptividade deste. Afinal, tanto

⁷⁷ Ruth Rocha adaptou e traduziu cerca de uma centena de obras que incluem autores como Alan Garner e Virginia Wolf (DANTAS, 2006; MIGUEL, 2006). Em nosso levantamento, localizamos quarenta e quatro destes títulos, que podem ser conferidos no anexo 1 F (p. 152).

... os especialistas em leitura, assim como os comuns mortais, acionam um conjunto de conhecimentos, crenças e suposições muito mais amplo do que a capacidade de decifrar um texto escrito quando estão lendo. A imagem que se tem do lugar do autor do texto na cultura é um dos elementos que afetam fortemente a maneira pela qual se lêem seus textos e avaliam suas obras. (ABREU, 2006, p. 50).

O fato é que Ruth Rocha representa um nome marcante também no imaginário dos leitores brasileiros, tanto infantis como adultos, o que pode ser observado mais uma vez na pesquisa *Retratos da Leitura do Brasil* (2008). No livro homônimo, que revela os resultados da pesquisa, Ruth Rocha figura entre os *doze* autores mais lembrados e admirados pelo leitor brasileiro, ao lado de representantes da Literatura Infantil como Monteiro Lobato e de grandes ícones da Literatura Brasileira, como Machado de Assis e José de Alencar, como mostra o quadro a seguir:



Tabela 5: Escritores brasileiros mais admirados pelos leitores⁷⁸.

⁷⁸ Fonte: AMORIN, Galeno. Retratos da Leitura no Brasil, 2008, p. 178.

Essa admiração e reconhecimento por parte do leitor parecem refletir-se também no sucesso editorial da produção da autora. Hoje, sua produção soma mais de duzentos e dez títulos entre literatura infantil, livros didáticos, paradidáticos e dicionários. Seu mais famoso livro, “Marcelo, Marmelo, Martelo”, publicado pela primeira vez em 1976, já teve mais de um milhão de exemplares vendidos (DANTAS, 2006). “O Reizinho Mandão” está próximo de sua trigésima edição e o número total de exemplares vendidos pela autora ultrapassa a marca dos doze milhões. E ainda há mais: “várias de suas obras já foram traduzidas em vinte e cinco idiomas diferentes, entre elas o inglês, espanhol, chinês, grego, alemão e hindu” (MELLER, 2009, p. 19).

Todos esses fatores demonstram a importância da escritora no cenário editorial brasileiro, bem como a relevância de estudos que se proponham a examinar sua obra, procurando conhecê-la e compreender os motivos de sua receptividade entre os leitores brasileiros. Mais do que isto: inserem a autora na história da literatura infantil brasileira, como alguém que influencia a própria maneira de se criar e fabricar livros para crianças no país.

Sua forma de conceber livros para crianças tornou-se referência tanto para outros escritores como para o público, já consolidado por gerações de leitores de seus livros. E sua maneira de conceber o próprio trabalho de escritor, seu modo de pensar e atuar na profissão revelam uma concepção do ofício representativas da atualidade, num contexto que exige cada vez mais a especialização do “saber-fazer” e a competitividade, a fim de se conquistar um espaço neste universo disputado por inúmeros apelos que é o universo infantil.

CAPÍTULO 3

PROJETOS GRÁFICOS E COLEÇÕES: ESTRATÉGIAS EDITORIAIS **PLANEJADAS PARA CONQUISTAR**

Que coisa é o livro? Que contém na sua frágil arquitetura aparente?
São palavras, apenas, ou é a nua exposição de uma alma
confidente?

De que lenho brotou? Que nobre instinto da prensa fez surgir esta
obra de arte que vive junto a nós, sente o que sinto e vai clareando
o mundo em toda parte?

Carlos Drummond de Andrade⁷⁹

Durante estes quarenta anos de carreira, a obra de Ruth Rocha apresentou inúmeros formatos, projetos e múltiplas maneiras de se apresentar a seu público. Algumas obras de enorme sucesso mantiveram-se idênticas ao seu formato original enquanto outras contaram muitos projetos gráficos diferentes, a fim de apresentar-se de forma atualizada ao seu leitor.

Na perspectiva que adotamos, analisar as transformações ou permanências dos *aspectos tipográficos* das obras (ilustrações, tipo de letra, tamanhos, formatos, etc.) assume grande relevância, uma vez que reconhecemos que estas não são modificações aleatórias, mas sim transformações pensadas no polo de produção a fim de conquistar um determinado público leitor (CHARTIER, 2001a):

Os dispositivos tipográficos têm, portanto, tanta importância, ou até mais, do que os “sinais” textuais, pois são eles que dão suportes móveis às possíveis atualizações do texto. Permitem um comércio perpétuo entre textos imóveis e leitores que mudam, traduzindo no impresso as mutações de horizonte de expectativa do público e propondo novas significações além daquelas que o autor pretendia impor a seus primeiros leitores. (p. 100).

Nesta perspectiva, cada nova edição representa um “novo livro” que se configura,

⁷⁹ DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. A José Olympio. In: _____. **Poesia completa e prosa**. Rio de Janeiro, J. Aguiar, 1973. p. 586.

... sujeito a novas tensões, movimentos, direções, instaurados por alterações em qualquer dos segmentos que compõem a cadeia entre autor e leitor. São diferentes livros – já que projetos editoriais distintos – de uma obra originalmente pensada pelo autor, mas continuamente transformada no percurso de novas edições, mediada por outras editoras, exposta pelos vendedores para outros leitores... (FERREIRA, 2009, p. 2).

Por isso, neste capítulo, procuraremos demonstrar como estes projetos gráficos, as ilustrações, os formatos e organização, enfim, a forma de as obras apresentarem-se a seu possível leitor expressam tentativas de conquistar determinado público e refletem concepções e representações de leitor e de literatura infantil, além de estarem sujeitas às condições de produção do contexto em que foram criadas.

3.1. Os formatos e suas implicações

Observando a totalidade da produção de Ruth Rocha, percebemos que os suportes dos textos sofreram grandes transformações no decorrer do tempo. Se, no início da carreira, identificamos várias obras com projetos econômicos, com tentativas explícitas de redução de custos por parte das editoras – como a parceria com o Mec e a produção de coletâneas, como já apontamos – mais recentemente, encontramos obras com projetos bastante ousados e robustos, que envolvem não só a produção do objeto livro como também outros “acessórios”, tais como Cd’s e brinquedos.

Entre as obras que apresentam formato simples, econômico, a que consideramos mais representativa é a primeira edição de “O velho, o Menino e o Burro”, de 1982, lançada pela editora Global. O livro, que tem formato de 23x16 cm e apenas dezesseis páginas, é produzido em papel modesto⁸⁰ e com poucas cores. A segunda capa é utilizada para apresentar os dados editoriais e catalográficos da obra, enquanto a terceira capa é aproveitada para registrar a própria conclusão do texto, como se pode conferir nas imagens a seguir:

⁸⁰ Não foi possível localizar na obra informações sobre a nomenclatura do papel utilizado. Ao usarmos o qualificativo “modesto” nos referimos à aparência do papel: poroso e sem brilho. Mais adiante trataremos sobre as escolhas dos papéis e suas características em outras obras de Ruth Rocha.



Figura 6: Segunda e Terceira capas da obra O Velho, o Menino e o Burro⁸¹.

Tais estratégias certamente reduzem o custo de produção da obra, possibilitando também a redução do preço final oferecido ao consumidor, podendo ser um fator de convencimento para a compra.

⁸¹ ROCHA, Ruth. **O Velho, o Menino e o Burro**. São Paulo, SP: Global, 1982. Acervo da Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem – Unicamp.

Este reduzido número de páginas está presente em várias outras obras do período, lançadas por diferentes editoras e contrapõe-se às obras volumosas que podem ser encontradas nas edições mais atuais. Até 1988, por exemplo, é comum encontrarmos obras com quatro, dezesseis ou, no máximo, trinta e duas páginas (exceto as coletâneas, que apresentavam em geral sessenta e quatro páginas). A partir desta data, o número mínimo de páginas sobe para vinte e quatro, tornando-se comum a presença de livros com quarenta ou quarenta e oito páginas, além do aparecimento das obras volumosas, com mais de cem páginas⁸².

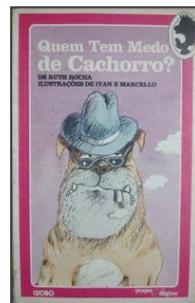
A mudança de formato que identificamos nas obras não se refere apenas ao número de páginas, mas também às dimensões dos livros. Bastante representativa desta mudança é a série de poemas “Quem tem medo”. Quando lançados pela primeira vez, em 1986, os livros desta coleção tinham formato bem pequeno, de 17,5x11 cm e, ao serem relançados pela editora Global a partir de 2002, passaram a apresentar formato bem maior (de 27x21 cm) - que foram mantidos também na recente edição pela Salamandra - como vemos nas imagens a seguir:

⁸² Conferir no anexo 2 (p. 153) as transformações nas dimensões das obras.

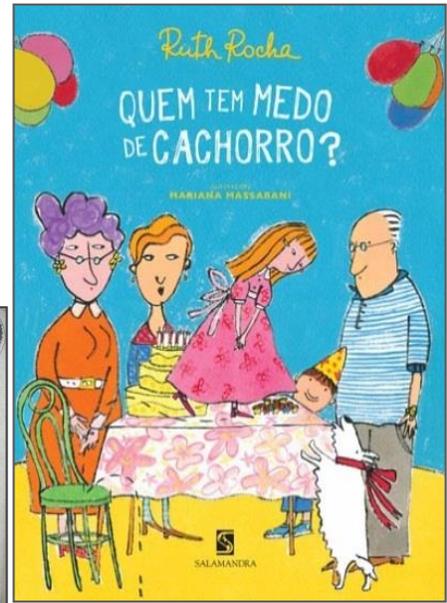


1ª Edição: 1986
 Editora: Rio Gráfica⁸³
 Formato: 17,5x11 cm

2ª Edição: 2002
 Editora: Global
 Formato: 27x21 cm



1ª Edição: 1986
 Editora: Globo
 Formato: 17,5x11 cm



3ª Edição: 2012
 Editora: Salamandra
 Formato: 27x21 cm⁸⁴

Figura 7: Capas das obras Quem tem Medo de Monstro? e Quem tem Medo de Cachorro?⁸⁵

Observamos que esta ampliação dos formatos é uma característica que se faz presente em grande parte das publicações atuais da autora, em diferentes editoras. Nas produções mais recentes, encontramos inclusive produções com dimensões generosas como é o caso de “Ruth Rocha conta a Odisséia” (2000) e “Ruth Rocha conta a Ilíada” (2004) com formato de 26x20cm e

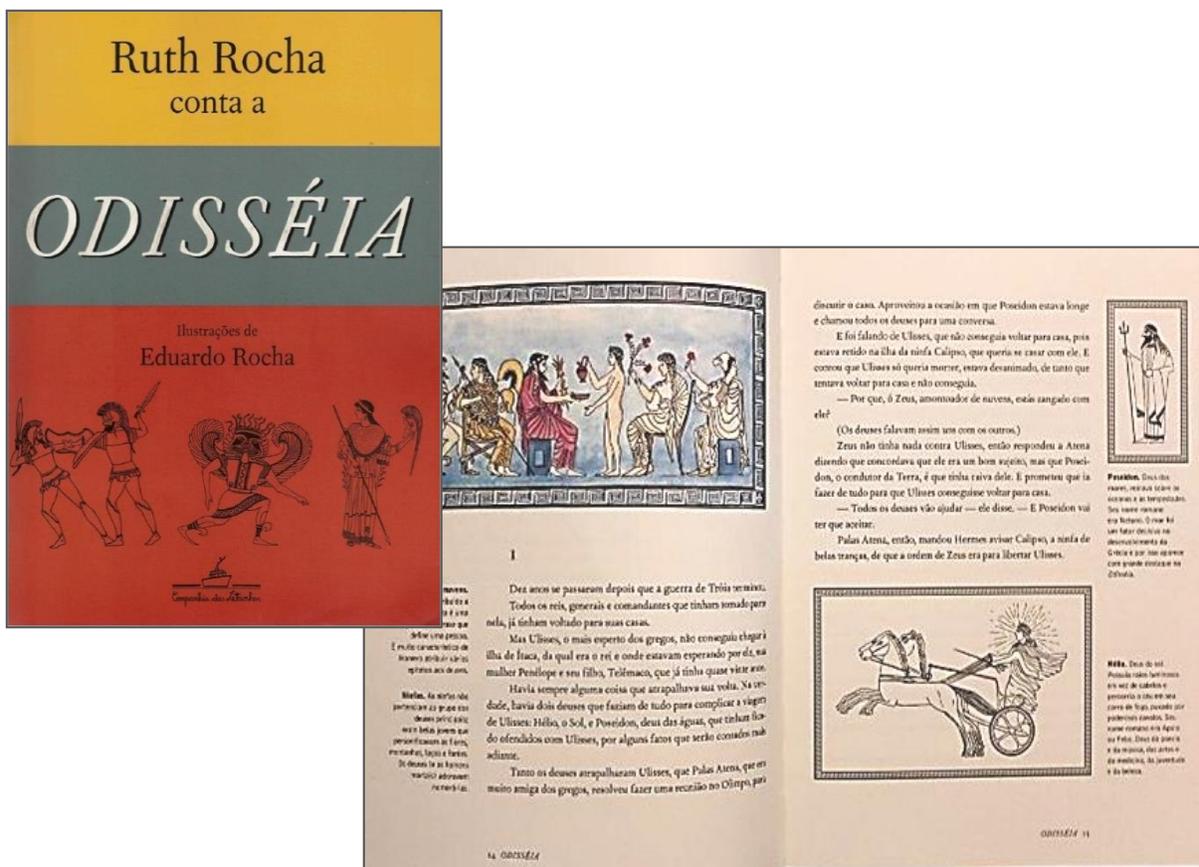
⁸³ “A Rio Gráfica Editora fazia parte das Organizações Globo (corporação da qual faz parte a Rede Globo), mas não podia usar o nome em função de já haver no Brasil uma outra editora com o nome de Globo. Enfim passou a se chamar Editora Globo, quando adquiriu, em 1986, a gaúcha Editora Globo.” Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Rio_Gr%C3%A1fica_Editora, acesso em 02 de Agosto de 2013.

⁸⁴ Proporções das imagens aproximadas às das obras.

⁸⁵ Acervo pessoal.

com respectivamente 104 e 142 páginas, além de obras como o “Almanaque Ruth Rocha” (2004) e “Tom Sawyer” (2005), com formatos semelhantes.

No caso, por exemplo, de “Ruth Rocha conta a Odisséia”, as diferenças no projeto editorial são evidentes em comparação com as obras do início da carreira da escritora. Além de conter um volume representativo de páginas, a obra constitui-se de um texto bastante longo, com adendos que trazem explicações sobre o contexto de origem da história, além de mapas e de ilustrações estilizadas, grande parte em branco e preto, características que a afastam das obras convencionais de literatura infantil:



1ª Edição: 2000
 Editora: Companhia das Letrinhas
 Formato: 26x20 cm

Figura 8: Capa e páginas 14 e 15 da obra Ruth Rocha conta a Odisséia⁸⁶.

⁸⁶ Fonte: Acervo da Biblioteca da Secretaria Municipal de Educação de Santa Bárbara d’Oeste.

Como já dissemos, as decisões sobre o formato, número de páginas e tamanho de uma obra não são de modo algum “acidentais”, mas “participam da totalidade estética do livro” (NIKOLAJEVA e SCOTT, 2011, p. 307, *apud* DALCIN, 2013, p. 138), revelando um projeto editorial pensado para conquistar um tipo de leitor específico.

Além disso, estas escolhas interferem na maneira como o leitor aprecia e recebe a obra:

nossas respostas às histórias dos livros infantis são influenciadas pela aparência física desses materiais. O *design* do livro é a primeira impressão que temos e (...) criamos expectativas diferentes para livros finos, com capa dura ou envoltos por sofisticados recursos gráficos e formatos adequados. Por isso, respondemos de maneira diversa a projetos gráficos diferenciados, mesmo que referentes à mesma história. (DALCIN, 2013, p. 139).

Por estes motivos, podemos considerar que, para além das questões envolvendo o custo da produção, os reduzidos formatos e quantidade de páginas das obras da década de 70 e 80 podem indicar também uma concepção de livro infantil – que não necessariamente da autora, mas dos editores – como objeto que deve ser de fácil acesso, de leitura rápida, de modo que não exija grandes esforços do leitor. Este leitor, por sua vez, é pressuposto como um leitor não familiarizado a textos longos ou que está no início do seu processo de leitura e se desinteressaria por uma obra volumosa.

Esta estratégia, aliás, reflete uma opção bastante comum por parte dos produtores de livros infantis, já apontada por outros pesquisadores (SERRA, 1998; CAVALCANTI, 2001) e representa uma crença de que a criança aprecia as obras com textos curtos e poucas páginas.

Chartier (1990) aponta ainda outro motivo para a opção dos editores pelos livros de formatos pequenos: enquanto os livros grandes e pesados sugerem um uso voltado para o estudo, e representam em geral, obras de consulta, para serem lidas em bancadas e mesas de estudo, os livros médios e pequenos são facilmente manuseáveis e transportáveis, sugerindo um uso mais constante e acessível. No caso das obras infantis, estes formatos podem sugerir um produto disponível para o manuseio da criança.

Dalcin (2013) também aponta outros propósitos para a escolha dos formatos: enquanto os “livros pequenos são melhores para mãos também pequenas; livros grandes atraem mais o leitor e são mais fáceis de segurar e manusear.” (p. 138).

Nesse caso, a opção recente por livros em grandes formatos pode demonstrar não apenas um investimento maior na produção das obras, mas também uma preferência por apresentações que se distanciem das características comuns dos livros de literatura infantil, apresentando a obra da autora como distinta das demais.

Tal constatação nos permite uma aproximação de outros conceitos trabalhados por Chartier (1990) que são os conceitos de “*disciplina e invenção*” e “*distinção e divulgação*”. Para este autor, toda produção cultural emprega formas impostas “pela tradição, pela autoridade ou pelo mercado” e está submetida “às vigilâncias e às censuras de quem tem poder sobre as palavras ou os gestos” (p. 137). Ou seja, toda produção - literária no caso do nosso estudo - precisa adequar-se, *disciplinar-se*, às regras e aos modelos impostos culturalmente para aquele produto, a fim de ser aceita. Por outro lado, à medida que estes produtos vão se tornando mais acessíveis, mais *divulgados*, criam-se mecanismos de *distinção* para diferenciar tais produtos e reforçar sua distância dos demais, para “manifestar as diferenças socialmente hierarquizadas” (p. 138).

Em outras palavras, quando o objeto livro passa a ser um produto menos raro e mais comum, criam-se novas estratégias no polo de produção para diferenciá-lo: se por um lado existe hoje uma infinidade de livros infantis para os mais variados gostos e bolsos, que competem no mercado editorial pelo consumidor comum, há aqueles que se distanciam deles por serem livros ‘mais caros’, de ‘melhor qualidade’, ‘mais literários’, pensados para um público ‘exigente’ que lê determinada literatura e não outra.

A obra mais recente de Ruth Rocha, nesse sentido, pode ser vista como uma obra que se pretende diferenciada por tais padrões de legitimação e identidade, que lhe conferem uma marca de distinção das demais produções para criança.

3.2. Papéis e cores para atrair a atenção

Se os formatos e tamanhos dos livros são pensados pelos produtores com o objetivo de atrair determinado público leitor e marcar – ou não – sua distinção em relação à produção editorial em circulação no mercado, o mesmo se pode dizer a respeito dos papéis utilizados e das cores que constituem os livros.

Novamente, inscreve-se na obra uma sutileza editorial que abarca os departamentos de *design* e produção gráfica, isto é, um editor que, junto ao produtor gráfico, discute o trabalho de ilustração, a escolha de papéis, cores e impressão, tendo em vista a qualidade do produto que se pretende produzir. (...) Constitutivo da materialidade do objeto livro, o olhar refinado para a escolha do papel que receberá a impressão da obra é determinante para seu conjunto. (DALCIN, 2013, p. 129-130).

Observamos em nossa análise que a qualidade do papel e das encadernações utilizadas também sofreram alterações importantes no decorrer destas quatro décadas. Se, nos primeiros anos, eram comuns as obras produzidas em papel poroso e sem brilho, a quase totalidade das obras mais recentes é produzida em papel couché⁸⁷, o que garante a qualidade e vivacidade das cores utilizadas nas ilustrações.

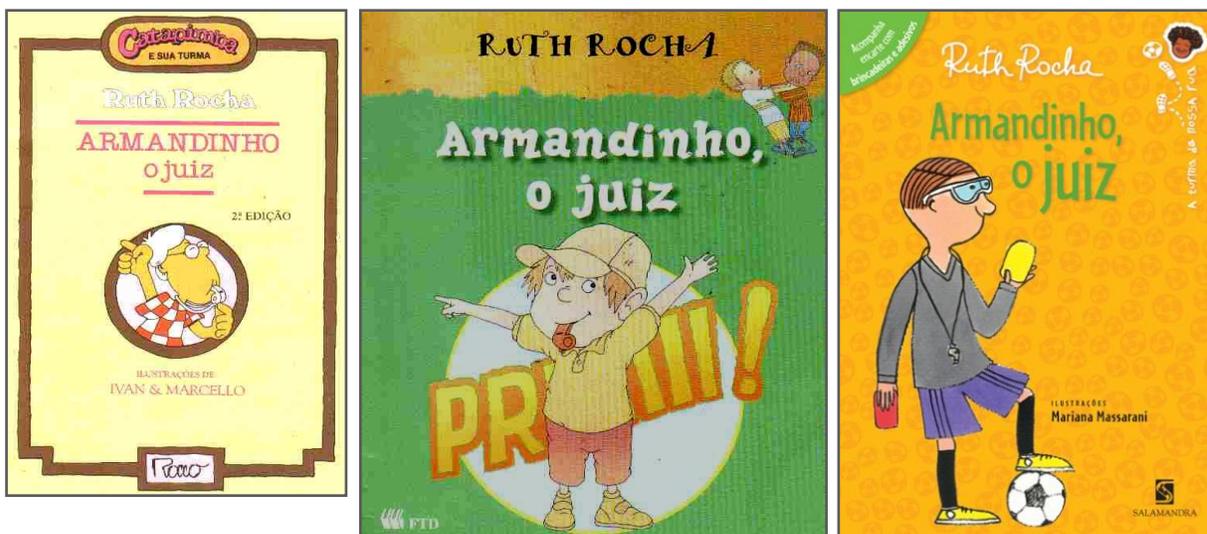
As obras têm recebido encadernações de altíssima qualidade, muitas delas com capa dura, e as demais - principalmente das edições relançadas pela Salamandra atualmente - contam com uma película plástica, que destaca a ilustração e o título do livro, além de apresentar o nome da autora em alto relevo.

Esse cuidado com a capa e, conseqüentemente, com a apresentação das obras reflete a preocupação com a imagem do livro como um produto durável, de qualidade, indicando uma concepção de um produto que deve ser resistente ao manuseio do leitor criança, possivelmente imaginado como um leitor não cuidadoso ou que não domina as habilidades necessárias para folhear um livro sem danificá-lo. Nesta perspectiva, tais livros são concebidos

Não como objetos descartáveis, de consumo rápido, nem como livros corroídos pelo tempo ou pela exploração de “mãos iniciantes”. (...), neste sentido, destaca-se o livro de capa dura, para transpor gerações: livro “guardável”, que entra “na onda” de um mundo que começa a propagandear a sustentabilidade – de crianças, portanto, que estão na dianteira de seu tempo: na contracorrente de uma cultura imediatista, ele pode ser sinônimo de economia e durabilidade. Enquanto alguns não resistem à primeira leitura, um volume de capa dura pode ser reaproveitado, muitos anos depois, pelo irmão mais novo ou por vários colegas da biblioteca. (TOZZI, 2011, p. 159).

⁸⁷ “O **papel couché** é um tipo de papel especial, próprio para uso na indústria gráfica. Consiste basicamente de um papel base (offset), que recebe uma camada de revestimento: carbonato de cálcio, caulim, látex e outros aditivos, com a finalidade de tornar a sua superfície muito lisa, uniforme. Conseqüentemente é o papel de melhor qualidade de impressão. É muito usado na impressão de folhetos, revistas, cartazes, livros de arte e outros impressos que exijam boa reprodução de retículas e traços. Quando o revestimento é aplicado em apenas um lado é chamado de Couché L1. Se o revestimento é aplicado em ambos os lados chama-se de Couché L2. O primeiro tipo é empregado em rótulos e embalagens, já o segundo é indicado para imprimir nos dois lados (livros, folhetos, etc...). Couché (camada, em francês).” Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Papel_couché, acesso em 05 de Novembro de 2012.

As imagens a seguir demonstram as transformações operadas entre três edições de uma mesma obra:



Editora: Rocco
 Ilustrador: Ivan e Marcello
 1ª Edição: 1984
 Formato: 23x16 cm
 Páginas: 24

Editora: FTD
 Ilustrador: Walter Ono
 1ª Edição: 2005
 Formato: 24x21 cm
 Páginas: 32

Editora: Salamandra
 Ilustrador: Mariana Massarani
 1ª Edição: 2010
 Formato: 24x17 cm
 Páginas: 32⁸⁸

Figura 9: Edições da obra Armandinho, o juiz⁸⁹.

Podemos observar a partir das imagens destas capas, a diferença no colorido das ilustrações. Enquanto a primeira apresenta poucas cores (tons de amarelo e vermelho) e nuances opacas, pouco chamativas (que representam possivelmente uma redução no custo da produção) a segunda já apresenta maior variedade de cores (verde, amarelo, vermelho), provavelmente adquiridas pela mistura de cores primárias, o que garante um visual que poderia ser considerado mais “alegre” ou mesmo “infantil”.

A própria ilustração reforça esta ideia, uma vez que o personagem representado na primeira capa aparece como alguém mais sério (de óculos e sem sorrir), enquanto o personagem da segunda capa, além de sorridente e expressivo (com os braços levantados), se aproxima mais

⁸⁸ Proporções entre as obras aproximadas.

⁸⁹ Acervo pessoal.

de uma imagem de “criança”, tanto pelos traços como pelas roupas que veste (boné, shorts, por exemplo).

A última edição, por sua vez, apresenta um colorido ainda maior, com efeitos inclusive no fundo – bolas de futebol desenhadas em tom mais escuro - resultando em um visual mais elaborado e sofisticado.

Estas escolhas editoriais também se relacionam a custos, condições de produção e qualidade da obra. De acordo com Moraes, em entrevista concedida a Dalcin (2013), há várias possibilidades de escolha das cores que irão compor uma obra, definidas a partir do custo e do resultado final que se espera do produto.

A impressão do livro se faz através de um sistema em que

... todas as cores [...] são formadas por quatro cores: o azul, o amarelo, o vermelho e o preto. Essas quatro cores impressas vão dar todas as cores [...] feita de pontinhos. Isso é quadricromia: com quatro cores fazem qualquer cor. São quatro cores que vão na máquina, mas são sempre as mesmas cores, o mesmo azul, o mesmo vermelho [...]. Quando tem uma cor muito específica que você quer, você pede que coloque a tinta específica na máquina, [...] aí chama cor especial. [...] Pode ter o livro impresso em três cores e em quatro cores que não seja quadricromia. O custo é diferente. Um livro até duas cores é mais barato do que fazer quadricromia, mesmo a cor sendo especial. Agora, se são três cores, ou o preço é o mesmo ou é até mais caro. Livro de três cores fica mais caro que quadricromia. Livro com três cores não vale a pena em matéria de custo, vale a pena para o produto. (MORAES, entrevista, 2010, *apud* DALCIN, 2013, p. 137).

Os papéis utilizados nestas obras também passaram por representativas transformações. Embora nenhum dos exemplares consultados traga especificações sobre o tipo de papel e impressão utilizados, as diferenças entre as obras são bastante evidentes. Enquanto a edição de 1984 apresenta um papel poroso, sem brilho, que reforça o tom ‘apagado’ das ilustrações, a edição de 2005 é produzida em um papel liso, que garante o brilho das cores. A última edição (2010) por sua vez, além da qualidade do papel, foi produzida utilizando-se recursos de relevo e plastificação: o nome da autora aparece em alto relevo e o personagem da capa recebeu uma espécie de verniz que ressalta o brilho da imagem.

Além disso, a encadernação desta edição mais recente, ao invés de simplesmente ser grampeada – como as demais – recebeu colagem das páginas que são envoltas por uma capa com papel mais resistente, resultando numa aparência mais moderna e sofisticada.

Através de uma consulta *online*, verificamos que a encadernação presente nas duas primeiras edições, na qual as folhas são *grampeadas*, denomina-se encadernação *canoas* e é utilizada geralmente em revistas e panfletos, sendo um tipo de encadernação mais simples e barato. Já a encadernação que utiliza colagem, presente na edição da Salamandra, é chamada de *termoencadernação* e “refere-se aos processos de encadernação que utilizam algum tipo de cola ativada termicamente, sem necessidade de perfurar os materiais ao encadernar” o que garante um melhor acabamento⁹⁰.

Tais escolhas quanto ao suporte parecem refletir a intenção de atrair um público não mais preocupado com o custo da obra – como no caso das publicações compactas e através de coletâneas – mas um leitor que, reconhecendo o nome de uma autora já prestigiada, exige um produto bem apresentável, atraente, de qualidade.

Como se pode ver, todas estas escolhas referentes à *passagem do texto a objeto impresso* (CHARTIER, 1990, p. 133) são pensadas pelos produtores do livro considerando-se diversos fatores, com o objetivo de se equacionar custo e qualidade viáveis para a obra em cada época e contexto, objetivando, em última instância, atrair o interesse de determinado público leitor.

3.3. Livros para brincar

Outro aspecto bastante evidente na produção de Ruth Rocha é o fato das produções mais recentes apresentarem propostas que vão além das práticas de leitura ‘convencionais’. Muitos dos livros produzidos ou reeditados na última década oferecem ao leitor possibilidades de realizar atividades e brincadeiras a partir do livro, apresentando uma literatura infantil cujo texto se complementa através de adereços e acessórios e nos quais o suporte passa a ser muitas vezes mais importante que a própria história.

As primeiras obras que encontramos com esta função expressa de divertir e de possibilitar maior interação da criança foram publicadas em 1994: “Minha Turma - Álbum”, “Entreviste seus Amigos” e “Entreviste seus Ídolos”, todas pela FTD. Os três livros, com formatos e propostas semelhantes, convidam a criança a entrevistar pessoas e registrar no livro as respostas: “Este álbum vai servir para que você colecionue entrevistas que você mesmo vai fazer...” (ROCHA,

⁹⁰ Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Encadernação>, acesso em 24 de Março de 2013.

1994a, quarta capa)⁹¹; “Este livro vai dar a você uma ótima oportunidade de ter uma ótima lembrança de seus amigos” (ROCHA, 1994b, quarta capa)⁹².

Com cerca de sessenta e quatro páginas cada uma e formato de 21x14 cm, estas obras, em vez de trazerem textos, apresentam em cada página questões pessoais com linhas em branco a serem preenchidas pelo leitor e imitam os “cadernos de perguntas”, muito comuns entre as crianças em idade escolar, no qual há várias questões propostas, uma em cada página, com espaços em branco para que todos os colegas preencham com respostas pessoais. Estas obras parecem ter sido pensadas de modo a possibilitar à criança ou mesmo ao adulto a lembrança desta brincadeira – comum no contexto escolar - criando expectativas e incentivando o consumo da obra.

Conforme nos aponta Chartier (1990):

... as identificações explícitas, que designam e classificam os textos, [criam]... em relação a eles expectativas de leitura, antecipações de compreensão. O mesmo sucede com a indicação do gênero, que aproxima o texto a ler de outros, já lidos, e que aponta ao leitor qual o pré-saber onde inscrevê-lo. É igualmente o caso de indicadores puramente formais ou materiais: por exemplo, o formato e a imagem (p. 132).

A designação do livro como “álbum”, bem como seu formato, vertical como nos cadernos escolares seria, nesse caso, uma forma de remeter o leitor à brincadeira por ele já conhecida e favorecer sua receptividade à obra.

Outra característica que reforça a pretendida diferença entre estas obras e as obras ‘literárias’ da escritora está no fato de que tais publicações não se auto nomeiam como “literatura infantil” como as demais obras da autora. Nos exemplares que consultamos não há sequer ficha catalográfica mas apenas o logotipo da editora. A definição do gênero destas publicações fica portanto, relacionada ao título e às informações da quarta capa, que as denominam como “álbum”.

As práticas de leitura propostas nestas obras também se distanciam das demais publicações da autora. Enquanto nestas últimas, os paratextos indicam práticas relacionadas a “ouvir”, “ler”, com ênfase na linguagem “simples” ou “envolvente” e nas histórias “interessantes” ou “divertidas”, nestes álbuns as práticas de *leitura* aparecem relacionadas a

⁹¹ ROCHA, Ruth. **Entreviste seus Ídolos**. São Paulo, SP: FTD, 1994a.

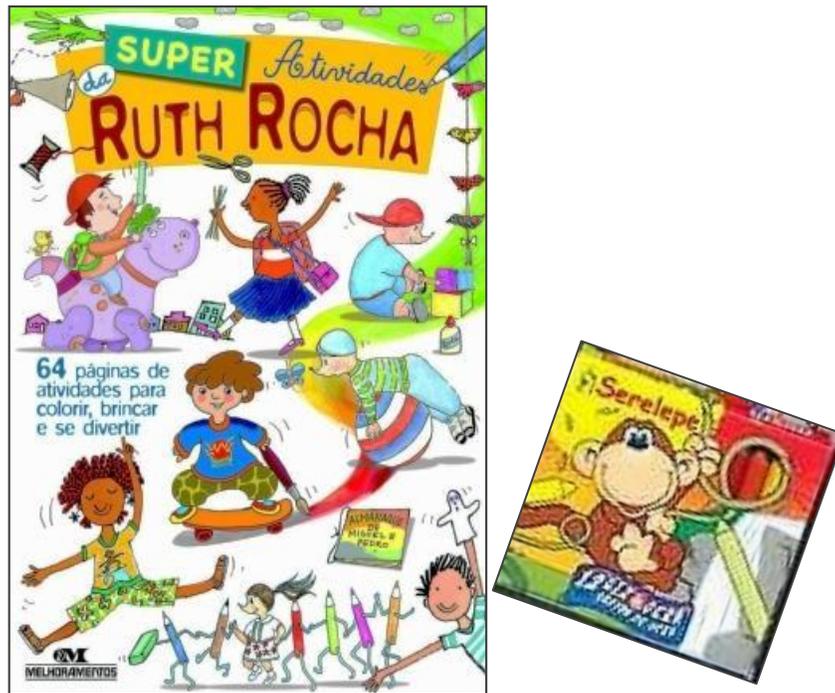
⁹² _____. **Entreviste seus Amigos**. São Paulo, SP: FTD, 1994b.

outras ações, principalmente à *escrita*, ocupando inclusive um espaço marginal em relação a esta, como se pode conferir na introdução da obra “Entreviste seus ídolos”:

... antes de começar suas entrevistas, prepare-se. Leia as perguntas todas para não se perder e nem perguntar o que você já sabe. No fim da entrevista, há um espaço para você escrever suas próprias perguntas. (...) Deixamos um espaço para que você descreva suas impressões da entrevista. (ROCHA, 1994a, p. 3)

Ressalta-se ainda que tal proposta não foca a leitura apenas como fruição. Nestas publicações, a leitura está relacionada a *preparar-se* (para as entrevistas) e a *lembrar* (das próprias perguntas), ou seja, as práticas de leitura aqui propostas tem significado pelas ações que possibilitam e não na leitura em si mesma.

Outras obras que se aproximam deste modelo são as relacionadas a atividades e passatempos, como o livro “Almanaque Ruth Rocha” (2004) e “Super Atividades da Ruth Rocha” (2007). O primeiro, que recebeu o prêmio FNLIJ 2005 como Melhor Livro Informativo, e já está em sua segunda edição, traz diversas histórias da autora, além de atividades e curiosidades. O segundo, com sessenta e quatro páginas contendo exclusivamente brincadeiras e passatempos criados ou adaptados pela autora e relacionados aos personagens e assuntos de seus livros, destaca-se principalmente pelo acompanhamento de uma caixa de giz de cera, inclusa dentro da embalagem do livro, conforme mostra a imagem a seguir:



Editora: Melhoramentos
Ilustrador: Alberto Llinares et al.
1ª Edição: 2007
Formato: 27,5 x 20,5 cm

Figura 10: Capa da Obra Super Atividades da Ruth Rocha⁹³.

Observa-se que esta publicação fica a meio caminho das revistas de passatempos - pelas características de seu *conteúdo* - e dos livros infantis, por se tratar de um produto que em sua materialidade assemelha-se a um livro: o papel poroso, a capa de papel mais resistente, a encadernação feita através de colagem e não grampeada, a presença da ficha catalográfica, além de seu meio de circulação vincular-se às livrarias e não às bancas de revistas e o fato de pertencer à produção de uma autora reconhecida como escritora de literatura infantil.

Trata-se portanto de um produto que extrapola o campo da literatura e visa atrair o seu leitor também através de apelos relacionados ao mercado do entretenimento infantil, associado à diversão, brincadeiras, interação.

⁹³ Acervo pessoal.

Com proposta semelhante, há também a “Coleção Pulo do Gato”, composta por quatro livros entre histórias inéditas: “O Jacaré Preguiçoso” (2005), “O Macaco Bombeiro” (2006), “O Passarinho que não queria ser Cantor” (2009), e uma história relançada: “Vivinha, a Baleiazinha” (2007) e em cujas capas se pode ler: “*acompanha encarte com divertidas brincadeiras*”. E ainda o relançamento da série “A turma da Nossa Rua”, composta por sete livros⁹⁴ reeditados a partir de 2010 pela Salamandra que, além do encarte com brincadeiras, incluem *adesivos autocolantes*, informação também expressa com destaque nas capas.

Nenhuma destas propostas, porém, se compara à coleção Comecinho (volumes 1 e 2), publicada inicialmente pela Callis (1999), em seguida pela Melhoramentos (2006) e que atualmente conta com edições produzidas pela Melbooks (2007 e 2009).

Primeiramente lançada em quatro pequenos livros por coleção, o destaque destas obras está longe de ser as histórias que as constituem - bastante simples e curtas – mas está no suporte que as abriga a partir da segunda edição, formado por duas coletâneas de capa dura, contendo quatro histórias cada uma, acompanhadas por acessórios como: um CD com as histórias narradas pela autora, fantoches emborrachados representando os personagens das histórias (os netos da autora, Miguel e Pedro, desenhados pelo seu esposo, Eduardo Rocha) além de um cenário em papelão para montar, tudo acondicionado em uma grande caixa colorida, com medidas de 32x40x5 cm:

⁹⁴ “No tempo em que a televisão mandava no Carlinhos”, “A árvore do Beto”, “Como se fosse dinheiro”, “A decisão do campeonato”, “A máquina maluca”, “Armandinho, o juiz” e “O piquenique do Catapimba”.

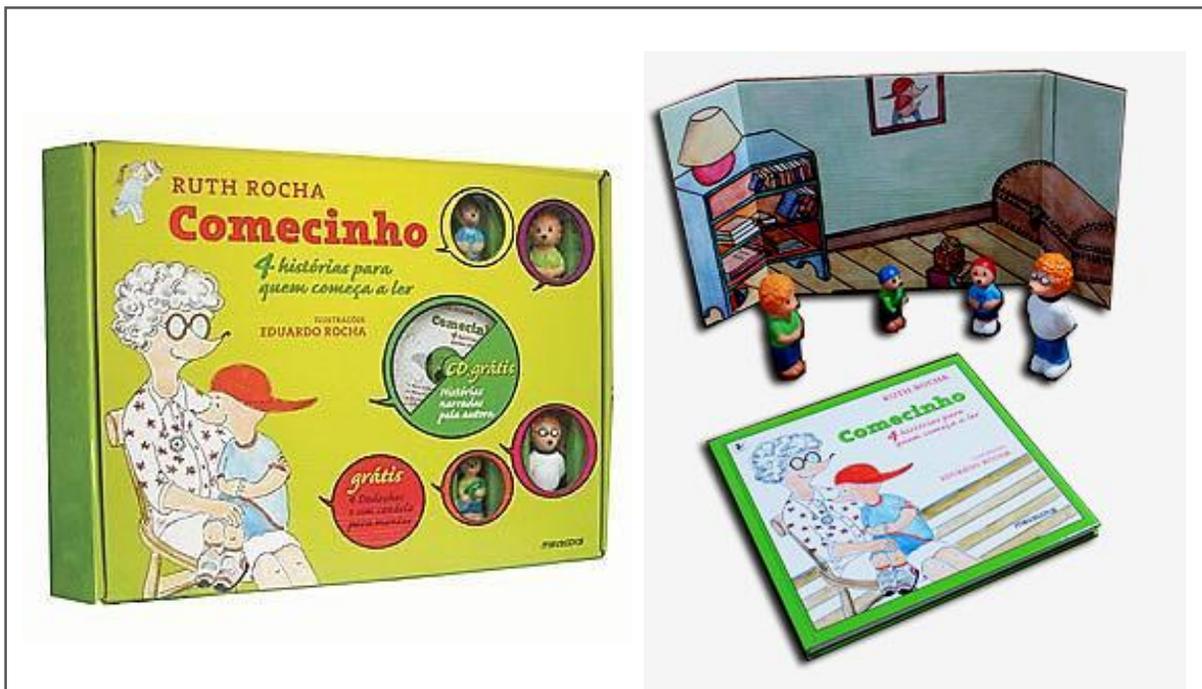


Figura 11: Caixa e conteúdo da Coleção Comecinho Volume 1⁹⁵.

Esta produção demonstra – além de uma maneira de conceber a literatura para crianças – o poder de atuação das editoras, que possibilita a fabricação de um produto que envolve não apenas os equipamentos e profissionais necessários para a produção do livro mas também (de modo terceirizado talvez) de brinquedos de plástico, a gravação de Cd de áudio e todo o aparato que compõe estas obras. Demonstra ainda, mais uma vez, a importância do nome da autora, que incentiva o investimento destas empresas em produtos disponíveis para um mercado que vai além dos livros.

No geral, todas estas obras *para brincar* evidenciam uma preocupação das editoras em acrescentar ao objeto livro acessórios e possibilidades de interação que possam atrair a criança para sua leitura e consumo, como se o livro e a leitura em si não fossem suficientes para conquistar seu interesse.

⁹⁵ Acervo pessoal.

A idéia que parece guiar os editores, escritores e demais responsáveis pela maquinaria do pólo da produção é que a história contada e o mergulho no mundo abstrato do imaginário não são suficientes para essa criança moderna; ela necessitaria da materialidade de um suporte atraente, com cores vivas, muitas imagens e, de preferência, oportunidades que lhe permitam uma participação ativa, ou interativa, na leitura da obra. (MAZIERO, 2006b, p. 99).

Conseqüentemente, o leitor representado nestas obras é um leitor-criança que cria, experimenta e interage com o livro, que quer se divertir e se entreter, porém, que possivelmente não se envolveria na leitura de um texto longo ou não se interessaria por uma proposta de leitura silenciosa apenas. Tais estratégias demonstram uma tentativa de envolver um leitor que deseja atuar sobre o livro, rabiscar, desenhar, escrever nele, e propõem práticas de leitura “adaptadas” a essa criança “moderna”, acostumada à interação com o computador e a internet, por exemplo.

O conceito de livro infantil apresentado nestas obras, por sua vez, não é mais daquele para ser lido silenciosamente ou para ser escutado através da leitura de um adulto, mas um objeto que permite e até exige a realização de outras atividades.

Tal concepção permeia não só as publicações atuais de Ruth Rocha mas reflete uma tendência geral na produção recente de literatura infantil, indicando a necessidade deste produto de conquistar e manter seu espaço em um mercado cada vez mais competitivo e especializado que é o de produtos infantis.

3.4. São tantas! As coleções

Se há algo em comum entre as múltiplas edições e projetos gráficos que as obras de Ruth Rocha apresentaram nestes quarenta anos é a presença marcante das coleções como forma de organizar e de relançar constantemente essa produção no mercado.

Das *cento e oitenta e quatro* obras que formam o nosso *corpus* de análise (em sua quase totalidade referente à primeira edição das obras), um total de *cento e dezoito* estão incluídas em alguma coleção, geralmente composta exclusivamente por obras da autora. Além disso, a totalidade das obras relançadas pela Salamandra, como já mencionamos, foi organizada recentemente em coleções temáticas, que apresentam projetos gráficos e formatos de acordo com o conjunto em que a obra se insere.

Estas coleções permitiram, ao longo destas quatro décadas, a atualização constante das obras, apresentando ao público sob versões renovadas os mesmos textos por cerca de três ou quatro vezes cada um⁹⁶. Elas nos parecem, portanto, uma *fórmula editorial* bem sucedida de manutenção das obras no mercado e que merecem por isso, uma análise mais atenta⁹⁷.

Entre as *trinta e duas* coleções que localizamos⁹⁸ a que mais se destaca, tanto pelo número de obras como pelo número de edições e o tempo em que ficou disponível no mercado foi a coleção Sambalelê, da Editora Ática.

Tendo lançado o primeiro título em 1992, esta coleção se manteve no mercado durante toda a década de 90 e os anos 2000, com o relançamento de *dezesete* obras e reimpressões que chegaram até o ano de 2008, ano anterior à aquisição dos direitos de publicação da obra pela Salamandra. Alguns títulos, como “Romeu e Julieta” e “A escolinha do mar”, chegaram à 15ª reimpressão, representando um grande sucesso editorial.

Algumas características desta coleção certamente favoreceram sua permanência no mercado, bem como contribuíram para a divulgação da obra da autora, o que demonstra que seus editores foram hábeis nas escolhas e modificações que operaram nas obras a fim de conquistar seu público leitor.

O primeiro aspecto a ser destacado refere-se à *seleção dos títulos* para compor a coleção. Embora não nos seja possível conhecer as negociações e processos envolvidos na aquisição dos direitos autorais pela Editora Ática no período de lançamento desta coleção, podemos supor que, entre as *noventa e seis* histórias de Ruth Rocha já publicadas por outras editoras no ano de 1992 (ano de lançamento do primeiro título da coleção), as *dezesete* que compõem a série representam para seus organizadores um perfil temático, uma unidade que permitiu agrupá-las.

Esta hipótese apoia-se tanto no fato de que a editora lançou nesse mesmo período outros títulos da autora que não foram incluídos na coleção Sambalelê⁹⁹, bem como na constatação de que esta foi a primeira vez que esta editora lançou títulos de Ruth Rocha, tendo selecionado entre muitas possibilidades de escolha os títulos à sua disposição para esta coleção.

⁹⁶ O anexo 4 (p. 161) permite conferir o número de projetos editoriais encontrados de cada obra.

⁹⁷ O termo *fórmula editorial* foi emprestado por nós do estudo de Melo (2004) utilizado pela pesquisadora em referência ao termo *paradidáticos* criado pelas editoras brasileiras.

⁹⁸ O anexo 11 (p. 176) traz uma lista com todas as coleções encontradas nas primeiras edições das obras.

⁹⁹ Conferir no anexo 6 (p. 171) o número de obras lançadas por esta e outras editoras em cada período.

Quanto ao seu *aspecto gráfico*, a comparação das obras com edições anteriores também nos permitiu encontrar indícios de modificações operadas no sentido de garantir a unidade visual da coleção: todas têm o formato de 22x19 cm, capas coloridas e com o mesmo projeto gráfico, possuem entre 24 e 40 páginas, são compostas por muitas ilustrações e possuem disposição e tamanho do texto semelhantes¹⁰⁰.

Essa constatação é importante porque consideramos que a “organização tipográfica traduz, claramente, uma intenção editorial” e que as modificações operadas na reedição das obras “traduzem, de fato, a maneira como os impressores concebem as capacidades” e interesses de “seus potenciais leitores” (CHARTIER, 2001a, p. 99 e 104).

A primeira intervenção operada para garantir a unidade visual da coleção refere-se ao projeto gráfico proposto às *capas* das obras. Tendo sido ilustrada por diversos profissionais reconhecidos pelo público de literatura infantil (como Cláudio Martins, Eva Furnari, Mariana Massarani e Walter Ono), a coleção apresenta uma forma padronizada que garante a identidade de cada título com o conjunto:



Figura 12: Capas das obras Mil Pássaros pelos Céus e Faz muito Tempo¹⁰¹.

Sempre com muitas ilustrações, desenhos delicados, fundo claro e contorno colorido, estas capas remetem ao universo infantil, e parecem ter sido concebidas para atrair a atenção do

¹⁰⁰ Conferir características que destacamos desta coleção no anexo 12 (p. 177).

¹⁰¹ Acervo pessoal.

leitor criança. Além disso, destacam principalmente o título da obra e o nome da autora, possivelmente com a intenção de promover um imediato reconhecimento do leitor para com a história ou do nome da própria autora, nesta época já bastante conhecida.

Tais características se reforçam com as informações veiculadas pela quarta capa, que também centram a chamada ao leitor no nome da autora e se dirigem especificamente ao leitor criança, convencendo-o e desafiando-o, como se pode conferir no paratexto:

Quem já conhece os livros de **Ruth Rocha** sabe que a sua simpatia transparece nos casos que ela inventa e no jeito como conta, sempre parecendo que está ali pertinho, falando direto com a gente. Quem não conhece, tem agora uma ótima chance de conhecer. Porque as histórias da **Coleção Sambalelé** foram todas criadas por ela. Com personagens interessantes, às vezes até meio parecidas com pessoas que a gente encontra por aí, elas são tão divertidas que você só vai conseguir fechar o livro porque a história acabou. Quer apostar? (ROCHA, 1992, quarta capa, grifos do autor)¹⁰².

A quarta capa traz também os títulos lançados e aqueles a serem publicados (no caso das edições mais antigas), além de uma breve biografia do ilustrador da obra e ainda a indicação da faixa etária adequada para leitura do livro:

Quem já conhece os livros de Ruth Rocha sabe que a sua simpatia transparece nos casos que ela inventa e no jeito como conta, sempre parecendo que está ali pertinho, falando direto com a gente. Quem não conhece, tem agora uma ótima chance de conhecer. Porque as histórias da Coleção Sambalelé foram todas criadas por ela. Com personagens interessantes, às vezes até meio parecidas com pessoas que a gente encontra por aí, elas são tão divertidas que você só vai conseguir fechar o livro porque a história acabou. Quer apostar?

Coleção SAMBALELÉ

Livros já publicados:
 Romeu e Julieta
 Espinho, o gênio
 O amigo do Rei
 A escolinha do mar
 O tremelinho do Micolete
 Faz muito tempo
 Borbo, o gato
 A arte de Noel

Manoel e Perco Pato
 Lá vem o Anjo Novo
 Uma história com mil mentes
 Os passaros pelos céus
 O coelhinho que não era de Páscoa
 A fantasia mágica dos bichos
 Nosso amigo Vurupês
 Um macaco pra frente
 Pudrinho Pouter

Walter Otto é professor e arquiteto, mas as crianças o conhecem mesmo como Ilustrador. Ele fez muitas histórias e bonitas para muitos livros, vários deles em parceria com Ruth Rocha. Walter nasceu em Poços de Caldas, MG, mas vive e trabalha na cidade de São Paulo.

FAIXA ETÁRIA SUGERIDA

LEITURA INDIVIDUAL:
 A PARTIR DE
 6 OU 7 ANOS

LEITURA COMPARTILHADA:
 A PARTIR DE
 3 ANOS

A SUGESTÃO DE FAIXA ETÁRIA SERVE APENAS COMO ORIENTAÇÃO: É IMPORTANTE CONSIDERAR O NÍVEL DE MATURIDADE E O GRAU DE DOMÍNIO DA LEITURA.

Figura 13: Quarta Capa da obra *O Coelho que não era de Páscoa*¹⁰³.

¹⁰² ROCHA, Ruth. **Eugênio, o Gênio**. São Paulo, SP: Ed. Ática, 1992.

¹⁰³ ROCHA, Ruth. **O Coelho que não era de Páscoa**. 8ª ed. São Paulo, SP: Ática, 2007. Acervo da Biblioteca da Secretaria Municipal de Educação de Santa Bárbara d'Oeste.

Se as ilustrações e a chamada da quarta capa parecem remeter ao leitor criança, estas outras informações expressam uma tentativa de aproximar-se do leitor adulto e principalmente, da escola. A indicação da idade adequada para leitura do livro revela uma preocupação editorial com um possível uso escolar da obra, orientando a adequação do texto para uma *leitura individual* e uma *leitura compartilhada*, o que demonstra o conhecimento e a apropriação de termos amplamente utilizados em cursos de formação pedagógica e entre os docentes para nomear modos de leitura comumente realizados em sala de aula.

O termo *leitura individual* equivale ao que no ambiente escolar costuma-se nomear de ‘leitura silenciosa’ e refere-se à leitura autônoma do aluno. Já o termo *leitura compartilhada* foi bastante divulgado na última década por programas de formação em serviço, como por exemplo, o PROFA – que já mencionamos. Neste programa de formação que atingiu grande parte da rede pública do estado de São Paulo, esta prática de leitura foi bastante enfatizada como forma de favorecer o contato dos alunos com os textos literários. Didaticamente, referia-se à leitura de textos literários de qualidade, realizada diariamente e sempre no início das aulas, pelo professor, para ser apreciada pelos alunos¹⁰⁴.

Apesar da ressalva quanto ao fato desta indicação tratar-se apenas de uma sugestão, logo em seguida, o vínculo com a escola é novamente reforçado através da ênfase na importância de se “considerar o nível de maturidade e o grau de domínio da leitura”, em outras palavras, o nível de desenvolvimento da criança.

Tal classificação revela ainda um vínculo com a escola na medida em que estabelece padrões de textos adequados para cada faixa etária ou supostas capacidades de leitura das crianças em determinada idade:

Juntos, editores e escola *construíram* um sistema classificatório de fases escolares relacionadas ao desenvolvimento do leitor, suas aptidões, gostos e necessidades pedagógicas. Assim, a atividade editorial preenche a demanda do mercado, por exemplo, ao elaborar seu catálogo com títulos direcionados a alunos de 5ª a 8ª séries ou ao contribuir, por meio de exercícios didáticos, para um trabalho de oralidade com alunos a partir da 1ª série... (DAUSTER, 2000, p. 7, grifo da autora).

¹⁰⁴ Mais recentemente, houve nas formações em serviço (como o Ler e Escrever) uma revisão no modo de se nomear esta prática, que passou a ser chamada de *leitura em voz alta pelo professor*.

A produção desta coleção revela, portanto, um trabalho editorial que pretende por um lado, reforçar a unidade do conjunto, incentivando o consumo da totalidade da coleção, e por outro lado, a persuadir seu leitor, seja o leitor criança – para quem o projeto gráfico foi pensado – seja o leitor adulto (por exemplo, o professor) interessado em contribuir com o desenvolvimento do “domínio da leitura” de seus alunos.

Um segundo tipo de intervenção que observamos na leitura das obras refere-se a *alterações impostas aos próprios textos* (em comparação com edições anteriores)¹⁰⁵. Tais intervenções visam, mais uma vez, “reforçar tudo aquilo que pode lhes ser próximo” (CHARTIER, 2001a, p. 103), promovendo a unidade no formato dos textos, e por outro lado, revelam também uma preocupação em atender às capacidades e interesses de seu possível leitor, um leitor pressuposto como alguém que aprecia textos curtos, com rimas, espalhados de maneira “arejada” pelas páginas.

Nesse sentido, uma das modificações mais constantes que verificamos refere-se à *diluição dos textos* nas páginas, operada em todas as obras da coleção, como se pode conferir nas imagens a seguir:

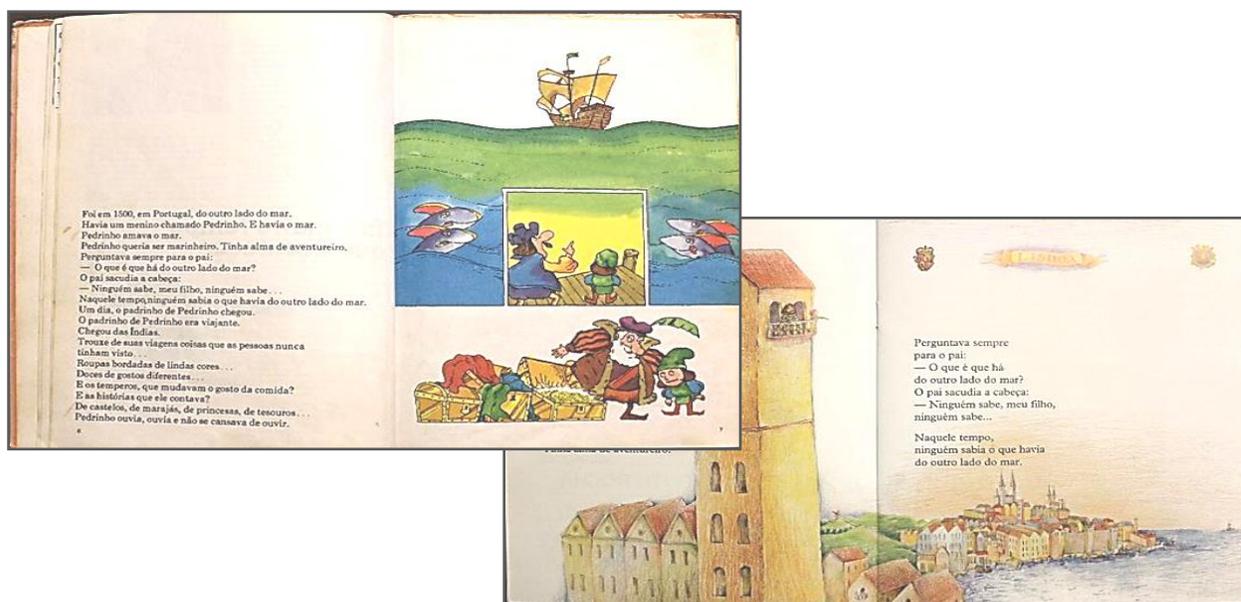


Figura 14: Páginas iniciais da obra *Faz Muito tempo*, nas edições de 1977 (Coleção Histórias de Recreio) e 1995 (Coleção Sambalelê)¹⁰⁶.

¹⁰⁵ Conferir no anexo 12 (p. 177) as modificações impostas às coleções.

¹⁰⁶ ROCHA, Ruth. **Faz muito Tempo**. São Paulo, SP: Abril Livros, 1977. Acervo da Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem – UNICAMP.

Esta modificação, primeiramente, reduz a quantidade de texto em cada página, permitindo mais espaço às ilustrações e aumentando o número total de páginas do livro¹⁰⁷. Além disso, tais alterações provocam a impressão de um texto mais curto e mais infantil, corroborando a indicação da faixa etária da quarta capa para crianças em início do processo de alfabetização.

em geral, os editores... reorganizam os textos que escolheram imprimir em função dos leitores que desejavam ou pensavam alcançar. A intervenção... visa, inicialmente, a remodelar a própria apresentação do texto... aumentando o número de parágrafos – o que torna menos carregada a distribuição do texto sobre a página. (...) Há nessa divisão, que escande o texto... como que uma inscrição no livro daquilo que os editores pensam ser sua leitura – uma leitura... que apenas decifra facilmente sequências breves e fechadas... (CHARTIER, idem, p. 103).

Em outros textos observamos também alterações com o objetivo de eliminar repetições de palavras ou palavras consideradas inadequadas ou desatualizadas. Como no caso do trecho a seguir, da história “Faz muito tempo”, que na primeira edição recebeu a seguinte redação:

Do outro lado do mar viviam pessoas.
Homens mulheres, meninos, meninas.
Todos *pardos*, enfeitados de penas, pintados de cores alegres.
Índios. *Lindos!* (ROCHA, 1977, p. 14, grifos nossos)¹⁰⁸.

E na edição da coleção Sambalelê foi alterada para:

Do outro lado do mar viviam pessoas.
Homens mulheres, meninos, meninas.
Todos *muito morenos*, enfeitados de penas, pintados de cores alegres:
Índios. (ROCHA, 1995, p. 22, grifos nossos)¹⁰⁹.

Tais alterações demonstram uma preocupação em eliminar do texto adjetivos ou caracterizações que possam ser consideradas inadequadas, principalmente no contexto escolar,

_____. **Faz muito Tempo**. São Paulo, SP: Ática, 1995. Acervo da Biblioteca da Secretaria Municipal de Educação de Santa Bárbara d'Oeste.

¹⁰⁷ Conforme já mencionamos, esta organização tipográfica não é gratuita e representa concepções sobre o tipo de organização adequada para um livro infantil.

¹⁰⁸ ROCHA, Ruth. **Faz Muito Tempo e Outras Histórias**. São Paulo, SP: Abril Livros, 1977.

¹⁰⁹ _____. **Faz Muito Tempo**. São Paulo, SP: Ática, 1995.

em que questões como “diversidade” e “pluralidade cultural” tornaram-se conteúdos obrigatórios após a publicação dos PCN’s.

Outra modificação bastante interessante demonstra uma preocupação em criar ou ampliar certo ritmo na leitura, através da organização dos textos em versos e até mesmo da inserção de rimas antes não existentes, através da substituição ou acréscimo de palavras.

Tais alterações podem ser observadas em trechos da obra “A Arca de Noé”, que na edição de 1977, foi escrita da seguinte maneira:

E veio tudo que foi bicho.
Girafa, com um pescoço do tamanho de um bonde...
E zebra, que parece cavalo de pijama...
E pavão, que parece um galo fantasiado pra baile de carnaval.
E paca, tatu e cutia também.
E passarinho de todo jeito.
Curió, bem-te-vi, papa-capim...
E inseto de todo tamanho.
Formiga, joaninha, louva-a-deus... (idem, 1977, p. 36)¹¹⁰.

E na edição de 1995 recebeu a seguinte redação:

E veio tudo que foi bicho.
Girafa, com um pescoço
do tamanho de um bonde...
Tinha tigre de bengala.
Papagaio que até fala.
E tinha onça-pitada.
Arara dando risada,
Que era ver uma vitrola!
E um casal de tatu-bola...
Bicho d’água, isso não tinha,
Nem tubarão, nem tainha,
Procurando por abrigo.
Nem peixe-boi nem baleia,
Nem arraia nem lampreia,
Que não corriam perigo... (idem, 1995, p. 5)¹¹¹.

¹¹⁰ ROCHA, Ruth. **Faz Muito Tempo e Outras Histórias**. São Paulo, SP: Abril Livros, 1977.

¹¹¹ _____. **Faz Muito Tempo**. São Paulo, SP: Ática, 1995.

Podemos observar que, além de frases mais curtas, que reforçam a imagem de um texto que se aproxima de um poema, há na edição mais recente o acréscimo de várias frases que rimam entre si.

Essas alterações nos dão indícios de uma produção adaptada para privilegiar a leitura em voz alta, ritmada e rimada, provavelmente pela suposição de que a criança aprecie a leitura de textos com estas características. Também reforçam a proposta de utilização das obras para a *leitura compartilhada*, especificamente realizada em voz alta e no contexto escolar, sugerindo mais uma vez um vínculo com a sala de aula.

3.5. Edições únicas ou múltiplas: o que nos dizem?

De todas as *cento e oitenta e quatro* obras que analisamos da autora, a maior parte contou com cerca de dois ou três projetos gráficos diferentes e o número de reedições constantemente alcançou mais de uma dezena¹¹². Encontramos apenas *quinze* títulos que não foram reeditados ou reimpressos no decorrer destes quarenta anos, fato que reafirma o sucesso editorial da escritora¹¹³.

A tabela a seguir mostra os poucos livros da autora que não passaram da primeira edição:

¹¹² Estamos considerando *reedições* ou *reimpressões* o número de vezes em que a obra foi relançada sob o mesmo projeto gráfico, considerando informações encontradas nas contracapas dos livros. Utilizamos os dois termos sem distinção, de acordo com o utilizado pela editora. Já o termo *edição* está sendo utilizado por nós para referir-se a cada novo projeto gráfico de uma obra, de acordo também com o que notamos ser usual por parte das editoras.

¹¹³ Entre as obras que contaram com apenas uma edição, excluimos aquelas que foram lançadas nos últimos cinco anos, por se tratarem de obras ainda disponíveis no mercado em versões atuais, que possivelmente terão reedições quando se esgotarem nas livrarias.

	LIVROS COM APENAS UMA EDIÇÃO	ANO	EDITORA
1	Por nome de Passaredo	1983	Nórdica
2	Cometa Halley, fascinante e belo	1985	Círculo do Livro
3	Histórias de antigamente	1986	José Olympio
4	O livro dos sentidos - comer	1988	Melhoramentos
5	O livro dos sentidos - ouvir	1988	Melhoramentos
6	O livro dos sentidos - pegar	1988	Melhoramentos
7	O livro dos sentidos - ver	1988	Melhoramentos
8	O livro dos sentidos - cheirar	1988	Melhoramentos
9	O que é, o que é? II	1992	Quinteto
10	Entreviste seus amigos	1994	FTD
11	Entreviste seus ídolos	1994	FTD
12	Minha turma - álbum	1994	FTD
13	O que é, o que é? III	1995	Quinteto
14	O menino que quase morreu afogado no lixo	1999	Quinteto
15	Rubens, o sementeiro	2004	Salamandra

Tabela 4: Obras de Ruth Rocha publicadas em edição única¹¹⁴.

Dentre estes quinze títulos, facilmente percebidos como exceções na totalidade da produção da autora, temos *dois* que foram renomeados e relançados sob outros títulos. O primeiro deles, “Por Nome de Passaredo” (1983), foi relançado pela Ática em 1996 com o nome de “Mil pássaros pelos céus”, na coleção Sambalelê (através da qual alcançou 3 reedições e 9 reimpressões até 2005). O segundo, “Histórias de Antigamente” (1986), foi relançado sob o título “Mulheres de Coragem”, pela FTD em 1991– com um total de 5 reimpressões e uma reedição em 2006 – e mais recentemente pela Salamandra (2011), sob o mesmo nome.

Encontramos também o título “Cometa Halley, Fascinante e Belo” (1985) que, tendo sido lançado numa edição especial pela Círculo do Livro no ano de passagem do cometa, refere-se a um tema datado, o que explicaria a ausência de edições subsequentes.

Já a obra “Rubens, o Sementeiro”, como se pode observar na tabela, foi lançada em 2004 pela Salamandra, editora cuja proposta é relançar toda a obra da autora, o que nos leva a crer que este título deve estar entre os que em breve serão reeditados pela editora.

Restam então apenas *onze* livros que parecem não ter conquistado o público, tendo permanecido no mercado por um curto período de tempo¹¹⁵.

¹¹⁴ Fonte: elaborado pela autora.

¹¹⁵ Embora em nossa análise não nos detenhamos nas características específicas destas obras, seria oportuno em outro momento estudar os possíveis motivos que fizeram com que estas obras não tenham despertado o interesse do público ou das editoras.

Como em nossa pesquisa nos propomos a analisar as modificações e permanências nos projetos gráficos da obra da autora, interessam-nos particularmente as obras que apresentaram múltiplas edições diferentes ou aquelas que, tendo sido reeditadas por diversas vezes, permaneceram com o mesmo projeto gráfico de seu lançamento.

Correspondente ao primeiro caso – de obras com múltiplas edições - encontramos um total de *vinte e três* títulos, que somaram quatro ou mais projetos gráficos diferentes¹¹⁶. Dentre estas, duas apresentaram *cinco* projetos diferentes (A Árvore do Beto, 1976 e O Rei que não Sabia de Nada, 1980) e uma apresentou *seis* projetos no decorrer dos últimos trinta anos em que permaneceu disponível no mercado. Trata-se da obra “Pra que Serve?”, publicada em 1986, e que desde então vem somando novas formas de apresentação ao público.

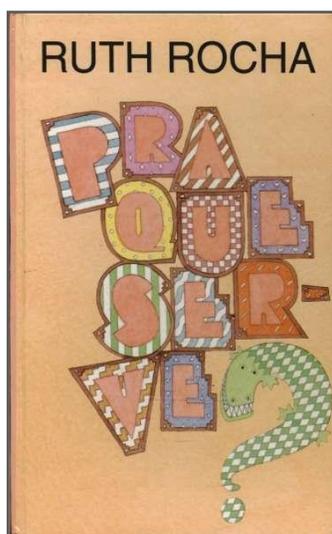
Esse representativo número de edições desta obra demonstra uma tentativa – bem sucedida, aliás - de manter atualizado um texto produzido na década de 80, período em que o Brasil acabava de sair da ditadura militar e no qual discussões sobre liberdade e feminismo, temas marcantes na obra, estavam em evidência.

As diferenças entre as capas das edições que localizamos evidenciam tais estratégias:

¹¹⁶ Conferir no anexo 13 (p. 178) as obras que tiveram quatro ou mais projetos gráficos diferentes em suas múltiplas reedições.



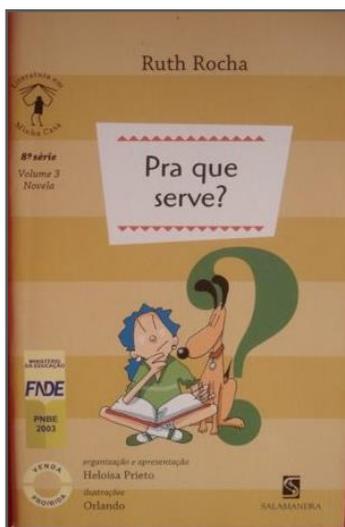
Editora: Nova Fronteira
 Ilustrador: Graça Lima
 1ª Edição: 1986
 Formato: 20x14 cm
 Páginas: 148



Editora: Círculo do Livro
 Ilustrador: s/d
 1ª Edição: s/d
 Formato: 21x13 cm
 Páginas: 130



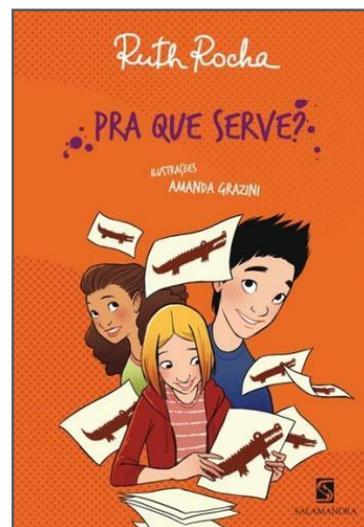
Editora: Salamandra
 Ilustrador: s/d
 1ª Edição: 1996
 Formato: s/d
 Páginas: 64



Editora: Salamandra - PNBE
 Ilustrador: Orlando
 1ª Edição: 2003
 Formato: 21x 13 cm
 Páginas: 64



Editora: Salamandra
 Ilustrador: Stéfany R. Macedo
 1ª Edição: 2005
 Formato: 21x14 cm
 Páginas: 88



Editora: Salamandra
 Ilustrador: Amanda Grazini
 1ª Edição: 2010
 Formato: 23x16 cm
 Páginas: 116

Figura 15: Capas da obra *Pra que Serve?*, em suas múltiplas edições¹¹⁷.

¹¹⁷ Fontes: Edição 1986: Acervo da Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem – Unicamp; Edição Círculo do Livro, 1996 e 2003: disponível em: <http://www.estantevirtual.com.br/Ruth-Rocha-Pra-Que-Serve>, acesso em 25 de Março de 2013; Edição 2005 e 2010: Acervo pessoal.

A primeira edição, produzida pela Nova Fronteira, traz em sua capa uma imagem que se aproxima de uma fotografia, e representa claramente uma adolescente, possivelmente uma referência à personagem principal do texto. Sua postura reflexiva – que se assemelha à das ilustrações de 1996 e de 2003, da Salamandra – remete ao tema da obra, que poderíamos definir como a busca de sentidos e explicações de uma adolescente diante dos acontecimentos de sua vida e do cotidiano que a cerca. Os questionamentos e desconfortos cercam a personagem durante toda a história, que se passa em um acampamento de férias no qual ela tenta responder a perguntas existenciais, como ‘para que serve a vida’ entre outras questões como o divórcio, a sexualidade e o papel da mulher.

Já a edição mais recente, também da Salamandra, opta pela representação de três adolescentes, fazendo também referência aos personagens da história, porém, com ênfase no grupo, talvez uma referência a uma característica bastante comum entre os jovens desta idade na atualidade, que é o fato de estarem constantemente em grupos.

Destaca-se também a atualização dos trajes dos personagens nas ilustrações. Enquanto as garotas da primeira e terceira edição apresentadas vestem, respectivamente, uma camisa – larga e de mangas compridas – e uma espécie de vestido, roupas formais e conservadoras para a atualidade, os personagens representados nas edições de 2003 e 2010 vestem camiseta e shorts, roupas mais condizentes com a postura “despojada” dos adolescentes atualmente.

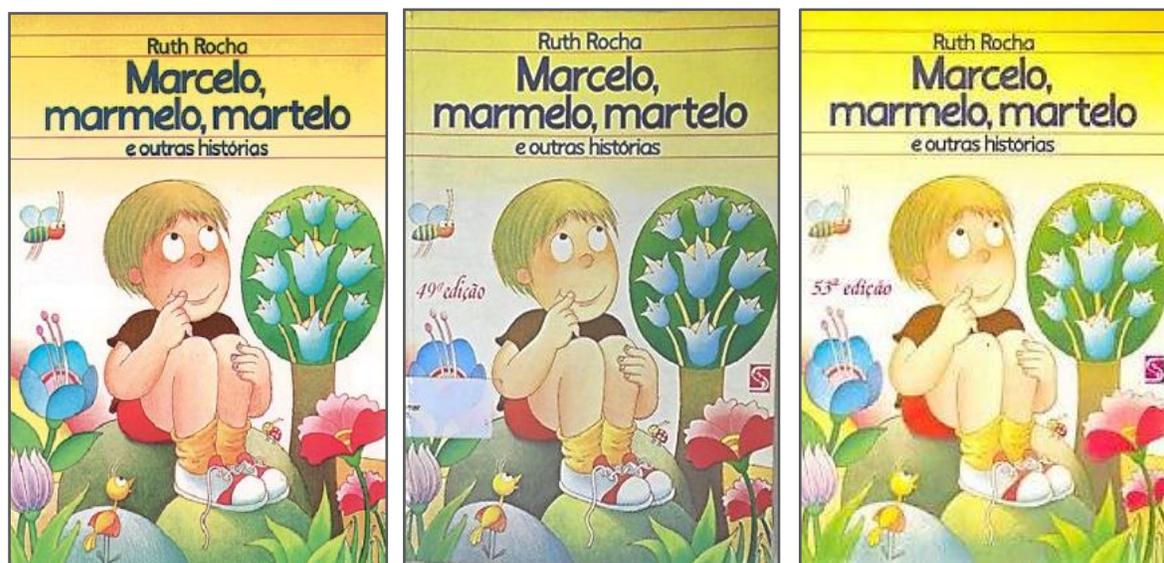
Observamos ainda que, em todas as capas, o nome da autora aparece em destaque - exceto na obra produzida pelo PNBE, com distribuição gratuita aos alunos das oitavas séries das escolas públicas – o que nos indica a importância da identificação da autoria como forma de valorização da obra (aspecto que trataremos mais detalhadamente adiante).

Todas estas alterações visam, como já dissemos, atualizar a obra, revestindo-lhe de uma aparência moderna, condizente com seu tempo de lançamento. Trata-se de uma obra que, embora mantenha a *tradição* de um título reconhecido pelo público, apresenta *distinções* que lhe permitem ser identificada como uma obra interessante para o leitor atual.

Já entre os títulos que apresentam numerosas reedições (ou reimpressões, como as denominam algumas editoras) com o mesmo projeto gráfico encontramos, por exemplo, a obra “O que os olhos não veem” (1981) que na sua segunda edição pela Salamandra alcançou *trinta e*

oito reimpressões e “Este admirável mundo louco”, de 1987 que, também pela Salamandra, teve um total de *trinta e duas* impressões em sua segunda edição¹¹⁸.

Este volume de reimpressões, no entanto, embora representativo, está longe de alcançar o número extraordinário de reedições da obra “Marcelo, Martelo, Marmelo”, a publicação mais conhecida da autora, lançada em 1976 e que, desde então, se manteve disponível no mercado com o mesmo projeto gráfico (até ser atualizado recentemente pela Salamandra). Esta obra – assim como outras da autora – alcançou rapidamente a marca de um milhão de exemplares vendidos (DANTAS, 2006) e hoje soma um total de *cinquenta e seis* reedições (com *setenta e nove* reimpressões), conforme informações registradas na contracapa de sua edição mais recente. O projeto gráfico desta obra, como se pode ver nas imagens abaixo, permaneceu o mesmo, desde 1976 até 2010:



Editora: Salamandra
1ª Edição: 1976
Formato: 23x16 cm
Páginas: 64

Editora: Salamandra
49ª Edição: s/d
Formato: 23x16 cm
Páginas: 64

Editora: Salamandra
53ª Edição: s/d
Formato: 23x16 cm
Páginas: 64

Figura 16: Capas da obra Marcelo, Marmelo, Martelo, em suas repetidas edições¹¹⁹.

¹¹⁸ O anexo 14 (p. 179) especifica os títulos que obtiveram múltiplas reedições ou reimpressões.

¹¹⁹ Fontes: 1ª Edição: Acervo da Biblioteca Monteiro Lobato; 49ª Edição: Acervo da Biblioteca do Instituto de estudos da Linguagem – Unicamp; 53ª Edição: disponível em: <http://www.estantevirtual.com.br/Ruth-Rocha-Marcelo-Marmelo-Martelo>, acesso em 25 de Março de 2013.

Se, por um lado, as constantes alterações nos projetos gráficos são sugestivas de intenções por parte dos editores, a permanência de um mesmo projeto por tanto tempo também demonstra concepções a respeito da obra e do leitor que se pretende conquistar. Neste caso, certamente motivados pelo enorme sucesso alcançado por esta obra (que contribuiu inclusive para tornar o nome da autora reconhecido) os editores da Salamandra optaram por manter a capa original, apenas registrando a edição em que se encontrava a obra – o que sugere sua qualidade e atesta seu sucesso para um leitor/comprador desavisado – e também o selo da editora – marca que legitima o poder de divulgação da empresa e seu conseqüente sucesso na venda da obra.

Além disso, a manutenção do mesmo projeto gráfico indica uma tentativa de preservar a “tradição” da obra, com o objetivo de legitimar seu reconhecimento perante o mercado, o público, a escola. Trata-se de uma opção por conservar durante um longo período de tempo a receptividade positiva que a mesma obteve em seu lançamento, mantendo seu formato *disciplinado* à sua configuração original.

No interior do livro, a única alteração que se pode constatar nas diferentes edições é o colorido das ilustrações de Adalberto Cornavaca, que ocorrem a partir da segunda edição, como se pode comparar a seguir:

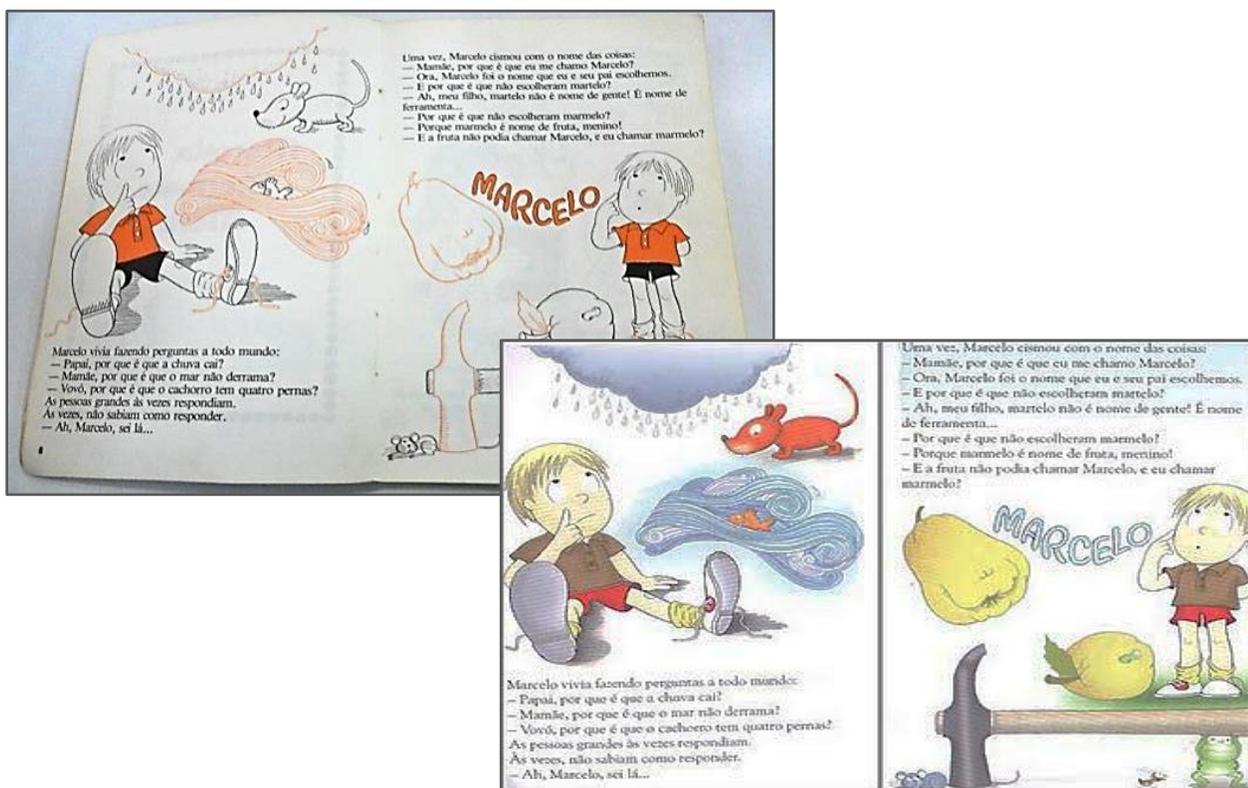


Figura 17: Páginas 8 e 9 da obra *Marcelo, Marmelo, Martelo* em sua 1ª e 2ª edição¹²⁰.

Enquanto os discretos acréscimos de informações da capa parecem focar o leitor adulto, tal estratégia possivelmente objetiva tornar o livro mais atraente ao seu pequeno leitor, talvez motivada pela suposição de que a criança não reconheça a obra e não saiba de seu sucesso, sendo necessário dessa forma torná-la mais atrativa através das cores. O leitor imaginado, neste caso, é um leitor que se deixa persuadir pelo colorido das ilustrações e não pelo texto ou pelo reconhecimento da qualidade da obra ou do nome da escritora.

Além disso, podemos supor que a questão do custo da obra possa ter motivado a primeira impressão em apenas duas cores: preto e vermelho e que, a partir da segunda edição, devido ao sucesso da publicação, a editora tenha optado pela sua impressão colorida (o que eleva o custo da produção).

¹²⁰ ROCHA, Ruth. *Marcelo Marmelo, Martelo*. São Paulo, SP: Salamandra, 1976. Acervo da Biblioteca Monteiro Lobato; _____. *Marcelo Marmelo, Martelo*. São Paulo, SP: Salamandra, 2ª ed., 1977. Acervo da Biblioteca Monteiro Lobato.

Já na edição de 2011, conforme a proposta da editora Salamandra de apresentar novos projetos gráficos para todas as obras, esta obra também passa por reformulações, alinhando-se ao objetivo de garantir a unidade da biblioteca da autora. A capa segue o mesmo padrão das demais obras da coleção, com muitas cores, relevos e detalhes com plastificações, além das ilustrações alegres e coloridas de Mariana Massarani:

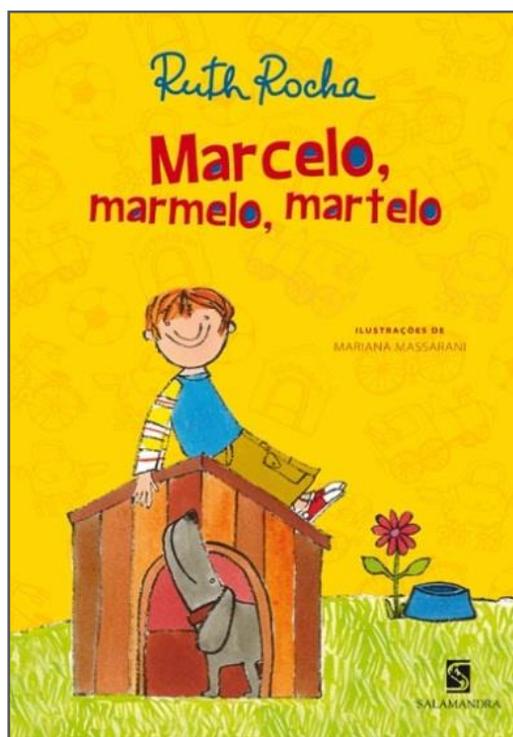


Figura 18: Capa da obra Marcelo, Marmelo, Martelo, edição de 2011¹²¹.

O texto, por outro lado, permanece intacto, bem como a diagramação e a organização das páginas: o livro continua com as mesmas medidas, o mesmo número de páginas e a mesma distribuição do texto, como é possível visualizar na imagem a seguir:

¹²¹ ROCHA, Ruth. **Marcelo, Marmelo, Martelo**. São Paulo, SP: Moderna, 2011. Acervo pessoal.



Figura 19: Páginas 8 e 9 da obra *Marcelo, Marmelo, Martelo*, edição 2011, em comparação com a 2ª edição¹²².

Além disso, a quarta capa traz um paratexto que remete o leitor ao sucesso da obra, bem como à identidade desta nova produção com o já conhecido texto de Ruth Rocha:

Quase *todo mundo já conhece o Marcelo*, o personagem mais querido de todos os que a escritora Ruth Rocha criou. Mas, agora, ele chega aos leitores de cara nova, com ilustrações de Mariana Massarani. O *mesmo personagem*, as *mesmas histórias* envolvendo uma família simpática e aquela turma de crianças parecidas com os amigos que você tem. Divirta-se na companhia de Marcelo, Gabriela, Caloca e outros tipos engraçados que só a Ruth é capaz de criar. (ROCHA, 2011, quarta capa, grifos nossos)¹²³.

¹²² ROCHA, Ruth. *Marcelo, Marmelo, Martelo e outras histórias*. São Paulo, SP: Moderna, 2011. Acervo pessoal.

¹²³ Idem.

Observamos nesse texto uma tentativa de aproximação desta nova produção com a obra anterior, de aceitação já consolidada. Uma tentativa também de assegurar entre os leitores de hoje a permanência da mesma receptividade que a obra encontrou nos leitores das décadas de 70, 80 e 90, embora estes não sejam os mesmos e carreguem experiências e leituras diferentes das vividas pelos leitores atuais.

Para conhecermos a eficiência destas estratégias, será preciso aguardar pelo resultado, que poderá ser medido pelo número de edições que esta nova versão do livro pode alcançar. Afinal, a despeito de todo esforço dos editores, como afirma Chartier (1990), “um livro muda pelo fato de que não muda enquanto o mundo muda” (BOURDIER, 1985, p. 217, *apud* CHARTIER, 1990, p. 131). Ou seja, quando um texto “estável na sua letra e fixo na sua forma” é objeto de *novas leituras* e realizadas por *novos leitores*, “muda seu modo de leitura”, muda a maneira como os leitores o apreciam e compreendem, em virtude das novas relações estabelecidas entre eles.

CAPÍTULO 4

PALAVRAS, MUITAS PALAVRAS¹²⁴: AS REPRESENTAÇÕES REVELADAS NOS ASPECTOS TEXTUAIS DAS OBRAS

Chega mais perto e contempla as palavras.
Cada uma tem mil faces secretas sob a face neutra e te pergunta,
sem interesse pela resposta,
pobre ou terrível, que lhe deres:
Trouxeste a chave?

Carlos Drummond de Andrade

Neste capítulo apresentaremos algumas características relacionadas aos aspectos textuais das obras buscando explicitar como as escolhas por temas e estilos de linguagem demonstram representações de uma literatura infantil idealizada e produzida pela autora. Destacaremos também modificações operadas nos textos durante estes quarenta anos na tentativa de atualizá-los e torna-los atraentes a leitores de novas gerações, com experiências e leituras diferentes daquelas dos leitores previstos na época de lançamento das obras.

4.1. As temáticas encontradas

Em busca de compreender de modo mais aprofundado os aspectos discursivos das obras, empreendemos a leitura de nosso *corpus* com o objetivo de propor categorias temáticas¹²⁵ que nos permitissem compreender as relações estabelecidas entre estas produções e o contexto no

¹²⁴ Título que nomeia a primeira obra publicada por Ruth Rocha em 1976.

¹²⁵ De acordo com o dicionário: “te.ma¹sm (*gr théma*) **1** Assunto ou proposição de que se vai tratar num discurso. **2** Matéria de um trabalho literário, científico ou artístico. **3** Texto da Escritura no qual o pregador se baseia em um sermão. **4** Trecho que o professor dá ao aluno para traduzir da língua que fala para aquela que está aprendendo. **5** Composição do aluno feita sobre o ponto que lhe foi dado. **6** Assunto, matéria, argumento.” Fonte: Dicionário Michaelis, disponível em:

<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=tema>, acesso em 01 de Setembro de 2013.

qual se inserem - relacionando-as a demandas da escola, interesses dos adultos – pais e educadores, entre outras.

Mesmo reconhecendo a dificuldade de estabelecer estas categorias de análise, procuramos constatar as semelhanças entre os textos, a fim de encontrar unidades temáticas que pudessem nos indicar os usos e os leitores pretendidos pelas obras, levando em consideração que esta produção está submetida a uma lógica de mercado, relacionada aos produtos infantis, aos livros e à escola:

A função editorial não só interfere no objeto *livro* e nos critérios de seleção do autor, mas também na oferta de títulos, em função da tensão entre as duas lógicas ordenadoras das práticas editoriais: curto prazo e lucro imediato e longo prazo e qualidade literária. Vale notar que essas lógicas, não necessariamente excludentes, existem também no contexto brasileiro. (DAUSTER, 2000, p. 3).

Nesta perspectiva e a partir da nossa leitura, ou seja, da nossa compreensão desta produção, construímos categorias temáticas que pudessem agrupar de alguma forma as obras e, desta maneira, facilitar nossa compreensão deste acervo. Com este propósito em mente, realizamos diversas leituras e fizemos um exercício de comparação entre as obras, tentando identificar aproximações e distanciamentos entre elas.

Destas leituras surgiram categorias tais como: *Aceitação, Comportamento, Conceitos, Cotidiano Infantil, História* (Geral e do Brasil), *Linguagem, Meio Ambiente, Passatempo, Reconto, Sentimentos e Sociedade*.

Estas temáticas originaram primeiramente uma tabela e, em seguida, um gráfico composto de todas as obras da autora organizadas a partir destas categorias de análise. O gráfico é o que reproduzimos a seguir:

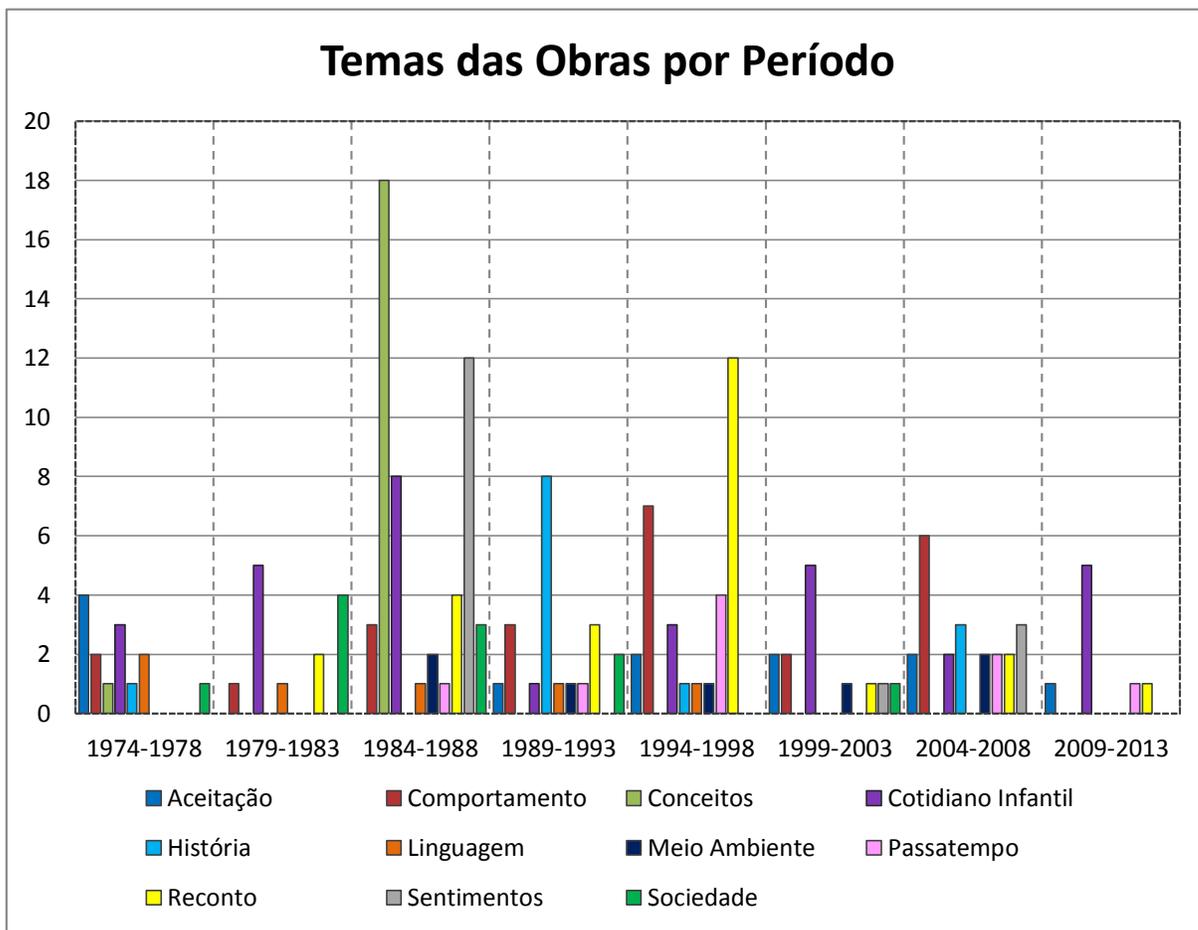


Gráfico 3: Temas das obras por período¹²⁶.

A primeira temática que delineamos inclui os textos que trazem histórias sob a perspectiva das crianças. Denominada como “*Cotidiano Infantil*” esta categoria agregou os textos que apresentam situações, acontecimentos ou problemáticas sob a ótica das crianças e nas quais estas assumem o protagonismo da história tomando decisões e iniciativas para transformar uma situação, seja entre elas ou na relação com os adultos. Reuniu ainda os textos em que as situações são narradas por protagonistas crianças.

Encaixam-se nesta categoria obras como “Davi ataca outra vez” (1982), que fala sobre o protesto e as artimanhas de um grupo de crianças contra a construção de um centro comercial no local onde brincavam.

¹²⁶ Fonte: elaborado pela autora.

Também incluímos nesta temática o livro “Gabriela e a titia”, publicado em 1983, que narra um passeio da protagonista com sua tia, demonstrando a esperteza da primeira e a displicência da segunda, que não percebe que a garota se afasta para brincar com os amigos, deixando um macaco em seu lugar. E acrescentamos ainda as obras pertencentes a coleções de bastante sucesso como *Catapimba e sua turma* (1984), *A turma da nossa rua* (1995), a *Coleção Comecinho* (a partir de 1999) e *Marcelo Marmelo, Martelo* (2001), coleções que narram o cotidiano de crianças em situações vividas principalmente na rua e na escola.

Em todas estas obras, verifica-se uma tentativa de identificação dos protagonistas com o leitor criança, através da narrativa de fatos comuns ao seu cotidiano, como conflitos entre grupos, problemas na escola, medos e expectativas em relação a experiências novas, entre outros. A presença constante desta temática nos indica uma concepção de literatura infantil como uma produção que precisa aproximar-se do leitor-criança, criar uma interlocução com ele através da identificação dos personagens com possíveis experiências do leitor.

Através do gráfico pode-se perceber que esta temática se sobressai em todos os períodos de publicação da autora, embora – conforme apontamos em artigo publicado na revista *Leitura Teoria e Prática* (DAIBELLO e FERREIRA, 2012) - as últimas produções tenham apresentado situações pertencentes mais ao âmbito privado que ao coletivo, característica comum nas histórias das décadas de 70 e 80.

A predominância desta temática vem também ao encontro do levantamento realizado por Serra (1998) sobre as temáticas presentes nos livros infantis na década de 80. A pesquisadora aponta que *trinta por cento* das obras disponíveis no período podiam ser fixadas sob esta temática, o que nos sugere uma concepção de livro infantil que deve ser escrito sob a ótica da criança, relatando seus problemas e sua percepção das situações vividas.

Carvalho (2005), em sua pesquisa sobre as obras de Ruth Rocha, também confirma a presença marcante desta perspectiva, afirmando que muitas das histórias

... descrevem situações de conflito entre os interesses da criança e os da escola, da família, e se encaminham para a defesa dos primeiros, seja transgredindo através do personagem criança a ordem estabelecida ou fugindo às situações de opressão através de soluções mágicas, sem que elas sejam punidas. (p. 156).

Outro aspecto que reforça esta perspectiva é a presença marcante dos protagonistas infantis. Das cento e oitenta e uma obras analisadas, detectamos que em *setenta e três* os personagens principais são crianças, sendo que em *vinte e seis* os protagonistas são crianças de ambos os sexos, em *nove* delas são meninas e, em *trinta e oito*, meninos¹²⁷. Esta observação é interessante pois demonstra também uma preocupação em promover a identificação do leitor com a obra.

Conforme Fernandes (2004), em seu estudo sobre as obras infantis selecionadas para o PNBE, esta predominância de personagens masculinos expressa a crença de que os meninos não gostam de ler histórias protagonizadas por meninas, mas que meninas leem histórias protagonizadas por meninos, o que explicaria a preferência – consciente ou não – dos autores por produzir histórias com personagens do sexo masculino.

Outro tema que está presente de forma constante na produção da autora refere-se à abordagem do “*Comportamento Humano*”, seja através de personagens infantis, adultos ou mesmo animais que agem com personalidade humana. Se na primeira categoria selecionamos obras cujos enredos focam acontecimentos e situações cotidianas a serem transformadas pelas crianças, nesta categoria, elegemos produções que enfatizam as transformações interiores dos personagens, referentes a atitudes, sentimentos e pontos de vista.

Nesta categoria incluímos as obras que tratam sobre gênero – e os comportamentos impostos pela sociedade a meninos e meninas, como os títulos “Faca sem Ponta, Galinha sem Pé” e “Procurando Firme”, respectivamente de 1983 e 1984. Inserimos também obras que apresentam protagonistas com comportamentos modelares ou rebeldes, além de enredos em que os personagens modificam seu comportamento para enfrentar dificuldades ou para ajustar-se a condutas consideradas adequadas, como em “Eugênio, o Gênio” (1992), o “Jacaré Preguiçoso” (2005) e “Meus Lápis de Cor são só Meus” (2006).

O primeiro apresenta como protagonista um burrinho muito inteligente, porém bastante genioso, que “empacava” quando não tinha suas vontades atendidas. Por causa disso, ele quase perde um concurso de perguntas e respostas e aprende que deve controlar sua personalidade. O segundo fala sobre um jacaré que não gostava de praticar atividades físicas e que por isso acaba

¹²⁷ Apuramos ainda que vinte obras trazem adultos como personagens principais – sendo que em duas são mulheres as protagonistas – vinte e seis obras tem como personagens principais animais (que em geral apresentam comportamentos e personalidades humanas), e quatro obras trazem reis como protagonistas.

sendo capturado e levado a um zoológico. Arrependido por estar gordo e lento, ele passa a praticar exercícios até ser capaz de fugir e voltar para a floresta.

Já no terceiro exemplo, como o nome indica, a protagonista é uma menina que não quer dividir seus lápis novos com o primo. Também nesta história, há consequências negativas para o comportamento não modelar: os lápis caem na escada e se quebram, levando a garota a refletir que deveria tê-los compartilhado com o primo.

Entre as *vinte e quatro* obras inseridas nesta categoria, observa-se que grande parte apresenta personagens com comportamentos exemplares ou com comportamentos que são corrigidos ao final da história, sendo que as exceções restringem-se a obras da década de 80. Tal constatação nos revela que, apesar de algumas obras da autora serem reconhecidas pela postura de questionamento de seus personagens (como é o caso do famoso “O Reizinho Mandão” (1978), no qual a coragem de uma menina em desafiar o rei quebra o feitiço que emudecera todo o reino), predominam nas obras de Ruth Rocha as situações exemplares e a valorização dos comportamentos considerados positivos e apropriados.

Tal característica indica um cuidado, principalmente na produção mais recente da autora (possivelmente direcionado pelo mercado editorial), em produzir textos que não apresentem personagens transgressores, talvez pela compreensão de que o público leitor (adulto, no caso) deseja narrativas que, embora apresentem a criança como protagonista, como ser que tem vontades e capacidades, não a apresentem como uma criança que questiona a ordem estabelecida. Ou pode indicar ainda a concepção da própria autora quanto ao contexto atual: um realidade que - diferentemente da realidade social apresentada nas décadas de 70 e 80, quando o país vivenciava a ditadura militar - não lhe provoca mais a mesma inquietação que antes.

Esta particularidade não restringe-se à obra de Ruth Rocha mas representa uma opção comum dos autores de literatura infantil, revelando uma concepção de que o livro para crianças deve ser educativo, adequar-se aos projetos formadores de cada época, projetando nos personagens os comportamentos esperados pelas crianças-leitoras.

Um terceiro tema que destacamos refere-se às obras que tratam sobre valores como aceitação do outro, respeito às diferenças e valorização das características pessoais, que classificamos sob a categoria “*Aceitação*”. Este tema esteve bastante evidente no início da carreira da autora e parece ter sido esquecido nas publicações mais recentes.

Se no primeiro período de publicações as obras que puderam ser designadas sob esta temática somaram *quatro* em um total de catorze, ela só torna a aparecer na década de 90 (entre os períodos de 1989 até 2003) e mesmo assim, por ocasião do relançamento através da coleção Sambalelê dos mesmos títulos publicados anteriormente.

Depois desse período, como se pode verificar no gráfico, encontramos novamente esta temática apenas em *três* obras, com histórias muito semelhantes às do primeiro período. É o caso, por exemplo, de “O Macaco Bombeiro”, de 2005, que se aproxima bastante da história contada em “Borba, o Gato” (1977), e de “O Passarinho que não Queria ser Cantor”, de 2009, cujo título nos remete imediatamente a “O Coelho que não era de Páscoa”, também de 1977, e cujas histórias tratam de personagens que não queriam seguir a profissão tradicional da família e acabam encontrando seus talentos em profissões ‘alternativas’: a de cozinheiro e de pombo-correio.

Tal hipótese reforça-se numa comparação entre os textos das obras, que apresentam semelhanças notáveis, como se pode verificar nos seguintes trechos:

Os coelhinhos foram crescendo,
chegou a hora de escolherem uma profissão.
Os irmãos de Vivinho já tinham resolvido:
- Eu vou ser coelho de Páscoa, como meu pai.
- Eu vou ser coelho de Páscoa, como meu avô.
- Eu vou ser coelho de Páscoa, como meu bisavô. (ROCHA, 2007, p. 4-5)¹²⁸.

A primavera já está adiantada
e os filhotes do casal já estão bem grandinhos...
e até sabem o que vão ser quando forem grandes:
Lulu quer ser cantor como o papai;
Lalá vai ser professora de canto como a mamãe. (ROCHA, 2009, p. 6)¹²⁹.

E ainda:

Os pais perguntavam, os irmãos indagavam:
- E você, Vivinho? E você?
- Bom – dizia Vivinho – eu não sei o que quero ser.
Mas sei o que não quero:

¹²⁸ ROCHA, Ruth. **O Coelho que não era de Páscoa**. 8ª Ed. São Paulo, SP: Ática, 2007.

¹²⁹ _____. **O Passarinho que não queria ser Cantor**. São Paulo, SP: Salamandra, 2009.

ser coelho de Páscoa.
O pai de Vivinho se espantou,
a mãe se scandalizou:
- OOOOHHHHH!!! (Idem, 2007, p. 8-9).

E o júnior? Ele ainda não sabe o que quer ser.
Só sabe que não quer ser cantor...
O papai Bicudo está preocupado:
- Não é possível! Todos os Bicudos foram grandes músicos!
Meu avô, Bicudão da Silva, cantou na Ópera do Zoológico da Conchinchina.
Minha bisavó cantou no coro da floresta da Adis-Adeba. (...)
- Ai, meus saís! – pediu dona Bicuda,
que desmaiava à toa. (Idem, 2009, p. 8-10; 21).

As semelhanças continuam, mesmo no desfecho das histórias, no qual ambos personagens aprendem com outros animais as profissões que desejam ter: Vivinho aprende a fabricar ovos de chocolate com abelhas e borboletas e Júnior aprende a levar mensagens com os pombos, superando preconceitos e fazendo o que gostam.

Da mesma forma que a permanência de alguns formatos e recursos tipográficos que analisamos anteriormente representa uma tentativa de promover a aproximação do leitor com obras de sucesso, tais semelhanças textuais também sugerem esta identificação. O lançamento destas obras nos parece uma estratégia editorial de utilizar o sucesso obtido pelos títulos anteriores (que chegaram respectivamente a *doze* e *vinte e uma* reimpressões e/ou reedições através da citada coleção) como garantia de vendas dos títulos mais recentes, reforçando no texto a semelhança já anunciada nos títulos.

Outra temática de muito sucesso nas obras dos primeiros períodos e que parece ter perdido sua ênfase nos períodos mais recentes é a que trata sobre as relações de poder e as formas de interação entre as pessoas na sociedade em geral. Conforme podemos observar no gráfico, esta temática, que denominamos de “*Sociedade*”, encontra-se bastante presente nas obras publicadas entre 1979 – 1983, período de lançamento do famoso *quarteto dos reizinhos*, seguido por “Dois Idiotas Sentados Cada Qual no seu Barril” (1983) e “Este Admirável Mundo Louco” (1986).

Em comum, estas obras apresentam a perspectiva crítica com que os problemas da sociedade são abordados, além do humor, utilizado para ridicularizar personagens e situações, como os governantes autoritários em “O reizinho Mandão” (1978) e “Sapo Vira Rei Vira Sapo”

(1982), a política internacional durante a guerra fria e o estilo de vida moderno nas grandes cidades nos outros dois.

Em conjunto estas obras contribuíram para conferir reconhecimento à produção de Ruth Rocha, como uma autora que não recusava temas polêmicos e difíceis para o universo infantil, além de adotar uma postura questionadora da sociedade na época. A escritora Ana Maria Machado confirma esta percepção, referindo-se à sua produção e à de Ruth Rocha:

Não se pode negar que nós escrevíamos sobre tudo. Não nos autocensurávamos nem evitávamos tema algum. Falamos de autoritarismo, da luta armada, de prisões e maus-tratos, da censura, do exílio... Não que fizéssemos obras panfletárias, mas falávamos do que nos mobilizava de modo profundo. (...) Poucas obras são tão emblemáticas desse período quanto a tetralogia dos reis de Ruth Rocha, com seu reizinho mandão, seu rei que não sabia de nada, seu rei que não conseguia enxergar os pequenos – monarcas poderosos e autoritários mas sujeitos a ouvir de uma menina a frase de enfrentamento: “Cala a boca já morreu, quem manda na minha boca sou eu!” Esses reis viviam em livros que não eram censurados oficialmente mas eram perfeitamente entendidos pelos leitores. (MACHADO, 2001, p. 82, apud SILVESTRE, 2007, p. 87)

Interessante destacar que, após o lançamento de “Uma história de Rabos Presos”, de 1989, que critica a corrupção sob a mesma ótica do humor, esta temática deixa de ser abordada, reaparecendo apenas em 2001 com o lançamento do livro “Os Direitos das Crianças Segundo Ruth Rocha”, obra que, apesar de tratar de um tema referente às relações sociais, abandona o tom crítico e satírico, sendo escrito em forma de poema e com uma abordagem bastante lúdica e afetiva.

Mais uma vez, a permanência desta temática no segundo período de publicações, bem como seu desaparecimento nos períodos mais recentes, está relacionada à percepção da autora e dos editores sobre a relevância do tema e sua adequação ao público leitor infantil. Interessante observar que a incidência destes assuntos se dá em uma época em que questões como abertura política, ditadura e democracia estiveram presentes na sociedade brasileira, em virtude dos fatos históricos vividos no país. Embora não pudessem ser discutidos abertamente em virtude da repressão, tais assuntos rondavam os debates entre intelectuais, escritores e artistas.

Pertencendo a este contexto, Ruth Rocha soube utilizar sua produção para expressar sua opinião sobre estes temas. Segundo afirma Cipolini (2007):

Por meio de uma linguagem metafórica, simbólica, a autora denunciou a ditadura militar brasileira (...). Ruth Rocha emprega a linguagem literária não só para registrar o fato histórico como o via e vivia, mas fez dela seu campo de resistência, transgressão e contestação. (p. 61).

Por outro lado, o desaparecimento desta temática sugere também uma crença - por parte dos editores talvez - de que estes temas não são mais relevantes ou pertinentes no contexto histórico atual. Esta hipótese se reforça quando observamos que textos que discutiam estas questões como por exemplo “O reizinho mandão”, que foi um marco na carreira da escritora justamente pelo seu caráter crítico, foi relançado em edição atual apenas neste ano de 2013, embora sua edição mais recente tivesse sido publicada em 1997.

Tal constatação nos remete a conceitos explorados por Bakhtin (2003) no que se refere à relação dos discursos com cada época e contexto. Tal perspectiva nos indica que estas opções pela evidência ou desaparecimento de alguns temas nas obras não representam apenas uma opinião ou preferência pessoal da autora ou dos editores, mas a inserção destes discursos em seu contexto social e cultural:

Em cada época, em cada círculo social, em cada micromundo familiar, de amigos e conhecidos, de colegas — em que o homem cresce e vive, sempre existem enunciados investidos de autoridade que dão o tom, como as obras de arte, ciência, jornalismo político, nas quais as pessoas se baseiam, as quais elas citam, imitam, seguem. Em cada época e em todos os campos da vida e da atividade, existem determinadas tradições, expressas e conservadas com vestes verbalizadas: em obras, enunciados, sentenças, etc. Sempre existem essas ou aquelas ideias determinantes dos “senhores do pensamento” de uma época verbalmente expressas, algumas tarefas fundamentais, lemas, etc. (...) Eis porque a experiência discursiva individual de qualquer pessoa se forma e se desenvolve em uma interação constante e contínua com os enunciados individuais dos outros. (BAKHTIN, 2003, p. 294).

Em outras palavras, este contexto ao qual pertencem os indivíduos influencia através de outros discursos os enunciados de cada um, sua “experiência discursiva individual”, refletindo em suas escolhas, posicionamentos, ideias e maneiras de falar, ou seja, em seu “projeto de discurso e estilo de enunciado”. Tal influência reflete-se tanto nas obras de cada época como no modo como as pessoas recebem e compreendem essa produção, determinando também sua aceitação.

Ainda em relação às mudanças temáticas observadas nesta produção, observamos também que, se alguns temas deixam de parecer atrativos para a autora e os editores, outros, por sua vez, surgem nos títulos das produções mais recentes da autora. Exemplar dessa questão são os livros relacionados à preservação da natureza, os quais nomeamos sob a categoria “*Meio Ambiente*”.

Embora entre 1984 e 1993 alguns livros abordassem assuntos relacionados aos fenômenos da natureza e à vida no campo, como é o caso respectivamente de “Cometa Halley, Fascinante e Belo”, de 1985 (ano antecedente ao da passagem do cometa pelo Brasil) e “Boi, Boiada, Boiadeiro”, de 1987, é a partir de 1990, com o lançamento de “Azul e Lindo, Planeta Terra, nossa Casa”, que constatamos uma abordagem mais persuasiva e constante do tema nas histórias publicadas.

Este último, escrito pela autora a convite da ONU, num período marcado pelas discussões sobre o futuro do planeta, inclusive incentivadas pela ocorrência no Brasil, da Eco 92, e mais tarde pela inclusão do tema meio ambiente como conteúdo escolar (que ocorreu com a publicação dos PCN’s em 1997) antecede vários outros com abordagens sobre o problema do consumo e do lixo, do plantio de árvores e de atitudes “sustentáveis” (como em “O menino que Quase Morreu Afogado no Lixo” (1999) e “Quem Vai Salvar a Vida?” (2004), sendo este último bastante didático).

Estes temas representam uma preocupação editorial e da própria autora em apresentar ao mercado assuntos atuais, que façam parte das discussões em evidência na sociedade e mesmo da pauta dos conteúdos escolares. Conforme ressalta Dauster (2000), na apresentação de sua pesquisa sobre as “concepções que orientam as práticas editoriais nas relações estabelecidas com o sistema escolar” (p. 3):

... os autores estão antenados com a modernidade. A gente tem que abordar um tema que vende, como folclore, família, religião, natureza – vai ter sempre um professor trabalhando algum desses temas. (idem, p. 7).

Fernandes (2004) também ressalta este vínculo estabelecido entre os temas escolares e as obras de literatura infantil, apontando a necessidade desta última em atender aos interesses da primeira:

... a interposição de várias nuances parece indicar a impossibilidade de uma ruptura total [com a escola], fato que implicaria a anulação do pacto, um divórcio que provavelmente acarretaria sérias consequências para o mercado da literatura infanto-juvenil na escola. O gênero ainda está atrelado às necessidades do mercado escolar e portanto, lhe paga um certo imposto por sua circulação. (p. 123).

Ainda entre os temas que aparecem somente nos períodos de publicação mais recente temos aquele que trata sobre sentimentos e emoções. Geralmente organizados em coleções, estes livros trazem explicitados seus objetivos de ajudar a “trabalhar os frequentes medos que surgem na criança quando os pais se ausentam, quando brigam com ela, quando brincam com outra criança...” (ROCHA, 1986, quarta capa)¹³⁰ ou de identificar seus gostos, como no caso da coleção “As coisas que eu Gosto”, também de 1986, ambas produzidas em parceria com a psicóloga Dora Lorch.

Como já mencionamos no segundo capítulo, tais coleções explicitam seu desejo de instrumentalizar pais e educadores – os adultos – para mediar possíveis situações enfrentadas pelas crianças, tanto é que a chamada da capa final – diferentemente da maioria das obras da autora – dirige-se ao leitor adulto, orientando-o sobre como utilizar o livro, em que idade ele deve ser lido e como pode auxiliar a criança a administrar seus sentimentos.

Tal estratégia assemelha-se à tática utilizada por outros livros de autoajuda infantis, como os analisados por Ferreira (2006b), que trazem textos de apresentação semelhantes aos que encontramos nestas obras de Ruth Rocha:

... esses pequenos textos de apresentação que acompanham cada obra nos fazem lembrar, de imediato, temas explorados pela literatura de auto-ajuda adulta (...) Frases que apontam para a aceitação de uma postura fortemente desmobilizadora do social, para a negação de uma idéia de coletividade, para aceitação e submissão à realidade, naturalmente como ela é. (p. 143).

Abordando outra temática, mas ainda nesta perspectiva de atender a expectativas e necessidades do mundo adulto em relação às crianças, distinguimos também os livros que procuram ensinar “*Conceitos*” aos pequenos, como a coleção “Os sentidos” e a coleção “Meu Primeiro Livro”, lançadas em 1986, sendo esta última constituída por doze livros que explicam

¹³⁰ ROCHA, Ruth. **Ninguém gosta de Mim?** Coleção Os Medos que eu Tenho, São Paulo, SP: Ed. Lastri, 1986.

em forma de poemas o que são as formas geométricas, apresentam palavras opostas, números, cores, horas, entre outros conceitos.

Tais obras, além de exercerem um apelo sobre o adulto por apresentarem, mais do que simples divertimento para a criança, uma oportunidade de aprendizagem, também estabelecem vínculos estreitos com a escola, auxiliando professores a trabalhar conteúdos comuns nas disciplinas escolares da Educação Infantil e primeiros anos do Ensino Fundamental.

Quem opera o pólo de produção, isto é, editores, escritores e ilustradores, sabe da necessidade de fazer com que esse tipo de texto se adeque às regras de mercado, agradando aos jovens leitores e ainda atendendo às expectativas dos adultos responsáveis pela formação deste público, incluindo aí pedagogos, professores e pais. Para tal público, o livro infantil não pode ser apenas divertido, deve ser também ferramenta de formação do aluno, tendo, portanto, um fim utilitário. (MAZIERO, 2006b, p. 97).

Outra temática que se faz presente na obra da autora – e que também pode indicar esta intenção de se adequar a interesses escolares - são as versões de contos clássicos da literatura infantil mundial e também do folclore brasileiro. Delimitadas por nós sob a categoria “*Reconto*”, por se tratarem de histórias que não foram criadas pela própria autora mas apenas recontadas por ela, as obras desta temática também permeiam todos os períodos de produção, possivelmente por se tratarem de histórias que agradam ao público em qualquer tempo, tal como Ruth Rocha explicita na introdução da edição de 1988 do livro “Que eu Vou pra Angola”, lançado pela José Olympio:

De vez em quando eu escrevo umas histórias que eu invento e digo que foi meu avô que me contou. Eu faço isso porque as pessoas gostam muito dessas histórias antigas, que folclore hoje em dia é a última moda. Mas essa história, no duro, no duro que foi meu avô que me contou... (ROCHA, p. 2)¹³¹.

Em relação a esta temática, além dos aspectos já mencionados, uma característica se destaca e merece nossa atenção. É o fato destas obras serem abordadas como histórias da própria autora, como analisaremos a seguir.

¹³¹ ROCHA, Ruth. **Que eu Vou pra Angola**. Rio de Janeiro, RJ: José Olympio, 1988.

4.2. Uma autora que não adapta mas reconta...

Entre os livros de Ruth Rocha que trazem histórias clássicas ou populares, um aspecto interessante que observamos foi a frequência com que o nome da autora passou a aparecer na capa das obras de forma a constituir o próprio título do livro. Temos por exemplo, as versões dos clássicos gregos, denominados por “Ruth Rocha conta a *Ilíada*” (2004) e “Ruth Rocha conta a *Odisséia*” (2000), o clássico da literatura infanto-juvenil americana de Mark Twain, denominado por “Ruth Rocha conta Tom Sawyer” (2005) e ainda os famosos “João e Maria” e “João e o Pé e Feijão”, lançados em 1996 pela FTD e que em suas edições mais recentes (2010), pela Salamandra, tiveram o acréscimo também do prenome “*Ruth Rocha Reconta*”.

Além destes, a Coleção Ópera, relançada também pela Salamandra neste ano (2013), teve o acréscimo do nome da autora, passando a ser denominada como “*Ruth Rocha apresenta*”, em vez de ter os títulos constituídos apenas pelos nomes das óperas, como no lançamento original.

Esta postura de autoria, enfatizada nos casos em que as obras referem-se a recontos e não a histórias criadas pela autora, foi examinada por Maziero (2006a), em sua análise sobre as versões para o clássico “*Odisséia*”:

Além da adaptação da *Odisséia*, Ruth Rocha também publicou a adaptação da *Ilíada*, mas o livro analisado não traz esta nem outra informação sobre a autora, só uma espécie de selo ou de *logo* na quarta capa, onde se vê escrito “Ruth Rocha – 30 anos de muita história pra contar”, sob o desenho de uma lua minguante adormecida, com touca de dormir, tendo uma estrela brilhando perto de si. A presença deste *logo* leva à formulação de algumas questões; é como se esta autora emprestasse à *Ilíada* e à *Odisséia* um “selo novo”, combinando dois discursos em um mesmo plano: um discurso da ordem do clássico, do universal – representado pelas próprias obras adaptadas – e outro que destaca o peso institucional da escritora consagrada que é. Seria uma espécie de marca registrada do autor, selo de garantia de qualidade, o que explicaria o tratamento diferenciado que a editora dá à autora no caso do contrato pelo reconto, conforme já foi citado anteriormente. Ruth Rocha não adapta simplesmente, mas **conta** - como aparece no título da obra (*Ruth Rocha conta a Odisséia*), ou **reconta**, como fica marcado no nome do prêmio recebido pela obra (selo FNLIJ – categoria reconto). (p. 78-79).

Este “selo de garantia de qualidade” representado pelo nome da autora como parte integrante do título das obras empresta ao texto um valor que vai além daquele difundido pela trajetória da história popular ou clássica, reforçando duplamente a importância da obra. Por outro

lado, reforça também o próprio reconhecimento do nome da autora, fortalecendo a construção de uma imagem de “autora consagrada”.

Esse reconhecimento, por sua vez, não é atribuído espontaneamente mas resultado de processos complexos de legitimação do discurso. Conforme afirma Foucault (2010), “ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfizer a certas exigências ou se não for, de início, qualificado a fazê-lo” (p. 36), ou seja, da mesma forma que há instâncias de legitimação – como já apresentamos – que certificam a qualidade de determinadas obras literárias, há formas de legitimação do próprio nome daquele que pronuncia o discurso, autorizando-o ou não a fazê-lo e, no caso da literatura, determinando quais autores são ou não “publicáveis”:

Na ordem do discurso literário... a função de autor não cessou de se reforçar (...) exige-se que se responda de onde vem, quem os escreveu. Pede-se que o autor preste contas da unidade de texto posta sob seu nome. Pede-se-lhe que os articule com sua vida pessoal e suas experiências vividas, com a história real que os viu nascer. (idem, p. 27-28)

No caso da autora que analisamos, a construção da legitimação do seu nome possibilitou não apenas este acesso à “ordem do discurso” mas também seu reconhecimento junto ao público e à crítica especializada. A trajetória construída tanto por Ruth Rocha como pelas editoras de seus livros alcançou o ponto mais alto do sucesso, usando-a a seu favor para valorizar e legitimar suas obras.

4.3. Aproximações de uma cultura popular

Outro aspecto que caracteriza de forma marcante a produção de Ruth Rocha é o vínculo estabelecido com elementos da cultura popular. Muitas de suas obras apresentam trechos de cantigas, versos e ditos populares, além de fazerem menção a personagens famosos ou em evidência no contexto em que as obras foram produzidas.

Esta opção nos indica uma concepção de literatura infantil como uma produção que deve aproximar-se do popular, a fim de ser uma literatura acessível às crianças. Esse vínculo entre o infantil e o popular já foi apontado pelo escritor Ricardo Azevedo (também autor de literatura

infantil e pesquisador da área), que destacou em um estudo diversas características comuns entre a cultura popular e a literatura infantil, tais como:

1) a tendência a sempre procurar adaptar-se à platéia através do vocabulário familiar e cotidiano, as fórmulas verbais, lugares comuns e clichês; 2) a sedução da platéia através de recursos teatrais como o tom exagerado, o uso de redundâncias, o tom de confiança, ditados, trocadilhos, aliterações, rimas e refrões; 3) a concisão, evitando-se os períodos longos, os conceitos e imagens abstratas, orações subordinadas e a voz passiva. Ao que tudo indica, tais elementos... podem ser encontrados em narrativas míticas assim como em contos maravilhosos e também, a nosso ver, ... na chamada literatura infantil. (...) Temos defendido a idéia de que a literatura para crianças é muito mais uma literatura “popular” do que propriamente “infantil” (AZEVEDO, 2001, p. 3) ¹³².

Observamos em nossa análise que a produção da autora é repleta destes elementos, entre os quais se destaca o uso das canções populares, cuja inserção nos enredos proporciona esta familiaridade do leitor com o texto, uma vez que possibilita a identificação de frases e refrões já conhecidos por ele.

Nas obras produzidas durante a década de 70 e 80, por exemplo, encontramos muitas referências a músicas populares de grande sucesso na época e que inclusive eram popularmente relacionadas à resistência contra a ditadura militar.

Tal escolha contribuiu para inserir as obras da autora em um segmento da literatura infantil caracterizado pela contestação e crítica à realidade:

Grande parte dos escritores [da década de 70] orientou-se para a temática urbana, que toma feições bem diferenciadas, seja por valorizar o mundo interior da criança, seja por atribuir o papel de protagonista a uma criança decidida, seja por discutir os problemas contemporâneos da sociedade nacional. Contudo, o folclore se apresentou alternativa atraente e, alguns escritores souberam extrair o melhor das histórias originalmente transmitidas por intermédio da oralidade, fertilizando o veio até então pouco explorado na literatura infantil. (ZILBERMAN, 2005, p. 95).

Utilizando tanto elementos do folclore e do popular, sem abrir mão das temáticas contemporâneas de contestação, Ruth Rocha publicou nesse período obras de grande sucesso, que permanecem no mercado ainda hoje. Tal observação nos revela mais uma vez uma autora que produz de forma coerente com seu tempo, para um público determinado, conforme nos lembra Bakhtin (2003):

¹³² Disponível em: “<http://www.ricardoazevedo.com.br/wp/wp-content/uploads/Elos-entre-cultura-popular-e-literatura.pdf>.” Acesso em 18 de Agosto de 2013.

Ao falar, sempre levo em conta o fundo aperceptível da percepção do meu discurso pelo destinatário: até que ponto ele está a par da situação, dispõe de conhecimentos especiais de um dado campo cultural da comunicação; levo em conta as suas concepções e convicções, os seus preconceitos (do meu ponto de vista), as suas simpatias e antipatias (...). Essa consideração irá determinar também a escolha do gênero do enunciado e a escolha dos procedimentos composicionais e, por último, dos meios linguísticos, isto é, o *estilo* do enunciado. (p. 302).

Entre as músicas populares utilizadas pela autora, a que aparece com maior frequência é a música “A Banda”, de Chico Buarque¹³³. Encontramos diferentes trechos desta música inseridos nos textos dos livros: “De hora em hora” (1976), “Viva a macacada!” (1977) e “Pra que serve?” (1986).

Na adaptação do texto “Sapo vira rei vira sapo” para teatro, por ocasião do lançamento da coleção Taba (1982), esta música é inclusive utilizada para representar a iniciativa da população em lutar contra a repressão imposta pelo reizinho, sendo reproduzida integralmente nas páginas do livro:

Para consolar a tristeza
que tinham no coração...
Começaram a cantar
aquela linda canção,
Que não temiam mais nada,
pois já estavam na prisão:

A minha gente sofrida
despediu-se da dor,
pra ver a banda passar
Cantando coisas de amor... (ROCHA, 1982, p. 12)¹³⁴.

Outra música que se insere no enredo de uma das histórias da autora é a canção “Quero voltar para a Bahia”, de Paulo Diniz. Esta música foi composta em 1970 para prestar “homenagem a Caetano Veloso, que se encontrava exilado em Londres. A música alcançou os

¹³³ “**A Banda** é uma canção de 1966 composta e interpretada pelo músico brasileiro Chico Buarque. Foi lançada no primeiro álbum do cantor, *Chico Buarque de Hollanda*. A música narra um episódio de uma banda musical que desperta a alegria da “gente sofrida” de uma cidade de interior descrita por Chico ao longo da canção. A música ganhou o Festival de Música Popular Brasileira no mesmo ano de seu lançamento, interpretada por Chico Buarque e Nara Leão. Dividindo o prêmio com a música *Disparada*, de Geraldo Vandré e Théo de Barros e interpretada por Jair Rodrigues, em um empate que não foi bem esclarecido à época, *A Banda* ganhou US\$ 6.800 como prêmio. Após a sua vitória no Festival, a música fez um grande sucesso, vendendo 55 mil cópias em apenas quatro dias.” Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/A_Banda_\(canção\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/A_Banda_(canção)), acesso em 25 de Março de 2013.

¹³⁴ ROCHA, Ruth. **Sapo-Vira-Rei-Vira-Sapo**. Coleção Histórias da Taba. São Paulo, SP: Editora Abril, 1982.

primeiros lugares das paradas em todo o país e se tornou uma espécie de hino, canção-símbolo de uma época conturbada da história política e social do Brasil”¹³⁵.

No livro “Catapimba e sua turma e outras histórias”, de 1977, alguns trechos desta música são reproduzidos em inglês, assim como na canção original, para representar o desejo da máquina-personagem de voltar ao seu lugar de origem:

Um dia a máquina amanheceu cantando:
I don't want to stay here
I wanna to go back to Bahia...
(...)
E, quando as pessoas ligavam o rádio,
Só saía esta música:
I don't want to stay here
I wanna to go back to Bahia... (ROCHA, 1977, p. 58)¹³⁶.

Já na edição de 1984, no relançamento da mesma história sob o título de “A máquina maluca”, a música é reproduzida conforme a sonoridade, sem utilizar a escrita em inglês, resultando no seguinte trecho:

Um dia a máquina amanheceu cantando:
Ai donti uantustei ria.
Ai uantugou bec tu Bahia...
(...)
E, quando as pessoas ligavam o rádio,
Só saía esta música:
Ai donti uantustei ria.
Ai uantugou bec tu Bahia...(ROCHA, 1984, p. 16)¹³⁷.

Provavelmente tal recurso tenha sido utilizado com a preocupação em reproduzir os fonemas de acordo com o que seria lido pela criança em português, embora tenha resultado em versos bastante estranhos e completamente deslocados de seu contexto original. Talvez porque em 1984 a música já não pudesse mais ser reconhecida pelas crianças leitoras – como na época em que o livro foi lançado pela primeira vez – os editores optaram por manter a escolha da autora

¹³⁵ Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Paulo_Diniz, acesso em 21 de Janeiro de 2013.

¹³⁶ ROCHA, Ruth. **Catapimba e sua Turma e Outras Histórias**. Coleção Histórias de Recreio. São Paulo, SP: Abril Livros, 1977.

¹³⁷ ROCHA, Ruth. **A Máquina Maluca**. São Paulo, SP: Cultrix, 1984.

com relação à música operando, no entanto, uma modificação que “facilitasse” a leitura da criança.

Tal procedimento mostra mais uma vez uma tentativa de aproximação com o leitor – pressuposto neste caso como não familiarizado com uma música específica – e de garantir a leitura correta do texto de acordo com a concepção dos editores.

Esta ação de simplificação de enunciados foi também observada por Cavalcanti (2001) em sua análise de obras da autora. Para a pesquisadora, essa “preocupação em circunscrever, fixar sentidos, aponta um leitor carente” que precisa ser constantemente guiado “para fazer uma leitura legitimada do texto” (p. 79).

Ainda entre os elementos da cultura popular utilizados pela autora, temos a presença constante de ditados populares, cantigas e parlendas nas histórias. No texto “Romeu e Julieta”, por exemplo, publicado pela primeira vez em 1969 na revista *Recreio* e relançado em 1977, 1992 e 2010 em diferentes edições encontramos várias referências a estes elementos, que facilitam sua identificação com o leitor através de temas e frases por ele já conhecidas.

Primeiramente temos o nome dos personagens protagonistas, Romeu e Julieta, que fazem uma alusão aos famosos personagens criados pelo poeta e dramaturgo inglês Shakespeare, amplamente conhecidos do público em geral.

Em seguida, encontramos no texto diversas referências a ditados populares, alguns modificados de sua redação original, mas que mesmo assim permanecem facilmente identificáveis pelo leitor, como “cada borboleta no seu canteiro” (ROCHA, 2007, p. 7) e “cheiro não é tudo na vida, meu filho” (idem, p. 12)¹³⁸, paródias dos ditos “cada macaco no seu galho” e “dinheiro não é tudo na vida”. Além disso, a história insere em seu enredo um trecho de uma cantiga: “Apareceu a margarida, olê, olê, olá... apareceu a margarida, olê seus cavaleiros...” (idem, p. 22)¹³⁹.

Tais elementos constituem a produção da autora como um todo, propondo uma linguagem que se aproxima da oralidade e do cotidiano infantil, o que representa uma maneira de se conceber o livro para crianças como uma literatura que deve se aproximar do popular, do coloquial. Garantem também um tom de humor aos textos, atribuindo a pensamentos da sabedoria popular uma nuance satírica.

¹³⁸ ROCHA, Ruth. **Romeu e Julieta**. 14ª Ed. São Paulo, SP: Ática, 2007.

¹³⁹ idem.

4.4. O diálogo com o leitor

Mais uma característica que se faz presente em toda a obra de Ruth Rocha no que se refere ao uso da linguagem é a aproximação com o leitor, realizada de várias maneiras: através da utilização de marcas de oralidade, da inserção no texto de perguntas e propostas dirigidas diretamente a ele e ainda através da menção pelo narrador desse possível leitor, considerando suas possíveis opiniões e pensamentos.

Correspondente ao primeiro caso – de uso da oralidade – constatamos que esta é uma marca em toda obra da autora, tendo sido inclusive já destacada por outros pesquisadores como Rodrigues (2005), que afirma que este é um dos motivos que tornam a produção de Ruth Rocha “tão apreciada”:

A linguagem fácil e próxima à usada na fala. O pequeno leitor se identifica com os personagens e, de certa forma, entra no mundo fictício criado pelo escritor. Em se tratando de leitores mirins, os enredos divertidos e interessantes, aliados à linguagem coloquial, fazem toda a diferença e parecem ser parte da razão do enorme sucesso... (p. 40).

Essas marcas da oralidade aparecem, por exemplo, no uso das frases curtas, na opção por palavras do cotidiano e no uso de expressões como “aí”, “então”, além da frequência do “e” como elemento de coesão entre as frases, como se pode conferir no trecho a seguir, da obra “O Menino que Quase Virou Cachorro”:

Um dia o Miguel disse pro Tanaka:
- Cê sabe, Tanaka, eu acho que eu sou invisível. (...)
O Tanaka ficou espantado. Então, eles combinaram que iriam à casa do Miguel só pro Tanaka ver. (...)
Na semana seguinte, Miguel saiu com o pai.
E, como ele tinha dito, o pai só dizia: “Anda!”, “Vem logo!”
Aí, quando o pai, mais uma vez, disse “Anda!”, Miguel latiu... (ROCHA, 2006, p. 2,8)¹⁴⁰.

Uma outra forma de aproximação do leitor utilizada pela autora refere-se ao diálogo estabelecido diretamente com ele em algumas obras, seja fazendo perguntas sobre o assunto da

¹⁴⁰ ROCHA, Ruth. **O menino que quase virou cachorro**. São Paulo: Melhoramentos, 2006.

história, seja fazendo propostas para a criança, como se pode conferir nos trechos a seguir, na obra “Macacote e Porco Pança”:

Outro dia, eu passei por lá, e *vocês não podem imaginar o que eu vi...*
Zé Mico, filho de Macacote, e Pancinha, o filho de Porco Pança, estavam brincando.
Eles arranjaram uma porção de panelas velhas e um pedaço de bambu. *O que é que vocês acham que eles vão fazer?* (ROCHA, 1996, p. 32, grifos nossos)¹⁴¹.

E na obra “Aladim e a Lâmpada Maravilhosa”:

Aladim era um rapaz pobre, que não tinha pai.
Um dia, apareceu na sua cidade, um mágico africano.
Como é que você imagina um mágico africano?
Desenhe aqui:
(...)
O que é que você pediria se estivesse no lugar de Aladim?
(Escreva, desenhe ou cole aqui)
Um dia Aladim viu a filha do Sultão.
(Procure numa revista a foto de alguém que pareça uma princesa e cole aqui)
(ROCHA, 1983, p. 3, 7-8, grifos nossos)¹⁴².

E há ainda uma terceira estratégia utilizada para promover essa aproximação, que se refere à demonstração pelo narrador de uma percepção da existência do leitor, como se o primeiro previsse as opiniões, argumentos e pensamentos do segundo. Há obras em que esta consideração do leitor pelo narrador é demonstrada por explicações dadas a ele, como na obra “Alvinho e os Presentes de Natal”:

Então ele foi se deitar, sem esquecer de deixar seu sapato junto da lareira que era de mentira, mas que era bem boa pra se deixar o sapato na noite de Natal.
Vocês vão me dar licença, mas eu quero dar uma explicação. Eu não gosto de história que tem sonho no meio. Eu acho meio forçado. Mas eu não posso deixar de contar o sonho do Alvinho, porque aconteceu mesmo e eu não tenho culpa... (ROCHA, 1999, p. 15)¹⁴³.

Em outras obras, este diálogo do narrador com o leitor é registrado no próprio texto, como por exemplo, neste trecho da obra “Procurando Firme”:

¹⁴¹ _____. **Macacote e Porco Pança**. São Paulo: Ática, 1996.

¹⁴² _____. **Aladim e a lâmpada maravilhosa**. São Paulo: Global Editora, 1983.

¹⁴³ _____. **Alvinho e os presentes de Natal**. São Paulo: FTD, 1999.

Esta é uma história de um príncipe e de uma princesa.
- Outra história de príncipe e princesa? Puxa vida! Não há quem agüente mais essas histórias! Dá um tempo!
- Espera um pouco, ô! Você não sabe ainda como a história é.
- Ah, isso eu sei! Aposto que tem castelo!
- Ah, tem, castelo tem.
- E tem rei e tem rainha.
- Ah, rei e rainha também tem. (...)
- Puxa vida! E você vem dizer que não é uma daquelas histórias chatíssimas, que a princesa fica a vida inteira esperando o príncipe encantado?
- Ah, vá, deixa eu contar. Depois você vê se gosta. Que coisa! (ROCHA, 1997, p.3)¹⁴⁴.

Cavalcanti (2001) também já destacou a utilização deste recurso em obras da autora, explicitando como tal estratégia cria “dois planos enunciativos que se misturam”: o do narrador e o do leitor, “que interpela esse narrador, instalando-se no próprio texto” (p. 67). Para a pesquisadora, isso cria uma simetria na interlocução leitor e escritor, ao mesmo tempo aproximando o segundo do primeiro e circunscrevendo sua interpretação do texto, prevendo possíveis reações e respondendo antecipadamente a elas.

Consideramos que, além de delimitar os sentidos do texto, explicitando os eventuais argumentos e contestações do leitor e respondendo a eles, estas estratégias revelam uma autora que pretende aproximar-se do seu leitor através de suas histórias, que pretende ser considerada por ele como alguém com uma identidade, que o leitor pode reconhecer e, conseqüentemente, admirar e valorizar.

Tais estratégias revelam ainda um interesse da autora em mostrar-se atenta ao seu leitor, como alguém que considera e prestigia suas ideias e interesses. Conseqüentemente, uma autora que produz textos que atendem a esses interesses, que escreve histórias com a certeza de que vão agradar a seus leitores.

4.5. O recurso da intertextualidade

Outra característica marcante na obra de Ruth Rocha refere-se à utilização da intertextualidade nas histórias, tanto referindo-se a outras obras ou autores de literatura infantil, como a personagens criados pela própria escritora.

¹⁴⁴ _____. *Procurando firme*. São Paulo: Ática, 1997.

Referente ao primeiro caso – de referência a outras obras e autores – temos por exemplo o título “O Mistério do Caderninho Preto”, de 1991. A história narra a tentativa de dois adolescentes de escrever um livro e menciona vários autores e livros lidos pelos personagens e que servem de referência para a história que desejam escrever.

Já na primeira página do livro a protagonista menciona que gosta dos livros de Fanny Abramovich e de Carlos de Moraes. Pouco depois, no início do segundo capítulo, menciona Clarice Lispector, recitando uma frase da autora e, no início do terceiro, Ana Maria Machado e sua obra “Alice e Ulisses”.

As referências continuam e são tantos autores, trechos de livros e títulos de obras citados que a história causa a impressão de ter sido escrita justamente para registrar os nomes das leituras e autores prestigiados pela autora.

Outro livro com característica semelhante é “Atrás da Porta”, publicado em 1997. Esta obra recebeu o selo “Altamente recomendável” pela FNLIJ e já foi duas vezes selecionada para o programa do PNBE, tendo sido distribuída nas escolas públicas em 1999 e 2001. A obra cita em seu enredo o nome da editora Salamandra, editora pela qual o próprio livro está publicado, além de ilustradores e autores de literatura infantil.

A história conta sobre um garoto chamado Carlinhos, cuja avó morava num imenso casarão que fora dividido ao meio e teve metade dos cômodos doados à escola em que o menino estudava. Certa noite, Carlinhos descobre uma passagem secreta no quarto da avó, que revela uma imensa biblioteca na qual ele começa a passar várias horas toda noite lendo.

Aos poucos, o garoto vai trazendo colegas da escola para lerem com ele. Quando os pais de Carlinhos descobrem as crianças no cômodo até então fechado, explicam que aquela é na verdade a biblioteca da escola, que deveria estar com o acesso aberto no prédio em que estudavam.

Os pais de Carlinhos então vão até a escola para conversar com a diretora, que resolve fazer uma festa para abertura da biblioteca:

A festa na Biblioteca foi ótima! Vieram crianças de todas as escolas da redondeza. Teve uma surpresa para o Carlinhos. Com essa história toda, Antonio descobriu que os livrões de que Carlinhos tanto gostava tinham sido escritos à mão por dona Carlotinha. Ele então mandou para a *Editora Salamandra*, e dona Regina, que é a editora lá deles gostou muito e resolveu editar as histórias todas. (ROCHA, 1997, p. 24, grifos nossos)¹⁴⁵.

¹⁴⁵ _____. **Atrás da porta**. São Paulo: Salamandra, 1997.

Além de prestigiar a editora que publica este e outros títulos seus, Ruth Rocha também menciona ilustradores de literatura infantil, todos eles profissionais que já haviam ilustrado obras da escritora¹⁴⁶:

Então ele fez uma coleção bárbara, ilustrada pelo Walter Ono, pela Eva Furnari, pelo Ziraldo, pelo Carlos de Brito, pela Helena Alexandrino, pelo Ivan Zigg e por mais uma porção de ilustradores incríveis e eles todos vieram para a festa. (idem, p. 27)

E prestigia ainda outros escritores de literatura infantil:

Teve o lançamento dos livros e a Ana Maria Machado e a Sylvia Orthof e o João Marinho e a Anna Flora e a Edy Lima vieram e assinaram muitos autógrafos nos livros deles. Eu fui também e ganhei das crianças o Prêmio Jacaré, que era um prêmio que elas inventaram. (idem, p. 27)

Apesar de não fazer menção ao seu próprio nome, este fica subentendido quando a autora narra o trecho em terceira pessoa: “Eu fui também e ganhei das crianças o Prêmio Jacaré”, ou seja, além de ter participado da festa assim como os outros autores, Ruth Rocha diz ter sido premiada pelas crianças, reforçando a imagem de autora reconhecida que é.

E há ainda a obra “A Menina que não Era Maluquinha e Outras Histórias”, de 2006. Na história que dá nome ao livro, a personagem refere-se ao famoso personagem criado por Ziraldo, o “menino maluquinho” em vários trechos da narrativa:

“Maluquinha, eu?
Eu não! Não sou nenhuma maluquinha!
Quem me pôs esse apelido foi aquele menino de casacão e panela na cabeça. ...
(ROCHA, 2006, p. 29)¹⁴⁷.

... a escola toda já sabia da história, e aquele menino, aquele da panela na cabeça, começou a me chamar de maluquinha... (idem, p. 36)

A referência ao personagem de Ziraldo é reforçada pelas ilustrações de Mariana Massarani, nas quais o menino é representado de modo muito semelhante ao do autor: com uma panela na cabeça, a camiseta amarela e um grande casaco azul.

¹⁴⁶ Conferir no anexo 7 (p. 172) a quantidade de obras ilustradas por estes e outros ilustradores.

¹⁴⁷ _____. **A menina que não era maluquinha e outras histórias**. São Paulo: Melhoramentos, 2006.

Segundo Lajolo e Zilberman (1988) este recurso da intertextualidade é um procedimento literário que pode ser utilizado graças à consolidação do gênero no Brasil, que propicia uma memória coletiva que pode ser acionada para evocar textos - e também autores e personagens, no caso – matrizes possibilitando sua referência e reaparecimento em outros textos.

Zilberman (2005) também faz referência a este recurso como “fato revelador da maturidade da literatura brasileira destinada às crianças” (p. 168) pois mostra que não mais a literatura estrangeira

... fornece os padrões a serem incorporados pelos autores nacionais, oferecendo-se como modelo e espaço de intertextualidade. O espelho utilizado para os autores se mirarem não mais provém de fora, mas de dentro de nossa tradição, aparecendo (...) como o clássico a reverenciar e, ao mesmo tempo, transgredir. (p.167)

Nesse sentido, pode-se dizer que Ruth Rocha utiliza este recurso para valorizar tanto os autores de literatura infantil, grupo do qual ela faz parte, como também seus textos e personagens.

Constatamos ainda que a utilização deste recurso pela autora não se limita à menção de personagens de literatura infantil de outros autores e consagrados pelo público. Ruth Rocha também lança mão deste recurso para valorizar sua própria produção, estabelecendo relações entre personagens de histórias criados em épocas e contextos diferentes, que reaparecem em obras mais recentes.

Na obra “Gabriela e a Titia”, por exemplo, publicada pela primeira vez em 1983, os amigos da personagem são crianças cujas histórias já haviam sido contadas em outras obras da autora: Marcelo, da famosa obra “Marcelo, Marmelo, Martelo” (1976), Caloca – ou Carlos Alberto, como explica a história “O Dono da Bola”, publicada também em 1976 como parte da mesma obra, e Mariana, protagonista da história “A Cinderela das Bonecas” publicada na revista recreio no período entre 1969 – 1970 e republicada em 1992 como livro pela FTD.

Já a própria Gabriela já havia aparecido também como protagonista de “Gabriela e Teresinha”, texto integrante da obra “Marcelo, Marmelo, Martelo”, na obra “A menina que aprendeu a Voar”, também de 1983, na obra “As Coisas que a Gente Fala”, de 1981 e reaparece em uma das histórias de “A Menina que não Era maluquinha” (2006), como protagonista de “As Cartas de Gabriela”.

O mesmo recurso é usado ainda entre as obras “A Decisão do Campeonato”, “Como se Fosse Dinheiro” e “Armandinho, o Juiz” (1984), “O Piquenique do Catapimba” (1985) e “Historinhas Malcriadas” (1987) e em todas as obras cujo protagonista é o personagem Alvinho, tais como: “No Caminho de Alvinho Tinha uma Pedra” (1977), “As Aventuras de Alvinho” (1984), “Alvinho, o Edifício City of Taubaté e o Cachorro Venceslau” (1986), “Alvinho, a Apresentadora de Tv e o Campeão” (1995), entre outras.

Tal estratégia estabelece uma rede de sentidos entre as histórias, reforçando as características e personalidade de cada personagem. Este recurso já foi também destacado por Cipolini (2007) na análise da coleção “Marcelo, Marmelo, Martelo”, na qual a pesquisadora aponta para a referência de personagens já conhecidos em outras obras nesta coleção:

A vida deles, antes restrita às suas histórias, ganha continuidade umas nas outras. Os bairros e cidades que antes poderiam ser pensados como diversos e dispersos, agora são relacionados. As crianças distantes umas das outras pelas histórias, agora são próximas especialmente pelas histórias também. Essa junção de sua obra pode ser lida como uma tentativa consciente (da autora e da equipe editorial) para a produção de um legado cultural para as crianças brasileiras. Relacionar uma obra à outra cria no imaginário dos leitores uma continuidade de idéias, de proximidade temporal entre as histórias, podendo torna-las a-temporais. Algo fora de seu tempo e acima dele (...) seja por vontade da autora, seja por uma visão de mercado. (p. 131)

Como vimos, este recurso está presente em diversas obras de Ruth Rocha, desde as mais antigas até as mais atuais, demonstrando mais uma vez a habilidade da escritora em valorizar e prestigiar sua própria obra, incentivando o leitor a estabelecer relações entre as histórias e ampliar seu interesse pelos personagens.

Tal estratégia apresenta também uma possibilidade de ampliar sua produção, uma vez que permite a reutilização dos mesmos personagens em diversas histórias, reaproveitando as características e comportamentos criados para cada um deles em uma grande quantidade de obras.

Incentiva ainda a aquisição de conjuntos de sua produção por parte do leitor, que pode interessar-se por histórias cujo personagem já conhece e aprecia, despertando nele o desejo por conhecer as demais histórias daquele personagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma série de operações articuladas (gestuais e mentais) – literalmente é isto, escrever, - vai traçando na página as trajetórias que desenham palavras, frases e, enfim, um sistema. Noutras palavras, na página em branco, uma prática itinerante, progressiva e regulamentada – uma caminhada – compõe o artefato de um outro ‘mundo’, agora não recebido, mas fabricado.

Michel de Certeau¹⁴⁸

Apresentamos neste trabalho algumas das inúmeras possibilidades de análise que nos foram oportunizadas a partir do referencial teórico e do conjunto de obras que formaram nosso *corpus*, através das quais fabricamos as reflexões até aqui registradas.

Muitas das questões e hipóteses por nós levantadas não puderam ser aprofundadas mas oferecem muitas possibilidades de reflexão sobre a obra de Ruth Rocha e da literatura infantil brasileira como um todo.

Durante toda a análise, procuramos compreender como as escolhas – de materiais, formatos, parceiros, projetos gráficos, temas e linguagem - que deram forma à produção da autora durante esses quarenta anos revelam concepções e representações por parte da escritora e seus editores do que pressupõem ser a literatura para crianças e indicam um leitor que se pretende conquistar com a obra.

Para além de todos os aspectos que já consideramos durante o desenvolvimento deste trabalho, sobressai-se primeiramente o *volume* da produção de Ruth Rocha.

Analisando o conjunto de sua produção, consideramos que se trata de uma autora que opta por escrever uma grande quantidade de textos, desmistificando a imagem idealizada de autor que escreve apenas alguns memoráveis livros. Ruth Rocha parece optar por fazer-se presente no mercado de literatura infantil pela constância de lançamentos, embora muitas de suas obras tenham reconhecimento de público e de crítica. Para isso, lança mão de inúmeros recursos, tais como:

A produção de coleções, seja de coleções com autores diversos nas quais publica algumas obras suas, como foi comum no início de sua carreira, seja através de coleções exclusivas, nas

¹⁴⁸ CERTEAU. Michel de. **A Invenção do Cotidiano**: Artes de Fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994, p. 225.

quais há um investimento das editoras em novos projetos gráficos para títulos publicados anteriormente, de modo a conferir-lhes identidade e unidade, como é o caso da *Coleção Sambalelê*, lançada pela editora Ática na década de 90 e, mais recentemente das coleções da *Biblioteca Ruth Rocha*, lançadas pela Salamandra a partir de 2009;

As parcerias com outros profissionais, que possibilitam a atuação da escritora em diversos nichos do mercado de livros infantis, tais como o de livros didáticos, paradidáticos, autoajuda, e até mesmo sua atuação em outros segmentos do mercado de produtos infantis como o de discos, cds, dvds e brinquedos;

A escrita de recontos que, apesar de não se tratarem de histórias criadas pela autora, ganham *status* de obras de autoria graças a engenhosas estratégias textuais e editoriais que identificam estas obras como pertencentes à Ruth Rocha, tanto pelo título que recebem (constituído sempre pelo prenome “Ruth Rocha conta”, “...apresenta”, “...reconta”, etc), pelo selo que lhes identifica como obra da escritora como também pela ausência de informações sobre o autor original da história;

A repetição de personagens em diversos títulos, como é o caso dos reconhecidos personagens que ganharam coleções inteiras com suas aventuras: Marcelo, Alvinho e Catapimba, entre outros, e até mesmo a repetição de temas e histórias em diferentes obras, como é o caso, por exemplo, das histórias “O Coelho que não era de Páscoa” e “O Passarinho que não Queria ser Cantor”, cujos textos reforçam a semelhança do título.

Todas estas são estratégias que possibilitam à escritora oferecer ininterruptamente novos títulos a este mercado de produtos infantis – sempre ávido por novidades e lançamentos - ao qual pertence a literatura infantil.

Além disso, a obra da autora é marcada também pela *diversidade* de produção. Em nossa análise observamos que, se há muitos aspectos que caracterizam sua obra como um todo, há também uma grande variedade de recursos que transformam esta produção ao longo do tempo, tanto no que se refere a novos projetos para as mesmas obras como no que se refere aos textos escritos pela autora nos diferentes períodos, que se modificam em relação aos temas e gêneros para atender aos interesses de diferentes leitores e servir a diferentes usos.

Referente à primeira situação, temos o caso exemplar da obra “Pra que Serve?” que, publicada pela primeira vez em 1986 com temas bastante relacionados ao contexto histórico

cultural da época, mantem-se no mercado até a atualidade através de seis novos projetos gráficos que se diferenciam bastante entre si e garantem uma roupagem nova e atual para o mesmo texto.

Referente ao segundo caso – das transformações dos temas e gêneros – observamos que, se alguns temas parecem deixar de atrair o interesse da autora (como a crítica à sociedade e a questão dos valores morais) outros passam a se fazer presentes constantemente em sua obra (como a temática do meio ambiente, por exemplo) e, ainda, que os textos com um trabalho mais lúdico com a linguagem, que exploram o gênero poético, a rima e o ritmo, vão cedendo lugar a textos mais simples, curtos e também aos textos informativos.

Temos como resultado disso uma produção que ora se volta para a criança, abordando suas necessidades e interesses ou o seu ponto de vista, como as obras cujos protagonistas são crianças, por exemplo, das coleções *Catapimba e sua Turma* (1984), *A turma da Nossa Rua* (1995), *As Aventuras de Alvinho* (1996) e a *Coleção Comecinho* (a partir de 1999), ora se volta para os pais, propondo usos do livro como instrumento para auxiliar no desenvolvimento emocional e psicológico das crianças, como por exemplo, os títulos da série *Os Medos que eu Tenho* (1986) e *As coisas que eu Gosto* (1987),

Uma produção também que ora se volta para o professor, propondo abordagens educativas e até mesmo didáticas de temas contemporâneos, ora se volta para a escola de modo geral ou para as compras governamentais, oferecendo textos para trabalhar conteúdos escolares ou abordagens politicamente corretas de assuntos dos currículos.

Sua produção pressupõe ainda *práticas de leitura* diversas. Em algumas situações, propõe uma leitura focada no hábito de contar histórias para crianças com textos que enfatizam características como a rima e o ritmo, valorizando a linguagem literária e os recursos da língua. Representante desta opção é toda a *Coleção Sambalelê*, com histórias divertidas e rimadas, trazendo como protagonistas principalmente animais com comportamentos humanos e que abordam temas suaves e agradáveis como valorização das diferenças, generosidade, bondade e amizade.

Em outras obras, propõe-se a leitura como divertimento, dando-se ênfase a atividades que extrapolam a leitura, como escrever, desenhar, pintar ou montar. Nestas obras, privilegia-se a apresentação robusta, os projetos gráficos arrojados e a presença de acessórios, ficando o texto em segundo plano, como é o caso da *Coleção Comecinho*, que acompanha cd, fantoches e cenário para montar.

Em outras produções foca-se a leitura como fonte de conhecimento, com textos que privilegiam informações, conteúdos e conceitos a serem aprendidos pela criança, obras que se aproximam bastante dos conteúdos e temas trabalhados na escola e distanciam-se também da linguagem literária. Nesse caso, são obras que preveem uma leitura mais atenta, que se concentra em detalhes de informações, mapas e anexos, como é o caso da obra “Ruth Rocha conta a Odisséia”.

Essa diversidade de temas, de gêneros e de práticas de leitura propostas, por sua vez, nos aponta para as mudanças na *concepção do leitor* previsto para obra. São múltiplas as obras porque nesses quarenta anos são múltiplos os leitores que se quer atingir: um leitor mais engajado socialmente, que se espelha nos personagens do quarteto dos reizinhos para impor-se diante dos problemas e dificuldades; um leitor mais interativo, que deseja manusear, riscar, recortar e colar no livro; um leitor mais “ecológico” que se preocupa com as questões sobre consumo e sustentabilidade; um leitor mais exigente que busca no livro informações e conhecimentos confiáveis relacionados à cultura geral; um leitor que estabelece relações entre a obra e outros personagens e autores da literatura infantil ou que a associa a outras manifestações da cultura popular na qual se insere, como músicas, ditados populares e cantigas.

Tais características – e as demais apresentadas no decorrer desse estudo - permitem-nos compreender a produção desta autora considerando não apenas os textos produzidos por ela mas principalmente os suportes materiais através dos quais estas obras chegam a seus leitores e são recebidas por eles, refletindo sobre como estes suportes afetam e interferem nas características dos textos e na sua recepção.

Tal perspectiva permite-nos compreender que tais características revelam opções editoriais direcionadas por interesses de mercado, e que as alterações operadas nas obras no decorrer do tempo, por sua vez, demonstram tentativas de atualização desta produção em diferentes períodos, com o objetivo de possibilitar a permanência do sucesso desta autora, desde suas primeiras publicações até os dias de hoje.

Em todas as situações, como já dissemos, a produção de Ruth Rocha revela uma escritora que – em consonância com as diferentes estratégias editoriais criadas para sua obra em todo esse período - opta por utilizar todos os recursos disponíveis para atrair e cativar o interesse de seu destinatário – a criança, que opta por oferecer um produto a ela.

Revela também uma escritora que deseja ser reconhecida como profissional da escrita de livros e, especificamente, de livros infantis, que demonstra empenho e persistência na valorização tanto de sua obra como da produção de seus colegas de ofício, rejeitando a “menoridade” a que comumente o gênero é submetido e que, nesta trajetória, alcançou um espaço representativo e de reconhecimento, tanto de público como de crítica.

Analisar a obra desta autora sob este ponto de vista nos indica uma maneira de olhar para toda a literatura infantil brasileira que, como produto cultural e de consumo inserido numa sociedade movida pelos interesses de mercado, insere-se num complexo jogo envolvendo o “querer dizer” do autor, seu projeto discursivo, e inúmeros condicionantes externos referentes à custos da produção, interesses editoriais e possibilidades de vendas das obras.

A produção de Ruth Rocha nos evidencia exemplarmente tanto as inúmeras possibilidades contidas no segmento da literatura infantil como os limites a que ela está subordinada, sendo representativa de características que definem a literatura infantil no Brasil que, conforme afirmam Lajolo e Zilberman (2006), possui uma “natureza desmistificadora”

porque, se se dobra a exigências diversas, revela ao mesmo tempo em que medida a propalada autonomia da literatura não passa de um esforço notável de superar condicionantes externos – de cunho social e caráter mercadológico – que a sujeitam de várias maneiras. E, como ainda assim, alcança uma identidade, atestada pela permanência histórica do gênero e pela predileção de que é objeto do leitor criança, mostra que a arte literária circunscreve sempre um espaço próprio e inalienável de atuação, embora seja ele limitado por vários fatores. (p. 19).

Esperamos que a trajetória de nossas reflexões, escrita e registrada nas páginas desta dissertação, possa contribuir com a reflexão sempre pertinente a respeito da literatura infantil e, principalmente, para a percepção dos “efeitos de persuasão clandestina que os escritos exercem” (BOURDIEU; CHARTIER, 2001, p. 252), ou pretendem exercer, sobre seu leitor.

BIBLIOGRAFIA

Bibliografia Geral:

ABREU, Márcia. **Cultura letrada:** literatura e leitura. São Paulo: Editora Unesp, 2006.

AMORIM, Galeno (org.). **Retratos da leitura no Brasil.** São Paulo: Imprensa Oficial: Instituto Pró-Livro, 2008.

ARROYO, Leonardo. **Literatura infantil brasileira:** ensaio de preliminares para a sua história e suas fontes. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1968.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: _____. **Estética da criação verbal.** 4 ed. SP: Martins Fontes, 2003.

BASTOS, Dau (org.). **Ana & Ruth:** 25 anos de literatura. Rio de Janeiro: Salamandra, 1995.

BATISTA, Antônio Augusto Gomes; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Livros escolares de leitura no Brasil:** elementos para uma história. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2009.

BOLFER, Maura Maria Morais de Oliveira (autor); FERREIRA, Norma Sandra de Almeida (orient.). **Imagens/representações de professora na literatura infantil:** um confronto entre a tradição e a inovação. 2003. 160p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP, 2003.

BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger. A leitura: uma prática cultural. In: CHARTIER, Roger. (org.) **A história cultural:** entre práticas e representações. Rio de Janeiro, RJ; Lisboa: Bertrand Brasil: DIFEL, 1990.

CADERMATORI, Ligia. **O que é literatura infantil.** 2 ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2010.

CARVALHO, Isolda Paiva (autor); SUANO, Helenir (orient.). **O ideário moral-pedagógico na literatura infantil de Ruth Rocha.** 01/09/2005. 169p. Tese (doutorado) – Universidade de São Paulo – USP, Faculdade de Educação, São Paulo, 2005.

CAVALCANTI, Jaraunice Rodrigues (autor); Maria Adélia Ferreira Mauro (orient.). **O leitor inscrito nos textos infantis**. 01/04/2001. 121p. Dissertação (mestrado) – Universidade de São Paulo – USP, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2001.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro, RJ; Lisboa: Bertrand Brasil: DIFEL, 1990.

_____. (org.). **Práticas da leitura**. 2 ed. São Paulo, SP: Estação Liberdade, 2001a.

_____. **Cultura escrita, literatura e história: conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre, Jesus Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001b.

CIPOLINI, Thais Otani (autor); GALZERANI, Maria Carolina Bovério (orient.). **Tramas tramadas de um tapete: fios históricos nas produções literárias de Ruth Rocha**. 2007. 162p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP, 2007.

DAIBELLO, Cláudia de Oliveira; FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. A literatura infantil de Ruth Rocha: uma forma particular de representar o mundo. **Leitura: teoria e prática**. Campinas/Porto Alegre: Mercado Aberto, vol. 58, p. 845- 853, Junho, 2012.

DALCIN, Andrea Rodrigues (autor); FERREIRA, Norma Sandra de Almeida (orient.). **Um escritor e ilustrador (Odilon Moraes), uma editora (Cosac Naify): criação e fabricação de livros de literatura infantil**. 2013. 196 p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP, 2013.

DANTAS, Audálio. **A infância de Ruth Rocha**. São Paulo: Callis Editora, 2006.

DAUSTER, Tânia. A fabricação de livros infanto-juvenis e os usos escolares: o olhar dos editores. **Leitura: teoria e prática**. Campinas/Porto Alegre: Mercado Aberto, vol. 19, nº 36, pag. 03-10, dezembro, 2000.

FERNANDES, Célia Regina Delácio. **Práticas de leitura escolar no Brasil: representações da escola, de professores e do ensino na literatura infanto-juvenil a partir dos anos 80.** Tese (Doutorado) – Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, Campinas, 2004.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida (org.). **Livros, catálogos, revistas e sites para o universo escolar.** Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 2006a.

_____. (org.). Livros infantis: uma estratégia editorial. *In:* _____. **Livros, catálogos, revistas e sites para o universo escolar.** Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 2006b.

_____. **Um estudo das edições de Ou isto ou aquilo, de Cecília Meireles.** Pro-Posições (UNICAMP. Impresso), v. 20, p. 185-204, 2009.

_____. **A prática de 'ler literatura' como distinta de muitas outras práticas de leitura.** Nuances (UNESP Presidente Prudente), v. 21, p. 76-92, 2012.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso:** aula inaugural no College de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 20 ed. São Paulo, SP: Loyola, 2010.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais:** morfologia e história. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.

GOULEMOT, Jean Marie. Da leitura como produção de sentidos. *In:* CHARTIER, Roger (org.). **Práticas da leitura.** 2 ed. São Paulo, SP: Estação Liberdade, 2001.

LAJOLO, Marisa. Ana Monteiro e Ruth Lobato ou vice-versa? *In:* BASTOS, Dau (org.). **Ana & Ruth: 25 anos de literatura.** Rio de Janeiro: Salamandra, 1995.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira:** história e histórias. 6 ed. São Paulo: Ática, 2006.

MACHADO, Ana Maria. **Ilhas do tempo:** algumas leituras. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 2004.

MAZIERO, Maria das Dores Soares (autor); FERREIRA, Norma Sandra de Almeida (orient.). **Mitos gregos na literatura infantil: que Olimpo é esse?** 2006. 120p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP, 2006a.

MAZIERO, Maria das Dores Soares. Mitos gregos para o público infantil: do impresso à internet. *In:* FERREIRA, Norma Sandra de Almeida (org.). **Livros, catálogos, revistas e sites para o universo escolar.** Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 2006b.

MEIRELES, Cecília. **Problemas da literatura infantil.** São Paulo: Summus, 1979.

MELLER, Anne Kay Emerich Lentz (autor); CABRAL, Gladir da Silva; LEITE, Maria Isabel Ferraz Pereira (orient.). **As concepções de infância em obras de Ruth Rocha.** 01/12/2009. 73p. Dissertação (mestrado) – Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC, Faculdade de Educação, Criciúma, SC, 2009.

MELO, Elizabete Amorim de Almeida (autor); FERREIRA, Norma Sandra de Almeida (orient.). **Livros paradidáticos de Língua Portuguesa para crianças: uma fórmula editorial para o universo escolar.** 2004. 146p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP, 2004.

MENNA, Ligia Regina Máximo Cavaleri (autor); SERRANO, Carlos Henriques Moreira (orient.). **A denúncia da exploração humana através da carnavalização: o Reizinho Mandão de Ruth Rocha, As aventuras maravilhosas de João sem Medo de José Gomes Ferreira e a Montanha da Água Lilás de Pepetela.** 2002. 179p. Dissertação (mestrado) - Universidade de São Paulo – USP, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, SP, 2003.

MIGUEL, Maria Aparecida de Fátima (autor); CECCANTINI, João Luís Cardoso Tápias (orient.). **Ruth Rocha, página a página: bibliografia de e sobre a autora.** 01/11/2006. 197p. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP, Faculdade de Ciências e Letras, Assis, SP, 2006.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. Leitura crítica da literatura infantil. **Leitura: teoria e prática.** Campinas/Porto Alegre: Mercado Aberto, vol. 19, nº 36, p. 11-17, dezembro, 2000.

_____. **Leitura, literatura e escola: subsídios para uma reflexão sobre a formação do gosto.** São Paulo, SP: Martins Fontes, 1989.

OLIVEIRA, Ieda de. **O contrato de comunicação da literatura infantil e juvenil**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

OLIVEIRA, Íris Filomena. **Um estudo sobre a presença de obras de literatura infantojuvenil portuguesa no mercado livreiro brasileiro em 2010 e 2011**. 2013. 199 p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP, 2013.

ROCHA, Ruth. **O escritor por ele mesmo: leituras de Ruth Rocha**. Instituto Moreira Salles, São Paulo, SP, 2004.

RODRIGUES, Eni Carmo de Oliveira. As lobatices de Ruth. *In: SILVA, Vera Maria Tietzmann (org.). **Vendo a vida com humor: estudos sobre Ruth Rocha***. Goiânia: Cãnone Editorial, 2005.

SANTOS, Maria Lygia Cardoso Kopke (autor); FERREIRA, Norma Sandra de Almeida (orient.). **Entre louças, pianos, livros e impressos: a Casa Livro Azul**. 2004. 196p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP, 2004.

SERRA, Elizabeth D'Angelo (org.). **30 anos de literatura para crianças e jovens: algumas leituras**. Campinas, SP: Mercado de Letras: ALB, 1998.

SILVA, Vera Maria Tietzmann (org.). **Vendo a vida com humor: estudos sobre Ruth Rocha**. Goiânia: Cãnone Editorial, 2005.

SILVESTRE, Simone Michelle. **Sobre o que e ser escritor no discurso de Ana Maria Machado**. 2007. 121p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP.

TOZZI, Juliana Bernardes. **Livro infantil no Brasil (2007-2008): marcas em circulação, catálogos de divulgação e infâncias anunciadas**. 2011. 236 p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP.

ZILBERMAN, Regina. **Como e porque ler a literatura infantil brasileira**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

_____. **A literatura infantil na escola**. 11 ed. São Paulo: Global Editora, 2006.

ZILBERMAN, Regina; LAJOLO, Marisa. **Um Brasil para crianças: para conhecer a Literatura Infantil Brasileira:** histórias, autores e textos. São Paulo: Global, 1988.

Obras de Ruth Rocha:

ROCHA, Ruth. **Marcelo, marmelo, martelo.** São Paulo, SP: Salamandra, 1976.

_____. **Nicolau tinha uma idéia.** São Paulo, SP: Abril Livros, 1976.

_____. **Palavras, muitas palavras.** São Paulo, SP: Abril Livros, 1976.

_____. **Catapimba e sua turma e outras histórias.** São Paulo, SP: Abril Livros, 1977. (Coleção Histórias de Recreio).

_____. **Faz muito tempo e outras histórias.** São Paulo, SP: Abril Livros, 1977.

_____. **Marcelo, marmelo, martelo.** 2 ed. São Paulo, SP: Salamandra, 1977.

_____. **Pedrinho pintor e outras histórias.** São Paulo, SP: ABRIL/MEC, 1977. (Coleção Sambalelê).

_____. **As Aventuras de Alvinho.** São Paulo: Melhoramentos, 1984.

_____. **Pra que serve?** São Paulo: Círculo do Livro, [198-].

_____. **O que os olhos não vêem.** São Paulo, SP: Salamandra, 1981.

_____. **Viva a macacada! E outras histórias.** 2 ed. São Paulo, SP: Abril Livros, 1981.

_____. **Davi ataca outra vez.** São Paulo: Codecri, 1982.

_____. **O velho, o menino e o burro.** São Paulo, SP: Global, 1982.

_____. **Sapo-Vira-Rei-Vira-Sapo.** São Paulo, SP: Editora Abril, 1982. (Coleção Histórias da Taba).

_____. **A menina que aprendeu a voar.** São Paulo, SP: Salamandra, 1983.

_____. **Aladim e a lâmpada maravilhosa.** São Paulo: Global Editora, 1983.

_____. **Dois idiotas sentados cada qual no seu barril.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

_____. **Faca sem ponta galinha sem pé.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

_____. **O rei que não sabia de nada.** São Paulo, SP: Salamandra, 1983.

_____. **Por nome de Passaredo.** Rio de Janeiro: Nórdica, 1983.

_____. **Quando eu comecei a crescer.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

_____. **Sapo-Vira-Rei-Vira-Sapo.** 2 ed. São Paulo, SP: Salamandra, 1983.

_____. **A árvore do Beto.** 2 ed. São Paulo, SP: Abril Cultural, 1984.

_____. **A máquina maluca.** São Paulo, SP: Cultrix, 1984.

_____. **A decisão do campeonato.** Rio de Janeiro, RJ: Rocco, 1984.

_____. **Armandinho, o juiz.** Rio de Janeiro, RJ: Rocco, 1984.

_____. **Como se fosse dinheiro.** Rio de Janeiro, RJ: Rocco, 1984.

_____. **De hora em hora.** 4 ed. São Paulo, SP: Abril Livros, 1984.

- _____. **Procurando firme.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- _____. **Cometa Halley: fascinante e belo.** São Paulo: Círculo do Livro, 1985.
- _____. **O reizinho mandão.** São Paulo, SP: Quinteto Editorial, 1985.
- _____. **Alvinho, o Edifício City of Taubaté e o Cachorro Venceslau.** São Paulo: Melhoramentos, 1986.
- _____. **Histórias de antigamente.** Rio de Janeiro, RJ: José Olympio, 1986.
- _____. **Ninguém gosta de mim?** São Paulo, SP: Ed. Lastri, 1986. (Coleção Os Medos que eu Tenho).
- _____. **Pra que serve?** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- _____. **Quem tem medo de cachorro?** Rio de Janeiro: Editora Globo, 1986.
- _____. **Quem tem medo de monstro?** Rio de Janeiro: Rio Gráfica, 1986.
- _____. **Boi, boiada, boiadeiro.** São Paulo, SP: Quinteto Editorial, 1987.
- _____. **Este admirável mundo louco.** São Paulo, SP: Salamandra. 1987.
- _____. **Historinhas malcriadas.** São Paulo, SP: Salamandra. 1987.
- _____. **Que eu vou pra Angola.** Rio de Janeiro, RJ: José Olympio, 1988.
- _____. **Uma história de rabos presos.** São Paulo, SP: Salamandra. 1989.
- _____. **Azul e lindo: planeta terra, nossa casa.** São Paulo, SP: Salamandra, 1990.

- _____. **Marcelo, marmelo, martelo.** 49 ed. São Paulo, SP: Salamandra, [199?].
- _____. **Mulheres de coragem.** São Paulo, SP: FTD, 1991.
- _____. **O mistério do caderninho preto.** São Paulo: Melhoramentos, 1991.
- _____. **Eugênio, o gênio.** 7 ed. São Paulo, SP: Ed. Ática, 1992. (Coleção Sambalelê).
- _____. **O piquenique do Catapimba.** São Paulo, SP: FTD, 1992.
- _____. **A cortina da tia Bá.** São Paulo, SP: Ática, 1993.
- _____. **Borba, o gato.** São Paulo, SP: Ática, 1994. (Coleção Sambalelê).
- _____. **Entreviste seus amigos.** São Paulo, SP: FTD, 1994.
- _____. **Entreviste seus ídolos.** São Paulo, SP: FTD, 1994.
- _____. **Minha turma álbum.** São Paulo, SP: FTD, 1994.
- _____. **Alvinho, a Apresentadora de Tv e o Campeão.** São Paulo, SP: FTD, 1995. (Coleção As aventuras de Alvinho).
- _____. **Faz muito tempo.** 11 ed. São Paulo, SP: Ática, 1995. (Coleção Sambalelê).
- _____. **Macacote e Porco Pança.** São Paulo, SP: Ática, 1996. (Coleção Sambalelê).
- _____. **Mil pássaros pelos céus.** 3 ed. São Paulo, SP: Ática, 1996. (Coleção Sambalelê).
- _____. **Pra que serve?** 12 ed. São Paulo: Salamandra, 1996.

- _____. **Atrás da porta.** São Paulo: Salamandra, 1997.
- _____. **No Caminho de Alvinho Tinha uma Pedra.** 4 ed. São Paulo: FTD, 1997.
- _____. **Procurando firme.** São Paulo: Ática, 1997.
- _____. **As coisas que a gente fala.** São Paulo: Salamandra, 1998.
- _____. **A escolinha do mar.** 6 ed. São Paulo, SP: Ática, 1999. (Coleção Sambalelê).
- _____. **Alvinho e os presentes de Natal.** São Paulo: FTD, 1999.
- _____. **O menino que quase morreu afogado no lixo.** São Paulo, SP: Quinteto Editorial, 1999.
- _____. **Marcelo, marmelo, martelo.** 53 ed. São Paulo, SP: Salamandra, [200?].
- _____. **Ruth Rocha conta a Odisséia.** São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2000.
- _____. **Gabriela e a titia.** 2 ed. São Paulo, SP: Salamandra, 2001.
- _____. **O bairro do Marcelo.** São Paulo, SP: Salamandra, 2001.
- _____. **Quem tem medo de monstro?** São Paulo: Global, 2002.
- _____. **Pra que serve?** São Paulo: Salamandra – PNBE, 2003.
- _____. **Almanaque Ruth Rocha.** São Paulo: Ática, 2004.
- _____. **Os músicos de Bremem.** Edição renovada. São Paulo: FTD, 2004. (Coleção Lê pra mim).

_____. **Rubens, o semeador.** São Paulo: Salamandra, 2004.

_____. **Ruth Rocha conta a Ilíada.** São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2004.

_____. **Armandinho, o juiz.** Edição renovada. São Paulo, SP: FTD, 2005. (Coleção A turma da nossa rua).

_____. **O jacaré preguiçoso.** São Paulo: Salamandra, 2005.

_____. **Pra que serve?** 2 ed. São Paulo: Salamandra, 2005.

_____. **Tom Sawyer.** São Paulo: Objetiva, 2005.

_____. **A menina que não era maluquinha e outras histórias.** São Paulo: Melhoramentos, 2006.

_____. **As dúvidas que eu tenho:** inteligência emocional para crianças. São Paulo, SP: Ática, 2006.

_____. **Meus lápis de cor são só meus.** São Paulo: Melhoramentos, 2006.

_____. **O macaco bombeiro.** São Paulo: Salamandra, 2006.

_____. **O menino que quase virou cachorro.** São Paulo: Melhoramentos, 2006.

_____. **Comecinho:** quatro histórias para quem começa a ler. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2007. Vol. 1.

_____. **O coelhinho que não era de páscoa.** 8 ed. São Paulo, SP: Ática, 2007. (Coleção Sambalelê).

_____. **Romeu e Julieta.** 14 ed. São Paulo, SP: Ática, 2007. (Coleção Sambalelê).

- _____. **Super atividades da Ruth Rocha.** São Paulo: Melhoramentos, 2007.
- _____. **Vivinha, a baleiazinha.** São Paulo: Salamandra, 2007.
- _____. **Os direitos da criança segundo Ruth Rocha.** 2 ed. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2008.
- _____. **O passarinho que não queria ser cantor.** São Paulo, SP: Salamandra, 2009.
- _____. **Quem vai salvar a vida?** São Paulo: FTD, 2009.
- _____. **Armandinho, o juiz.** São Paulo: Moderna, 2010.
- _____. **João e Maria.** São Paulo: Moderna, 2010.
- _____. **João e o pé de feijão.** São Paulo: Moderna, 2010.
- _____. **Pra que serve?** São Paulo: Salamandra, 2010.
- _____. **Marcelo, marmelo, martelo.** São Paulo, SP: Moderna, 2011.
- _____. **Quem tem medo do ridículo?** 3 ed. São Paulo: Global, 2011.
- _____. **Quem tem medo de cachorro?** São Paulo, SP: Moderna, 2012.
- _____. **Canções, parlendas, quadrinhas, para crianças novinhas.** São Paulo, SP: Moderna, 2013.

ANEXOS

ANEXO 1

OBRAS PUBLICADAS EM ORDEM CRONOLÓGICA

A) OBRAS DE LITERATURA INFANTO-JUVENIL

TÍTULO		ANO DE LANÇAMENTO
1	A árvore do Beto	1976
2	A primavera da lagarta	1976
3	Bom dia, todas as cores!	1976
4	De hora em hora	1976
5	Marcelo, Marmelo, Martelo	1976
6	Palavras, muitas palavras	1976
7	Catapimba e sua turma e outras histórias	1977
8	Faz muito tempo e outras histórias	1977
9	Nicolau tinha uma idéia	1977
10	No caminho de Alvinho tinha uma pedra	1977
11	Pedrinho pintor e outras histórias	1977
12	Romeu e Julieta e outras histórias	1977
13	Viva a macacada! E outras histórias	1977
14	O reizinho mandão	1978
15	O rei que não sabia de nada	1980
16	As coisas que a gente fala	1981
17	O que os olhos não veem	1981
18	Davi ataca outra vez	1982
19	Elefante?	1982
20	O velho, o menino e o burro	1982
21	Sapo vira rei vira sapo	1982
22	A menina que aprendeu a voar	1983
23	Aladim e a lâmpada maravilhosa	1983
24	Dois idiotas sentados cada qual no seu barril	1983
25	Faca sem ponta, galinha sem pé	1983
26	Gabriela e a titia	1983
27	Por nome de Passaredo	1983
28	Quando eu comecei a crescer	1983
29	A Decisão do campeonato *	1984
30	A máquina maluca *	1984
31	Armandinho, o juiz *	1984
32	As Aventuras de Alvinho	1984
33	Como se fosse dinheiro *	1984
34	Declaração Universal dos Direitos Humanos	1984
35	Enquanto o mundo pega fogo	1984
36	Procurando firme	1984
37	Cometa Halley, fascinante e belo	1985
38	O piquenique do Catapimba	1985
39	De repente dá certo	1986
40	Este admirável mundo louco	1986
41	Fábulas de Esopo	1986
42	Fantasma existe?	1986
43	Histórias de antigamente	1986
44	Meu primeiro livro - as horas do dia	1986
45	Meu primeiro livro - cores	1986
46	Meu primeiro livro - fazendo, desfazendo e refazendo	1986
47	Meu primeiro livro - formas	1986
48	Meu primeiro livro - indo e vindo	1986
49	Meu primeiro livro - números	1986
50	Meu primeiro livro - o meu corpo	1986
51	Meu primeiro livro - palavras opostas	1986
52	Meu primeiro livro - quantidades	1986
53	Meu primeiro livro - tamanhos	1986
54	Meu primeiro livro - Emoções	1986
55	Meu primeiro livro - pesos e volumes	1986
56	Ninguém gosta de mim?	1986
57	Pra que serve?	1986
58	Quem tem medo de cachorro?	1986
59	Quem tem medo de dizer não?	1986
60	Quem tem medo de monstro?	1986
61	Quem tem medo de quê?	1986
62	Será que vai doer?	1986

63	Tenho medo mas dou um jeito	1986
64	Alvinho, o edifício City of Taubaté e o cachorro Venceslau	1987
65	As coisas que eu gosto	1987
66	Boi, boiada, boiadeiro	1987
67	Eu gosto muito	1987
68	Historinhas malcriadas	1987
69	Livro de números do Marcelo	1987
70	O menino que aprendeu a ver	1987
71	Sabe do que eu gosto?	1987
72	Tem umas coisas que eu gosto	1987
73	Contos de Perrault	1988
74	O livro dos sentidos - comer	1988
75	O livro dos sentidos - ouvir	1988
76	O livro dos sentidos - pegar	1988
77	O livro dos sentidos - ver	1988
78	O livro dos sentidos - cheirar	1988
79	O que é, o que é? I	1988
80	Que eu vou prá Angola	1988
81	Uma história de rabos presos	1989
82	Azul e lindo, planeta Terra, nossa casa	1990
83	Histórias das Mil e Uma Noites	1991
84	Mulheres de coragem*	1991
85	O mistério do caderninho preto	1991
86	O velho, o menino e o burro e outras histórias caipiras	1991
87	A Cinderela das bonecas	1992
88	A história do livro	1992
89	Eugênio, o gênio *	1992
90	O livro da escrita	1992
91	O livro das letras	1992
92	O livro das línguas	1992
93	O livro das tintas	1992
94	O livro do lápis	1992
95	O livro do papel	1992
96	O livro dos gestos e dos símbolos	1992
97	O que é, o que é? II	1992
98	Romeu e Julieta *	1992
99	A escolinha do mar *	1993
100	O amigo do Rei *	1993
101	O trenzinho do Nicolau *	1993
102	A flauta mágica	1994
103	Borba, o gato *	1994
104	Carmem	1994
105	Entreviste seus amigos	1994
106	Entreviste seus ídolos	1994
107	Minha turma - álbum	1994
108	O barbeiro de Sevilha	1994
109	O coelhinho que não era de Páscoa *	1994
110	O guarani	1994
111	Uma história com mil macacos *	1994
112	A arca de Noé *	1995
113	Alvinho, a apresentadora de Tv e o campeão	1995
114	Faz muito tempo *	1995
115	O que é, o que é? III	1995
116	A coisa *	1996
117	Alvinho e os presentes de Natal	1996
118	Joãozinho e Maria	1996
119	Joãozinho e o Pé de feijão	1996
120	Lá vem o ano novo *	1996
121	Macacote e Porco Pança *	1996
122	Mil pássaros pelos céus *	1996
123	O Barba Azul	1996
124	O patinho feio	1996
125	O rato do campo e o rato da cidade	1996
126	O último golpe de Alvinho	1996
127	Os músicos de Bremen	1996
128	Quando eu for gente grande *	1996
129	Você é capaz de fazer isso?	1996
130	A fantástica máquina dos bichos *	1997
131	Atrás da porta	1997
132	Prá vencer certas pessoas	1997
133	Nosso amigo ventinho*	1998
134	O menino que quase morreu afogado no lixo	1999
135	Pedrinho Pintor *	1999
136	Quando o Miguel entrou na escola	1999
137	Um macaco prá frente *	1999

138	No tempo em que a televisão mandava no Carlinhos	2000
139	Ruth rocha conta a Odisséia	2000
140	A escola do Marcelo	2001
141	A família do Marcelo	2001
142	A rua do Marcelo	2001
143	O bairro do Marcelo	2001
144	Quem tem medo de ridículo?	2001
145	Os direitos da criança segundo Ruth Rocha	2002
146	Almanaque da Ruth Rocha	2004
147	Quem vai salvar a vida?	2004
148	Rubens, o semeador	2004
149	Ruth Rocha conta a Ilíada	2004
150	Leila menina	2005
151	Marília Bela	2005
152	O jacaré preguiçoso	2005
153	O pequeno Mozart	2005
154	Tom Sawyer	2005
155	Um cantinho só prá mim	2005
156	A menina que não era maluquinha e outras histórias	2006
157	As dúvidas que eu tenho: Inteligência emocional p/ crianças	2006
158	Meu amigo dinossauro	2006
159	Meu irmãozinho me atrapalha	2006
160	Meus lápis de cor são só meus	2006
161	O dia em que Miguel estava muito triste	2006
162	O macaco bombeiro	2006
163	O menino que quase virou cachorro	2006
164	Quem manda na minha boca sou eu!	2007
165	Super atividades da Ruth Rocha	2007
166	Toda criança do mundo mora no meu coração	2007
167	Vivinha, a baleiazinha*	2007
168	A menina que não era maluquinha 2 e outras histórias	2008
169	Quem tem medo do novo?	2008
170	Solta o sabiá	2008
171	Viva a diferença	2008
172	A galinha dos ovos de ouro de outras histórias*	2009
173	O monstro do quarto de Pedro	2009
174	O passarinho que não queria ser cantor	2009
175	Pedro e o menino valentão	2009
176	As férias de Miguel e Pedro	2010
177	João e Maria *	2010
178	João e o pé de feijão *	2010
179	Os amigos de Pedrinho	2010
180	O livro das datas - agenda 2012	2011
181	Os amigos do Marcelo	2012
182	Os gatos de botinhas	2013
183	O bichinho do Pimpão	2013
184	Canções, parlendas, quadrinhas, para crianças novinhas	2013

* Obras publicadas anteriormente com títulos diferentes

B) DIDÁTICOS E PARADIDÁTICOS

	TÍTULO	ANO DE LANÇAMENTO
1	Nossa Ilha - Cartilha	1972
2	Meninos da nossa idade - cartilha	1975
3	Minidicionário da Língua Portuguesa Ruth Rocha	1995
4	Escrever e criar é só começar - 1ª a 8ª série - Vol. 1	1996
5	Escrever e criar é só começar - 1ª a 8ª série - Vol. 2	1996
6	Escrever e criar é só começar - 1ª a 8ª série - Vol. 3	1996
7	Escrever e criar é só começar - 1ª a 8ª série - Vol. 4	1996
8	Escrever e criar é só começar - 1ª a 8ª série - Vol. 5	1996
9	Escrever e criar é só começar - 1ª a 8ª série - Vol. 6	1996
10	Escrever e criar é só começar - 1ª a 8ª série - Vol. 7	1996
11	Escrever e criar é só começar - 1ª a 8ª série - Vol. 8	1996
12	Pesquisar e Aprender	1996
13	Minidicionário Enciclopédico Escolar	1996
14	Minidicionário Amplamente Ilustrado	1996
15	A Pesquisa Escolar o Professor e a Pesquisa Volume 1	1996

16	Microdicionário Ruth Rocha	1997
17	Coleção Escrever e criar - uma nova proposta 1ª a 4ª série - Vol. 1	2001
18	Coleção Escrever e criar - uma nova proposta 1ª a 4ª série - Vol. 2	2001
19	Coleção Escrever e criar - uma nova proposta 1ª a 4ª série - Vol. 3	2001
20	Coleção Escrever e criar - uma nova proposta 1ª a 4ª série - Vol. 4	2001
21	Pessoinhas - Linguagem Oral e escrita - V. 1 - Ed. Infantil - Infantil I	2006
22	Pessoinhas - Linguagem Oral e escrita - V. 2 - Ed. Infantil - Infantil II	2006
23	Pessoinhas - Natureza e Sociedade - V. 1 - Ed. Infantil - Infantil I	2006
24	Pessoinhas - Natureza e Sociedade - V. 2 - Ed. Infantil - Infantil II	2006
25	Pessoinhas - Artes - V. 1 - Ed. Infantil - Infantil I	2010
26	Pessoinhas - Artes - V. 2 - Ed. Infantil - Infantil II	2010
27	Pessoinhas - Matemática - V. 1 - Ed. Infantil - Infantil I	2010
28	Pessoinhas - Matemática - V. 2 - Ed. Infantil - Infantil II	2010
29	Pessoinhas - Educação Infantil - Maternal	2010
30	Pessoinhas - Educação Infantil - Livro da Família	2010
31	Contando histórias, formando leitores	2011

C) COLEÇÕES, KITS E OUTROS

	TÍTULO	ANO DE LANÇAMENTO
1	Coleção Taba n.2 - Sapo vira rei vira sapo	1982
2	Coleção Taba n. 5 - Bom dia, todas as cores	1982
3	Coleção Taba n. 24 - O rei que não sabia de nada	1982
4	Coleção Taba n. 40 - Romeu e Julieta	1982
5	Kit - os medos que eu tenho	1997
6	Mil pássaros - Sete histórias de Ruth Rocha (CD)	1999
7	Comecinho - 4 histórias para quem começar a ler	2007
8	O mistério do caderninho preto (audiolivro)	2009
9	Na casa da Ruth - DVD Livro	2009
10	Na casa da Ruth - CD	2009
11	Comecinho Vol. 2 (cd+ dedoches+ jogo)	2010
12	Quando eu fico bravo - Livro Brinquedo	2012

D) OBRAS PUBLICADAS EM ESPANHOL

	TÍTULO	ANO DE LANÇAMENTO
1	El gato Borba	1988
2	Para que sirve?	1990
3	El libro de las letras	1992
4	Los libro de los gestos y los senales	1992
5	El libro de los idomas	1992
6	Libro del papel	1992
7	El libro del lapiz	1992
8	El libro de la escritura	1992
9	La hitoria del libro	2001
10	Dos tontos sentados cada uno em su barril	2004
11	Marcelo, Mebrillo, Martillo y otras historias	2004
12	Quien tiene miedo de decir no?	2005
13	Quien tiene miedo de que?	2005

E) OBRAS PUBLICADAS EM INGLÊS

	TÍTULO	ANO DE LANÇAMENTO
1	Blue and Beautiful - Planet Earth, our home	1990
2	Universal declaration of human rights	1990

F) OBRAS DE TRADUÇÃO

	TÍTULO	ANO DE LANÇAMENTO	AUTOR	EDITORA
1	A doce turma da Alegria - Amiguinhos da floresta	s/d	(não encontrado)	Edições 777
2	A doce turma da Alegria - A grande surpresa	s/d	(não encontrado)	Edições 777
3	A doce turma da alegria - O grande leitor	s/d	(não encontrado)	Edições 777
4	A doce turma da alegria - O novo amigo de Tutu	s/d	(não encontrado)	Edições 777
5	A doce turma da alegria - Quantas coisas prá fazer!	s/d	(não encontrado)	Edições 777
6	A doce turma da Alegria - O acampamento do Zezinho	s/d	(não encontrado)	Edições 777
7	A doce turma da Alegria - Maneco vai para a escola	s/d	(não encontrado)	Edições 777
8	Meu livro dos bichos - o elefante	s/d	(não encontrado)	Rio Gráfica
9	Meu livro dos bichos - os macacos	s/d	(não encontrado)	Rio Gráfica
10	Meu livro dos bichos - o tigre	s/d	(não encontrado)	Rio Gráfica
11	Meu livro dos bichos - o hipopótamo	s/d	(não encontrado)	Rio Gráfica
12	Meu livro dos bichos - ursos	s/d	(não encontrado)	Rio Gráfica
13	Meu livro dos bichos - passarinhos	s/d	(não encontrado)	Rio Gráfica
14	Meu livro dos bichos - o pinguim	s/d	(não encontrado)	Rio Gráfica
15	Meu livro dos bichos - o leão	s/d	(não encontrado)	Rio Gráfica
16	Meu livro dos bichos - cisnes e gansos	s/d	(não encontrado)	Rio Gráfica
17	Meu livro dos bichos - cabras e ovelhas	s/d	(não encontrado)	Rio Gráfica
18	Meu livro dos bichos - aves marítimas	s/d	(não encontrado)	Rio Gráfica
19	Meu livro dos bichos - animais do frio	s/d	(não encontrado)	Rio Gráfica
20	Meu livro dos bichos - a girafa	s/d	(não encontrado)	Rio Gráfica
21	Meu livro dos bichos - a baleia	s/d	(não encontrado)	Rio Gráfica
22	Meu livro dos bichos - cães	s/d	(não encontrado)	Rio Gráfica
23	Meu livro dos bichos - animais domésticos	s/d	(não encontrado)	Rio Gráfica
24	Tia Gertrudes e o Lobo Bobo	1974	Joanna Cole	Abril Editora
25	Piupiu e Frajola	1975	Fred Abranz & Don Mac Laughlin	Abril Editora
26	O que está acontecendo comigo?	1984	Peter Mayle, Arthur Robins, Paul Water	Editores Nobel
27	O elefante e o camaleão	1986	Ruth Hurliman	Melhoramentos
28	O homenzinho da maçã e a mulherzinha da maçã	1987	Marta Koci	Melhoramentos
29	Adeus, meu amigo	1990	Fulvio Testa	Melhoramentos
30	A cortina da Tia Bá	1993	Virginia Woolf	Editora Ática
31	Frida	1996	Yolanda Reyes	FTD
32	Chapeuzinho Vermelho Em Manhattan	1996	Carmen Martin Gaité	Martins Fontes
33	A pior hora do dia	1997	Yolanda Reyes	FTD
34	Terça-feira 5ª aula	1997	Yolanda Reyes	FTD
35	A porta para sair do mundo	2001	Ana Maria Shua	Global Editora
36	(asquerosos) bichos monstruosos	2002	Maria José Valero	Editora Record
37	Histórias de bruxas (travessas)	2002	Maria José Valero	Editora Record
38	Meus (terríveis) fantasmas	2002	Maria José Valero	Editora Record
39	Não, não fui eu!	2002	Ivar da Coll	Formatto
40	Múmias e outros mortos (muito vivos)	2002	Maria José Valero	Record
41	Desfrute sua liberdade e outros caprichos do coração	2003	Antonio Orlando Rodrigues	Salamandra
42	Vidinha boa	2006	Veronique Caplain	FTD
43	A pedra encantada de Brisingamen	2006	Alan Garner	Salamandra
44	Um conto que não é conto	2009	Yolanda Reyes	Mercurio Jovem

ANEXO 2

ASPECTOS GRÁFICOS E EDITORIAIS DAS OBRAS

	TÍTULO	DATA DE LANÇAMENTO	EDIÇÃO ENCONTRADA	ANO	EDITORA	COLEÇÃO	FAIXA ETÁRIA	DIMENSÕES	NÚMERO DE PÁGINAS	TIPO DE LETRA	DIREITOS AUTORAIS	ILUSTRADOR
1	Palavras, muitas palavras	1976	1ª	1976	Editora Abril	não tem	não tem	19X15cm	24 - numeradas	imprensa	© Ruth Rocha	Adalberto Cornavaca
2	Catapimba e sua turma e outras histórias	1977	1ª	1977	Abril/ MEC	Histórias de Recreio	não tem	25X18cm	64 - numeradas	imprensa	© 1977 Ed. Abril S.A Cultural e Industrial	Alberto Llinares/ César Sandoval
3	Pedrinho pintor e outras histórias	1977	1ª	1977	Abril Cultural	Histórias de Recreio	não tem	25X18cm	64 - numeradas	imprensa	© 1977 Abril Cultural SA	Sérgio J. Cântara
4	Romeu e Julieta e outras histórias	1977	1ª	1977	Abril Cultural	Histórias de Recreio	não tem	25X18cm	64 - numeradas	imprensa	© 1977 Abril Cultural SA	Maria Cecília Marra
5	Faz muito tempo e outras histórias	1977	1ª	1977	Abril/MEC	Histórias de Recreio	não tem	25X18cm	64 - numeradas	imprensa	© 1977 Ed. Abril SA Cultural e Industrial	Walter Ono
6	Bom dia, todas as cores!	1976	2ª	1979	Editora Abril/MEC	Coleção Amarelinha	não tem	19X15cm	32 - numeradas	imprensa	© Editora Abril LTDA	Adalberto Cornavaca
7	Nicolau tinha uma idéia	1977	2ª	1979	Abril/ MEC	Coleção Amarelinha	não tem	19X15cm	32 - numeradas	imprensa	© Editora Abril LTDA	Walter Ono
8	O reizinho mandão	1978	2ª	1979	Editora Pioneira	Pinju Série Infantil	não tem	26X18cm	32 - pares	imprensa	© Enio Matheus Guazelli & Cia.LTDA	Walter Ono
9	Viva a macacada! E outras histórias	1977	2ª	1981	Abril Cultural	Histórias de Recreio	não tem	25X18cm	64 - numeradas	imprensa	© 1981 Editora Abril LTDA	Ennio L Possebon
10	O que os olhos não veem	1981	1ª	1981	Salamandra	não tem	não tem	23X16cm	28 - não numeradas	imprensa	© Ruth Rocha, 1981	José Carlos de Brito
11	As coisas que a gente fala	1981	1ª	1981	Rocco	não tem	não tem	23X15cm	24 - não numeradas	imprensa	© Ruth Rocha, 1981	Cecília Jucá
12	Marcelo, Marmelo, Martelo	1976	8ª	1982	Salamandra	não tem	não tem	23X16cm	64 - numeradas	imprensa	© 1976 Ruth Rocha	Adalberto Cornavaca
13	Davi ataca outra vez	1982	1ª	1982	Editora Codecri	Coleção Pasquinzinho	não tem	18,5X16,5cm	44 - numeradas	imprensa	© Ruth Rocha	Naum Alves de Souza
14	Elefante?	1982	1ª	1982	Melhoramentos	Série Benzinho	não tem	não tem	12 - numeradas	imprensa	© 1982 Ruth Rocha	Rogério Borges
15	O velho, o menino e o burro	1982	1ª	1982	Global Editora	Ruth Rocha conta	não tem	23X16cm	16 - não numeradas	imprensa	© Ruth Rocha 1982	César Landucci
16	O rei que não sabia de nada	1980	2ª	1983	Salamandra	não tem	não tem	15,5X23cm	40 - não numeradas	imprensa	© 1980 Ruth Rocha	José Carlos de Brito
17	Sapo vira rei vira sapo	1982	2ª	1983	Salamandra	não tem	não tem	23X16cm	32 - não numeradas	imprensa	© Ruth Rocha, 1982	Walter Ono
18	A menina que aprendeu a voar	1983	1ª	1983	Salamandra	não tem	não tem	23X16cm	32 - não numeradas	imprensa	não tem	José Roberto Graciano
19	Por nome de Passaredo	1983	1ª	1983	Editora Nórdica	não tem	não tem	23X16cm	32 - não numeradas	imprensa	© Ruth Machado Lousada Rocha, São Paulo, SP,	Regina Vater
20	Faca sem ponta, galinha sem pé	1983	1ª	1983	Nova Fronteira	não tem	não tem	23X16cm	30 - não numeradas	imprensa	© 1983 By Ruth Rocha	Walter Ono
21	Dois idiotas sentados cada qual no seu barril	1983	1ª	1983	Nova Fronteira	não tem	não tem	24X17cm	24 - não numeradas	imprensa	© 1983 By Ruth Rocha	Jaguar
22	Gabriela e a titia	1983	1ª	1983	Melhoramentos	Série Vento Azul	não tem	20X21cm	16 - não numeradas	imprensa	© 1983 Companhia Melhoramentos	Alberto Linares
23	Quando eu comecei a crescer	1983	1ª	1983	Nova Fronteira	não tem	não tem	21X21cm	28 - não numeradas	imprensa	© 1983 By Ruth Rocha	Walter Ono
24	A primavera da lagarta	1976	1ª	1984	Melhoramentos	Série Ler e Lazer	não tem	25X18cm	16 - numeradas	imprensa	© 1984 By Ruth Rocha	Maria Cecília Marra
25	De hora em hora	1976	4ª	1984	Abril Livros	não tem	não tem	19X15cm	24 - numeradas	imprensa	não tem	Adalberto Cornavaca
26	A árvore do Beto	1976	2ª	1984	Cultrix	Coleção do Peixinho	não tem	23X16cm	20 - não numeradas	imprensa	© Ruth Rocha	Rogério Borges
27	Procurando firme	1984	1ª	1984	Nova Fronteira	não tem	não tem	23X16cm	40 - não numeradas	imprensa	© 1984 By Ruth Rocha	Ivan Baptista/
28	As Aventuras de Alvinho	1984	1ª	1984	Melhoramentos	Série Alvinho	não tem	23X16cm	32 - numeradas	imprensa	© 1984 By Ruth Rocha	Walter Ono
29	A Decisão do campeonato	1984	1ª	1984	Rocco	Catapimba e sua turma	não tem	23X16cm	24 - numeradas	imprensa	© 1984 By Ruth Rocha	Ivan Baptista/
30	Armandinho, o juiz	1984	1ª	1984	Rocco	Catapimba e sua turma	não tem	23X16cm	24 - não numeradas	imprensa	© 1984 By Ruth Rocha	Ivan Baptista/
31	A máquina maluca	1984	1ª	1984	Cultrix	Coleção do Peixinho	não tem	23X16cm	20 - não numeradas	imprensa	© Ruth Rocha	Walter Ono
32	Como se fosse dinheiro	1984	1ª	1984	Rocco	Catapimba e sua turma	não tem	23X16cm	24 - numeradas	imprensa	© 1984 By Ruth Rocha	Ivan Baptista/
33	Declaração Universal dos Direitos Humanos	1984	1ª	1984	Círculo do Livro	não tem	não tem	13X15cm	52 - não numeradas	imprensa	© By Ruth Rocha	Otávio Roth
34	Enquanto o mundo pega fogo	1984	1ª	1984	Nova Fronteira	não tem	não tem	23X16cm	32 - não numeradas	imprensa	© 1984 By Ruth Rocha	Walter Ono

35	Cometa Halley, fascinante e belo	1985	1ª	1985	Círculo do Livro	não tem	não tem	13X15cm	48 - numeradas	imprensa	© Ruth Rocha, 1985	Helena Alexandrino
36	O piquenique do Catapimba	1985	1ª	1985	Rocco	Catapimba e sua turma	não tem	23X16cm	24 - não numeradas	imprensa	© 1985 By Ruth Rocha	Ivan Baptista/
37	Meu primeiro livro - Emoções	1986	1ª	1986	Melhoramentos	Meu Primeiro Livro	não tem	13,5X15,5cm	04 - não numeradas	imprensa	© 1986 Companhia Melhoramentos de São Paulo	Adalberto Cornavaca
38	Meu primeiro livro - quantidades	1986	1ª	1986	Melhoramentos	Meu Primeiro Livro	não tem	13,5X15,5cm	04 - não numeradas	imprensa	© 1986 Companhia Melhoramentos de São Paulo	Adalberto Cornavaca
39	Meu primeiro livro - formas	1986	1ª	1986	Melhoramentos	Meu Primeiro Livro	não tem	13,5X15,5cm	04 - não numeradas	imprensa	© 1986 Companhia Melhoramentos de São Paulo	Adalberto Cornavaca
40	Meu primeiro livro - números	1986	1ª	1986	Melhoramentos	Meu Primeiro Livro	não tem	13,5X15,5cm	04 - não numeradas	imprensa	© 1986 Companhia Melhoramentos de São Paulo	Adalberto Cornavaca
41	Meu primeiro livro - o meu corpo	1986	1ª	1986	Melhoramentos	Meu Primeiro Livro	não tem	13,5X15,5cm	04 - não numeradas	imprensa	© 1986 Companhia Melhoramentos de São	Eva Fumari
42	Meu primeiro livro - palavras opostas	1986	1ª	1986	Melhoramentos	Meu Primeiro Livro	não tem	13,5X15,5cm	04 - não numeradas	imprensa	© 1986 Companhia Melhoramentos de São	Eva Fumari
43	Meu primeiro livro - indo e vindo	1986	1ª	1986	Melhoramentos	Meu Primeiro Livro	não tem	13,5X15,5cm	04 - não numeradas	imprensa	© 1986 Companhia Melhoramentos de São	Eva Fumari
44	Meu primeiro livro - cores	1986	1ª	1986	Melhoramentos	Meu Primeiro Livro	não tem	13,5X15,5cm	04 - não numeradas	imprensa	© 1986 Companhia Melhoramentos de São	Adalberto Cornavaca
45	Meu primeiro livro - as horas do dia	1986	1ª	1986	Melhoramentos	Meu Primeiro Livro	não tem	13,5X15,5cm	04 - não numeradas	imprensa	© 1986 Companhia Melhoramentos de São	Adalberto Cornavaca
46	Meu primeiro livro - tamanhos	1986	1ª	1986	Melhoramentos	Meu Primeiro Livro	não tem	13,5X15,5cm	04 - não numeradas	imprensa	© 1986 Companhia Melhoramentos de São	Eva Fumari
47	Meu primeiro livro - fazendo, desfazendo e	1986	1ª	1986	Melhoramentos	Meu Primeiro Livro	não tem	13,5X15,5cm	04 - não numeradas	imprensa	© 1986 Companhia Melhoramentos de São	Eva Fumari
48	Meu primeiro livro - pesos e volumes	1986	1ª	1986	Melhoramentos	Meu Primeiro Livro	não tem	13,5X15,5cm	04 - não numeradas	imprensa	© 1986 Companhia Melhoramentos de São	Eva Fumari
49	Este admirável mundo louco	1986	1ª	1986	Salamandra	não tem	não tem	23X16cm	40 - não numeradas	imprensa	© 1986 Ruth Rocha	Walter Ono
50	Prá que serve?	1986	1ª	1986	Nova Fronteira	não tem	não tem	20X13cm	148 - numeradas	imprensa	© 1986, By Ruth Rocha Serviços Editoriais	Graça Lima
51	De repente dá certo	1986	1ª	1986	Salamandra	não tem	não tem	20X13cm	48 - numeradas	imprensa	© Ruth Rocha, 1986	Graça Lima
52	Quem tem medo de cachorro?	1986	1ª	1986	Rio Gráfica	não tem	não tem	17,5X11cm	24 - numeradas	imprensa	© 1986 Ruth Rocha	Ivan e Marcello
53	Quem tem medo de dizer não?	1986	1ª	1986	Rio Gráfica	não tem	não tem	17,5X11cm	24 - numeradas	imprensa	© 1986 Ruth Rocha	Ivan e Marcello
54	Quem tem medo de monstro?	1986	1ª	1986	Rio Gráfica	não tem	não tem	17,5X11cm	24 - numeradas	imprensa	© 1986 Ruth Rocha	Ivan e Marcello
55	Quem tem medo de quê?	1986	1ª	1986	Rio Gráfica	não tem	não tem	17,5X11cm	24 - numeradas	imprensa	© 1986 Ruth Rocha	Ivan e Marcello
56	Histórias de antigamente	1986	1ª	1986	José Olympio	não tem	não tem	22X16cm	48 - não numeradas	imprensa	© Ruth Rocha, 1986	Rogério Borges
57	Fantasma existe?	1986	1ª	1986	Editora Lastri	Os medos que eu tenho	A partir de 3 anos	17X17cm	16 - não numeradas	imprensa	1986, Dora Lorch e Ruth Rocha Serviços Editoriais S/C LTDA	Walter Ono
58	Ninguém gosta de mim?	1986	1ª	1986	Editora Lastri	Os medos que eu tenho	A partir de 3 anos	17X17cm	16 - não numeradas	imprensa	1986, Dora Lorch e Ruth Rocha Serviços Editoriais S/C LTDA	Walter Ono
59	Será que vai doer?	1986	1ª	1986	Editora Lastri	Os medos que eu tenho	não tem	17X17cm	16 - não numeradas	imprensa	1986, Dora Lorch e Ruth Rocha Serviços Editoriais S/C LTDA e	Walter Ono
60	Tenho medo mas dou um jeito	1986	1ª	1986	Editora Lastri	Os medos que eu tenho	não tem	17X17cm	16 - não numeradas	imprensa	1986, Dora Lorch e Ruth Rocha Serviços Editoriais S/C LTDA e	Walter Ono
61	Alvinho, o edifício City of Taubaté e o cachorro	1987	1ª	1987	Melhoramentos	não tem	não tem		24 - numeradas	imprensa	© 1987 Ruth Rocha Serviços Editoriais LTDA	Walter Ono
62	Historinhas malcriadas	1987	1ª	1987	Salamandra	não tem	não tem	23X16cm	40 - numeradas	imprensa	© Ruth Rocha, 1987	Jaguar
63	Livro de números do Marcelo	1987	1ª	1987	Quinteto Editorial	não tem	não tem	19X15cm	24 - não numeradas	imprensa	© Ruth Rocha, 1988	Walter Ono
64	O menino que aprendeu a ver	1987	1ª	1987	Quinteto Editorial	não tem	não tem	19X15cm	24 - numeradas	imprensa	© Ruth Rocha	Walter Ono
65	Boi, boiada, boiadeiro	1987	1ª	1987	Quinteto Editorial	não tem	não tem	23X26cm	24 - numeradas	imprensa	© 1987 Ruth Rocha	José Antonio da Silva
66	As coisas que eu gosto	1987	1ª	1987	Editora Lastri	As coisas que eu gosto	De 1 ano e	17X17cm	16 - não numeradas	imprensa	© 1987 By Ruth Rocha Serviços Editoriais S/C LTDA e	Walter Ono
67	Eu gosto muito	1987	1ª	1987	Editora Lastri	As coisas que eu gosto	De 2 anos	17X17cm	16 - não numeradas	bastão	© 1987 By Ruth Rocha Serviços Editoriais S/C LTDA e	Walter Ono
68	Sabe do que eu gosto?	1987	1ª	1987	Editora Lastri	As coisas que eu gosto	Meninas	17X17cm	16 - não numeradas	imprensa	© 1987 By Ruth Rocha Serviços Editoriais S/C LTDA e	Walter Ono
69	Tem umas coisas que eu gosto	1987	1ª	1987	Editora Lastri	As coisas que eu gosto	Meninos	17X17cm	16 - não numeradas	imprensa	© 1987 By Ruth Rocha Serviços Editoriais S/C LTDA e	Walter Ono
70	Aladim e a lâmpada maravilhosa	1983	3ª	1988	Global Editora	Ruth Rocha Conta	não tem	23X16cm	16 - não numeradas	imprensa	© Ruth Rocha	César Landucci
71	Que eu vou prá Angola	1988	1ª	1988	José Olympio	não tem	não tem	23X16cm	36 - numeradas	imprensa	© Ruth Rocha, 1988.	Nássara
72	Contos de Perrault	1988	1ª	1988	José Olympio	não tem	não tem	23X16cm	36 - numeradas	imprensa	© Ruth Rocha, 1988.	Ana Raquel
73	O livro dos sentidos - cheirar	1988	1ª	1988	FTD	não tem	não tem	13,5X15,5cm	04 - não numeradas	imprensa	© 1988 Quinteto editorial	Walter Ono
74	O livro dos sentidos - comer	1988	1ª	1988	FTD	não tem	não tem	13,5X15,5cm	04 - não numeradas	imprensa	© 1988 Quinteto editorial	Walter Ono
75	O livro dos sentidos - ouvir	1988	1ª	1988	FTD	não tem	não tem	13,5X15,5cm	04 - não numeradas	imprensa	© 1988 Quinteto editorial	Walter Ono
76	O livro dos sentidos - ver	1988	1ª	1988	FTD	não tem	não tem	13,5X15,5cm	04 - não numeradas	imprensa	© 1988 Quinteto editorial	Walter Ono
77	O livro dos sentidos - pegar	1988	1ª	1988	FTD	não tem	não tem	13,5X15,5cm	04 - não numeradas	imprensa	© 1988 Quinteto editorial	Walter Ono
78	Uma história de rabos presos	1989	1ª	1989	Salamandra	não tem	não tem	23X16cm	24 - numeradas	imprensa	© Ruth Rocha, 1989	Carlos Brito

79	Azul e lindo, planeta Terra, nossa casa	1990	1ª	1990	Salamandra	não tem	não tem	20,5X20,5cm	48 - não numeradas	bastão	© Organização das Nações Unidas, 1990	Otávio Roth
80	Mulheres de coragem	1991	1ª	1991	FTD	Era outra vez	não tem	20X20cm	40 - numeradas	imprensa	© Ruth Rocha Serviços Editoriais LTDA, 1991	Claudia Scatamacchia
81	Histórias das Mil e Uma Noites	1991	1ª	1991	FTD	Era outra vez	não tem	20X20cm	48 - numeradas	imprensa	© Ruth Rocha Serviços Editoriais LTDA, 1991	Claudia Scatamacchia
82	O velho, o menino e o burro e outras histórias	1991	1ª	1991	FTD	Era outra vez	não tem	20X20cm	32 - numeradas	imprensa	© Ruth Rocha Serviços Editoriais LTDA, 1991	Claudia Scatamacchia
83	O livro das tintas	1992	1ª	1992	Melhoramentos	O Homem e a	não tem	23X18cm	32 - numeradas	imprensa	© 1992 Ruth Rocha e Otávio Roth	Raquel Coelho
84	O livro das letras	1992	1ª	1992	Melhoramentos	O Homem e a	não tem	23X18cm	32 - numeradas	imprensa	© 1992 Ruth Rocha e Otávio Roth	Raquel Coelho
85	Eugênio, o gênio	1992	1ª	1992	Editora Ática	Coleção Sambalelê	não tem	22X19cm	32 - não numeradas	imprensa	© Ruth Rocha Serviços Editoriais S/C Ltda - A	Mariana Massarani
86	Romeu e Julieta	1992	1ª	1992	Editora Ática	Coleção Sambalelê	não tem	22X19cm	40 - não numeradas	imprensa	© Ruth Rocha Serviços Editoriais S/C Ltda - A	Cláudio Martins
87	O que é, o que é? II	1992	1ª	1992	Quinteto Editorial	Coleção Enigma	não tem	23X16cm	24 - numeradas	imprensa	© Ruth Rocha Serviços Editoriais S/C Ltda - A	Walter Ono
88	O mistério do caderninho preto	1991	3ª	1993	Melhoramentos	Série Elo	não tem	20,5X13,5cm	56 - numeradas	imprensa	© 1991 Ruth Rocha.	Vera Azevedo
89	A história do livro	1992	3ª	1993	Melhoramentos	O Homem e a	não tem	23X18cm	32 - numeradas	imprensa	© 1992 Ruth Rocha e Otávio Roth	Raquel Coelho
90	O livro da escrita	1992	3ª	1993	Melhoramentos	O Homem e a	não tem	23X18cm	32 - numeradas	imprensa	© 1992 Ruth Rocha e Otávio Roth	Raquel Coelho
91	O livro do lápis	1992	3ª	1993	Melhoramentos	O Homem e a	não tem	23X18cm	32 - numeradas	imprensa	© 1992 Ruth Rocha e Otávio Roth	Raquel Coelho
92	O livro do papel	1992	3ª	1993	Melhoramentos	O Homem e a	não tem	23X18cm	32 - numeradas	imprensa	© 1992 Ruth Rocha e Otávio Roth	Raquel Coelho
93	O trenzinho do Nicolau	1993	1ª	1993	Editora Ática	Coleção Sambalelê	não tem	22X19cm	24 - não numeradas	imprensa	© A M S Agenciamento	Eliardo França
94	O amigo do Rei	1993	1ª	1993	Editora Ática	Coleção Sambalelê	não tem	22X19cm	32 - não numeradas	imprensa	© A M S Agenciamento	Eva Furnari
95	Fábulas de Esopo	1986	5ª	1994	FTD	Era outra vez	não tem	20X20cm	32 - numeradas	imprensa	© Ruth Rocha Serviços Editoriais LTDA, 1992 -	Claudia Scatamacchia
96	O livro das línguas	1992	3ª	1994	Melhoramentos	O Homem e a	não tem	23X18cm	32 - numeradas	imprensa	© 1992 Ruth Rocha e Otávio Roth	Raquel Coelho
97	Borba, o gato	1994	1ª	1994	Editora Ática	Coleção Sambalelê	não tem	22X19cm	32 - não numeradas	imprensa	© Ruth Rocha Serviços Editoriais S/C Ltda - A	Mariana Massarani
98	Uma história com mil macacos	1994	1ª	1994	Editora Ática	Coleção Sambalelê	não tem	22X19cm	32 - não numeradas	imprensa	© Ruth Rocha Serviços Editoriais S/C Ltda - A	Alcy Linares
99	O guarani	1994	1ª	1994	Callis	Ópera para Crianças	não tem	21X21cm	40 - não numeradas	imprensa	© 1994 por Callis Ed. © Ruth Rocha Serviços	Ângelo Bonito
100	Minha turma - álbum	1994	1ª	1994	FTD	não tem	não tem	21X14cm	64 - não numeradas	imprensa	© Editora FTD S.A.	Douglas Galindo/ Teresa Senda
101	Entreviste seus ídolos	1994	1ª	1994	FTD	não tem	não tem	21X14cm	64 - não numeradas	imprensa	© Editora FTD S.A.	Douglas Galindo/ Teresa Senda
102	Entreviste seus amigos	1994	1ª	1994	FTD	não tem	não tem	21X14cm	80 - não numeradas	imprensa	© Editora FTD S.A.	Douglas Galindo/ Teresa Senda
103	Carmem	1994	1ª	1994	Callis	Ópera para Crianças	não tem	21X21cm	40 - não numeradas	imprensa	© 1994 por Callis Ed. © Ruth Rocha Serviços	Claudia Scatamacchia
104	A flauta mágica	1994	1ª	1994	Callis	Ópera para Crianças	não tem	21X21cm	48 - não numeradas	imprensa	© 1994 por Callis Ed. © Ruth Rocha Serviços	Odiléia Setti Toscano
105	A Cinderela das bonecas	1992	4ª	1995	FTD	A Turma da nossa Rua	não tem	20X20cm	24 - não numeradas	imprensa	© Ruth Rocha Serviços Editoriais S/C LTDA, 1992 - A	Ivan Zigg
106	Faz muito tempo	1995	1ª	1995	Editora Ática	Coleção Sambalelê	não tem	22X19cm	32 - não numeradas	imprensa	© Ruth Rocha Serviços Editoriais S/C Ltda - A	Eva Furnari
107	Alvinho, a apresentadora de Tv e o campeão	1995	1ª	1995	FTD	A turma da nossa rua	não tem	20X20cm	40 - não numeradas	imprensa	© Ruth Rocha Serviços Editoriais Ltda, 1995 -	Ivan Zigg
108	O que é, o que é? III	1995	1ª	1995	Quinteto Editorial	não tem	não tem	23X16cm	24 - numeradas	bastão	© Ruth Rocha Serviços Editoriais S/C Ltda - A M S,	Walter Ono
109	Macacote e Porco Pança	1996	1ª	1996	Editora Ática	Coleção Sambalelê	não tem	22X19cm	32 - não numeradas	imprensa	© Ruth Rocha Serviços Editoriais S/C Ltda - A	Margarita Menéndez
110	O patinho feio	1996	1ª	1996	FTD	Coleção Lê pra mim	não tem	20X20cm	24 - não numeradas	imprensa	© Ruth Rocha Serviços Editoriais LTDA, 1996, A	
111	O rato do campo e o rato da cidade	1996	1ª	1996	FTD	Coleção Lê pra mim	não tem	20X20cm	24 - não numeradas	imprensa	© Ruth Rocha Serviços Editoriais LTDA, 1996, A	Regina Coeli Rennó
112	O Barba Azul	1996	1ª	1996	FTD	Coleção Lê pra mim	não tem	20X20cm	24 - não numeradas	imprensa	© Ruth Rocha Serviços Editoriais LTDA, 1996, A	Denise e Fernando
113	Joãozinho e Maria	1996	1ª	1996	FTD	Coleção Lê pra mim	não tem	20X20cm	24 - não numeradas	imprensa	© Ruth Rocha Serviços Editoriais LTDA, 1996, A	Wilma Martins
114	Joãozinho e o Pé de feijão	1996	1ª	1996	FTD	Coleção Lê pra mim	não tem	20X20cm	24 - não numeradas	imprensa	© Ruth Rocha Serviços Editoriais LTDA, 1996,	Regina Coeli Rennó
115	Mil pássaros pelos céus	1996	1ª	1996	Editora Ática	Coleção Sambalelê	não tem	22X19cm	32 - não numeradas	imprensa	© Ruth Rocha Serviços Editoriais S/C Ltda - A	Cláudio Martins
116	Quando eu for gente grande	1996	1ª	1996	FTD	Aventuras de Alvinho	não tem	20X20cm	24 - não numeradas	imprensa	© Ruth Rocha Serviços Editoriais Ltda, 1996 -	Cláudio Martins
117	No caminho de Alvinho tinha uma pedra	1977	4ª	1997	FTD	A Turma da nossa Rua	não tem	20X20cm	24 - não numeradas	imprensa	© Ruth Rocha Serviços Editoriais, 1993	Ivan Zigg
118	Prá vencer certas pessoas	1997	1ª	1997	Editora Ática	Procurando Firme	não tem	24X17cm	24 - não numeradas	imprensa	© 1984 by Ruth Rocha Serviços Editoriais S/C LTDA -	Alcy
119	O livro dos gestos e dos símbolos	1992	5ª	1997	Melhoramentos	O Homem e a	não tem	23X18cm	32 - numeradas	imprensa	© 1992 Ruth Rocha e Otávio Roth	Raquel Coelho
120	A coisa	1996	2ª	1997	FTD	Aventuras de Alvinho	não tem	20X20cm	24 - não numeradas	imprensa	© Ruth Rocha Serviços Editoriais S/C Ltda - A	Cláudio Martins
121	A fantástica máquina dos bichos	1997	1ª	1997	Editora Ática	Coleção Sambalelê	não tem	22X19cm	32 - não numeradas	imprensa	© Ruth Rocha Serviços Editoriais S/C Ltda - A	Margarita Menéndez (A M S)
122	Atrás da porta	1997	1ª	1997	Salamandra	não tem	não tem	23X16cm	32 - numeradas	imprensa	© Ruth Rocha Serviços Editoriais - A M S	Elisabeth Teixeira
123	O barbeiro de Sevilha	1994	3ª	1998	Callis	Ópera para Crianças	não tem	21X21cm	52 - numeradas	imprensa	© 1998 por Callis Ed. © Ruth Rocha Serviços	Marco Aragão

124	O último golpe de Alvinho	1996	3ª	1998	FTD	Aventuras de Alvinho	não tem	20X20cm	24 - numeradas	imprensa	© Ruth Rocha Serviços Editoriais LTDA, 1996, A	Cláudio Martins
125	A escolinha do mar	1993	6ª	1999	Editora Ática	Coleção Sambalelê	não tem	22X19cm	40 - não numeradas	imprensa	© Ruth Rocha Serviços Editoriais S/C Ltda - A	Helena Alexandrino
126	O coelhinho que não era de Páscoa	1994	7ª	1999	Editora Ática	Coleção Sambalelê	não tem	22X19cm	32 - não numeradas	imprensa	© Ruth Rocha Serviços Editoriais S/C Ltda - A	Walter Ono
127	Lá vem o ano novo	1996	5ª	1999	Editora Ática	Coleção Sambalelê	não tem	22X19cm	40 - não numeradas	imprensa	© Ruth Rocha Serviços Editoriais S/C Ltda - A	Nicoletta Costa
128	Você é capaz de fazer isso?	1996	3ª	1999	FTD	Aventuras de Alvinho	não tem	20X20cm	24 - não numeradas	imprensa	© Ruth Rocha Serviços Editoriais S/C LTDA, 1996 - A	Cláudio Martins
129	Alvinho e os presentes de Natal	1996	3ª	1999	FTD	Aventuras de Alvinho	não tem	20X20cm	24 - não numeradas	imprensa	© Ruth Rocha Serviços Editoriais S/C LTDA, 1996 - A	Cláudio Martins
130	O menino que quase morreu afogado no lixo	1999	1ª	1999	Quinteto Editorial	não tem	não tem	23X16cm	32 - numeradas	imprensa	© Ruth Rocha Serviços Editoriais S/C LTDA/ME, 1999	Alcy Linhares
131	Quando o Miguel entrou na escola	1999	1ª	1999	Callis	Coleção Comecinho	não tem	20,5X20,5cm	24 - numeradas	imprensa	© Ruth Rocha Serviços Editoriais S/C LTDA -	Eduardo Rocha (A M S)
132	Um macaco prá frente	1999	1ª	1999	Editora Ática	Coleção Sambalelê	não tem	22X19cm	40 - não numeradas	imprensa	© Ruth Rocha Serviços Editoriais S/C Ltda - A	Xan López
133	O que é, o que é? I	1988	7ª	1999	Quinteto Editorial	não tem	não tem	23X16cm	24 - numeradas	imprensa	© Ruth Rocha Serviços Editoriais S/C Ltda - A	Walter Ono
134	No tempo em que a televisão mandava no	2000	1ª	2000	FTD	não tem	não tem	24X21cm	32 - numeradas	imprensa	© Ruth Rocha, 2000	Alberto Llinares
135	Nosso amigo ventinho	1998	2ª	2001	Editora Ática	Coleção Sambalelê	não tem	22X19cm	40 - não numeradas	imprensa	© Ruth Rocha Serviços Editoriais S/C LTDA -	Ivar da Coll (A M S)
136	O bairro do Marcelo	2001	1ª	2001	Salamandra	Marcelo Marmelo	não tem	20X20cm	24 - numeradas	imprensa	© 2001, Ruth Rocha Serviços Editoriais S/C LTDA - A	Adalberto Cornavaca
137	A escola do Marcelo	2001	1ª	2001	Salamandra	Marcelo Marmelo	não tem	20X20cm	24 - numeradas	imprensa	© 2001, Ruth Rocha Serviços Editoriais S/C LTDA - A	Adalberto Cornavaca
138	A família do Marcelo	2001	1ª	2001	Salamandra	Marcelo Marmelo	não tem	20X20cm	24 - numeradas	imprensa	© 2001, Ruth Rocha Serviços Editoriais S/C LTDA - A	Adalberto Cornavaca
139	A rua do Marcelo	2001	1ª	2001	Salamandra	Marcelo Marmelo	não tem	20X20cm	24 - numeradas	imprensa	© 2001, Ruth Rocha Serviços Editoriais S/C LTDA - A	Adalberto Cornavaca
140	Os músicos de Bremen	1996	1ª	2004	FTD	Coleção Lê pra mim	não tem	20X20cm	32 - numeradas	imprensa	© Ruth Rocha Serviços Editoriais LTDA, 2004	Ellen Pestili
141	Ruth Rocha conta a Ilíada	2004	1ª	2004	Comp. das Letrinhas	não tem	não tem	26X20cm	142 - numeradas	imprensa	© Ruth Rocha Serviços Editoriais S/C Ltda - A	Eduardo Rocha (A M S)
142	Almanaque da Ruth Rocha	2004	1ª	2004	Editora Ática	não tem	leit. Ind. 8 ou 9 leit	27X21cm	136 - numeradas	imprensa	© Ruth Rocha Serviços Editoriais S/C Ltda - A M S	Alberto Llinares (et al.)
143	Rubens, o sementeiro	2004	1ª	2004	Salamandra/Moderna	não tem	não tem	22X26cm	40 - numeradas	imprensa	© 2004 Ruth Rocha S/C LTDA e Rubens por A	Rubens Matuck
144	Um cantinho só pra mim	2005	1ª	2005	Melhoramentos	não tem	não tem	27X21cm	42 - numeradas	imprensa	© 2005 Ruth Rocha	Ziraldo
145	Marília Bela	2005	2ª	2005	Nova Fronteira	Aventuras Brasileiras	não tem	23X16cm	32 - numeradas	imprensa	© Ruth Rocha Serviços Editoriais S/C Ltda - A	Carlos Brito (A M S)
146	Tom Sawyer	2005	1ª	2005	Objetiva	não tem	não tem	28X21cm	104 - numeradas	imprensa	© 2004 By Ruth Rocha Serviços Editoriais S/C LTDA -	Rogério Borges
147	O jacaré preguiçoso	2005	1ª	2005	Salamandra/Moderna	Coleção Pulo do Gato	não tem	24,5X20,5cm	34 - numeradas	imprensa	© Ruth Rocha - A M S	Luiz Maia (AM S)
148	Leila menina	2005	2ª	2005	Nova Fronteira	Aventuras Brasileiras	não tem	23X16cm	32 - numeradas	imprensa	© Ruth Rocha Serviços Editoriais S/C Ltda - A	Mariana Massarani (AM S)
149	A arca de Noé	1995	9ª	2006	Editora Ática	Coleção Sambalelê	Leit. Individual 6 ou 7/Compartilh. 5 anos	22X19cm	24 - não numeradas	imprensa	© Ruth Rocha Serviços Editoriais S/C Ltda - A M S	Cláudio Martins
150	O macaco bombeiro	2006	1ª	2006	Salamandra/Moderna	Coleção Pulo do Gato	não tem	24,5X20,5cm	34 - não numeradas	imprensa	© Ruth Rocha - A M S	Mariana Massarani (AM S)
151	A menina que não era maluquinha e outras	2006	1ª	2006	Melhoramentos	não tem	não tem	26X21cm	40 - numeradas	imprensa	© Ruth Rocha Serviços Editoriais S/C Ltda - A	Mariana Massarani (AM S)
152	O dia em que Miguel estava muito triste	2006	1ª	2006	Melhoramentos	Coleção Comecinho	não tem	20,5X20,5cm	24 - numeradas	imprensa	© Ruth Rocha Serviços Editoriais S/C LTDA -	Eduardo Rocha (A M S)
153	As dúvidas que eu tenho: Inteligência emocional p/	2006	1ª	2006	Editora Ática	não tem	6 ou 7/ a partir de 10 anos	22X19cm	64 - numeradas	bastão	© Ruth Rocha Serviços Editoriais LTDA - A M	Mariana Newlands
154	O menino que quase virou cachorro	2006	1ª	2006	Melhoramentos	não tem	não tem	20X15cm	16 - numeradas	imprensa	© Ruth Rocha Serviços Editoriais S/C LTDA -	Carlos Brito (A M S)
155	Meu amigo dinossauro	2006	1ª	2006	Melhoramentos	não tem	não tem	20X15cm	16 - numeradas	imprensa	© Ruth Rocha Serviços Editoriais S/C LTDA -	Alberto Llinares
156	Meu irmãozinho me atrapalha	2006	1ª	2006	Melhoramentos	Coleção Comecinho	não tem	20,5X20,5cm	24 - numeradas	imprensa	© Ruth Rocha Serviços Editoriais S/C LTDA -	Eduardo Rocha (A M S)
157	Meus lápis de cor são só meus	2006	1ª	2006	Melhoramentos	Coleção Comecinho	não tem	20,5X20,5cm	24 - numeradas	imprensa	© Ruth Rocha Serviços Editoriais S/C LTDA -	Eduardo Rocha (A M S)
158	Ruth rocha conta a Odisséia	2000	2ª	2007	Comp. das Letrinhas	não tem	não tem	26X20cm	104 - numeradas	imprensa	© By Ruth Rochas Serviços Editoriais S/C LTDA - A M	Eduardo Rocha (A M S)
159	Toda criança do mundo mora no meu coração	2007	1ª	2007	Editora Ática	não tem	1º ao 5º ano	22X15cm	48 - numeradas	imprensa	© Ruth Rocha Serviços Editoriais LTDA - A M	Mariana Massarani (AM S)
160	Super atividades da Ruth Rocha	2007	1ª	2007	Melhoramentos	não tem	não tem	27,5X20,5cm	64 - numeradas	imprensa	© Ruth Rocha Serviços Editoriais LTDA - A M S	Alberto Llinares/Mariana Massarani/ José Carlos Brito/ Eduardo Rocha
161	Vivinha, a baleiazinha	2007	1ª	2007	Salamandra/Moderna	Coleção Pulo do Gato	não tem	24,5X20,5cm	32 - numeradas	imprensa	© Ruth Rocha - A M S	Mariana Massarani (AM S)
162	Quem manda na minha boca sou eu!	2007	1ª	2007	Editora Ática	Para gostar de Ler Júnior	a partir de 10 ou 11 anos	24X17cm	128 - numeradas	imprensa	© Ruth Rocha Serviços Editoriais S/C LTDA - A M S	Eduardo Albini (A M S)
163	Os direitos da criança segundo Ruth Rocha	2002	4ª	2008	Comp. das Letrinhas	não tem	não tem	20X20cm	48 - não numeradas	imprensa	© Ruth Rocha Serviços Editoriais LTDA - A M	Eduardo Rocha (A M S)
164	O pequeno Mozart	2005	1ª	2008	Novha América	não tem	não tem	21X27cm	24 - numeradas	imprensa	© Ruth Rocha Serviços Editoriais S/C Ltda - A	Cláudia Scatamacchia

165	Pedrinho Pintor	1999	2ª	2008	Editora Ática	Coleção Sambaleê	leit. Ind. 6 ou 7...	22X19cm	40 - não numeradas	imprensa	© Ruth Rocha Serviços Editoriais S/C Ltda - A M S	Gusti (A M S)
166	A menina que não era maluquinha 2 e outras	2008	1ª	2008	Melhoramentos	não tem	não tem	27X21cm	40 - numeradas	cursiva/imprensa	© Ruth Rocha Serviços Editoriais S/C LTDA -	Mariana Massarani (AM S)
167	Solta o sabiá	2008	1ª	2008	Comp. das Letrinhas	não tem	não tem	26X20cm	64 - numeradas	imprensa	© 2008 By Ruth Rocha Serviços Editoriais	Gonzalo Cárcamo
168	Quem tem medo do novo?	2008	1ª	2008	Global Editora	não tem	não tem	27X21cm	24 - não numeradas	imprensa	© Ruth Rocha Serviços Editoriais LTDA - A M	Mariana Massarani
169	Viva a diferença	2008	1ª	2008	FTD	Série Arca de Noé	não tem	27,5X20,5cm	32 - numeradas	sem letras	Roteiro © Ruth Rocha, 2008	Glair Arruda
170	Quem vai salvar a vida?	2004	1ª	2009	FTD	Série Arca de Noé	não tem	20X22cm	36 - numeradas	imprensa	© Ruth Rocha Serviços Editoriais LTDA - A M	Alberto Llinares
171	O passarinho que não queria ser cantor	2009	1ª	2009	Salamandra/Moderna	Coleção Pulo do Gato	não tem	24,5X20,5cm	32 - numeradas	imprensa	© Ruth Rocha - A M S	Luiz Maia (AM S)
172	A galinha dos ovos de ouro de outras histórias	2009	1ª	2009	Salamandra/Moderna	Série Conte um Conto	não tem	24X17cm	64 - numeradas	imprensa	© Ruth Rocha	Cláudio Martins
173	Pedro e o menino valentão	2009	1ª	2009	Melhoramentos	Coleção Comecinho	não tem	20,5X20,5cm	24 - numeradas	imprensa	© Ruth Rocha Serviços Editoriais S/C LTDA -	Eduardo Rocha (A M S)
174	O monstro do quarto de Pedro	2009	1ª	2009	Melhoramentos	Coleção Comecinho	não tem	20,5X20,5cm	24 - numeradas	imprensa	© Ruth Rocha Serviços Editoriais S/C LTDA -	Eduardo Rocha (A M S)
175	Os amigos de Pedrinho	2010	1ª	2010	Melhoramentos	Coleção Comecinho	não tem	20,5X20,5cm	24 - numeradas	imprensa	© Ruth Rocha Serviços Editoriais S/C LTDA -	Eduardo Rocha (A M S)
176	As férias de Miguel e Pedro	2010	1ª	2010	Melhoramentos	Coleção Comecinho	não tem	20,5X20,5cm	24 - numeradas	imprensa	© Ruth Rocha Serviços Editoriais S/C LTDA -	Eduardo Rocha (A M S)
177	João e Maria	2010	1ª	2010	Salamandra/Moderna	Série Conta de Novo	não tem	23,5X23,5cm	32 - numeradas	imprensa	Texto © Ruth Rocha	Adilson Farias
178	João e o pé de feijão	2010	1ª	2010	Salamandra/Moderna	Série Conta de Novo	não tem	23,5X23,5cm	32 - numeradas	imprensa	Texto © Ruth Rocha	Elisabeth Teixeira
179	Quem tem medo de ridículo?	2001	3ª	2011	Global Editora	não tem	não tem	27X21cm	24 - não numeradas	imprensa	© Ruth Rocha Serviços Editoriais S/C LTDA -	Mariana Massarani
180	O livro das datas - agenda 2012	2011	1ª	2011	Salamandra/Moderna	não tem	não tem	21X14cm	408 - numeradas	imprensa	© Ruth Rocha - A M S	Mariana Massarani
181	Os amigos do Marcelo	2012	1ª	2012	Salamandra/Moderna	Marcelo Marmelo	não tem	24X17cm	32 - numeradas	bastão	© Ruth Rocha	Alberto Llinares
182	Os gatos de botinhas	2013	1ª	2013	Salamandra/Moderna	Coleção Pulo do Gato	não tem	24,5X20,5cm	32 - numeradas	imprensa	© Ruth Rocha - A M S	Alcy
183	O bichinho do Pimpão	2013	1ª	2013	Salamandra/Moderna	Coleção Pulo do Gato	não tem	24,5X20,5cm	32 - numeradas	imprensa	© Ruth Rocha - A M S	Cláudio Martins
184	Canções, parlendas, quadrinhas, para crianças	2013	1ª	2013	Salamandra/Moderna	Coleção Pulo do Gato	não tem	24,5X20,5cm	32 - numeradas	imprensa	© Ruth Rocha - A M S	Cláudio Martins

ANEXO 3

OBRAS ANALISADAS, ANO, EDIÇÃO E LOCALIZAÇÃO

	TÍTULO	DATA DE LANÇAMENTO	EDIÇÃO ENCONTRADA	ANO	LOCALIZAÇÃO
1	Palavras, muitas palavras	1976	1ª	1976	Bibl. Municipal S B O
2	Bom dia, todas as cores!	1976	2ª	1979	Bibl. Municipal S B O
3	Marcelo, Marmelo, Martelo	1976	8ª	1982	Bibl. Municipal S B O
4	A primavera da lagarta	1976	1ª	1984	IEL - Doação/85
5	De hora em hora	1976	4ª	1984	Acervo pessoal
6	A árvore do Beto	1976	2ª	1984	IEL - Doação/85
7	Catapimba e sua turma e outras histórias	1977	1ª	1977	Bibl. Municipal S B O
8	Pedrinho pintor e outras histórias	1977	1ª	1977	Bibl. Municipal S B O
9	Romeu e Julieta e outras histórias	1977	1ª	1977	FE - cortesia ed.
10	Faz muito tempo e outras histórias	1977	1ª	1977	Bibl. Municipal S B O
11	Nicolau tinha uma idéia	1977	2ª	1979	Bibl. Municipal S B O
12	Viva a macacada! E outras histórias	1977	2ª	1981	IEL - Doação/85
13	No caminho de Alvinho tinha uma pedra	1977	4ª	1997	Bibl. Municipal S B O
14	O reizinho mandão	1978	2ª	1979	Bibl. Municipal S B O
15	O rei que não sabia de nada	1980	2ª	1983	IEL - Doação/87
16	O que os olhos não veem	1981	1ª	1981	Bibl. Monteiro Lobato
17	As coisas que a gente fala	1981	1ª	1981	IEL - Doação/85
18	Davi ataca outra vez	1982	1ª	1982	Bibl. Monteiro Lobato
19	Elefante?	1982	1ª	1982	Bibl. Monteiro Lobato
20	O velho, o menino e o burro	1982	1ª	1982	IEL - Doação/85
21	Sapo vira rei vira sapo	1982	2ª	1983	IEL - Doação/85
22	A menina que aprendeu a voar	1983	1ª	1983	Bibl. Monteiro Lobato
23	Por nome de Passaredo	1983	1ª	1983	IEL - Doação/85
24	Faca sem ponta, galinha sem pé	1983	1ª	1983	Bibl. Monteiro Lobato
25	Dois idiotas sentados cada qual no seu barril	1983	1ª	1983	Bibl. Municipal S B O
26	Gabriela e a titia	1983	1ª	1983	Bibl. Municipal S B O
27	Quando eu comecei a crescer	1983	1ª	1983	IEL - não espec.
28	Aladim e a lâmpada maravilhosa	1983	3ª	1988	IEL - Doação/85
29	Procurando firme	1984	1ª	1984	IEL - Doação/85
30	As Aventuras de Alvinho	1984	1ª	1984	IEL - cortesia editora
31	A Decisão do campeonato	1984	1ª	1984	IEL - Cortesia Ed.
32	Armandinho, o juiz	1984	1ª	1984	IEL - Doação/85
33	A máquina maluca	1984	1ª	1984	IEL - Doação/85
34	Como se fosse dinheiro	1984	1ª	1984	FE - não especificado
35	Declaração Universal dos Direitos Humanos	1984	1ª	1984	IEL - não espec
36	Enquanto o mundo pega fogo	1984	1ª	1984	Emefei Dagmar
37	Cometa Halley, fascinante e belo	1985	1ª	1985	Acervo pessoal
38	O piquenique do Catapimba	1985	1ª	1985	IEL - Doação/85
39	Meu primeiro livro - Emoções	1986	1ª	1986	Acervo pessoal
40	Meu primeiro livro - quantidades	1986	1ª	1986	Acervo pessoal
41	Meu primeiro livro - formas	1986	1ª	1986	Acervo pessoal
42	Meu primeiro livro - números	1986	1ª	1986	Acervo pessoal
43	Meu primeiro livro - o meu corpo	1986	1ª	1986	Acervo pessoal
44	Meu primeiro livro - palavras opostas	1986	1ª	1986	Acervo pessoal
45	Meu primeiro livro - indo e vindo	1986	1ª	1986	Acervo pessoal
46	Meu primeiro livro - cores	1986	1ª	1986	Acervo pessoal
47	Meu primeiro livro - as horas do dia	1986	1ª	1986	Acervo pessoal
48	Meu primeiro livro - tamanhos	1986	1ª	1986	Acervo pessoal
49	Meu primeiro livro - fazendo, desfazendo e refazendo	1986	1ª	1986	Acervo pessoal
50	Meu primeiro livro - pesos e volumes	1986	1ª	1986	Acervo pessoal
51	Este admirável mundo louco	1986	1ª	1986	Bibl. Monteiro Lobato
52	Prá que serve?	1986	1ª	1986	IEL - Doação/87
53	De repente dá certo	1986	1ª	1986	Bibl. Municipal S B O
54	Quem tem medo de cachorro?	1986	1ª	1986	Bibl. Monteiro Lobato
55	Quem tem medo de dizer não?	1986	1ª	1986	Bibl. Monteiro Lobato
56	Quem tem medo de monstro?	1986	1ª	1986	Bibl. Monteiro Lobato
57	Quem tem medo de quê?	1986	1ª	1986	Bibl. Monteiro Lobato
58	Histórias de antigamente	1986	1ª	1986	Bibl. Monteiro Lobato
59	Fantasma existe?	1986	1ª	1986	SME
60	Ninguém gosta de mim?	1986	1ª	1986	SME
61	Será que vai doer?	1986	1ª	1986	Bibl. Monteiro Lobato
62	Tenho medo mas dou um jeito	1986	1ª	1986	Bibl. Monteiro Lobato
63	Fábulas de Esopo	1986	5ª	1994	Bibl. Monteiro Lobato
64	Alvinho, o edifício City of Taubaté e o cachorro Venceslau	1987	1ª	1987	Bibl. Monteiro Lobato
65	Historinhas malcriadas	1987	1ª	1987	Acervo pessoal
66	Livro de números do Marcelo	1987	1ª	1987	Acervo pessoal

67	O menino que aprendeu a ver	1987	1ª	1987	IEL - não espec.
68	Boi, boiada, boiadeiro	1987	1ª	1987	IEL - não espec.
69	As coisas que eu gosto	1987	1ª	1987	Bibl. Monteiro Lobato
70	Eu gosto muito	1987	1ª	1987	Bibl. Monteiro Lobato
71	Sabe do que eu gosto?	1987	1ª	1987	Bibl. Monteiro Lobato
72	Tem umas coisas que eu gosto	1987	1ª	1987	Bibl. Monteiro Lobato
73	Que eu vou prá Angola	1988	1ª	1988	Bibl. Monteiro Lobato
74	Contos de Perrault	1988	1ª	1988	Bibl. Monteiro Lobato
75	O livro dos sentidos - cheirar	1988	1ª	1988	Acervo pessoal
76	O livro dos sentidos - comer	1988	1ª	1988	Acervo pessoal
77	O livro dos sentidos - ouvir	1988	1ª	1988	Acervo pessoal
78	O livro dos sentidos - ver	1988	1ª	1988	Acervo pessoal
79	O livro dos sentidos - pegar	1988	1ª	1988	Acervo pessoal
80	O que é, o que é? I	1988	7ª	1999	SME
81	Uma história de rabos presos	1989	1ª	1989	Bibl. Monteiro Lobato
82	Azul e lindo, planeta Terra, nossa casa	1990	1ª	1990	IEL - Doação/91
83	Mulheres de coragem	1991	1ª	1991	IEL - cortesia editora
84	Histórias das Mil e Uma Noites	1991	1ª	1991	IEL - cortesia editora
85	O velho, o menino e o burro e outras histórias caipiras	1991	1ª	1991	IEL - cortesia editora
86	O mistério do caderninho preto	1991	3ª	1993	FE - Col. ALS
87	O livro das tintas	1992	1ª	1992	Bibl. Municipal S B O
88	O livro das letras	1992	1ª	1992	SME
89	Eugênio, o gênio	1992	1ª	1992	FE -sem identif.
90	Romeu e Julieta	1992	1ª	1992	FE - sem identif.
91	O que é, o que é? II	1992	1ª	1992	Bibl. Municipal S B O
92	A história do livro	1992	3ª	1993	Bibl. Municipal S B O
93	O livro da escrita	1992	3ª	1993	Bibl. Municipal S B O
94	O livro do lápis	1992	3ª	1993	Bibl. Municipal S B O
95	O livro do papel	1992	3ª	1993	Bibl. Municipal S B O
96	O livro das línguas	1992	3ª	1994	Bibl. Municipal S B O
97	A Cinderela das bonecas	1992	4ª	1995	Bibl. Municipal S B O
98	O livro dos gestos e dos símbolos	1992	5ª	1997	FE - Col. ALS
99	O trenzinho do Nicolau	1993	1ª	1993	IEL - cortesia editora
100	O amigo do Rei	1993	1ª	1993	IEL - cortesia editora
101	A escolinha do mar	1993	6ª	1999	Bibl. Monteiro Lobato
102	Borba, o gato	1994	1ª	1994	Bibl. Monteiro Lobato
103	Uma história com mil macacos	1994	1ª	1994	Bibl. Municipal S B O
104	O guarani	1994	1ª	1994	Emefei Dagmar
105	Minha turma - álbum	1994	1ª	1994	Acervo pessoal
106	Entreviste seus ídolos	1994	1ª	1994	Acervo pessoal
107	Entreviste seus amigos	1994	1ª	1994	Acervo pessoal
108	Carmem	1994	1ª	1994	Emefei Dagmar
109	A flauta mágica	1994	1ª	1994	IEL - compra
110	O barbeiro de Sevilha	1994	3ª	1998	Emefei Dagmar
111	O coelhinho que não era de Páscoa	1994	7ª	1999	Bibl. Monteiro Lobato
112	Faz muito tempo	1995	1ª	1995	FE - sem identif.
113	Alvinho, a apresentadora de Tv e o campeão	1995	1ª	1995	Bibl. Monteiro Lobato
114	O que é, o que é? III	1995	1ª	1995	SME
115	A arca de Noé	1995	9ª	2006	SME
116	Macacote e Porco Pança	1996	1ª	1996	Bibl. Municipal S B O
117	O patinho feio	1996	1ª	1996	Acervo pessoal
118	O rato do campo e o rato da cidade	1996	1ª	1996	Acervo pessoal
119	O Barba Azul	1996	1ª	1996	Acervo pessoal
120	Joãozinho e Maria	1996	1ª	1996	Acervo pessoal
121	Joãozinho e o Pé de feijão	1996	1ª	1996	Acervo pessoal
122	Mil pássaros pelos céus	1996	1ª	1996	Bibl. Monteiro Lobato
123	Quando eu for gente grande	1996	1ª	1996	Bibl. Monteiro Lobato
124	A coisa	1996	2ª	1997	Bibl. Monteiro Lobato
125	O último golpe de Alvinho	1996	3ª	1998	SME
126	Lá vem o ano novo	1996	5ª	1999	Bibl. Monteiro Lobato
127	Você é capaz de fazer isso?	1996	3ª	1999	SME
128	Alvinho e os presentes de Natal	1996	3ª	1999	SME
129	Os músicos de Bremen	1996	1ª	2004	Bibl. Monteiro Lobato
130	Prá vencer certas pessoas	1997	1ª	1997	IEL - não espec
131	A fantástica máquina dos bichos	1997	1ª	1997	FE - CEDOC
132	Atrás da porta	1997	1ª	1997	IEL - FNDE
133	Nosso amigo ventinho	1998	2ª	2001	Bibl. Monteiro Lobato
134	O menino que quase morreu afogado no lixo	1999	1ª	1999	SME
135	Quando o Miguel entrou na escola	1999	1ª	1999	Acervo pessoal
136	Um macaco prá frente	1999	1ª	1999	Bibl. Monteiro Lobato
137	Pedrinho Pintor	1999	2ª	2008	SME
138	No tempo em que a televisão mandava no Carlinhos	2000	1ª	2000	SME
139	Ruth rocha conta a Odisséia	2000	2ª	2007	SME
140	O bairro do Marcelo	2001	1ª	2001	SME
141	A escola do Marcelo	2001	1ª	2001	Acervo pessoal

142	A família do Marcelo	2001	1ª	2001	IEL - compra
143	A rua do Marcelo	2001	1ª	2001	SME
144	Quem tem medo de ridículo?	2001	3ª	2011	Acervo pessoal
145	Os direitos da criança segundo Ruth Rocha	2002	4ª	2008	SME
146	Ruth Rocha conta a Ilíada	2004	1ª	2004	SME
147	Almanaque da Ruth Rocha	2004	1ª	2004	SME
148	Rubens, o semeador	2004	1ª	2004	Bibl. Monteiro Lobato
149	Quem vai salvar a vida?	2004	1ª	2009	Acervo pessoal
150	Um cantinho só prá mim	2005	1ª	2005	SME
151	Marília Bela	2005	2ª	2005	SME
152	Tom Sawyer	2005	1ª	2005	SME
153	O jacaré preguiçoso	2005	1ª	2005	SME
154	Leila menina	2005	2ª	2005	SME
155	O pequeno Mozart	2005	1ª	2008	SME
156	O macaco bombeiro	2006	1ª	2006	SME
157	A menina que não era maluquinha e outras histórias	2006	1ª	2006	SME
158	O dia em que Miguel estava muito triste	2006	1ª	2006	Acervo pessoal
159	As dúvidas que eu tenho: Inteligência emocional p/ crianças	2006	1ª	2006	Acervo pessoal
160	O menino que quase virou cachorro	2006	1ª	2006	Acervo pessoal
161	Meu amigo dinossauro	2006	1ª	2006	Acervo pessoal
162	Meu irmãozinho me atrapalha	2006	1ª	2006	Acervo pessoal
163	Meus lápis de cor são só meus	2006	1ª	2006	FE - Fap
164	Toda criança do mundo mora no meu coração	2007	1ª	2007	Acervo pessoal
165	Super atividades da Ruth Rocha	2007	1ª	2007	Acervo pessoal
166	Vivinha, a baleiazinha	2007	1ª	2007	Bibl. Monteiro Lobato
167	Quem manda na minha boca sou eu!	2007	1ª	2007	Acervo pessoal
168	A menina que não era maluquinha 2 e outras histórias	2008	1ª	2008	Acervo pessoal
169	Solta o sabiá	2008	1ª	2008	FE - Fap
170	Quem tem medo do novo?	2008	1ª	2008	Acervo pessoal
171	Viva a diferença	2008	1ª	2008	Acervo pessoal
172	O passarinho que não queria ser cantor	2009	1ª	2009	Acervo pessoal
173	A galinha dos ovos de ouro de outras histórias	2009	1ª	2009	Acervo pessoal
174	Pedro e o menino valentão	2009	1ª	2009	Acervo pessoal
175	O monstro do quarto de Pedro	2009	1ª	2009	Acervo pessoal
176	Os amigos de Pedrinho	2010	1ª	2010	Acervo pessoal
177	As férias de Miguel e Pedro	2010	1ª	2010	Acervo pessoal
178	João e Maria	2010	1ª	2010	Acervo pessoal
179	João e o pé de feijão	2010	1ª	2010	Acervo pessoal
180	O livro das datas - agenda 2012	2011	1ª	2011	Acervo pessoal
181	Os amigos do Marcelo	2012	1ª	2012	Acervo pessoal
182	Os gatos de botinhas	2013	1ª	2013	Acervo pessoal
183	O bichinho do Pimpão	2013	1ª	2013	Acervo pessoal
184	Canções, parlendas, quadrinhas, para crianças novinhas	2013	1ª	2013	Acervo pessoal

Legenda:

Bibl. Monteiro Lobato	Biblioteca Municipal Monteiro Lobato – São Paulo/SP
Bibl. Municipal S B O	Biblioteca Municipal de Santa Bárbara d'Oeste/SP
Emefei Dagmar	Biblioteca da Escola Municipal de Ensino Fundamental e Educação Infantil Antonia Dagmar de A. Rosolen – Santa Bárbara d'Oeste/ SP
FE	Biblioteca da Faculdade de Educação – Unicamp
IEL	Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem - Unicamp
SME	Biblioteca da Secretaria Municipal de Educação de Santa Bárbara d' Oeste/SP

ANEXO 4

OBRAS LITERÁRIAS PUBLICADAS NO BRASIL E NÚMERO DE EDIÇÕES

TÍTULO	1969-1973*	1974-1978	1979-1983	1984-1988	1989-1993	1994-1998	1999-2003	2004-2008	2009 - 2013
1 Palavras, muitas palavras		1ª - 1976 - Abril		2ª - 1985 - Quinteto (com 11 reedições até 1994)		1998 - Quinteto			1ª - 2013 - Salamandra
2 Marcelo, Marmelo, Martelo	Revista Recreio - 1969 - 1970	1ª - 1976 - Abril Cultural/ 2ª - 1978 - Circ. Do Livro	3ª - 1979 - Abril/ 4ª a 7ª - 1980-1981 - Ed. Cultural	8ª a 56ª - 1982 a 2010 - 1ª - 1984 - Melhoramentos (com 6 reedições até 1999)	Salamandra (com 79 reimpressões até 2010)		2010)		1ª - 2011 - Salamandra
3 A primavera da lagarta		1ª - 1976 - Abril		4ª - 1984 - Abril/ 1ª - 1985 - Quinteto (com 17 reedições até 1998)			1ª - 1999 - Formato (com 6 reedições até 2005)		1ª - 2011 - Salamandra
4 Bom dia, todas as cores!		1ª - 1976 - Abril	2ª - 1979 - Abril/MEC/ 3ª - 1980 - Abril	4ª - 1984 - Abril/ 1ª - 1985 - Quinteto (com 17 reedições até 1998)		1998 - Quinteto			1ª - 2013 - Salamandra
5 De hora em hora		1ª - 1976 - Abril	2ª - 1979 - Abril/3ª - 1982 - Abril	4ª - 1984 - Abril/ 5ª a 10ª - 1985 a 1994 - Quinteto		1ª - 1998 - Quinteto			1ª - 2013 - Salamandra
6 A árvore do Beto	Revista Recreio - 1969 - 1970	1ª - 1976 - Abril Cultural		1ª - 1984 - Cultrix	1ª - 1992 - FTD			1ª - 2004 - FTD	1ª - 2010 - Salamandra
7 Nicolau tinha uma idéia	Revista Recreio - 1969 - 1970	1ª - 1976 - Abril	2ª - 1979 - Abril/MEC/ 3ª - 1982 - Abril	4ª - 1984 - Abril	5ª a 16ª - 1985 a 1996 - Quinteto	1998 - Quinteto			
8 No caminho de Alvinho tinha uma pedra	Revista Bloquinho - 1971 - 1972	1ª - 1977 - Abril Cultural			1993 - FTD (com 5 reedições até 1994)			1ª - 2004 - FTD	1ª - 2010 - Salamandra
9 Catapimba e sua turma e outras histórias		1ª - 1977 - Abril/MEC	2ª - 1979 - Abril/ 3ª - 1982 - Abril						
10 Pedrinho pintor e outras histórias		1ª - 1977 - Abril/MEC	2ª - 1981 - Abril/3ª - 1982 - Abril	1987 - Record					
11 Romeu e Julieta e outras histórias		1ª - 1977 - Abril/MEC	2ª - 1981 - Circ. Do Livro/ 3ª - 1987 - Abril	1987 - Record					
12 Viva a macacada! E outras histórias		1ª - 1977 - Abril/MEC	2ª - 1981 - Abril/ 3ª - 1987 - Abril	1ª - 1985 - Record					
13 Faz muito tempo e outras histórias		1ª - 1977 - Abril/MEC	2ª - 1980 - Abril/3ª - 1982 - Abril	1987 - Record					
14 O reizinho mandão		1ª - 1978 - Pioneira (com 5 reedições até 1983)		1ª - 1985 - Quinteto (com 22 reedições até 1997)	reedições até 1994)	1ª - 1997 - Quinteto			1ª - 2013 - Salamandra
15 O rei que não sabia de nada		14	1ª - 1980 - Cultura/ 2ª a 19ª - 1983 a 1997 - Salamandra				1ª - 1999 - Salamandra (com 2 edições até 2003)		3ª - 2013 - Salamandra
16 O que os olhos não veem		14	1ª - 1981 - Salamandra (com 23 edições até 1997)				2ª - 2003 - Salamandra	38 reimpressões até 2009)	3ª - 2012 - Salamandra
17 As coisas que a gente fala			1ª - 1981 - Rocco/ 2ª - 1987 - Rocco	3ª - 1985 - Rocco	1ª - 1989 - Salamandra (com 5 reedições até 1994)	1ª - 1998 - Salamandra	(com 23 reimpressões até 2008)		1ª - 2012 - Salamandra
18 Davi ataca outra vez			1ª - 1982 - Codecri	2ª - 1984 - Codecri		1ª - 1997 - Ática (com 2 reedições e 14 reimpressões até 2008)			1ª - 2009 - Salamandra
19 Elefante?			1ª - 1982 - Melhoramentos	2ª - 1985 - Melhoramentos		3ª - 1994 - Melhoramentos	1ª - 2000 - Formato	2ª - 2005 - Formato	1ª - 2011 - Salamandra
20 Sapo vira rei vira sapo			1ª - 1982 - Salamandra (com 14 reedições até 1997)	2ª - 1984 - Global/3ª - 1986 - Global/4ª - 1988 - Global			2ª - 2003 - Salamandra	25 reimpressões até 2007)	3ª - 2012 - Salamandra
21 O velho, o menino e o burro			1ª - 1982 - Global						
22 A menina que aprendeu a voar			1ª - 1983 - Salamandra (com 10 edições até 1994)			1ª - 1998 - Salamandra		2ª - 2006 - Salamandra	3ª - 2013 - Salamandra
23 Por nome de Passaredo			1ª - 1983 - Nórdica						
24 Faça sem ponta, galinha sem pé			1ª - 1983 - Nova Fronteira (com 16 reimpressões até 1994)	16 reimpressões até 1994)		1ª - 1996 - Ática (com 7 reedições e 12 reimpressões até 2007)	reedições e 12	reimpressões até 2007)	1ª - 2009 - Salamandra
25 Dois idiotas sentados cada qual no seu			1ª - 1983 - Nova Fronteira (com 9 reimpressões até 1994)	9 reimpressões até 1994)		1ª - 1997 - Ática (com 5 reedições e 12 reimpressões até 2006)	reedições e 12	reimpressões até 2006)	1ª - 2013 - Salamandra
26 Gabriela e a titia			1ª - 1983 - Melhoramentos (com 8 reimpressões até 1996)	8 reimpressões até 1996)		1ª - 2001 - Salamandra	1ª - 2001 - Salamandra	3 reimpressões até 2008)	2ª - 2013 - Salamandra
27 Aladim e a lâmpada maravilhosa			1ª - 1983 - Global						
28 Quando eu comecei a crescer			1ª - 1983 - Nova Fronteira (com 9 reedições até 1994)	reedições até 1994)		1ª - 1996 - Ática (com 9 reedições e 11 reimpressões até 2007)	reedições até 2007)		1ª - 2009 - Salamandra
29 Procurando firme			14	1ª - 1984 - Nova Fronteira (com 13 reedições até 1994)	13 reedições até 1994)	1ª - 1997 - Ática (com 7 reedições e 11 reimpressões até 2007)	reedições e 11	reimpressões até 2007)	1ª - 2009 - Salamandra
30 As Aventuras de Alvinho			24	1ª - 1984 - Melhoramentos	(com 3 edições até 1989)				
31 A Decisão do campeonato	Revista Recreio - 1969 - 1970			1ª - 1984 - Rocco	1ª - 1992 - FTD (com 8 reedições até 1999)	reedições até 1999)		1ª - 2005 - FTD	1ª - 2010 - Salamandra
32 Armandinho, o juiz	Revista Recreio - 1969 - 1970			1ª - 1984 - Rocco/2ª - 1986 - Rocco	1ª - 1992 - FTD (com 6 reedições até 1994)	reedições até 1994)		1ª - 2005 - FTD	1ª - 2010 - Salamandra
33 A máquina maluca	Revista Recreio - 1969 - 1970			1ª - 1984 - Cultrix/ 2ª - 1987 - Cultrix	1ª - 1992 - FTD (com 7 reedições até 1994)	reedições até 1994)		1ª - 2004 - FTD	1ª - 2010 - Salamandra
34 Como se fosse dinheiro	Revista Recreio - 1969 - 1970			1ª - 1984 - Rocco/2ª - 1985 - Rocco/3ª - 1986 - Rocco	1ª - 1992 - FTD (com 11 reedições até 1999)	reedições até 1999)		1ª - 2004 - FTD	1ª - 2010 - Salamandra
35 Declaração Universal dos Direitos Humanos				1ª e 2ª - 1984 a 1986 - Circ. do Livro/3ª - 1986 - Quinteto (com 6 reedições até 1993)	1990 - Salamandra (com 7 reedições até 1993)	1ª - 1996 - Ática (com 4 reedições e 11 reimpressões até 2008)			
36 Enquanto o mundo pega fogo									
37 Cometa Halley, fascinante e belo				1ª - 1985 - Círculo do Livro					
38 O piquenique do Catapimba				1ª - 1985 - Rocco/ 2ª - 1987 - Rocco	1ª - 1992 - FTD (com 8 reedições até 1997)	reedições até 1997)		1ª - 2005 - FTD	1ª - 2010 - Salamandra
39 Meu primeiro livro - Emoções				1ª - 1986 - Melhoramentos	(com 6 reedições até 1994)	1994)			
40 Meu primeiro livro - quantidades				1ª - 1986 - Melhoramentos	(com 6 reedições até 1994)	1994)			

41	Meu primeiro livro - formas	1ª - 1986 - Melhoramentos	(com 6 reedições até 1994)	1994			
42	Meu primeiro livro - números	1ª - 1986 - Melhoramentos	(com 6 reedições até 1994)	1994			
43	Meu primeiro livro - o meu corpo	1ª - 1986 - Melhoramentos	(com 6 reedições até 1994)	1994			
44	Meu primeiro livro - palavras opostas	1ª - 1986 - Melhoramentos	(com 6 reedições até 1994)	1994			
45	Meu primeiro livro - indo e vindo	1ª - 1986 - Melhoramentos	(com 6 reedições até 1994)	1994			
46	Meu primeiro livro - cores	1ª - 1986 - Melhoramentos	(com 6 reedições até 1994)	1994			
47	Meu primeiro livro - as horas do dia	1ª - 1986 - Melhoramentos	(com 6 reedições até 1994)	1994			
48	Meu primeiro livro - tamanhos	1ª - 1986 - Melhoramentos	(com 6 reedições até 1994)	1994			
49	Meu primeiro livro - fazendo, desfazendo e refazendo	1ª - 1986 - Melhoramentos	(com 6 reedições até 1994)	1994			
50	Meu primeiro livro - pesos e volumes	1ª - 1986 - Melhoramentos	(com 6 reedições até 1994)	1994			
51	Fábulas de Esopo	1ª - 1986 - Melhoramentos	1ª - 1992 - FTD (com 10 reedições até 1999)			1ª - 2006 - FTD 2ª - 2004 - Salamandra (32ª impressão em 2009)	1ª - 2010 - Salamandra
52	Este admirável mundo louco	1ª - 1986 - Salamandra (com 17 reedições até 1998)					1ª - 2012 - Salamandra
53	Prá que serve?	1ª - 1986 - Nova Fronteira (com 7 reedições até 1996)	s/d - Círculo do Livro (1ª reimpressão)	1ª - 1996 - Salamandra (1ª reimpressão)	2003 - Salamandra (FNDE)	2ª - 2005 - Salamandra	1ª - 2010 - Salamandra
54	De repente dá certo	1ª - 1986 - Salamandra (11 reedições e 28					2ª - 2010 - Salamandra
55	Quem tem medo de cachorro?	1ª - 1986 - Globo			2ª - 2002 - Global (com 3 reimpressões até 2008)	3 reimpressões até 2008)	1ª - 2012 - Salamandra
56	Quem tem medo de dizer não?	1ª - 1986 - Rio Gráfica			2ª - 2002 - Global (com 3 reedições até 2008)		1ª - 2012 - Salamandra
57	Quem tem medo de monstro?	1ª - 1986 - Rio Gráfica			2ª - 2001 - Global (com 5 reedições até 2004)		1ª - 2012 - Salamandra
58	Quem tem medo de quê?	1ª - 1986 - Rio Gráfica			2ª - 2003 - Global (com 3 reimpressões até 2007)		1ª - 2012 - Salamandra
59	Histórias de antigamente	1ª - 1986 - José Olympio					
60	Fantasma existe?	1ª - 1986 - Lastri		1ª - 1997 - Ática (com 3 reedições até 2007)			1ª - 2009 - Salamandra
61	Ninguém gosta de mim?	1ª - 1986 - Lastri		1ª - 1997 - Ática (com 5 reedições até 2007)			1ª - 2009 - Salamandra
62	Será que vai doer?	1ª - 1986 - Lastri		1ª - 1997 - Ática (com 3 reedições até 2007)			1ª - 2009 - Salamandra
63	Tenho medo mas dou um jeito	1ª - 1986 - Lastri		1ª - 1998 - Ática			1ª - 2009 - Salamandra
64	Alvinho, o edifício City of Taubaté e o cachorro	1ª - 1986 - Melhoramentos	1ª - 1990 - FTD (com 4 reedições até 1994)			1ª - 2004 - FTD	1ª - 2010 - Salamandra
65	Historinhas malcriadas	1ª - 1987 - Salamandra (com 11 reedições até 1997)			1999 - Salamandra (com 3 reedições e 18 impressões até 2008)		1ª - 2012 - Salamandra
66	Livro de números do Marcelo	1ª - 1987 - Quinteto (com 4 reedições até 1994)		1998 - Quinteto			
67	O menino que aprendeu a ver	1ª - 1987 - Quinteto (com 10 reedições até 1994)		1998 - Quinteto			1ª - 2013 - Salamandra
68	Boi, boiada, boiadeiro	1ª - 1987 - Quinteto (com 4 reedições até 1996)					
69	As coisas que eu gosto	1ª - 1987 - Lastri			1ª - 2000 - Ática (com 6 reimpressões até 2008)		1ª - 2009 - Salamandra
70	Eu gosto muito	1ª - 1987 - Lastri			1ª - 2000 - Ática (com 6 reimpressões até 2005)		1ª - 2009 - Salamandra
71	Sabe do que eu gosto?	1ª - 1987 - Lastri			1ª - 2000 - Ática (com 8 reimpressões até 2006)		1ª - 2009 - Salamandra
72	Tem umas coisas que eu gosto	1ª - 1987 - Lastri			1ª - 2000 - Ática		1ª - 2009 - Salamandra
73	Que eu vou prá Angola	1ª - 1988 - José Olympio	1ª - 1992 - FTD (com 3 reedições até 1996)			1ª - 2006 - FTD	1ª - 2010 - Salamandra
74	Contos de Perrault	1ª - 1988 - José Olympio	1ª - 1992 - FTD (com 4 reedições até 1997)			1ª - 2006 - FTD	1ª - 2010 - Salamandra
75	O livro dos sentidos - cheirar	1ª - 1988 - FTD					
76	O livro dos sentidos - comer	1ª - 1988 - FTD					
77	O livro dos sentidos - ouvir	1ª - 1988 - FTD					
78	O livro dos sentidos - ver	1ª - 1988 - FTD					
79	O livro dos sentidos - pegar	1ª - 1988 - FTD					
80	O que é, o que é? I	1ª - 1988 - Quinteto (com 7 reedições até 1998)					
81	Uma história de rabos presos	52	1ª - 1989 - Salamandra (com 16 reedições até 1999)		2ª - 2003 - Salamandra	28 reimpressões até 2007)	3ª - 2012 - Salamandra
82	Azul e lindo, planeta Terra, nossa casa	77	1ª - 1990 - Salamandra (com 29 reimpressões até 2007)				
83	Mulheres de coragem	1ª - 1991 - FTD (com 5 reedições até 1999)				1ª - FTD - 2006	1ª - 2011 - Salamandra
84	Histórias das Mil e Uma Noites	1ª - 1991 - FTD (com 6 reedições até 1997)				1ª - FTD - 2006	1ª - 2010 - Salamandra
85	O velho, o menino e o burro e outras histórias	1ª - 1991 - FTD (com 7 reedições até 1994)				1ª - FTD - 2006	1ª - 2010 - Salamandra
86	O mistério do caderninho preto	1ª - 1991 - Melhoramentos (com 7 reedições até 1997)		1ª - Ática - 1998 (14ª edição em 2007)		1ª - Ática - 2007	1ª - 2010 - Salamandra
87	O que é, o que é? II	1ª - 1992 - Quinteto					
88	O livro da escrita	1ª - 1992 - Melhoramentos (com 15 reedições até 2009)					
89	O livro dos gestos e dos símbolos	1ª - 1992 - Melhoramentos (com 9 reedições até 2008)					
90	O livro do lápis	1ª - 1992 - Melhoramentos (com 10 reedições até 2008)					
91	O livro do papel	1ª - 1992 - Melhoramentos (com 12 reedições até 2009)					
92	O livro das tintas	1ª - 1992 - Melhoramentos (com 12 reedições até 2009)					

93	O livro das línguas		1ª - 1992 - Melhoramentos	(com 13 reedições até 2008)			
94	O livro das letras		1ª - 1992 - Melhoramentos	(com 12 reedições até 2009)			
95	A história do livro		1ª - 1992 - Melhoramentos	(com 15 reedições até 2009)			
96	A Cinderela das bonecas	Revista Recreio - 1969 -	1ª - 1992 - FTD	(com 6 reedições até 1998)		1ª - 2004 - FTD	1ª - 2011 - Salamandra
97	Eugênio, o gênio	Revista Recreio - 1969 -	1ª - 1992 - Ática (com 7 reedições até 2000)				1ª - 2009 - Salamandra
98	Romeu e Julieta	Revista Recreio - 1969 -	1ª - 1992 - Ática	(com 14 reedições e 15 reimpressões até 2007)			1ª - 2009 - Salamandra
99	O trenzinho do Nicolau	Revista Recreio - 1969 -	1ª - 1992 - Ática	(com 3 reedições e 13 reimpressões até 2007)			1ª - 2009 - Salamandra
100	O amigo do Rei	Revista Recreio - 1969 -	1ª - 1993 - Ática	(com 9 reedições e 7 reimpressões até 2004)			1ª - 2009 - Salamandra
101	A escolinha do mar	Revista Recreio - 1969 -	1ª - 1993 - Ática	(com 7 reedições e 15 reimpressões até 2007)			1ª - 2009 - Salamandra
102	Borba, o gato	Revista Recreio - 1969 -	21	1ª - 1994 - Ática	(com 3 reedições e 9 reimpressões até 2007)		1ª - 2009 - Salamandra
103	O coelhinho que não era de Páscoa	Revista Recreio - 1969 -	72	1ª - 1994 - Ática	(com 8 reedições e 13 reimpressões até 2007)		1ª - 2009 - Salamandra
104	Uma história com mil macacos	Revista Recreio - 1969 -		1ª - 1994 - Ática	(com 7 reedições e 11 reimpressões até 2008)		1ª - 2009 - Salamandra
105	O barbeiro de Sevilha		1ª - 1994 - Callis (com 3 reedições até 1998)				1ª - 2013 - Salamandra
106	Carmem		1ª - 1994 - Callis (com 5 reedições até 2001)				1ª - 2013 - Salamandra
107	A flauta mágica		1ª - 1994 - Callis (com 7 reedições até 2005)				1ª - 2013 - Salamandra
108	O guarani		1ª - 1994 - Callis (com 10 reimpressões até 2005)				1ª - 2013 - Salamandra
109	A arca de Noé	Revista Recreio - 1969 -	1ª - 1994 - Ática (com 9 reedições até 2006)				1ª - 2009 - Salamandra
110	Minha turma - álbum		1ª - 1994 - FTD				
111	Entreviste seus ídolos		1ª - 1994 - FTD				
112	Entreviste seus amigos		1ª - 1994 - FTD				
113	Faz muito tempo	Revista Recreio - 1969 -	1ª - 1995 - Ática (com 11 reedições e 10 reimpressões até 2008)				1ª - 2009 - Salamandra
114	Alvinho, a apresentadora de Tv e o		1ª - 1995 - FTD (com 3 reedições até 1999)			1ª - 2004 - FTD	
115	O que é, o que é? III		1ª - 1995 - Quinteto				
116	Lá vem o ano novo	Revista Recreio - 1969 -	1ª - 1996 - Ática (com 6 reedições até 2005)				1ª - 2009 - Salamandra
117	Macacote e Porco Pança	Revista Recreio - 1969 -	1ª - 1996 - Ática (com 3 reedições até 2007)				1ª - 2009 - Salamandra
118	Os músicos de Breem		1ª - 1996 - FTD			1º - 2004 - FTD	1ª - 2010 - Salamandra
119	O patinho feio		1ª - 1996 - FTD			1º - 2004 - FTD	1ª - 2010 - Salamandra
120	O rato do campo e o rato da cidade		1ª - 1996 - FTD			1º - 2005 - FTD	1ª - 2010 - Salamandra
121	Você é capaz de fazer isso?		1ª - 1996 - FTD (com 3 reedições até 1999)				1ª - 2010 - Salamandra
122	Alvinho e os presentes de Natal		1ª - 1996 - FTD (com 3 reedições até 1999)				1ª - 2010 - Salamandra
123	O Barba Azul		1ª - 1996 - FTD			1º - 2004 - FTD	1ª - 2010 - Salamandra
124	A coisa		1ª - 1996 - FTD				1ª - 2010 - Salamandra
125	Joãozinho e Maria		1ª - 1996 - FTD			1º - 2004 - FTD	1ª - 2010 - Salamandra
126	Joãozinho e o Pé de feijão		1ª - 1996 - FTD			1º - 2004 - FTD	1ª - 2010 - Salamandra
127	Quando eu for gente grande		1ª - 1996 - FTD				1ª - 2011 - Salamandra
128	O último golpe de Alvinho		1ª - 1996 - FTD (com 3 reedições até 1998)				1ª - 2010 - Salamandra
129	Mil pássaros pelos céus		1ª - 1996 - Ática (com 3 reedições até 2005)				1ª - 2009 - Salamandra
130	A fantástica máquina dos bichos	Revista Recreio - 1969 -	1ª - 1997 - Ática (com 8 reedições até 2004)				1ª - 2009 - Salamandra
131	Prá vencer certas pessoas		1ª - 1997 - Ática (com 11 reedições até 2008)				
132	Atrás da porta		1ª - 1997 - Salamandra (com 3 reedições até 1998)				4ª - 2013 - Salamandra
133	Nosso amigo ventinho	Revista Recreio - 1969 -	1ª - 1998 - Ática (com 2 edições até 2008)				1ª - 2009 - Salamandra
134	Um macaco prá frente	Revista Recreio - 1969 -	32	1ª - 1999 - Ática (com 2 edições até 2008)			1ª - 2009 - Salamandra
135	O menino que quase morreu afogado no		106	1ª - 1999 - Quinteto			
136	Quando Miguel entrou na escola			1ª - 1999 - Callis		2006 - Melhoramentos (com 7 reimpressões até 2008)	
137	Pedrinho Pintor			1ª - 1999 - Ática (com 2 reedições até 2008)			1ª - 2009 - Salamandra
138	No tempo em que a televisão mandava no			1ª - 2000 - FTD			1ª - 2012 - Salamandra
139	Ruth rocha conta a Odisséia			1ª - 2000 - Comp. das Letrinhas (com 2 edições e 14 reimpressões até 2007)			1ª - 2011 - Salamandra
140	Leila menina			1ª - 2000 - Nova Fronteira (com 2ª edição em 2005)			1ª - 2012 - Salamandra
141	O bairro do Marcelo			1ª - 2001 - Salamandra		7 impressões até 2008)	1ª - 2012 - Salamandra
142	A escola do Marcelo			1ª - 2001 - Salamandra		9 impressões até 2008)	1ª - 2012 - Salamandra
143	A família do Marcelo			1ª - 2001 - Salamandra		7 impressões até 2008)	1ª - 2012 - Salamandra

144	A rua do Marcelo		1ª - 2001 - Salamandra	7 impressões até 2008)	1ª - 2012 - Salamandra
145	Quem tem medo de ridículo?		1ª - 2001 - Global	reimpressões até 2011)	1ª - 2012 - Salamandra
146	Os direitos da criança segundo Ruth Rocha		1ª - 2002 - Comp. das Letrinhas	(com 4 reimpressões até 2008)	
147	Ruth Rocha conta a Ilíada		1ª - 2004 - Comp. das Letrinhas (3 reimpr até 2007)		1ª - 2011 - Salamandra
148	Almanaque da Ruth Rocha		1ª - 2004 - Ática (com 13 reimpressões até 2008)		2ª - 2011 - Salamandra
149	Rubens, o sementeiro		1ª - 2004 - Salamandra		
150	Quem vai salvar a vida?		1ª - 2004 - Instituto Moreira Salles		1ª - 2009 - FTD
151	Um cantinho só prá mim		1ª - 2005 - Melhoramentos	(com 2ª reedição em 2009)	
152	Marília Bela		1ª - 2005 - Nova Fronteira	(com 2ª reedição em 2008)	1ª - 2013 - Salamandra
153	O pequeno Mozart		1ª - 2005 - Noovha América	(com reimpressões até 2008)	
154	Tom Sawyer		1ª - 2005 - Objetiva		1ª - 2011 - Salamandra
155	O jacaré preguiçoso		1ª - 2005 - Salamandra (com		3 reimpressões até 2012)
156	O macaco bombeiro		1ª - 2006 - Salamandra (com		3 reimpressões até 2012)
157	A menina que não era maluquinha e outras histórias		1ª - 2006 - Melhoramentos	(com 2ª edição em 2009 e	3ª reimpressão em 2011)
158	O dia em que Miguel estava muito triste		1ª - 2006 - Melhoramentos		(com 4 reedições até 2009)
159	As dúvidas que eu tenho: Inteligência emocional		1ª - 2006 - Ática (com 2ª impressão em 2007)		
160	O menino que quase virou cachorro		1ª - 2006 - Melhoramentos		(5ª reedição em 2011)
161	Meu amigo dinossauro		1ª - 2006 - Melhoramentos		(12ª reedição em 2011)
162	Meu irmãozinho me atrapalha		1ª - 2006 - Melhoramentos		(com 6 reedições até 2009)
163	Meus lápis de cor são só meus		1ª - 2006 - Melhoramentos		(2ª reedição em 2010)
164	Toda criança do mundo mora no meu		1ª - 2007 - Ática		
165	Super atividades da Ruth Rocha		1ª - 2007 - Melhoramentos		
166	Vivinha, a baleiazinha	Revista Bloquinho - 1971 -	1ª - 2007 - Salamandra		
167	Quem manda na minha boca sou eu!		1ª - 2007 - Ática		
168	A menina que não era maluquinha 2 e outras histórias		1ª - 2007 - Melhoramentos		
169	Solta o sabiá		1ª - 2008 - Comp. das Letr.		1ª - 2013 - Salamandra
170	Quem tem medo do novo?		1ª - 2008 - Global (com		3ª reimpressão em 2011)
171	Viva a diferença		1ª - 2008 - FTD		
172	O passarinho que não queria ser cantor			25	1ª - 2009 - Salamandra
173	A galinha dos ovos de ouro de outras histórias	Revista Bloquinho - 1971 -		116	1ª - 2009 - Salamandra
174	Pedro e o menino valentão				1ª - 2009 - Melhoramentos
175	O monstro do quarto de Pedro				1ª - 2009 - Melhoramentos
176	Os amigos de Pedrinho				1ª - 2010 - Melhoramentos
177	As férias de Miguel e Pedro				1ª - 2010 - Melhoramentos
178	O livro das datas - agenda 2012				1ª - 2011 - Salamandra
179	Os amigos do Marcelo				1ª - 2012 - Salamandra
180	Os gatos de botinhas				1ª - 2013 - Salamandra
181	O bichinho do Pimpão				1ª - 2013 - Salamandra
182	Canções, parlendas, quadrinhas, para crianças				1ª - 2013 - Salamandra
					11
					122
					26
					13
					79

* Nesse período, obras Publicadas apenas em revistas

Nº em negrito	Quantidade de Obras Inéditas Publicadas no Período
<i>Nº em Itálico</i>	Quantidade de Títulos Disponíveis no Período em edições atualizadas

Obs: As obras "Joãozinho e Maria" (1996) e "Joãozinho e o Pé de Feijão" (1996) não foram recontadas neste gráfico quando relaçadas em 2004 por se tratarem de obras relaçadas com o mesmo título e texto originais

ANEXO 5

ASPECTOS DISCURSIVOS DAS OBRAS

	TÍTULO	DATA DE PUBLICAÇÃO	TEMA	GÊNERO	PERSONAGEM	ASPECTOS DISCURSIVOS/ INTERTEXTUALIDADE
1	Palavras, muitas palavras	1976	Linguagem	Poema	Alfabeto	Cita "Pedro Pereira Pinto pobre pintor...", "O rato roeu a roda..." e "O tempo perguntou pro tempo..."
2	Marcelo, Marmelo, Martelo	1976	Cotidiano Infantil	Conto	Menino	"Por que você não escreve a história... Depois mostre sua história à sua professora."
3	A primavera da lagarta	1976	Aceitação	Poema Narrativo	Animais	utiliza parlenda, rimas/menciona trecho do pequeno príncipe
4	Bom dia, todas as cores!	1976	Aceitação	Poema Narrativo	Animais	(sem aspectos destacados)
5	De hora em hora	1976	Conceitos	Relato	Menino	referência à musica "a banda"
6	A árvore do Beto	1977	Cotidiano Infantil	Conto	Menino	referência a personagens de outras histórias
7	Nicolau tinha uma idéia	1977	Relações Sociais	Conto	Adultos	ilustrações completam o texto/solicita ao leitor desenhar a história
8	No caminho de Alvinho tinha uma pedra	1977	Cotidiano Infantil	Poema Narrativo	Menino	rimas e onomatopéias/edição ampliada, alterações no texto, com inclusão de novos parágrafos
9	Catapimba e sua turma e outras histórias	1977	Cotidiano Infantil	Contos	Meninos	Cita Catapimba; Beto/ estrela d' Alva/ Música Paulo Diniz "quero voltar para Bahia"
10	Pedrinho pintor e outras histórias	1977	Aceitação	Conto	Animais	reúne textos sob o mesmo tema e com o mesmo campo de personagens
11	Romeu e Julieta e outras histórias	1977	Aceitação	Conto	Animais	paródia de ditados populares/menciona cantiga "apareceu a margarida"
12	Viva a macacada! E outras histórias	1977	Comportamento	Conto	Animais	Cita "estava à toa na vida..."/ Dom quixote-macaco trabalhador/ pergunta ao leitor
13	Faz muito tempo e outras histórias	1977	História do Brasil	Conto	Meninos/Adultos	(sem aspectos destacados)
14	O reizinho mandão	1978	Sociedade/Relações sociais	Conto	Rei	menciona o ditado "cala a boca já morreu..."
15	O rei que não sabia de nada	1980	Sociedade	Conto	Rei	uso de ironia/ referência à máquina maluca
16	O que os olhos não veem	1981	Sociedade/Relações sociais	Poema Narrativo	Rei	cita: "o que os olhos não veem..." e "quem monta na garupa, não pega nunca na rédea"
17	As coisas que a gente fala	1981	Linguagem	Poema Narrativo	Crianças	rimas
18	Davi ataca outra vez	1982	Cotidiano Infantil	Conto	Meninos	relaciona a situação à mobilização social, passeatas, eleição. Ilustração completa o texto com garatujas
19	Elefante?	1982	Cotidiano Infantil	Poema Narrativo	Menina	rimas
20	Sapo vira rei vira sapo	1982	Sociedade/Relações sociais	Poema Narrativo	Rei	reconta a história da princesa e o sapo
21	O velho, o menino e o burro	1982	Relações Sociais	Poema Narrativo	Menino/Adulto	termina com versos
22	A menina que aprendeu a voar	1983	Cotidiano Infantil	Conto	Menina	menciona personagens de outros livros, cotidiano escolar
23	Por nome de Passaredo	1983				
24	Faca sem ponta, galinha sem pé	1983	Relações Sociais/Gênero	Conto	Menina/Menino	menciona ditados populares
25	Dois idiotas sentados cada qual no seu barril	1983	Sociedade/Relações sociais	Poema Narrativo	Adultos	refere-se indiretamente à guerra fria
26	Gabriela e a titia	1983	Cotidiano Infantil	Poema Narrativo	Menina	menciona personagens de outros livros
27	Aladim e a lâmpada maravilhosa	1983	Reconto	Conto	Adultos	convida o leitor para desenhar a história/história contada por seu pai (Ana e Ruth, 31)
28	Quando eu comecei a crescer	1983	Cotidiano Infantil	Relato	Menina	discurso em primeira pessoa
29	Procurando firme	1984	Gênero	Conto	Menina	paródia de contos de fada/diálogo com o leitor
30	As Aventuras de Alvinho	1984	Cotidiano Infantil	Poema Narrativo	Menino	(sem aspectos destacados)

31	A Decisão do campeonato	1984	Cotidiano Infantil	Conto	Meninos	Ilustração complementa o texto/menciona personagens de outras histórias
32	Armandinho, o juiz	1984	Cotidiano Infantil	Conto	Meninos	Ilustração complementa o texto/menciona personagens de outras histórias
33	A máquina maluca	1984	Sociedade/Relações sociais	Conto	Menino/Adulto	letras maiores, mais divisões, alteração de palavras (trapizonga, letra da música, subtração de repetições)
34	Como se fosse dinheiro	1984	Relações Sociais	Conto	Meninos/Adultos	diluição do texto nas páginas
35	Declaração Universal dos Direitos Humanos	1984	Sociedade/Relações sociais	Relato	não tem	"é preciso que todos aprendam nas escolas de todo o mundo o conteúdo desta declaração"
36	Enquanto o mundo pega fogo	1984	Sociedade/Relações sociais	Contos	Adultos	(sem aspectos destacados)
37	Cometa Halley, fascinante e belo	1985	Fenômenos Naturais	Relato	Cometa	Dedicado a Carlos Drummond de Andrade/refere-se a Lobato e a trechos de Drummond/ o cometa reapareceu em 1986
38	O piquenique do Catapimba	1985	Cotidiano Infantil	Poema Narrativo	Crianças	Menciona personagens de obras anteriores/ turma do passa por cima/ lição no final
39	Meu primeiro livro - Emoções	1986	Conceitos	Poema	não tem	(sem aspectos destacados)
40	Meu primeiro livro - quantidades	1986	Conceitos	Poema	não tem	(sem aspectos destacados)
41	Meu primeiro livro - formas	1986	Conceitos	Poema	não tem	(sem aspectos destacados)
42	Meu primeiro livro - números	1986	Conceitos	Poema	não tem	(sem aspectos destacados)
43	Meu primeiro livro - o meu corpo	1986	Conceitos	Poema	não tem	(sem aspectos destacados)
44	Meu primeiro livro - palavras opostas	1986	Conceitos	Poema	não tem	(sem aspectos destacados)
45	Meu primeiro livro - indo e vindo	1986	Conceitos	Poema	não tem	(sem aspectos destacados)
46	Meu primeiro livro - cores	1986	Conceitos	Poema	não tem	(sem aspectos destacados)
47	Meu primeiro livro - as horas do dia	1986	Conceitos	Poema	não tem	(sem aspectos destacados)
48	Meu primeiro livro - tamanhos	1986	Conceitos	Poema	não tem	(sem aspectos destacados)
49	Meu primeiro livro - fazendo, desfazendo e refazendo	1986	Conceitos	Poema	não tem	(sem aspectos destacados)
50	Meu primeiro livro - pesos e volumes	1986	Conceitos	Poema	não tem	(sem aspectos destacados)
51	Fábulas de Esopo	1986	Reconto	Fábula	Animais	epígrafe de Humberto Eco/ acompanha sumário/linguagem direta
52	Este admirável mundo louco	1986	Sociedade/Relações sociais	Conto	Vários	(sem aspectos destacados)
53	Prá que serve?	1986	Relações Sociais	Conto	Menina	menciona a banda
54	De repente dá certo	1986	Relações Sociais	Conto	Menina	linguagem coloquial/ escrito em 1ª pessoa
55	Quem tem medo de cachorro?	1986	Sentimentos	Poema	Animais	(sem aspectos destacados)
56	Quem tem medo de dizer não?	1986	Sentimentos	Poema	não tem	(sem aspectos destacados)
57	Quem tem medo de monstro?	1986	Sentimentos	Poema	não tem	(sem aspectos destacados)
58	Quem tem medo de quê?	1986	Sentimentos	Poema	não tem	(sem aspectos destacados)
59	Histórias de antigamente	1986	Sociedade/Relações sociais	Conto	Mulheres	(sem aspectos destacados)
60	Fantasma existe?	1986	Sentimentos	Relato	Criança	(sem aspectos destacados)
61	Ninguém gosta de mim?	1986	Sentimentos	Relato	Criança	(sem aspectos destacados)
62	Será que vai doer?	1986	Sentimentos	Relato	Criança	(sem aspectos destacados)
63	Tenho medo mas dou um jeito	1986	Sentimentos	Relato	Criança	(sem aspectos destacados)
64	Alvinho, o edifício City of Taubaté e o cachorro Venceslau	1986	Cotidiano Infantil	Conto	Menino	(sem aspectos destacados)
65	Historinhas malcriadas	1987	Cotidiano Infantil	Conto	Crianças	substituição de "pai lendo o jornal" por "pai vendo televisão/ Menciona Alvinho, Armandinho/ sutração de vírgulas/igualzinho por iguaizinhos
66	Livro de números do Marcelo	1987	Conceitos	Parlenda	não tem	Relaciona números a ditados populares e parlendas
67	O menino que aprendeu a ver	1987	Linguagem	Poema Narrativo	Menino	cada página uma letra/ ilustração completa o texto/acréscimo de vírgulas/ letras grandes/ garatuas com letras/segmentação do texto

68	Boi, boiada, boiadeiro	1987	Campo	Poema	não tem	cita trecho de "o reizinho"/ parafraseia Gonçalves Dias
69	As coisas que eu gosto	1987	Sentimentos	Relato	Criança	substituição da letra imprensa pela letra bastão
70	Eu gosto muito	1987	Sentimentos	Relato	Criança	substituição da letra imprensa pela letra bastão
71	Sabe do que eu gosto?	1987	Sentimentos	Relato	Criança	substituição da letra imprensa pela letra bastão
72	Tem umas coisas que eu gosto	1987	Sentimentos	Relato	Criança	substituição da letra imprensa pela letra bastão
73	Que eu vou prá Angola	1988	Esperteza	Conto folclórico	Animais	"que folclore hoje em dia é a última moda"/ Dedicatória ao avô/parlenda
74	Contos de Perrault	1988	Reconto	Conto	Vários	(sem aspectos destacados)
75	O livro dos sentidos - cheirar	1988	Conceitos	Poema	não tem	(sem aspectos destacados)
76	O livro dos sentidos - comer	1988	Conceitos	Poema	não tem	(sem aspectos destacados)
77	O livro dos sentidos - ouvir	1988	Conceitos	Poema	não tem	(sem aspectos destacados)
78	O livro dos sentidos - ver	1988	Conceitos	Poema	não tem	(sem aspectos destacados)
79	O livro dos sentidos - pegar	1988	Conceitos	Poema	não tem	(sem aspectos destacados)
80	O que é, o que é? I	1988	Passatempo	Adivinhas	não tem	(sem aspectos destacados)
81	Uma história de rabos presos	1989	Sociedade	Conto	Adultos	lembra a história "o ganso de ouro"
82	Azul e lindo, planeta Terra, nossa casa	1990	Meio ambiente	Relato	não tem	(sem aspectos destacados)
83	Mulheres de coragem*	1990	Sociedade/Relações sociais	Conto	Mulheres	estandarte, "lenda da moça guerreira"
84	Histórias das Mil e Uma Noites	1991	Reconto	Conto	Adultos	Aladim: não solicita para desenhar a história/acréscimo de explicações
85	O velho, o menino e o burro e outras histórias caipiras	1991	Relações Sociais	Conto	Adultos	acréscimo de vírgulas, compadre por cumpadre/ ilustração mais explicativas/visual clean
86	O mistério do caderninho preto	1991	Linguagem	Conto	Crianças	menciona muitos autores e obras (Clarice Lispector, Ana maria Machado, Humberto Eco, Monteiro Lobato, Ruth Rocha, Machado de Assis, Millor Fernandes/Cem anos de Solidão
87	O que é, o que é? II	1992	Passatempo	Adivinhas	não tem	(sem aspectos destacados)
88	O livro da escrita	1992	História	Informativo	não tem	(sem aspectos destacados)
89	O livro dos gestos e dos símbolos	1992	História	Informativo	não tem	(sem aspectos destacados)
90	O livro do lápis	1992	História	Informativo	não tem	(sem aspectos destacados)
91	O livro do papel	1992	História	Informativo	não tem	(sem aspectos destacados)
92	O livro das tintas	1992	História	Informativo	não tem	(sem aspectos destacados)
93	O livro das línguas	1992	História	Informativo	não tem	(sem aspectos destacados)
94	O livro das letras	1992	História	Informativo	não tem	(sem aspectos destacados)
95	A história do livro	1992	História	Informativo	não tem	(sem aspectos destacados)
96	A cinderela das bonecas	1992	Superação	Conto	Crianças	menciona os contos de fadas/ditos populares/lição no final sobre superação/Vovó Neném - avó da autora
97	Eugênio, o gênio	1992	Comportamento	Poema Narrativo	Animais	(sem aspectos destacados)
98	Romeu e Julieta	1992	Aceitação	Conto	Animais	organização do texto em versos/ diluição nas páginas/ exclusão de palavras repetidas
99	O trenzinho do Nicolau	1992	Superação	Poema Narrativo	Adulto	acréscimo de rimas e de versos/ ampliação do texto
100	O amigo do Rei	1993	Sociedade/Relações sociais	Conto	Meninos	organização do texto em versos/diluição nas páginas/ substituição da palavra "preto" por "negro"
101	A escolinha do mar	1993	Comportamento	Conto	Animais	cita "roda, roda", "peixe-vivo"/ comportamento modelar, castigo
102	Borba, o gato	1994	Aceitação	Conto	Animais	alteração do nome do personagem/organização o texto em versos/menciona cantiga de roda/substituição de "madrugada" por "noite"/inserção de rimas/menção a Tom e Jerry/subtração de repetições de palavras
103	O coelhinho que não era de Páscoa	1994	Aceitação	Poema Narrativo	Animais	Organização em versos/ inserção de rimas/subtração de repetições de palavras
104	Uma história com mil macacos	1994	Linguagem	Conto	Animais	acréscimo de informações (na cidade)/ilustração complementando o texto/diluição do texto
105	O barbeiro de Sevilha	1994	Reconto	Conto	Adultos	(sem aspectos destacados)
106	Carmem	1994	Reconto	Conto	Adultos	(sem aspectos destacados)

107	A flauta mágica	1994	Reconto	Conto	Adultos	(sem aspectos destacados)
108	O guarani	1994	Reconto	Conto	Adultos	(sem aspectos destacados)
109	A arca de Noé	1994	Reconto	Conto	Adulto	organização em versos/ diluição do texto nas páginas/exclusão de frases, acréscimo de rimas
110	Minha turma - álbum	1994	Entrevista	Álbum	não tem	(sem aspectos destacados)
111	Entreviste seus ídolos	1994	Entrevista	Álbum	não tem	(sem aspectos destacados)
112	Entreviste seus amigos	1994	Entrevista	Álbum	não tem	(sem aspectos destacados)
113	Faz muito tempo	1995	História do Brasil	Conto	Menino	organização do texto em versos/diluição nas páginas/substituição de pardos por "muito morenos" e subtração do adjetivo "Lindos" e "linda"
114	Alvinho, a apresentadora de Tv e o campeão	1995	Cotidiano Infantil	Conto	Menino	"mentiradeira" "pfessora" "No caminho tinha uma pedra" uso de superlativos/diálogo com os leitores/dois finais diferentes
115	O que é, o que é? III	1995	Passatempo	Adivinhas	não tem	(sem aspectos destacados)
116	Lá vem o ano novo	1996	Tempo	Conto	Seres da Natureza	organização em versos/diluição nas páginas/substituição do nome da gata/acrécimo de explicações
117	Macacote e Porco Pança	1996	Comportamento	Conto	Animais	cita a música "A banda"/diálogo com o leitor/ comportamento modelo (macaco ajuizado, trabalhador...)
118	Os músicos de Bremem	1996	Reconto	Poema Narrativo	Animais	em versos
119	O patinho feio	1996	Reconto	Conto	Animais	(sem aspectos destacados)
120	O rato do campo e o rato da cidade	1996	Reconto	Conto	Animais	Nome do rato "Jôni"
121	Você é capaz de fazer isso?	1996	Comportamento	Conto	Meninos	menciona as mesmas características do personagem de "historinhas malcriadas"
122	Alvinho e os presentes de Natal	1996	Comportamento	Conto	Menino	diálogo com o leitor/ menciona características do personagem de "no tem po em q a tv mandava no carlinhos"
123	O Barba Azul	1996	Reconto	Poema Narrativo	Adultos	sem alterações no texto/organização textual semelhante à edição anterior
124	A coisa	1996	Cotidiano Infantil	Conto	Vários	diluição do texto/ sem alterações
125	Joãozinho e Maria	1996	Reconto	Conto	Crianças	sem alterações no texto/organização textual semelhante à edição anterior
126	Joãozinho e o Pé de feijão	1996	Reconto	Conto	Menino	sem alterações no texto/organização textual semelhante à edição anterior
127	Quando eu for gente grande	1996	Comportamento	Relato	Menino	diluição do texto/ sem alterações
128	O último golpe de Alvinho	1996	Comportamento	Conto	Menino	(sem aspectos destacados)
129	Mil pássaros pelos céus	1996				
130	A fantástica máquina dos bichos	1997	Comportamento	Conto	Animais	diluição do texto/ sem alterações
131	Prá vencer certas pessoas	1997	Esperteza	Conto	Adultos	termina com versos
132	Atrás da porta	1997	Cotidiano Infantil	Conto	Crianças	Menciona Editora Salamandra e ilustradores: Walter Ono, Eva Furnari, Ziraldo, Ivan Zigg...e escritores Ana maria Machado, Sílvia Orthof...
133	Nosso amigo ventinho	1998	Comportamento	Conto	Seres da Natureza	cita a música "lá vem o seu noé"/ personagem Mariana
134	Um macaco prá frente	1998	Aceitação	Poema Narrativo	Animais	organização em versos/ diluição do texto nas páginas
135	O menino que quase morreu afogado no lixo	1999	Meio ambiente	Conto	Menino	diálogo com o leitor/ oralidade/menciona o nome do presidente, ex prefeito, CPI
136	Quando Miguel entrou na escola	1999	Cotidiano Infantil	Conto	Menino	menciona férias em família, shopping e escola
137	Pedrinho Pintor	1999	Aceitação	Conto	Animais	diluição do texto nas páginas, ampliação do espaço para ilustrações
138	No tempo em que a televisão mandava no Carlinhos	1999	Consumo	Conto	Menino	Dividido em capítulos/contém dicionário do consumidor, e explicação sobre o IDEC
139	Ruth rocha conta a Odisséia	2000	Reconto	Conto	Adultos	Contém explicações e glossário
140	Leila menina	2000	Relações Sociais/Gênero	Conto	Meninas	referência à Caetano Veloso, passeatas, comunistas/contém apêndice com explicações sobre a década de 60
141	O bairro do Marcelo	2001	Cotidiano Infantil	Relato	Menino	(sem aspectos destacados)
142	A escola do Marcelo	2001	Cotidiano Infantil	Relato	Menino	(sem aspectos destacados)
143	A família do Marcelo	2001	Cotidiano Infantil	Relato	Menino	(sem aspectos destacados)

144	A rua do Marcelo	2001	Cotidiano Infantil	Relato	Menino	(sem aspectos destacados)
145	Quem tem medo de ridículo?	2001	Sentimentos	Poema	não tem	(sem aspectos destacados)
146	Os direitos da criança segundo Ruth Rocha	2001	Direitos da Criança	Poema	Criança	Contém apresentação da autora e apêndice da editora
147	Ruth Rocha conta a Ilíada	2004	Reconto	Conto	Adultos	Contém explicações e glossário
148	Almanaque da Ruth Rocha	2004	Passatempo	Almanaque	não tem	Dedicado aos netos/"Ed. Ática agradece a Mariana Rocha pela colab. na concepção e execução deste livro"
149	Rubens, o semeador	2004				
150	Quem vai salvar a vida?	2004	Meio ambiente	Conto	Menino	(sem aspectos destacados)
151	Um cantinho só prá mim	2005	Cotidiano Infantil	Conto	Menino	em comemoração aos 25 anos de Ziraldo na editora/personagem introspectivo
152	Marília Bela	2005	História do Brasil	Conto	Menina	linguagem coloquial/ escrito em 1ª pessoa/contém apêndice sobre o período colonial
153	O pequeno Mozart	2005	História	Biografia	Menino	(sem aspectos destacados)
154	Tom Sawyer	2005	Reconto	Conto	Meninos	Adaptação
155	O jacaré preguiçoso	2005	Vida saudável	Conto	Animais	(sem aspectos destacados)
156	O macaco bombeiro	2005	Aceitação	Conto	Animais	uso de provérbios populares
157	A menina que não era maluquinha e outras histórias	2006	Cotidiano Infantil	Conto	Crianças	menciona o personagem "Maluquinho" de Ziraldo
158	O dia em que Miguel estava muito triste	2006	Cotidiano Infantil	Conto	Menino	uso de diminutivos:"franguinho,cenourinha, suquinho, queijinho,caminha..."
159	As dúvidas que eu tenho: Inteligência emocional p/ crianças	2006	Sentimentos	Relato	Criança	(sem aspectos destacados)
160	O menino que quase virou cachorro	2006	Relações Sociais	Conto	Menino	(sem aspectos destacados)
161	Meu amigo dinossauro	2006	Cotidiano Infantil	Poema Narrativo	Crianças	explica sobre petróleo
162	Meu irmãozinho me atrapalha	2006	Cotidiano Infantil	Conto	Meninos	(sem aspectos destacados)
163	Meus lápis de cor são só meus	2006	Cotidiano Infantil	Conto	Crianças	(sem aspectos destacados)
164	Toda criança do mundo mora no meu coração	2006	Vários	Poemas	não tem	(sem aspectos destacados)
165	Super atividades da Ruth Rocha	2007	Passatempo	Passatempos	não tem	(sem aspectos destacados)
166	Vivinha, a baleiazinha	2007				
167	Quem manda na minha boca sou eu!	2007	Vários	Contos e Poemas	não tem	(sem aspectos destacados)
168	A menina que não era maluquinha 2 e outras histórias	2007	Cotidiano Infantil	Conto	Crianças	Menciona personagens de histórias anteriores/ faz paródia com outros textos da autora
169	Solta o sabiá	2008	História do Brasil	Conto	Meninos	(sem aspectos destacados)
170	Quem tem medo do novo?	2008	Sentimentos	Poema	não tem	(sem aspectos destacados)
171	Viva a diferença	2008	Aceitação	Imagem	Crianças	as ilustrações lembram o poema "Espírito de Contradição"
172	O passarinho que não queria ser cantor	2009	Aceitação	Conto	Animais	texto muito parecido com o coelhinho que não era de páscoa
173	A galinha dos ovos de ouro de outras histórias	2009	Reconto	Conto	Adultos	enqto o mundo pega fogo/ a galinha dos ovos/prá vencer certas pessoas
174	Pedro e o menino valentão	2009	Cotidiano Infantil	Conto	Meninos	(sem aspectos destacados)
175	O monstro do quarto de Pedro	2009	Cotidiano Infantil	Conto	Meninos	(sem aspectos destacados)
176	Os amigos de Pedrinho	2010	Cotidiano Infantil	Conto	Meninos	(sem aspectos destacados)
177	As férias de Miguel e Pedro	2010	Cotidiano Infantil	Conto	Meninos	(sem aspectos destacados)
178	O livro das datas - agenda 2012	2011	Passatempo	Agenda	não tem	(sem aspectos destacados)
179	Os amigos do Marcelo	2012	Cotidiano Infantil	Relato	Crianças	menciona vários personagens da autora/traz atividades ao final
180	Os gatos de botinhas	2013		Conto	Animais	(sem aspectos destacados)
181	O bichinho do Pimpão	2013		Conto	Animais	(sem aspectos destacados)
182	Canções, parlendas, quadrinhas, para crianças novinhas	2013		Conto	não tem	(sem aspectos destacados)

ANEXO 6

OBRAS POR EDITORA

	EDITORAS	1969-1973	1974-1978	1979-1983	1984-1988	1989-1993	1994-1998	1999-2003	2004-2008	2009 - 2013	TOTAL POR EDITORA
1	Abril	0	13	9	3	0	0	0	0	0	25
2	Ática	0	0	0	0	5	27	33	36	0	101
3	Callis	0	0	0	0	0	4	4	2	0	10
4	Círculo do Livro	0	1	2	3	1	0	0	0	0	7
5	Codecri	0	0	1	1	0	0	0	0	0	2
6	Comp. das Letrinhas	0	0	0	0	0	0	2	4	0	6
7	Cultrix	0	0	0	2	0	0	0	0	0	2
8	Cultura	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1
9	Cultural	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1
10	Formatto	0	0	0	0	0	0	2	2	0	4
11	FTD	0	0	0	5	15	29	8	23	1	80
12	Global	0	0	2	2	0	0	5	6	2	16
13	Globo	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1
14	Instituto Moreira Salles	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1
15	José Olympio	0	0	0	3	0	0	0	0	0	3
16	Lastri	0	0	0	8	0	0	0	0	0	8
17	Melhoramentos	0	0	2	18	23	22	8	18	16	107
18	Noovha América	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1
19	Nórdica	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1
20	Nova Fronteira	0	0	3	7	7	0	1	2	0	20
21	Objetiva	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1
22	Pioneira	0	1	1	0	0	0	0	0	0	2
23	Quinteto	0	0	0	9	10	10	1	0	0	30
24	Record	0	0	0	4	0	0	0	0	0	4
25	Rio Gráfica	0	0	0	3	0	0	0	0	0	3
26	Rocco	0	0	1	5	0	0	0	0	0	6
27	Salamandra	0	0	4	8	12	14	15	20	103	176
	Totais de edições disponíveis no período	0	15	28	82	73	106	79	116	122	

ANEXO 7

ILUSTRADORES DAS OBRAS

	ILUSTRADOR	QUANTIDADE DE OBRAS
1	Adalberto Cornavaca	14
2	Adilson Farias	1
3	Alberto Linares	7
4	Alberto Linares/César Sandoval	1
5	Alcy Linares	4
6	Ana Raquel	1
7	Ângelo Bonito	1
8	Carlos Brito	3
9	Cecília Jucá	1
10	César Landucci	2
11	Claudia Scatamacchia	6
12	Cláudio Martins	11
13	Denise e Fernando	1
14	Douglas Galindo/ Teresa Senda	3
15	Eduardo Albini	1
16	Eduardo Rocha	11
17	Eliardo França	1
18	Elisabeth Teixeira	2
19	Ellen Pestili	1
20	Ennio L Possebon	1
21	Eva Furnari	8
22	Glair Arruda	1
23	Gonzalo Cárcamo	1
24	Graça Lima	2
25	Gusti	1
26	Helena Alexandrino	2
27	Ivan Baptista/ Marcello Barreto	9
28	Ivan Zigg	3
29	Ivar da Coll	1
30	Jaguar	2
31	José Antonio da Silva	1
32	José Carlos de Brito	2
33	José Roberto Graciano	1
34	Luiz Maia	2
35	Marco Aragão	1
36	Margarita Menéndez	2
37	Maria Cecília Marra	2
38	Mariana Massarani	11
39	Mariana Newlands	1
40	Nássara	1
41	Naum Alves de Souza	1
42	Nicoletta Costa	1
43	Odiléia Setti Toscano	1
44	Otávio Roth	2
45	Raquel Coelho	8
46	Regina Coeli Rennó	2
47	Regina Vater	1
48	Rogério Borges	4
49	Rubens Matuck	1
50	Sérgio J. Cântara	1
51	Vera Azevedo	1
52	Walter Ono	30
53	Wilma Martins	1
54	Xan López Dominguez	1
55	Ziraldo	1
56	(não identificado)	1
	TOTAL:	184

ANEXO 8

ILUSTRADORES DAS OBRAS A PARTIR DE 1997

	ILUSTRADORES	QUANTIDADE DE OBRAS
1	Adalberto Cornavaca	4
2	Adilson Farias	1
3	Alberto Llinares	6
4	Alcy Linares	2
5	Carlos Brito (A M S)	2
6	Cláudia Scatamacchia	1
7	Cláudio Martins	3
8	Eduardo Albini (A M S)	1
9	Eduardo Rocha (A M S)	11
10	Elisabeth Teixeira	2
11	Glair Arruda	1
12	Gonzalo Cárcamo	1
13	Gusti (A M S)	1
14	Ivar da Coll (A M S)	1
15	Luiz Maia (AM S)	2
16	Margarita Menéndez (A M S)	1
17	Mariana Massarani (A M S)	9
18	Mariana Newlands	1
19	Rogério Borges	1
20	Rubens Matuck	1
21	Xan López Dominguez (AMS)	1
22	Ziraldo	1
	TOTAL DE OBRAS:	54

ANEXO 9

OBRAS PREMIADAS

TÍTULO	PRÊMIOS E SELEÇÕES
Palavras, muitas palavras	FNLIJ - 1976 - Altamente Recomendável
Nicolau tinha uma idéia	FNLIJ - 1977 - Altamente Recomendável
O reizinho mandão	FNLIJ - 1978 - Altamente Recomendável FNLIJ - 1978 - Lista de Honra do Prêmio Hans Christian Andersen
O rei que não sabia de nada	Banco Auxiliar - 1979 - Prêmio Jornal Auxiliar APCA – 1981 - Melhor Edição de Livro Infantil
O que os olhos não veem	FNLIJ - 1982 - Selo de Ouro, O Melhor para Criança APCA - 1981 - O Melhor para Criança
Davi ataca outra vez	Prefeitura de Belo Horizonte - 1980 - Prêmio João de Barro
Faca sem ponta, galinha sem pé	FNLIJ - 1983 - Altamente Recomendável
Quando eu comecei a crescer	FNLIJ - 1983 - Altamente Recomendável
Alvinho, o edifício City of Taubaté e o cachorro Venceslau	Prêmio Abril de Jornalismo - 1984 - Categoria Destaque
Boi, boiada, boiadeiro	FNLIJ - 1987 - Altamente Recomendável
Uma história de rabos presos	Câmara Brasileira do Livro -1990 - Jabuti (O Melhor para Criança)
Azul e lindo, planeta Terra, nossa casa	FNLIJ - 1992 - Prêmio Malba Tahan (Melhor Livro Informativo)
Coleção O Homem e a Comunicação	FNLIJ - 1993 - Prêmio Malba Tahan (Melhor Livro Informativo) Academia Brasileira de Letras – 1993 - Prêmio Monteiro Lobato (Melhor Livro Infantil) Câmara Brasileira do Livro – 1993- Prêmio Jabuti (Melhor Livro Infantil) Câmara Brasileira do Livro – 1993 - Prêmio Jabuti (Melhor Coleção Infantil)
Atrás da porta	FNLIJ - 1997 - Altamente Recomendável
Ruth rocha conta a Odisséia	FNLIJ - 2001 - Melhor Reconto
Almanaque da Ruth Rocha	FNLIJ - 2005 - Melhor Livro informativo
Rubens, o semeador	FNLIJ - 2005 - Melhor Ilustração
O passarinho que não queria ser cantor	Câmara Brasileira do Livro - 2010 - Prêmio Jabuti (Melhor Ilustração)

ANEXO 10

OBRAS DE RUTH ROCHA SELECIONADAS PELO PNBE

ANO	FOCO DO PROGRAMA	ACERVO	TÍTULO	EDITORA
1998	PNBE – 5ª a 8ª Série (Acervos para escolas com mais de 500 alunos)	Literatura Brasileira História Geral Brasileira Teatro Enciclopédias Material de Apoio	(nenhuma obra selecionada)	-----
1999	PNBE – 1ª a 4ª série (Acervos para escolas com mais de 150 alunos)	Literatura Infanto-Juvenil	Atrás da Porta	Salamandra
2000	PNBE do Professor (Direcionado aos Professores)	Apoio Pedagógico	(nenhuma obra selecionada)	-----
2001	PNBE - Literatura em Minha Casa (Coletâneas doadas aos alunos de 4ª e 5ª série)	Literatura Infanto-Juvenil	Ruth Rocha conta a Odisseia Atrás da Porta O Piquenique do Catapimba	Comp. das Letrinhas Moderna FTD
2002	PNBE - Literatura em Minha Casa (Coletâneas doadas aos alunos de 4ª série)	Literatura Infanto-Juvenil	Toda Criança do Mundo	Objetiva
2003	PNBE - Literatura em Minha Casa (Coletâneas doadas aos alunos de 4ª, 8ª série e EJA)	Literatura Infanto-Juvenil Informação Geral	Pra que Serve?	Salamandra
2004	PNBE - Literatura em Minha Casa (Coletâneas doadas aos alunos de 4ª e 8ª série)	Literatura Infanto-Juvenil Informação Geral	(nenhuma obra selecionada)	-----
2005	PNBE – 1ª a 4ª série (Acervos para todas as escolas públicas)	Literatura Infanto-Juvenil	O Barbeiro de Sevilha Quem tem Medo de quê? Nicolau tinha uma Idéia A Primavera da Lagarta	Callis Global Quinteto Saraiva
2006	PNBE – 5ª a 8ª série (Acervos para todas as escolas públicas)	Literatura	(nenhuma obra selecionada)	-----
2007	(Não houve distribuição de livros pelo programa)			
2008	PNBE - Ed. Infantil, Ens. Fundamental e Médio (Acervos para todas as escolas públicas)	Literatura Infanto-Juvenil Literatura	As Coisas que a Gente Fala	Salamandra
2009	PNBE – 6º ao 9º ano e Ensino Médio (Acervos para todas as escolas públicas)	Literatura	(nenhuma obra selecionada)	-----
2010	PNBE - Ed. Infantil, 1º ao 5º ano e EJA (Acervos para todas as escolas públicas)	Literatura Infanto-Juvenil Literatura Apoio Pedagógico Periódicos	O Trenzinho do Nicolau O Coelho que não era de Páscoa	Salamandra Salamandra
2011	PNBE – 6º ao 9º ano e Ensino Médio (Acervos para todas as escolas públicas)	Literatura Periódicos	(nenhuma obra selecionada)	-----
2012	PNBE - Ed. Infantil, 1º ao 5º ano e EJA (Acervos para todas as escolas públicas)	Literatura Infanto-Juvenil Literatura	Ruth Rocha Reconta João e Maria Ruth Rocha Reconta o Patinho Feio Romeu e Julieta	Richmond Salamandra Richmond

Fontes:

<http://www.fnnde.gov.br/programas/biblioteca-da-escola/biblioteca-da-escola-dados-estatisticos;>

<http://www.fnnde.gov.br/programas/biblioteca-da-escola/biblioteca-da-escola-historico;>

ftp://ftp.fnnde.gov.br/web/biblioteca_escola;

http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Avalmat/livro_mec_final_baixa.pdf.

(acesso em 18, 19 e 20 de Janeiro de 2013).

ANEXO 11

COLEÇÕES ENCONTRADAS

	COLEÇÃO
1	A Turma da nossa Rua
2	As coisas que eu gosto
3	Aventuras Brasileiras
4	Aventuras de Alvinho
5	Catapimba e sua turma
6	Coleção Amarelinha
7	Coleção Comecinho
8	Coleção do Peixinho
9	Coleção Enigma
10	Coleção Lê pra mim
11	Coleção Pasquinzinho
12	Coleção Pulo do Gato
13	Coleção Sambalelê
14	Era outra vez
15	Histórias de Recreio
16	Marcelo Marmelo Martelo
17	Meu Primeiro Livro
18	O Homem e a Comunicação
19	Ópera para Crianças
20	Os medos que eu tenho
21	Para gostar de Ler Júnior
22	Pinju Série Infantil
23	Procurando Firme
24	Ruth Rocha conta
25	Série Alvinho
26	Série Arca de Noé
27	Série Benzinho
28	Série Conta de Novo
29	Série Conte um Conto
30	Série Elo
31	Série Ler e Lazer
32	Série Vento Azul

ANEXO 12

MODIFICAÇÕES OPERADAS NA EDIÇÃO DA COLEÇÃO SAMBALELÊ

TÍTULO	ASPECTOS ANALISADOS			
	FORMATO DO TEXTO	ORGANIZAÇÃO DA OBRA	ALTERAÇÕES NO TEXTO	CARACTERÍSTICAS DA OBRA
Eugenio, o gênio	Organização em versos	Diluição do texto nas páginas		Sem aspectos destacados
Romeu e Julieta	Organização em versos	Diluição do texto nas páginas	Exclusão de palavras repetidas; Acréscimo de informações.	Sem aspectos destacados
O trenzinho do Nicolau	Organização em versos	Diluição do texto nas páginas	Acréscimo de rimas	ampliação do texto
O amigo do Rei	Organização em versos	Diluição do texto nas páginas	Substituição da palavra "preto" por "negro"	Sem aspectos destacados
A escolinha do mar	Organização em versos	Diluição do texto nas páginas	Sem alterações	cita "roda, roda", "peixe-vivo"
Borba, o gato	Organização em versos	Diluição do texto nas páginas	inserção de rimas substituição de "madrugada" por "noite"/alteração do nome do personagem subtração de repetições de palavras	menção a Tom e Jerry/menciona cantiga de roda
O coelhinho que não era de Páscoa	Organização em versos	Diluição do texto nas páginas	inserção de rimas subtração de repetições de palavras	
Uma história com mil macacos		Diluição do texto nas páginas	Acréscimo de informações (na cidade)	ilustração complementando o texto/comportamento modelar/castigo
A arca de Noé	Organização em versos	Diluição do texto nas páginas	Exclusão de frases, acréscimo de rimas	
Faz muito tempo	Organização em versos	Diluição do texto nas páginas	Substituição de pardos por "muito morenos" e subtração do adjetivo "Lindos" e "linda"	
Lá vem o ano novo	Organização em versos	Diluição do texto nas páginas	Substituição do nome da gata/exclusão de repetições/ acréscimo de explicações	
Macacote e Porco Pança		Diluição do texto nas páginas		cita a música "A banda"/ comportamento modelo (macaco ajuizado, trabalhador...) diálogo com o leitor/
Mil pássaros pelos céus		Diluição do texto nas páginas		
A fantástica máquina dos bichos		Diluição do texto nas páginas	Sem alterações	
Nosso amigo ventinho		Diluição do texto nas páginas		cita a música "lá vem o seu noé"/ personagem Mariana
Um macaco pra frente	Organização em versos	Diluição do texto nas páginas		
Pedrinho pintor		Diluição do texto nas páginas		ampliação do espaço para ilustrações

ANEXO 13

OBRAS COM 4 OU MAIS PROJETOS GRÁFICOS

	TÍTULO	Nº DE PROJETOS GRÁFICOS
1	Palavras, muitas palavras	04
2	A primavera da lagarta	04
3	Bom dia, todas as cores!	04
4	De hora em hora	04
5	A árvore do Beto	05
6	No caminho de Alvinho tinha uma pedra	04
7	O reizinho mandão	04
8	O rei que não sabia de nada	05
9	As coisas que a gente fala	04
10	Davi ataca outra vez	04
11	Elefante?	04
12	A menina que aprendeu a voar	04
13	A Decisão do campeonato	04
14	Armandinho, o juiz	04
15	A máquina maluca	04
16	Como se fosse dinheiro	04
17	O piquenique do Catapimba	04
18	Fábulas de Esopo	04
19	Prá que serve?	06
20	Alvinho, o edifício City of Taubaté e o cachorro Venceslau	04
21	Que eu vou prá Angola	04
22	Contos de Perrault	04
23	O mistério do caderninho preto	04

ANEXO 14

OBRAS COM MÚLTIPLAS REEDIÇÕES

TÍTULO	EDIÇÕES
Marcelo Marmelo Martelo	1ª - 1976 - Abril Cultural 2ª - 1978 - Circ. Do Livro 3ª - 1979 - Abril 4ª a 7ª - 1980-1981 - Ed. Cultural 8ª a 56ª - 1982 a 2010 - Salamandra (79 reimpressões) 1ª - 2011 - Salamandra
O rei que não sabia de nada	1ª - 1980 - Cultura s/d - 1982 - Círc. Do Livro 2ª a 19ª - 1983 a 1997 - Salamandra 1ª - 1999 - Salamandra (com 2 edições até 2003) 3ª - 2013 - Salamandra
O que os olhos não veem	1ª - 1981 - Salamandra (com 23 edições até 1997) 2ª - 2003 - Salamandra (com 38 reimpressões até 2009) 3ª - 2012 - Salamandra
Sapo vira rei vira sapo	1ª - 1982 - Salamandra (com 14 reedições até 1997) 2ª - 2003 - Salamandra (com 25 reimpressões até 2007) 3ª - 2012 - Salamandra
O reizinho mandão	1ª - 1978 - Pioneira (com 5 reedições até 1983) 1ª - 1985 - Quinteto (com 22 reedições até 1994) 1ª - 1997 - Quinteto 1ª - 2013 - Salamandra
Bom dia todas as cores	1ª - 1976 - Abril 2ª - 1979 - Abril/MEC 3ª - 1980 - Abril 4ª - 1984 - Abril 1ª - 1985 - Quinteto (com 17 reedições até 1998) 1ª - 1998 - Quinteto 1ª - 2013 - Salamandra
Este admirável mundo louco	1ª - 1986 - Salamandra (com 17 reedições até 1998) 2ª - 2004 - Salamandra (32ª impressão em 2009) 1ª - 2012 - Salamandra
De repente dá certo	1ª - 1986 - Salamandra (11 reedições e 28 reimpressões até 2008) 2ª - 2010 - Salamandra
Azul e lindo planeta Terra, nossa casa	1ª - 1990 - Salamandra (29 reimpressões até 2007)
As coisas que a gente fala	1ª - 1981 - Rocco/2ª - 1982 - Rocco 3ª - 1985 - Rocco 1ª - 1989 - Salamandra (com 5 reedições até 1994) 1ª - 1998 - Salamandra (com 23 reimpressões até 2008) 1ª - 2012 - Salamandra
Historinhas malcriadas	1ª - 1987 - Salamandra (com 11 reedições até 1997) 1ª - 1999 - Salamandra (com 3 reedições e 18 impressões até 2008) 1ª - 2012 - Salamandra
Uma história de rabos presos	1ª - 1989 - Salamandra (com 16 reedições até 1999) 2ª - 2003 - Salamandra (com 28 reimpressões até 2007) 3ª - 2012 - Salamandra
Ruth Rocha conta a Odisséia	1ª - 2000 - Comp. das Letrinhas (com 2 edições e 14 reimpressões até 2007)